

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS ● POSLIN

Ana Elisa Ribeiro

# **Navegar lendo, ler navegando**

ASPECTOS DO LETRAMENTO DIGITAL E DA LEITURA DE JORNAIS

Belo Horizonte  
2008

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS • POSLIN

Ana Elisa Ribeiro

# **Navegar lendo, ler navegando**

ASPECTOS DO LETRAMENTO DIGITAL E DA LEITURA DE JORNAIS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Lingüística.

Área de concentração: Lingüística  
Linha de pesquisa: Linguagem e Tecnologia  
Orientadora: Profa. Dra. Carla Viana Coscarelli

Belo Horizonte  
2008

**FACULDADE DE LETRAS**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS ● POSLIN**

Tese intitulada “Navegar lendo, ler navegando – Aspectos do letramento digital e da leitura de jornais”, de autoria de Ana Elisa Ferreira Ribeiro, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Profª. Dra. Carla Viana Coscarelli ● FALE/UFMG ● Orientadora

---

Profª. Dra. Magda Becker Soares ● FaE/UFMG

---

Profª. Dra. Vera Menezes de Oliveira e Paiva ● FALE/UFMG

---

Prof. Dr. Júlio César Rosa Araújo ● UFC

---

Prof. Dr. Vicente Aguiar Parreiras ● CEFET MG

---

Prof. Dr. LUIZ FRANCISCO DIAS  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos ● Poslin  
FALE/UFMG

Belo Horizonte, 14 de março de 2008

Para meu **filho**, Eduardo,  
a quem prometo mais tempo  
para montar quebra-cabeças.  
Querido, esta é sua irmãzinha.

Para minha **orientadora**, Carla,  
interlocutora e referência bibliográfica viva.

<b>AGRADECIMENTOS A</b>
-------------------------

Profª. Dra. Carla Viana Coscarelli, parceira, *crooner*, *backing vocal* e cúmplice. Entre várias opções, preferi escrever esta tese na primeira pessoa do plural, e não foi por acaso.

Prof. Dr. Fábio Alves, pela pesquisa defendida em 2003 e pelo zelo de ex-orientador.

Profª. Rebeca Rosa, diretora da Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde, e profª. Rozilene Lima, coordenadora de curso do Centro Universitário UNA, pela autorização para fazer os testes com os alunos de Enfermagem.

Prof. Rogério Rocha, coordenador da UNA Virtual, e os estagiários Thiago, Célia Ramos e Alexandre, que cederam a sala para testes e nos fizeram divertida companhia.

Prof. Maria José Agostini, por colaborar na aplicação dos questionários.

Professores Glaucio Grossi, diretor da Faculdade de Comunicação e Artes, Carlos Frederico d'Andrea, coordenador do curso de Jornalismo, e Samantha Capideville, coordenadora do curso de Cinema e Vídeo, pelo apoio ao projeto de pesquisa e pelo aparato técnico e tecnológico gentilmente cedido.

Alunos do curso de Enfermagem da UNA, lindamente solícitos.

Natália Lanza, orientanda de Iniciação Científica.

Profª. Vera Menezes e Profª. Magda Soares, pelo exame de qualificação colaborativo e perspicaz.

Profª. Áurea Thomazi, pelo apoio, pela amizade e pelo resumé.

CEFET-MG (prof. Flávio Antônio dos Santos e profª. Inês Gariglio, diretores), pela imediata redução de encargos didáticos e pelas perspectivas de utilidade desta tese.

Prof. Rogério Barbosa, coordenador de Língua Portuguesa, profª. Ana Maria Nápoles Villela e prof. Jerônimo Coura, pelo apoio irrestrito e pela torcida.

José Afonso Furtado, diretor da biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian e profundo conhecedor de impressos e digitais. Meu *personal* traficante de livros.

Ana Elisa Novais, a Outra, que foi minha parceira de estudos da interface e nas aventuras para entrevistar e fotografar o prof. Roger Chartier, em Ouro Preto.

Mãe e irmãos, sempre colaborativos; pai, por ajudar a construir a casa de tijolos enquanto eu construía esta casa de palavras; Ana Cristina Ribeiro, minha digitadora oficial.

Jorge Rocha, pelos livros, leituras e traduções compartilhados; Eduardo Ribeiro Rocha, por achar que tudo o que saía da minha impressora viraria livro.

Ricardo Rabelo, amigo e cientista da computação, pelo suporte técnico desta tese; Ana Paula Ribeiro Atayde, pela iniciação à usabilidade.

Eliane Mourão, pela parceria, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade.

Sérgio Ribeiro, Carol e Rayane, pela hospedagem providencial.

Ilza Gualberto, pela amizade e pelas trocas hipertextuais. Maria Aparecida Araújo, a Mary, pela inestimável colaboração.

Carla, Áurea, Jerônimo e Inês, pelos resumos, abstracts e résumés.

**RESUMO**

Com base nos conceitos de letramento, letramento digital, mídias mosaiquicas, apoiado em uma concepção de hipertexto afiliada a conceitos de Roger Chartier e em uma teoria hipertextual de processamento da leitura (COSCARELLI, 1999), este trabalho mostra a relação de leitores pouco letrados com a leitura de jornais impressos e digitais. Este estudo de caso foi desenvolvido, em uma primeira etapa, com 144 alunos do primeiro período do curso de Enfermagem de uma instituição privada de ensino, em Belo Horizonte. A partir do perfil de leitores gerado por questionários, um grupo de 23 alunos foi selecionado para fazer testes de navegação e leitura nos jornais Estado de Minas e O Tempo, nas plataformas impressa e digital. Estes alunos foram divididos em três grupos: leitores de jornais impressos, de jornais digitais e não-leitores de jornais. O Estado de Minas e O Tempo foram analisados quanto à sua usabilidade e os leitores foram submetidos a testes em que deveriam cumprir uma tarefa simples de navegação. As habilidades de leitura foram medidas a partir de testes de leitura de notícias. Os alunos deveriam responder a questões propostas com base em descritores da matriz de Língua Portuguesa do Saeb. Os dados gerados pela pesquisa mostram grande variação nos comportamentos dos leitores de mídias mosaiquicas. Essa variação de letramento independe de a plataforma em que lêem notícias ser impressa ou digital. Bons navegadores podem se mostrar leitores fracos, assim como bons leitores podem se mostrar maus navegadores. A relação entre saber gerenciar o objeto de ler e as habilidades leitoras não se mostrou direta e proporcional. Conclui-se que a leitura se constrói a partir de uma sobreposição complexa de habilidades, grande parte delas sem atenção adequada da Lingüística e da matriz de Língua Portuguesa do Saeb. Embora seja importante que o leitor desenvolva letramentos vários, é possível apresentar habilidades assimétricas em relação a diferentes aspectos da leitura, sendo um deles os procedimentos ajustados ao objeto de ler. Os leitores mais competentes dos testes são aqueles que têm experiência na leitura freqüente de livros, jornais e outros objetos. A leitura de jornais depende do desenvolvimento de uma gama de habilidades, independentemente da plataforma de leitura. Talvez esta pesquisa possa contribuir para uma discussão séria sobre a importância de ler e ensinar a ler, atribuição a cada dia mais complexa para os professores.

**PALAVRAS-CHAVE**

Leitura; Letramento; Legibilidade; Usabilidade; Jornalismo digital.

**ABSTRACT**

Based upon the concepts of literacy, digital literacy and mosaic media, supported by Chartier's concept of hypertext and by Coscarelli's hypertextual theory of reading, this work discusses the relationship established by low level literacy readers with the reading of printed and digital newspapers. At first, this case study was carried out with 144 first semester undergraduates of a nursing course at a private school of Belo Horizonte . From questionnaire-generated reading profiles, a group of 23 students was selected to make tests on navigation and on reading. Printed and digital platforms of *Estado de Minas* and *O tempo* newspapers were selected. The subjects were divided into three groups: printed platform readers, digital platform readers and newspaper non-readers. The selected newspapers were analyzed concerning their usability. Readers were given navigation tasks to perform. Subjects had to answer questions, which were proposed in accordance with Saeb exam reading abilities matrix. The generated data show great variation in readers' behavior when dealing with mosaic media. And this was not dependent on whether printed or digital the platform was. Thus, good navigators may be poor readers and good readers may be poor navigators. It seems that the relationship between knowing how to manage the reading object and reading abilities is indirect and non-proportional. So, it was possible to conclude that reading newspapers depends upon the development of many other abilities, independently of the reading platform; that reading is built up from a complex superposition of abilities, and that most of them do not receive adequate attention from Linguistics and are not contemplated in the SAEB exam reading abilities matrix. Might this research contribute to a serious discussion on the relevance of reading and of teaching how to read, a teaches' attribution that gets more complex each day.

**KEYWORDS**

Reading; Literacy; Readability; Usability; Digital Journalism.

<b>RESUMÉ</b>
---------------

Fondé sur les concepts de littéracie, littéracie digitale, médias mosaïques, appuyé en même temps sur une conception de l'hypertexte de Chartier et la théorie de la lecture hypertextuelle de Coscarelli, ce travail montre le rapport de lecteurs peu lettrés avec la lecture de journaux imprimés et digitaux. D'abord, cette étude de cas a été développée auprès de 144 étudiants du premier cycle du Cours d'Infirmiers, dans une institution d'enseignement supérieure privée à Belo Horizonte, parmi lesquelles un groupe de 23 étudiants a été sélectionné pour faire des tests de navigation et de lecture selon leurs profils dégagés d'un questionnaire. Des plateformes imprimés et électroniques des journaux *Estado de Minas* et *O Tempo* ont été sélectionnées. Les informants ont formé trois groupes: lecteurs de journaux imprimés, de journaux électroniques et non-lecteurs de journaux. Les journaux sélectionnés ont été analysés par rapport à leur usabilité et les lecteurs soumis à des tests dont ils devraient accomplir la tâche de surfage. Aussi devaient-ils répondre à des questions préparées selon la grille de l'examen de lecture Saeb de la langue portugaise. Les données de la recherche montrent une grande variation de comportement des lecteurs de médias mosaïques. Cette variation de la littéracie ne présente pas de rapport avec le support électronique ou papier. Ça veut dire que de bons surfeurs peuvent se révéler de faibles lecteurs, ainsi que de bons lecteurs peuvent se révéler de mauvais surfeurs. Savoir gérer l'objet de lire et les habilités lectorales n'ont pas de rapport ni sont proportionnels. On conclut que la lecture de journaux est dépendante du développement de compétences multiples, pas du support qu'il soit électronique ou imprimé. En outre, ces habilités ne sont toujours pas considérées par la linguistique ni par la grille de l'examen de lecture Saeb. On espère que cette recherche contribuera pour une discussion sur l'importance de lire et d'apprendre à lire, attribution à chaque jour plus complexe.

**MOTS-CLÉS:**

Lecture; Literacie; *Readability*; *Usability*; Journalisme Digital.

<b>LISTA DE FIGURAS</b>
-------------------------

- FIGURA 1: Modelo seriado de leitura, 79
- FIGURA 2: Diagrama do modelo de leitura reestruturado de Coscarelli, 84
- FIGURA 3. Homepage do Estado de Minas, 2007, 95
- FIGURA 4. Homepage do jornal O Tempo, em 2007, 96
- FIGURA 5. Primeira página do jornal Estado de Minas, 108
- FIGURA 6. Página interna do jornal Estado de Minas., 109
- FIGURA 7. Página interna do jornal Estado de Minas, 110
- FIGURA 8. Primeira página do jornal O Tempo, 111
- FIGURA 9. Página interna do jornal O Tempo, 112
- FIGURA 10. Página interna do jornal O Tempo, 113
- FIGURA 11. Homepage do Estado de Minas, 117
- FIGURA 12. Homepage do Estado de Minas, 118
- FIGURA 13. Página interna do Estado de Minas, 118
- FIGURA 14. Página interna do Estado de Minas, 118
- FIGURA 15. Homepage do jornal O Tempo, 119
- FIGURA 16. Página interna do jornal O Tempo, 120
- FIGURA 17. Página interna do jornal O Tempo, 120
- FIGURA 18. Página interna do jornal O Tempo, 121
- 
- GRÁFICO 1. Distribuição dos estudantes segundo declarações sobre hábito de ler, 126
- GRÁFICO 2. Distribuição dos estudantes segundo sejam leitores efetivos, correntes e não-leitores, 130
- GRÁFICO 3. Distribuição dos estudantes segundo delcação sobre a leitura de jornais (impressos e on-line), 131
- 
- QUADRO 1. Questões do Descritor 1 para o jornal Estado de Minas, 151
- QUADRO 2. Questões do Descritor 1 para o jornal O Tempo, 151
- QUADRO 3. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 1 em notícias impressas e digitais, 153
- QUADRO 4. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 1 em notícias impressas e digitais, 153
- QUADRO 5. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 1 em notícias impressas e digitais, 153
- QUADRO 6. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 1 em notícias impressas e digitais, 153
- QUADRO 7. Questões do Descritor 2 para o jornal Estado de Minas, 153
- QUADRO 8. Questões do Descritor 2 para o jornal O Tempo, 154
- QUADRO 9. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 2 em notícias impressas e digitais, 156
- QUADRO 10. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 2 em notícias impressas e digitais, 156

- QUADRO 11. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 2 em notícias impressas e digitais, 156
- QUADRO 12. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 2 em notícias impressas e digitais, 156
- QUADRO 13 Questões do Descritor 11 para o jornal Estado de Minas, 156
- QUADRO 14 Questões do Descritor 11 para o jornal O Tempo, 156
- QUADRO 15. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 11 em notícias impressas e digitais, 157
- QUADRO 16. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 11 em notícias impressas e digitais, 157
- QUADRO 17. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 11 em notícias impressas e digitais, 158
- QUADRO 18. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 11 em notícias impressas e digitais, 158
- QUADRO 19 Questões do Descritor 17 para o jornal Estado de Minas, 158
- QUADRO 20 Questões do Descritor 17 para o jornal O Tempo, 158
- QUADRO 21. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 17 em notícias impressas e digitais, 161
- QUADRO 22. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 17 em notícias impressas e digitais, 161
- QUADRO 23. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 17 em notícias impressas e digitais, 161
- QUADRO 24. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 17 em notícias impressas e digitais, 161
- QUADRO 25 Questões que exigiam sumarização para o jornal Estado de Minas, 162
- QUADRO 26 Questões que exigiam sumarização para o jornal O Tempo, 162
- QUADRO 27. Avaliação do Resumo de notícias impressas e digitais, 165
- QUADRO 28. Avaliação do Resumo de notícias impressas e digitais, 165
- QUADRO 29. Avaliação do Resumo de em notícias impressas e digitais, 165
- QUADRO 30. Avaliação do Resumo de em notícias impressas e digitais, 165
- QUADRO 31. Quadro geral para visualização do cruzamento entre perfil de leitor, trajeto de navegação e habilidades de leitura, 166
- QUADRO 32. Quadro geral para visualização do cruzamento entre perfil de leitor, trajeto de navegação e habilidades de leitura, 167

## SUMÁRIO

### **1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS, 13**

- 1.1 Tecnologia da escrita, 14
- 1.2 Modos de ler, modos de usar, 17
- 1.3 Perguntas e hipóteses, 19

### **2 LETRAMENTOS, 22**

- 2.1 Origens e contextos, 22
- 2.2 Sistemas de mídias, 23
- 2.3 Letramento, alfabetização e outras palavras, 26
- 2.4 Agências e graus de letramento, 28
- 2.5 Letramento no Brasil, 29
- 2.6 Letramento digital, 33
- 2.7 O que há de novo nas novas mídias? O que torna alguém um letrado digital?, 35
- 2.8 Agências de letramento digital, 38
- 2.9 Manuscritos de computador, 40
- 2.10 Letramento e leitura de jornais, 41

### **3 HIPERTEXTOS, TEXTOS E MÍDIAS MOSAIQUICAS, 43**

- 3.1 Linearidade, não-linearidade: discussão fundamental sobre o hipertexto, 43
- 3.2 Origens do hipertexto, 45
- 3.3 Os precursores, 46
- 3.4 Outros estudos, outras idéias, 49
- 3.5 Bolter, Landow e os pesquisadores do “Grupo Eastgate”, 56
- 3.6 Hipertexto no Brasil, 59
- 3.7 E pode um hipertexto não ser digital?, 65
- 3.8 Hipertextos e jornais, 65
- 3.9 Por que o jornal é um hipertexto, 67
- 3.10 Jornalismo e novas práticas, 69

### **4 LEITURA: O QUE É E COMO SE FAZ, 73**

- 4.1 O que é ler?, 74
- 4.2 Processamento de leitura, 77
- 4.3 Legibilidades, 80
- 4.4 O que é inferência, 84
- 4.5 Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), 86

### **5 MÉTODOS E INSTRUMENTOS DE PESQUISA, 89**

- 5.1 Tipo de pesquisa, 89
- 5.2 Leitores participantes, 91
- 5.3 Construção e aplicação de questionários, 92
- 5.4 Materiais, 93
  - 5.4.1 *Histórico dos jornais*, 94
- 5.5 Seleção dos textos jornalísticos, 97
- 5.6 Tarefas de navegação e ambiente de pesquisa, 98
- 5.7 Protocolo verbal, 99
- 5.8 Os testes de leitura, 101
- 5.9 Procedimentos de análise, 102

## **6 ANÁLISE DE INTERFACES DE JORNAIS, 103**

- 6.1 O leitor e o objeto impresso e digital de ler, 103
- 6.2 O que é design gráfico, 104
- 6.3 Estado de Minas impresso, 106
- 6.4 O Tempo impresso, 111
- 6.5 Resumo de características de jornais impressos, 114
- 6.6 Usabilidade, 114
- 6.7 Estado de Minas digital, 117
- 6.8 O Tempo digital, 119

## **7 RESULTADOS E DISCUSSÃO, 123**

- 7.1 Perfis de leitores, 123
  - 7.1.1 *Hábito de ler*, 126
  - 7.1.2 *Leitores correntes e efetivos*, 129
  - 7.1.3 *Leitura de jornais*, 131
  - 7.1.4 *Acesso à Rede*, 132
- 7.2 Navegação e leitura, 133
  - 7.2.1 *Protocolo de leitura de jornais impressos*, 134
  - 7.2.2 *Protocolo de leitura de jornais digitais*, 136
- 7.3 Os 23 leitores participantes, 137
  - 7.3.1 *Grupo 1 – Leitores de jornais impressos*, 138
  - 7.3.2 *Grupo 2 – Leitores de jornais digitais*, 144
  - 7.3.3 *Grupo 3 – Não-leitores de jornais*, 147
- 7.4 Leitura e compreensão de textos, 150
  - 7.4.1 *Descritor 1 – Localização de informações explícitas*, 151
  - 7.4.2 *Descritor 2 – Estabelecer relações em um texto*, 153
  - 7.4.3 *Descritor 11 – Relação causa/conseqüência entre partes do texto*, 156
  - 7.4.4 *Descritor 17 – Reconhecer notações*, 158
  - 7.4.5 *Sumarização: habilidade de compreensão global*, 161
  - 7.4.6 *O caso Vinícius*, 168
  - 7.4.7 *Os casos Maria e Regina*, 168
  - 7.4.8 *Os casos Eduardo, Viviane e Patrícia*, 169
  - 7.4.9 *Os casos Fabrício e Graziela*, 170
  - 7.4.10 *O caso Simone*, 171
- 7.5 Os protocolos de leitura e os descritores do Saeb, 171
- 7.6 Estes leitores e “os outros” leitores, 175

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS, 178**

## **9 REFERÊNCIAS, 183**

- Apêndice 1 – Questionário de perfil de leitor, 192
- Apêndice 2 – Tarefas de navegação, 195
- Apêndice 3 – Avaliação do design de jornais, 197
- Apêndice 4 – Avaliação da usabilidade de jornais, 198
- Apêndice 5 – Íntegra dos protocolos verbais de navegação, 206
- Apêndice 6 – Respostas dos testes de leitura e compreensão, 226
- Anexo 1 – Notícias do jornal Estado de Minas, 240
- Anexo 2 – Notícias do jornal O Tempo, 242

## 1 Considerações iniciais

*Agora que me ocorre que tanto o Eça como o Balzac se sentiriam os mais felizes dos homens, nos tempos de hoje, diante de um computador, interpolando, transpondo, recorrendo linhas, trocando capítulos, E nós, leitores, nunca saberíamos por que caminhos eles andaram e se perderam antes de alcançarem a definitiva forma, se existe tal coisa,*

José Saramago  
*História do Cerco de Lisboa*

Muito embora o uso da palavra *tecnologia* leve grande parte das pessoas a pensar em algo relacionado a plugues<sup>1</sup> e fios, basta imergir em alguns livros de história cultural para verificar que o desenvolvimento de dispositivos técnicos, baseados em vários tipos de tecnologia, sempre existiu, especialmente os voltados para as comunicações. Em decorrência disso, habilidades para lidar com novos modos de agir e comunicar vão se reconfigurando à medida que o tempo passa e as pessoas se apropriam de novos instrumentos e modos de fazer. No entanto, um problema em espiral emerge daí: as invenções tecnológicas surgem das necessidades ou constroem essas necessidades?

Há 100 anos, quem precisava de um telefone móvel? Quanto esse objeto altera o leque de habilidades de quem o utiliza? Que ações são executadas com este dispositivo? O mesmo pode ser perguntado em relação aos usos do computador e da Internet. Johnson (2001, p. 102) tem um palpite: “Não sabíamos o que nos faltava. As pessoas sempre reclamaram da lentidão do correio, mas a demora só se torna intolerável depois que se experimenta o e-mail”.

Mais recentemente, pelo menos desde a Segunda Guerra Mundial, alguns países dedicaram-se ao desenvolvimento de novas técnicas e tecnologias para executar tarefas tais como falar e escrever à distância, armazenar informações importantes com segurança, descentralizar “repositórios de conhecimento”<sup>2</sup> (SOUZA, 2007), distribuir informação e mesmo desenvolver modos de comunicação muitos-muitos<sup>3</sup>. Nem sempre, no entanto, a apropriação que se faz, socialmente, do objeto acontece como foi originalmente planejado. Alguns dispositivos foram inventados para servirem a uma tarefa e, à medida que vão

<sup>1</sup> Neste trabalho, optaremos sempre por grafar palavras de origem estrangeira conforme a proposta registrada em português, em dicionários como o *Aurélio* (HOLANDA, 2003) e o *Houaiss* (HOUAISS, 2001). No caso de palavras sem aportuguesamento, optaremos por não destacá-las com itálico, uma vez que toda a tese fará uso frequente desses termos e o grifo se repetiria inconvenientemente, gerando trabalho dispensável de formatação e comprometendo a estética da página.

<sup>2</sup> “Conhecimento explícito estruturado na forma de documentos” (SOUZA, 2007, p. 39).

<sup>3</sup> Tavares (2002) menciona alguns modos de comunicação tais como “um-muitos” e “um-um”, por exemplo, tal como operamos, respectivamente, o rádio ou a televisão e o telefone fixo.

sendo usados, passaram a servir para outros fins. Foi assim com o telefone, com o rádio e é assim com o computador (e com a Internet) (BRIGGS; BURKE, 2004; JOHNSON, 2001).

### 1.1 Tecnologia da escrita

As técnicas da escrita são várias e fizeram (a ainda fazem) uso de várias tecnologias, especialmente as analógicas e as digitais. A origem da tecnologia de registro em suporte perene parece ter origem na necessidade de fazer contas. Ela remonta aos fenícios e sumérios, passa pelos gregos e romanos, sofre o impacto da invenção de materiais e ferramentas (argila, espátulas, pergaminho, papiro, papel, tintas, penas, lápis, canetas de vários tipos, máquinas, fitas, teclas, raios catódicos, cristal líquido, teclados) e de formatos (rolo, códex, telas escaneáveis e roláveis ao comando do mouse), até chegar aos dias atuais, quando a humanidade, em média, dispõe de um *complexo sistema de meios de ler e escrever*, às vezes ler *ou* escrever, tantas vezes ambos (CAMPOS, 1994; CAVALLO; CHARTIER, 1998; CAVALLO; CHARTIER, 1999; BRIGGS; BURKE, 2004; HORCADES, 2004). O domínio da tecnologia da escrita, na atualidade, está relacionado ao domínio de várias técnicas de escrita. Tanto é possível escrever uma carta usando lápis e papel, quanto é possível fazer a mesma coisa empregando um notebook de última geração. E é provável que muitas pessoas prefiram, por várias razões, redigir um e-mail, que só pode ser feito em um computador conectado à Internet.

Assim como fazer contas, reduzir o esforço de memorização de narrativas também foi um motivador da invenção de escritas. Se pudermos considerar o livro como um dos dispositivos mais antigos para extensão de memória, arquivamento e registro de culturas e idéias, é bastante fácil encontrar bibliografia que narre a história material e cultural desse artefato (CAMPOS, 1994; CAVALLO; CHARTIER, 1998; CAVALLO; CHARTIER, 1999; BRIGGS; BURKE, 2004; entre outros). Dos rolos fabricados com couro animal até os códices modernos<sup>4</sup>, encapados com papel flexível, é possível verificar a longa história deste objeto de ler (nem sempre de escrever). A relação assimétrica entre leitores e autores<sup>5</sup>, que perdura no impresso, parece se apagar um tanto em dispositivos mais recentes<sup>6</sup>, o que

---

<sup>4</sup> Rolos são os livros cilíndricos que muitos chamam de “pergaminho”. Na verdade, pergaminho era o material de que o rolo poderia ser feito. Códice é o livro estruturado por folhas empilhadas e costuradas em uma das extremidades. O códice é a forma de livro utilizada ainda hoje.

<sup>5</sup> É interessante frisar que entendemos a relação autor/texto/leitor como uma simplificação. As mediações e os leitores intermediários (editores, designers e revisores, por exemplo), que muitas vezes são autorizados a fazer intervenções importantes ao longo do tratamento do texto até sua transformação em objeto de ler, são essenciais para nosso trabalho.

<sup>6</sup> A possibilidade de interferir, de fato, na apuração, na produção e na publicação do texto é o tema de muitas pesquisas atuais, especialmente entre os profissionais de comunicação social. Em Brambilla (2006) e Rocha

obriga à reconfiguração das relações entre as pontas do processo (autor e leitor) de ler e enseja teses como esta.

Para vários historiadores das práticas da leitura e do livro, o leitor pode ser retratado em diversas posturas ao longo da história de sua relação com o dispositivo de ler. Primeiro de pé, com o rolo nas mãos, desfiando o texto em direção horizontal; depois, ainda de pé, em recinto fechado, folheando um códice pesado e grande; mais tarde, sentado ou de pé, ao ar livre ou em um gabinete, absorvido por um livro pequeno, portátil, *mídia móvel*<sup>7</sup>, completamente conhecedor das técnicas de ler aquele objeto. Atualmente, é possível ler sentado, com as pernas encolhidas sob um teclado e olhos vidrados na luz do monitor.

Em mais uma viagem ao passado, é possível ver leitores na lida com manuscritos iluminados, discriminando letras góticas de cursivas, discutindo a origem dos impressos nesta ou naquela oficina tipográfica, descansando os olhos em papel bege manchado de fontes serifadas. Não apenas por isso, é possível afirmar que, claramente, não existe *um* leitor. Existem leitores que aprendem gestos e habilidades ao longo dos tempos (tempos que podem ser de longa duração), em contato com suas culturas e com práticas configuradas pela conjunção de técnicas, materiais, métodos e dispositivos dos quais o leitor usufrui. Esse usufruto, no entanto, é *aprendido*. Cada objeto de ler, associado à arquitetura dos textos e imagens que comporta, é apropriado pelo leitor, que aprende uma espécie de “protocolo”<sup>8</sup>. As seqüências, mais ou menos rígidas, de leitura de textos (em objetos) são aprendidas na experiência e na experimentação. Nos dias de hoje, o leitor dispõe, ao menos potencialmente, de mais dispositivos para ler e de mais modos de fazê-lo do que jamais antes na história da humanidade, incluindo-se aí modos híbridos, genealogicamente ligados a outros (BOLTER; GRUSIN, 2000; até mesmo SNYDER, 2001).

Diante do rolo de couro animal, ainda que quisesse, leitor algum poderia *folhear*. Certamente, na mudança deste modo de ler para outro, o do códice, algum leitor reclamou saudades do gesto de abrir um rolo até o máximo da envergadura. Com a aceitação das folhas empilhadas e costuradas, foi possível folhear. Mais tarde, em decorrência mesmo

---

(2006; 2007, com Celle e Torres) é possível conhecer aspectos da Web 2.0 e do jornalismo colaborativo, em que a audiência constrói a notícia e o jornalista cumpre um novo papel em relação ao jornalista “tradicional”.

<sup>7</sup> *Mídia móvel* tem sido o nome dado aos aparelhos de telefonia celular. No entanto, o livro parece ter sido a primeira mídia móvel, especialmente depois que Aldo Manuzio, na Itália, publicou sua famosa coleção de livros de bolso (cf. SATUÉ, 2004).

<sup>8</sup> Soares (2002) menciona os “protocolos de leitura” como uma possibilidade criada pela progressiva organização dos textos, ao longo da história do livro, em partes, capítulos, páginas, etc.

disso, foi possível numerar páginas, escrever dos dois lados do papel (ou do couro) e *navegar* por índices e sumários. Certamente existiram leitores que lamentaram essas possibilidades ou houve quem pusesse nelas defeito.

Mais adiante, não bastassem esses gestos novos, o códice deixou de ser manuscrito para ser impresso mecanicamente. Se para alguns isso parecia uma maravilha, nova técnica vantajosa e barateadora, para outros tantos pareceu falso, frio e mundano<sup>9</sup>. Livros feitos em monastérios e ilustrados por artistas passaram a ter versões entintadas por máquinas, replicadas ao infinito (era o que podia parecer) por ourives e negociantes.

Embora o rolo tenha praticamente sido extinto (ressalve-se alguma relíquia ou a representação de certos diplomas universitários), o códice não o foi. A tecnologia decorrente da aprendizagem dos usos desse dispositivo estabeleceu-se e ainda move grande parte do conhecimento e da informação no mundo. Apesar da existência de formatos diversos, o gesto de folhear parece hoje uma espécie de “fato social”<sup>10</sup> para grande parte da humanidade. A habilidade envolvida em ler sumários, investigar índices ou encontrar páginas é, atualmente, uma tecnologia de base, podendo ser considerada fundamental para operar em ambientes (impressos ou digitais) na busca e na seleção de informação<sup>11</sup>.

E após alguns milênios de escrita, tecnologia sobreposta a outras que a suportam, tais como livros, jornais e outros dispositivos, a tecnologia para ler e escrever está em pleno desenvolvimento. Após aproximadamente oito séculos de códice, quatro de impressão e um de alfabetização em massa<sup>12</sup>, a invenção do computador, da Internet e de vários novos dispositivos para fazer uso do texto parece novamente abalar as configurações da tecnologia de ler e escrever.

<sup>9</sup> Em Cavallo e Chartier (1999) e em Febvre e Jean-Martin (1992), é possível encontrar exemplos de críticas feitas ao novo modo de fazer livros na virada do século XVI. Satué (2004), ao fazer uma história detalhada da vida do tipógrafo italiano Aldo Manuzio, mostra que a elite intelectual não foi simpatizante, por exemplo, da idéia de se publicar clássicos literários em formato “de bolso”.

<sup>10</sup> Segundo o sociólogo Émile Durkheim, “é fato social toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma imposição exterior; ou ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, tendo ainda uma existência própria, independente de suas manifestações individuais”. (*Les Règles de la Méthode Sociologique*. Paris: PUF, 1973. p. 14).

<sup>11</sup> Muito ao contrário do que, curiosamente, afirmam Mantoan e Baranauskas (2002. p. 83; 85). Segundo as autoras, “O ato de ler *evoluiu* com o surgimento de novas tecnologias” e “Trabalhar na Internet exige rapidez na leitura e uma outra habilidade muito importante, que é saber selecionar o que se vai ler, porque não se pode ler tudo o que está na tela, nem tudo o que está escrito é de nosso interesse. De fato, os leitores não são os mesmos de antigamente... A capacidade de selecionar *não era algo que se exigia*, há anos, na formação do leitor, especialmente na escola”. Os grifos são nossos. Para nós, é claro que o bom leitor sempre teve de cumprir muitas e variadas exigências.

<sup>12</sup> Considerando-se a história dos usos da escrita no mundo. No Brasil, a apropriação da escrita foi tardia e essa contagem é bastante diferente: são, para nós, dois séculos de impressão, com a chegada de códices importados um tanto antes. A alfabetização em massa ocorreu em meados do século XX.

## 1.2 Modos de ler, modos de usar

Os novos usos de objetos de ler (e escrever) trazem muitas angústias, dúvidas e questões. É comum que os angustiados vejam na nova máquina certa ameaça, mais especificamente acusem de deslumbramento quem faz uso dela em detrimento do papel. As dúvidas podem ser mais produtivas. Parecem revelar um período de transição, em que muitos se perguntam se isto é melhor do que aquilo, se assim faz tais efeitos mais eficazes do que quais outros. E as questões emergem daí. Quando formuladas, podem fazer surgir apontamentos úteis, usos consistentes, experimentações responsáveis. E uma das questões que mais parece inquietar os estudiosos é o fato de se querer saber em que medida a nova prática de ler e escrever afeta/altera/influencia a cognição do novo leitor/escritor<sup>13</sup>.

Leitores de tela lêem melhor do que leitores de impressos? Estes compreendem textos com mais profundidade e propriedade do que aqueles? Por que razão isso aconteceria? Que habilidades o leitor de telas desenvolve além ou diferentemente do leitor que lê impressos? Que ações de uns e outros propiciam melhor aproveitamento do que se lê? Quais são as rupturas ocorridas nas práticas leitoras? E, o que mais nos inquieta: quais são as continuidades?<sup>14</sup> Essas questões nos levaram a executar a pesquisa que resultou na dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da UFMG, em 2003, cujo título foi *Ler na tela – novos suportes para velhas tecnologias* (RIBEIRO, 2003a).

Um teste de leitura e navegação proposto a leitores experientes de jornais impressos e digitais mostrou a forma como faziam seus trajetos pelos ambientes de leitura, que nível de compreensão tinham dos textos selecionados e como se pautavam em experiências pregressas para abordar o novo ambiente. Isso porque partimos, desde aquela época, do pressuposto de que o leitor não inventa experiências inéditas, e a leitura precisa ser precedida de experiência e familiaridade com a tarefa. Nossas ações e nosso aprendizado dependem, em larga medida, da ancoragem do novo no dado, da experimentação na experiência.

Nossas conclusões, naquela época, apontavam na direção que ainda sustentamos: leitores habilidosos compreendem textos, estejam eles no papel ou na tela, muito embora seus gestos de leitura possam passar por mudanças, leves ou incisivas. Para ler jornais, que era nosso caso, os informantes trafegaram pelos ambientes impresso e digital de forma muito

<sup>13</sup> Para citar apenas alguns inquietos: Coscarelli (1999) e Rouet *et al.* (1996).

<sup>14</sup> Questões semelhantes a essas são o tema de vários trabalhos publicados. Alguns exemplos que estiveram ao nosso alcance são: RÖSING, 1999; VILLAÇA, 2002; SILVA, 2003; SANTAELLA, 2004; GATTI, 2005; FURTADO, 2006.

semelhante, nitidamente ancorando as leituras “na tela” na experiência de ler “no papel”. Se dominavam fortemente a tecnologia necessária para ler jornais impressos, podiam executar bem suas tarefas em qualquer dispositivo oferecido. Isso não ocorria, no entanto, apenas porque o leitor era competente, mas também, em grande medida, porque o objeto de leitura parecia configurado de maneira a atender às expectativas e às necessidades do leitor<sup>15</sup>. Bons jornais, bons sites, bons leitores, bons textos e uma boa condição de produção de leitura pareciam ser a conjunção ideal para que o sentido se construísse sem maiores tropeços. Que razões levam o leitor a fazer esse percurso tão “intuitivo”? Para nós, começou a se configurar um problema: meios novos parecem ser construídos sobre antigos pilares. Em se tratando de jornais, é de se esperar que sejam construídos “centrados no usuário”, e não planejados para a experiência novidadeira. Não deve ser à-toa que algumas empresas jornalísticas ainda lançam versões de seus jornais que imitam o folhear das páginas, em 2006!<sup>16</sup>

Respondidas as questões daquela época, que se fundamentavam em uma bibliografia já multidisciplinar (História Cultural, Lingüística e Ciência da Computação), passamos a formular questões para uma nova investigação. Daí surgiu nossa proposta de doutoramento.

O leitor informante daquela primeira pesquisa apresentava o perfil “ideal”. Eram todos sujeitos habilidosos na leitura de muitos gêneros textuais, produtores de textos, conhecedores dos ambientes impressos, digitais e das tecnologias de leitura, adaptáveis a eventuais mudanças de trajeto, altamente letrados, com formação superior, acesso à Internet e que haviam se apropriado da metalinguagem para falar dos ambientes que liam. A dúvida que se colocava era, então: o que aconteceria se tarefas muito parecidas fossem propostas a leitores com perfil menos privilegiado, menor história de leitura, menos acesso a bens culturais, menos habilidosos em ler e escrever, informantes que mostrassem ancoragem mais fraca da nova experiência de ler na tela, já que não apresentavam histórico consistente de leitura de impressos? Como reagiria este leitor ao ambiente de leitura? Como detectar se ele domina pouco a técnica de ler jornais e a tecnologia da escrita? Como verificar se telas e impressos podem ser dispositivos cujas recepções são muito diferenciadas? E se não são, quais habilidades desenvolver neste leitor para que ele seja capaz de ler melhor (com tudo o que implica saber ler, para muito além da decodificação do texto)? A esta última questão vários pesquisadores e obras tentam responder, seja pensando sobre modos de fazer com

---

<sup>15</sup> Alguns designers defendem isso veementemente. Por exemplo, Norman (2006).

<sup>16</sup> O jornal *Estado de Minas*, por exemplo, em [www.estaminas.com.br](http://www.estaminas.com.br).

que a escola se aproprie da informática, seja construindo matrizes e tentando discernir habilidades importantes para o letramento, inclusive o digital.

### 1.3 Perguntas e hipóteses

A dissertação *Ler na tela – novos suportes para velhas tecnologias* (RIBEIRO, 2003a) mostrou que o leitor letrado emprega estratégias para ler jornais digitais e, para construí-las, ele se vale, principalmente, da ancoragem de suas ações na experiência de leitura de jornais impressos. Nesta pesquisa de doutoramento, nosso intento é responder a questões relativas às estratégias (e táticas) de leitores pouco letrados, especialmente na leitura de jornais, que consideramos um objeto particularmente complexo. Nossos informantes serão estudantes de primeiro período de curso da área de saúde de uma instituição de ensino superior privada de Belo Horizonte, recém-chegados à faculdade, declarantes de pouco acesso à leitura de jornais em ambientes impressos e/ou digitais.

São questões que norteiam esta pesquisa:

1. Leitores de jornais impressos (apenas) têm dificuldade de navegar em jornais digitais ou ancoram suas ações na experiência prévia com impressos?
2. Leitores de jornais digitais (apenas) têm dificuldade de navegar em jornais impressos? Estes leitores ancoram a leitura de impressos nas leituras de Internet?
3. Não-leitores de jornais (em qualquer ambiente) têm dificuldade de navegar em jornais impressos e digitais ou algum deles lhes parece mais fácil? Estes leitores se ancoram na experiência em algum/a leitura/suporte?

A todas as questões sobrevêm os porquês. A partir das respostas conseguidas nos testes, passamos a outras questões, agora relativas à leitura de textos, após as tarefas de navegação.

- A. Leitores de notícias digitais percebidos como pouco letrados em ambientes impressos apresentam bons resultados no teste de leitura?
- B. Leitores de jornais impressos percebidos como pouco letrados em ambientes digitais apresentam bons resultados no teste de leitura?
- C. Qual é o resultado dos testes de leitura para não-leitores de quaisquer jornais?
- D. Que relação pode haver entre resultados fracos nos testes de navegação e os resultados dos testes de leitura?

Para que tais questões pudessem ser respondidas, precisávamos planejar um percurso de investigações em etapas distintas: uma para a seleção dos leitores; outra para obtenção dos resultados de navegação em jornais impressos e digitais; uma terceira para aferir a maneira como esses leitores leriam textos jornalísticos; e, por fim, a relação percebida entre texto e programação no suporte.

Para tentar obter respostas a tantas questões, passamos a construir um aparato que pudesse capturar melhor os sinais dessas respostas. Esta tese é, portanto, um construto que imaginamos capaz de oferecer respostas ou, no mínimo, levantar debates sobre gestos de ler inseridos no sistema de mídias contemporâneo e sobre o desenvolvimento de habilidades do leitor do século XXI.

Os pilares deste trabalho são a História Cultural, a Lingüística, aspectos dos estudos do jornalismo e do design gráfico, além da Ciência da Computação, áreas que, se estão separadas, deve-se isso a um método científico cartesiano que mais parece ter tirado retratos e construído um álbum do que feito o filme que gostaríamos de mostrar.

Trabalhamos aqui alicerçados nos conceitos de *letramento*, explicitado no segundo capítulo, de *mídia mosaiquica* e de *hipertexto*, sobre os quais discorremos no terceiro capítulo. Também assumimos a leitura como uma tarefa cognitiva complexa e hipertextual por definição, conforme se verá no capítulo 4. Nossa metodologia está amparada pelos estudos experimentais da Computação, mais especificamente na subárea conhecida como Usabilidade. Na seção sobre os métodos empregados para a obtenção de nossos resultados, explicitamos a intenção de dar tratamento quantitativo/qualitativo aos dados colhidos via questionário (obtenção do perfil de leitor) e tratamento qualitativo aos dados colhidos via protocolo verbal, nos testes de navegação/leitura.

Fundamental para este trabalho, nossa teoria de leitura, descrita no quarto capítulo, origina-se nas formulações modulares de Fodor (1983) e se assume no modelo reestruturado proposto por Coscarelli (1999). Nossa proposta de reconhecimento de leitores cujas habilidades de leitura de jornais on e off-line são ainda inconsistentes ergue-se sobre dois conceitos de Michel de Certeau: a estratégia e a tática. Nossas formulações caminham no sentido de mostrar como agem *leitores táticos* e *leitores estrategistas* na lida com objetos de ler, neste caso, os jornais, considerados objetos construídos sob uma arquitetura complexa. Nossa intenção é, mais do que descrever, ampliar as possibilidades de compreensão do que ocorre hoje em relação às tecnologias de leitura e escrita, lançando mão da história de longa duração da formação do leitor, algo que pensamos ser

imprescindível para melhor iluminar nossos passos. Ao longo deste trabalho, acreditamos ter feito uma caminhada agradável para nós e uma trilha convidativa para nosso leitor.

## 2 Letramentos

Se há um conceito do qual é imprescindível tratar neste trabalho é o de *letramento*. Juntamente com ele, o de *agência de letramento*, assim como a compreensão inequívoca de que existem *práticas de leitura*, no plural, em um *sistema de mídias* cada vez mais complexo. Este capítulo, sempre por se atualizar, trata de oferecer um panorama desses conceitos. É necessário iluminar o restante das trilhas desta tese com os feixes teóricos aqui organizados.

### 2.1 Origens e contextos

Alguns pesquisadores estrangeiros, em sua maioria ingleses ou norte-americanos, ficaram mundialmente conhecidos pelo debate que propunham sobre o *letramento*, desde o final da década de 1970. A maior preocupação com o tema tem relações íntimas com a sociedade e com o momento histórico por que passavam os países desses pesquisadores, contexto bem diferente do de países em desenvolvimento, como o Brasil.

No final da década de 1970 e nos anos 80, estudos de Shirley Brice Heath, Sylvia Scribner & Michael Cole, Brian V. Street e Harvey J. Graff, entre outros, analisavam e rastreavam o que era, então, um problema em suas sociedades: aumentar o *letramento* (*literacy*) de uma população que já havia alcançado alfabetização quase irrestrita (para não dizer total, em países muito desenvolvidos). Nos contextos em que a questão se colocava, as nações já haviam alcançado estágio posterior às campanhas de alfabetização, além de terem trajetórias históricas privilegiadas em relação à cultura escrita. Países da Europa viram nascer o comércio do livro, a imprensa de Gutenberg, as universidades e o acesso à escola para grande parte da população, assim como viram emergir os primeiros públicos-leitores “de massa” (CARPENTER;MCLUHAN, 1971).

Até o século XIX, os leitores tinham a possibilidade de lidar com algumas mídias, nenhuma delas, no entanto, considerada “de massas”<sup>17</sup>, ou seja, nenhuma delas com o alcance que o cinema ou o rádio viriam a ter um pouco adiante. Essas mídias desequilibraram o sistema existente até então e passaram a exigir novos comportamentos do

---

<sup>17</sup> Zaid (2004) e Lindoso (2004) explicam por que razões os livros nunca foram exatamente uma mídia de massas. Segundo os autores, a produção livreira não alcança parcelas amplas da população em razão de as tiragens serem pequenas, principalmente se comparadas às tiragens de CDs e aos públicos de cinema e televisão. A tiragem média de livros num país como o Brasil é de 3000 livros, o que é de pequeníssimo alcance perto da quantidade de alfabetizados. Essa seria, portanto, uma mídia que não trabalha em escala. É importante lembrar que Zaid e Lindoso fazem uma análise sincrônica dos fatos. Na época de Gutenberg, o livro era a única mídia capaz de reproduzir um original em cópias idênticas em uma velocidade nunca antes vista.

leitor/usuário/ouvinte, assim como novas práticas dos produtores de textos para ambientes recém-criados.

Se foram necessários vários séculos para que o desequilíbrio do sistema acontecesse, foram necessárias poucas décadas para que ele voltasse a se abalar, desta vez com a chegada da televisão. Daí em diante, outros dispositivos reestruturariam o sistema de mídias disponível e o leitor/usuário estaria sempre no centro das questões sobre o quê e como fazer para ter acesso a todas as possibilidades de canais de informação, conhecimento e entretenimento.

Se até a Primeira Guerra Mundial apenas algumas mídias eram conhecidas, depois da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos da América reconfiguraram o *sistema de mídias* (BRIGGS e BURKE, 2004) com a invenção do computador e da Internet, além de todos os aplicativos empregados para ler, escrever, fazer cálculos, desenhar e navegar por mares de informação.

## 2.2 Sistemas de mídias

Já cuidamos de explicitar a relação íntima entre aspectos sócio-históricos e o desenvolvimento de tecnologias e técnicas, tais como a escrita e os suportes e formatos para ela. Tudo isso está interligado e as mídias, modernas ou tradicionais, se tocam umas às outras, ou seja, não são estanques ou indiferentes umas em relação à existência das outras e a seus efeitos. Outro ponto é que as mídias nem sempre competem entre si. É comum que comecem até a se “imitar” ou que, para sobreviver, uma mídia mais tradicional se reconfigure para se manter entre as opções do usuário (BOLTER; GRUSIN, 2000).

Os historiadores Briggs e Burke (2004) definem essa relação entre as mídias como um *sistema de mídias*. “A mídia precisa ser vista como um sistema, um sistema em contínua mudança, no qual elementos diversos desempenham papéis de maior ou menor destaque” (2004, p. 17). Segundo os historiadores, criticando a pesquisadora da cultura escrita Elizabeth Eisenstein, “para estimar as conseqüências sociais e culturais da nova técnica, é necessário ver a mídia como um todo, avaliar todos os diferentes meios de comunicação como interdependentes, tratando-os qual um pacote, um repertório, um sistema, ou o que os franceses chamam de ‘regime’” (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 33).

Briggs e Burke (2004) assumem, contra as propostas de outros investigadores, o *sistema de mídias* como um regime em que o leitor/usuário se apropria muito lentamente das técnicas recém-chegadas, nem sempre para substituir outras, mas para complementar, ou mesmo que seja para fazer uma troca definitiva.

Pensar em termos de um sistema de mídia significa enfatizar a divisão de trabalho entre os diferentes meios de comunicação disponíveis em um certo lugar e em um determinado tempo, sem esquecer que a velha e a nova mídia podem e realmente coexistem, e que diferentes meios de comunicação podem competir entre si ou imitar um ao outro, bem como se complementar. (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 33)

Bolter e Grusin (2000) explicam o conceito de mediação e remediação de forma bastante semelhante à descrita por Briggs e Burke (2004). As afiliações genealógicas entre as mídias, mais uma vez, não podem (e não devem) ser tratadas de forma isolada ou a partir apenas de rupturas.

(...) *toda* mediação é remediação. Não estamos afirmando que esta seja uma verdade a priori, mas apenas discutindo que neste período histórico, todas as mídias que existem funcionam como remediadoras e essa remediação nos fornece meios de interpretar o funcionamento das mídias anteriores. Nossa cultura conceitua cada mídia ou constelação de mídias a partir do modo como estas respondem, reorganizam, competem e reconfiguram outras mídias. Em um primeiro momento, podemos pensar em algo como uma progressão histórica, novas mídias remediando as antigas e, em particular, mídias digitais remediando suas predecessoras. Mas trata-se de uma genealogia de afiliações, não de uma história linear, e nessa genealogia, mídias antigas também remediam as novas. A televisão pode fazer e faz uma remodelagem de si mesma para alcançar a Rede Mundial de Computadores e os filmes a cabo, incorporando e atentando para gráficos computacionais da maneira mais apropriada à sua forma linear. Nenhum meio, parece, pode agora funcionar independentemente e estabelecer seu distinto e puro espaço de significação cultural. (BOLTER; GRUSIN, 2000. p. 55. Tradução nossa)

O que defendemos, junto com Briggs e Burke (2004), é que nosso sistema de mídias sofreu uma reconfiguração, que será, muito lentamente, apropriada pelos leitores/usuários. Não se trata, portanto, de uma “revolução”, movimento abrupto, mas de uma continuidade cheia de parentescos e reconfigurações.<sup>18</sup>

O *feedback* do espectador ou do leitor ajuda a reconfigurar os processos e os produtos, seja no livro, no cinema ou nos jornais. Também é assim com os programas de computador e com os ambientes de Internet. Para Steffen (2003), a Internet é um ambiente em que o *feedback* do usuário pode ser rastreado o tempo todo e rapidamente. Com determinados programas, é possível saber, por exemplo, por quanto tempo um leitor permaneceu em um jornal, a que páginas ele foi, quanto tempo ficou em cada uma, onde desistiu de ler, veio de onde e partiu para onde, etc.

<sup>18</sup> Crystal (2005, p. 15) tem uma posição interessante: “Não creio que ‘revolução’ seja uma palavra muito forte para o que vem acontecendo. ‘Revolução’ é qualquer combinação de acontecimentos que produza mudanças radicais de consciência ou comportamento em que um período de tempo relativamente curto, e foi isso que ocorreu. Há sempre continuidades com o passado, mas estas são compensadas pelo surgimento de uma perspectiva genuinamente nova”. Preferimos, no entanto, evitar o termo “revolução”, já que, para nós, as continuidades são prevalentes.

O computador das décadas de 1960 e 70 não se parece com a máquina de hoje em dia. As interfaces gráficas<sup>19</sup> só apareceram na década de 1990, sob muita controvérsia (JOHNSON, 2001). O que seria uma linguagem gráfica do computador? Vale a pena imitar o impresso? Esta é a pergunta de vários pesquisadores. O *sistema de mídias* é esse emaranhado delas em que vivemos, mídias que se influenciam reciprocamente, a ponto de muitas características da Internet se parecerem com o impresso, outras serem imitações da televisão, etc.

O objeto impresso também não fica de fora disso só porque é um dos mais antigos do mundo. Revistas, jornais e livros “brincam” de se parecer com a televisão, o videoclipe, a Internet. Não apenas na linguagem que utilizam, mas também na aparência. Revistas que trazem fios que imitam links, cores e sublinhados, ícones e caixas. Sites que imitam páginas de livros, programas de tevê que “rodam” na rede.<sup>20</sup> O contrário também acontece e, aliás, a rede foi prioritariamente feita de transposições e imitações até recentemente.

No início da Idade Média, o *sistema de mídias* contava com as opções da época: livros em formatos de rolo, de códice, escritos à mão ou, mais tarde, com a opção pela imprensa tipográfica. O público-leitor era, então, muito menor do que hoje. Com relação às práticas, ainda viviam o conflito entre a leitura em voz alta e a silenciosa. Também conviviam com a proibição de obras, preços altíssimos, dificuldade de circulação, bibliotecas em que os livros ficavam acorrentados. Enfim, um sistema bem diferente do nosso (FEBVRE e JEAN-MARTIN, 1992; CAMPOS, 1994). No entanto, os impressores já viviam o conflito de remediar tipografia e manuscrito<sup>21</sup> (GILMONT, 1999; MANDEL, 2006).

Até aqui, temos um letramento muito relacionado ao objeto impresso: livro, jornal, revista, todos nos formatos tradicionais, mais antigos e mais conhecidos no mundo, até hoje, mas e o computador? Onde fica esse objeto entre as práticas de leitura e escrita das pessoas? Será que essa máquina já entrou no rol das possibilidades mais próximas? Para isso, é preciso pensar em outro conceito, tão controverso quanto o de *letramento*, que é o de

---

<sup>19</sup> *Interface* é a máscara que media a interação entre o sistema e o usuário. A *interface gráfica* é construída de maneira a tentar facilitar essa interação, por meio de um design intuitivo ou familiar.

<sup>20</sup> Nesse ponto, a História Cultural pode ser particularmente esclarecedora. Muitos pesquisadores parecem entusiasmados com as novas tecnologias e fazem análises um tanto eufóricas sobre os novos usos de textos e suportes. A História auxilia na compreensão do assunto de maneira mais ponderada, ajudando a observar o que é novo e o que não é, o que chegou agora e o que sempre esteve aí, sob outros disfarces.

<sup>21</sup> Os produtores de sites e sistemas digitais remediavam objetos impressos na tentativa de fazer com que o leitor sinta menos dificuldade em interagir com os ambientes. No entanto, há uma crítica a esse modo de fazer sistemas, já que ele subaproveita o novo meio. Na Idade Média, impressores imitaram tipos de letras e páginas manuscritas para evitar o estranhamento do leitor.

*letramento digital*. Será que este é mesmo um *outro* conceito? Qual é sua abrangência? Se ele existe, partimos do pressuposto de que emergiu a necessidade de que fosse cunhado. E que relação isso tem com o sistema de mídias que conhecemos hoje?

O leitor da atualidade dispõe de mais formatos de texto, em suportes ainda mais diversos do que o leitor medieval. Além do livro, o cinema, a televisão, a Internet, os telefones celulares, entre outras possibilidades. Se alguns conflitos desapareceram, outros surgiram: ler no papel é mais fácil do que ler na tela? Copiar e colar à mão ou nos editores de texto? Aceitar ou não o computador na sala de aula? (Talvez isso já nem caiba mais perguntar...) Fazer dele uma máquina produtiva? Imitar ou não objetos impressos? Do ponto de vista das pessoas que produzem aplicativos ou trabalham no ambiente digital, tais como os webjornalistas, o computador alterou muito a rotina de trabalho. Do ponto de vista do leitor, as práticas também se alteraram. E para aqueles que isso ainda não aconteceu, ao menos podem saber que os horizontes certamente se alargaram.

### 2.3 Letramento<sup>22</sup>, alfabetização e outras palavras

A palavra *letramento* não está no dicionário *Aurélio*. Entre os verbetes aparentados está *letrado*, que quer dizer um indivíduo “versado em letras; erudito”. Trata-se da acepção mais difundida e popular do termo, para o senso comum. Para os estudos da educação, no entanto, *letramento* não trata apenas desse tipo de indivíduo. Para alguns pesquisadores (RATTO, 1995 ou TFOUNI, 2004, por exemplo), até mesmo uma pessoa analfabeta pode ser letrada, se conviver em uma sociedade grafocêntrica. Enquanto o alfabetizado é o indivíduo que domina uma tecnologia, o letrado pode até não dominá-la individualmente, mas convive com práticas letradas em sociedade.

Tfouni (2004) afirma que “não existe, nas sociedades modernas, o letramento ‘grau zero’, que equivaleria ao ‘iletramento’”. Do ponto de vista do processo sócio-histórico, o que existe de fato nas sociedades industriais modernas são ‘graus de letramento’”. Para corroborar essa afirmação, Ribeiro (2003b, p. 15), bem-ancorada em dados de pesquisa, afirma que “saber ler e escrever não é uma questão de tudo ou nada, mas uma competência que pode ser desenvolvida em diversos níveis”. Esses níveis podem ser os mais intuitivos e

---

<sup>22</sup> Aos termos *alfabetismo*, *literacia* e *letramento*, preferiremos o último, respeitando obras que prefiram os outros. Na defesa de *alfabetismo* está Ribeiro (2003b), para quem é vantagem o termo não causar confusões com sentidos do senso comum. Soares (2004) também aponta a questão da nomenclatura, mas afirma que a opção por *letramento* deve-se à frequência do termo em estudos e debates acadêmicos (embora tenha utilizado *alfabetismo* em trabalhos mais antigos).

ligados à vida cotidiana, ou aqueles ligados ao trabalho e aos estudos, por exemplo, ou mesmo níveis mais complexos.

*Analfabeto*, para Soares (2004. p. 20), é “aquele que não pode exercer em toda a sua plenitude os seus direitos de cidadão” ou ainda “é aquele que não tem acesso aos bens culturais de sociedades letradas e, mais que isso, grafocêntricas”. Nessa definição há aspectos de suma importância, mas destacamos a idéia de que o analfabeto também é cidadão, mas *não* exerce *plenamente* seus direitos. Para a mesma autora, em obra de 2003, alfabetização é o “(...) processo de aquisição da ‘tecnologia da escrita’, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita”. Com mais detalhes, ela descreve, ascendentemente:

as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético, ortográfico); as habilidades motoras de manipulação de instrumentos e equipamentos para que codificação e decodificação se realizem, isto é, a aquisição de *modos de escrever* e de *modos de ler* – aprendizagem de uma certa postura corporal adequada para escrever ou para ler, habilidades de uso de instrumentos de escrita (lápiz, caneta, borracha, corretivo, régua, de equipamentos como máquina de escrever, computador...), habilidades de escrever ou ler seguindo a direção correta da escrita na página (de cima para baixo, da esquerda para direita), habilidades de organização espacial do texto na página, habilidades de manipulação correta e adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê – livro, revista, jornal, papel sob diferentes apresentações e tamanhos (folha de bloco, de almanaque, caderno, cartaz, tela do computador...). (SOARES, 2003. p. 91)

A definição de Soares (2003) menciona as habilidades motoras que devemos aprender para segurar um lápis, utilizar uma caneta e usar um equipamento como um computador. Este último recurso só entrou no rol das possibilidades de escrita e leitura recentemente. Há pouco mais de 40 anos o computador foi inventado e há pouco mais de 15 entrou nas casas das pessoas, nas escolas e passou a fazer parte do cotidiano (ao menos de uma classe mais privilegiada). É muito recente, portanto, o emprego do computador como ferramenta de leitura e escrita, assim como a Internet como ambiente de comunicação e de publicação (também de leitura e escrita). Isso torna, por conseguinte, as pesquisas sobre o letramento implicado nos usos dessas novas tecnologias muito recentes, às vezes preliminares, de caráter apenas descritivo ou ainda pessimistas ou otimistas demais<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> Há pesquisas consistentes nas áreas de Educação, Computação, Comunicação Social, Letras, Ciência da Informação, História, Sociologia, Psicologia, entre outras. Em cada uma delas, privilegiam-se estes ou aqueles aspectos do problema. Todas querem compreender o que as novas tecnologias significam para a comunicação e a linguagem; as mais aplicadas querem sistematizar ou propor formas de ajustar os novos meios às sociedades (ou o contrário). São particularmente interessantes os estudos históricos e sociológicos sobre as tecnologias intelectuais. Isso foi percebido por outras áreas e historiadores têm sido sistematicamente citados.

E qual é a relação entre *alfabetização* e *letramento*? Trata-se de uma relação íntima, embora este não dependa daquela para acontecer. O *letramento* é um conceito mais plástico e mais amplo do que o de alfabetização, já que está ligado à sociedade, com toda a sua complexidade, e não está restrito ou tão intimamente relacionado à instituição escolar. O *letramento* não tem limites, o que também torna o tema complexo. Para Britto (2003, p. 53), trata-se de

um movimento *mais geral*, que se relaciona com a percepção da ordem da escrita, de seus usos e objetos, bem como de ações que uma pessoa ou um grupo de pessoas faz com base em conhecimentos e artefatos da cultura escrita. Sendo assim, se a noção de alfabetizado implica uma condição do tipo tudo ou nada, a de *letramento* (ou de alfabetismo) sugere uma *multiplicidade de níveis e graus*, em função do quanto o indivíduo *realiza* com seus conhecimentos de escrita. (BRITTO, 2003, p. 53)<sup>24</sup>

Soares (2003) explicita:

Embora correndo o risco de uma excessiva simplificação, pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da *aquisição de uma tecnologia* – a isso se chama *alfabetização*, e por meio do *desenvolvimento de competências* (habilidades, conhecimentos, atitudes) de *uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais* que envolvem a língua escrita – a isso se chama *letramento*. (SOARES, 2003, p. 90)<sup>25</sup>

Fica claro, então, que o *letramento* está relacionado aos usos efetivos que as pessoas fazem da alfabetização que tiveram. Ou, ainda, no caso de quem não foi alfabetizado, é possível verificar, em sociedades muito letradas, que essas pessoas lidam com a escrita de outras formas, mesmo não sabendo ler e escrever.

## 2.4 Agências e graus de letramento

Os diversos espaços que orientam as práticas de indivíduos e comunidades para letramentos diversos são chamados de *agências de letramento*. A escola não é, portanto, a única delas. Ela é, sim, uma agência de um certo letramento, certamente importante, mas nem por isso exclusiva na vida das comunidades. Pessoas e grupos podem ser letrados em espaços diversos e por meio de práticas as mais distintas, e igualmente necessárias para os usos daquela sociedade, conforme explicita Kleiman (1995):

Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das *agências de letramento*, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a

<sup>24</sup> Os grifos são nossos, para mostrar expressões que abrem o conceito ou o restringem, conforme a orientação de cada autor.

<sup>25</sup> Exceto pelas palavras *alfabetização* e *letramento*, os demais grifos são nossos.

alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência *individual* necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes. (KLEIMAN, 1995, p. 20)

A partir de agências as mais diversas, um leitor pode se tornar letrado em vários níveis, que são o que Kleiman (1995) e Tfouni (2004) chamam de *graus de letramento*. A relação em preto-e-branco entre analfabeto e alfabetizado não mostra em que medida este se apropria do que sabe. Empregados de forma dicotômica, os termos dão a noção falsa de que possa existir uma divisão abrupta entre quem domina e quem não domina a cultura escrita. O conceito de *letramento* embaça essa divisão e, no lugar dela, propõe um *continuum* em que faz sentido falar em *graus*.

Não há um limite para o letramento uma vez que a humanidade sempre inventará formas novas de escrever, novos gêneros de texto, suportes de leitura, etc., de acordo com as infinitas necessidades que temos e teremos, fazendo com que nosso horizonte de letramento esteja sempre em expansão. A Internet e as máquinas digitais estão entre nossas opções mais recentes. Roger Chartier, pesquisador das práticas da leitura, afirma, em entrevista inédita<sup>26</sup>, que, se existe uma “nova legibilidade”, por conta dos novos suportes do texto, também será necessário pensar e executar o que ele chama de “nova alfabetização”.

Se antes convivíamos com a separação entre alfabetizados e analfabetos, minorada pelo surgimento das preocupações com o letramento, agora novas questões são postas. Uma delas é aquela relacionada aos *analfabites*, pessoas que, embora saibam ler e escrever, e por vezes dominem os suportes tradicionais de escrita, não dominam novas mídias, mais especificamente o computador e a Internet. Mais uma vez, podemos afastar a dicotomia entre *analfabites* e *alfabetizados* para que emergja uma nova discussão: a do *letramento digital*.

## 2.5 Letramento no Brasil

Em países de história colonial como a dos Estados Unidos, o tipo de ocupação promovido pela metrópole tinha caráter diferente do exploratório. Na América do Norte, foi possível imprimir livros e jornais, além de fundar universidades, o que ocorreu mesmo em países da América do Sul colonizados pela Espanha. No Brasil, o atraso de 300 anos para a instalação da primeira tipografia e a fundação muito tardia das primeiras escolas e

<sup>26</sup> Entrevista concedida a mim durante o Fórum das Letras 2006, Edição e Memória, da Universidade Federal de Ouro Preto, em novembro de 2006. Agradeço a colaboração divertida de Ana Elisa Novais.

universidades laicas tornou o acesso ao impresso algo difícil até mesmo para as elites que aqui residiam. O ensino jesuíta, única opção por mais de dois séculos, desde a chegada dos portugueses, tinha o objetivo de catequizar as comunidades, não o de torná-las *letradas* no sentido mais amplo (SODRÉ, 2003; BRAGANÇA, 2002).

O contato com material escrito só acontecia, até 1808, por contrabando e, mesmo que alcançasse alguma parcela da população, em geral a burguesia detentora de alguns privilégios, não gozava de grande valor. Isso até o século XIX, considerado por Sodré (2003) como o momento em que algumas cidades começam a desenvolver um estilo de vida urbano, mesmo que à imitação das cidades européias, em que o trabalho intelectual dava *status* a quem tinha estudo, lia, escrevia e contava. Mesmo assim, numa colônia como o Brasil, as tecnologias intelectuais não significavam muita coisa.

No século XIX, a primeira tipografia chegou ao Rio de Janeiro, embora só se pudesse publicar impressos oficiais. Com a proliferação dos jornais, também proliferaram os romances, publicados em capítulos. O leitor, antes uma parcela masculina mínima da sociedade, revelou outros perfis. Daí já se vê o quanto demorou, no Brasil, a preocupação com a alfabetização das massas. Essa luta foi travada, com o envolvimento dos poderes públicos, somente no século XX. O interesse pela alfabetização, portanto, veio primeiro. A importância dada ao tema do *letramento* só aconteceu no final do século XX. Em obra de 1995, Ângela Kleiman afirma que

Os estudos sobre o letramento no Brasil estão numa etapa ao mesmo tempo incipiente e extremamente vigorosa, configurando-se hoje como uma das vertentes de pesquisa que melhor concretiza a união do interesse teórico, a busca de descrições e explicações sobre um fenômeno, com o interesse social, ou aplicado, a formulação de perguntas cuja resposta possa vir a promover uma transformação de uma realidade tão preocupante como o é a crescente marginalização de grupos sociais que não conhecem a escrita. (KLEIMAN, 1995, p.15)

A situação da Europa e dos Estados Unidos é, obviamente, muito diversa da brasileira. Aqui (e em outros países em desenvolvimento), ainda foi preciso estudar questões basais. Nos anos 1980, isso era ainda mais patente. Neste início de século XXI, somamos a este leque o interesse pelas implicações entre letramento e novas tecnologias.

Os critérios que definem o limite entre o analfabeto e o alfabetizado, ou que tentam estabelecer os *graus de letramento*, mudam de tempos em tempos e alteram, significativamente, os dados e as estatísticas que existem sobre o estágio em que se encontra uma sociedade em relação à leitura e à escrita. Diante de um conceito amplo,

nuançado e complexo, uma questão pode ser posta: como medir o grau de letramento de um indivíduo? Como saber em que nível de letramento se encontra uma comunidade? Como saber o perfil de uma sociedade quanto aos usos da escrita?

Várias pesquisas têm tentado dar conta dessa tarefa. E algumas entidades tentaram estabelecer um limiar para definir quem é analfabeto e quem pode ser considerado alfabetizado. Mais recentemente, tem-se tentado distinguir os muito letrados, os pouco letrados e os letrados médios. Soares (2003), referindo-se às pesquisas censitárias brasileiras, explica que, até 1940, o critério do IBGE para avaliar *alfabetizados* era “saber ou não saber assinar o próprio nome”. Logo se põe em questão que a assinatura pode não ser seguida de mais nenhuma outra habilidade. No entanto, sob esse critério, eram consideradas alfabetizadas e reforçavam bons resultados estatísticos.

A partir de 1950, o limiar entre analfabetos e alfabetizados passou a ser o fato de um indivíduo “saber ou não saber ler e escrever um bilhete simples”. Com relação às estatísticas, fica claro que esse limiar produz números bem menos generosos, uma vez que o indivíduo que apenas assina o nome passou para o lado “menos iluminado” dos gráficos e tabelas. De qualquer forma, Soares (2003) avalia que essa mudança de critério “representou um avanço em direção a medidas de *letramento*, avanço incentivado pela Unesco que, no final dos anos 1970, passou a sugerir, para as estatísticas educacionais, a avaliação da *alfabetização funcional*” (SOARES, 2003, p. 95-96).

Ribeiro (2003b) apresenta os resultados de uma pesquisa sobre letramento no Brasil. Considerando “esferas do letramento”, ou “esferas da vivência cotidiana em que práticas de leitura e escrita podem estar presentes” (a casa, o trabalho, o lazer, a participação cidadã, a escola e a religião). O Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF) mostrou um país de muitos letramentos. O Brasil chegou a um ponto em que não é mais suficiente, dadas as condições da vida em sociedade, apenas assinar o nome. Se em 1940 isso bastava para que se vivesse nas cidades, atualmente é prática insuficiente frente às demandas sociais. Além do amplo espectro de práticas, ainda é preciso considerar um amplo e crescente leque de práticas, suportes e mídias.

O INAF distinguiu três níveis de letramento: nível 1, pessoas que localizavam informações explícitas em textos muito curtos; nível 2, pessoas que sabiam ler e compreender textos um pouco maiores, além de relacioná-los, por exemplo, aos títulos; nível 3, leitores que compreendiam textos longos, inclusive fazendo associações importantes. Os resultados apontaram que a maior parte da população (aproximadamente 70%) se classifica nos níveis 1 e 2. Isso significa que mais da metade dos brasileiros não

consegue ler um texto mais longo e compreendê-lo, em suportes como jornais e revistas, o que nos levava a crer, portanto, que não seria difícil encontrar leitores com o perfil adequado para esta pesquisa.

O perfil desses grupos mostra pessoas com, no máximo, 7 anos de escolaridade (por exemplo, não concluíram a 8ª série), pertencentes às classes sociais C, D e E e concentradas nas regiões Sudeste e Nordeste. Os jovens são maioria e grande parte das pessoas destes grupos não precisa ler e escrever no trabalho ou, no caso do grupo de nível 2, tem demandas pequenas, de apenas um tipo de texto.

Estão no nível 3 de alfabetismo as pessoas que têm mais escolaridade (nível médio, às vezes cursam ensino superior), a maioria pertencente às classes sociais A, B e C, embora pessoas maiores de 35 anos tenham presença maciça. Quanto ao ambiente de trabalho como agência de letramento, 78% das pessoas deste nível de alfabetismo declararam ler mais de um tipo de material nesse contexto.

Para Ribeiro (2003b), o INAF 2001 constatou “que habilidades básicas de leitura e escrita estão muito desigualmente distribuídas entre a população brasileira, e que tal desigualdade está associada a outras formas de desigualdade e exclusão social”. Pelo aspecto positivo, afirma a autora que “a cultura letrada está amplamente disseminada no país e que, mesmo as pessoas analfabetas relacionam-se com o mundo letrado de diversas formas”. Ou seja: há grandes diferenças de letramento entre um brasileiro e outro, uma comunidade e outra, e essas diferenças estão intimamente relacionadas a desigualdades várias, de diversas naturezas. De qualquer forma, temos amplo contato com a cultura escrita, mesmo que não saibamos o que ela quer dizer.

Também foram analisados casos de pessoas que escapam das estatísticas: indivíduos pouco escolarizados, das classes D e E, que, no entanto, mostraram desempenhos muito bons nos testes de leitura e escrita ou, o contrário, indivíduos que cursam faculdade e enquadram-se no nível 1 de alfabetismo. Nesses casos, fica evidente a importância de agências de letramento diferentes da escola.

Segundo o INAF, materiais escritos são presentes na vida dos brasileiros: 98% das pessoas declararam ter em suas casas livros, bíblias, dicionários, romances, agendas telefônicas ou álbuns de família. Por razões bastante imagináveis, as classes A e B estão mais abastecidas. Em 34% das casas de pessoas consideradas analfabetas há material para se ler, embora eles ali pareçam míticos ou ornamentais. Se é assim com relação aos objetos impressos, é de se esperar que o acesso aos sistemas digitais não seja universal, já que nem o acesso aos livros o é.

Segundo o IBGE (2007), 21% das pessoas maiores de 10 anos acessaram a Internet de algum ponto, por meio de microcomputador, neste país, nos últimos três meses de 2005. A julgar pela rapidez com que o acesso aumenta, estes dados já devem ter se alterado. O perfil dos usuários brasileiros da rede aponta para uma maioria de jovens (idade média de 28 anos, fatia maior do grupo entre 15 e 17 anos), assim como para proporções tais que: quanto mais escolarizado e financeiramente privilegiado, mais conectado o jovem está. Estudantes e pessoas empregadas têm mais facilidade de acesso. Pessoas envolvidas em áreas como as ciências e as artes são as que mais acessam a Internet, em oposição a áreas como a dos trabalhadores agrícolas. A metade da população respondente acessou a rede de casa e 39,7%, do trabalho. O acesso à WWW em estabelecimentos de ensino foi de 25,7%. As tarefas executadas na Internet variam muito conforme a idade e o sexo dos informantes do IBGE, mas giram mais em torno de educação e entretenimento do que de outras coisas. Mais adiante, será possível ver como esse perfil se enquadra nos leitores testados nesta pesquisa.

## 2.6 Letramento digital

Se *letramento* é um conceito tão amplo e controverso quanto o que pudemos expor, o conceito de *letramento digital* não deve passar despercebido. Para Soares (2004, p. 78), não é possível que exista um “conceito único de letramento adequado a todas as pessoas, em todos os lugares, em qualquer tempo, em qualquer contexto cultural ou político”. E no novo contexto cultural, há certa tendência a se formarem conceitos de letramento “desagregados”, ou para especificar um domínio ou para mostrar uma função com que leitura e escrita podem ser utilizadas.

Soares (2004) dá exemplos tais como “letramento *básico* e letramento *crítico*, letramento *adequado* e *inadequado*, letramento *funcional* e *integral*, letramento *geral* e *especializado*, letramento *domesticador* e *libertador*, letramento *descritivo* e *avaliativo*, etc.”. A autora cita o conceito de *letramento funcional* proposto por Gray, em 1956, e reforçado por Scribner (1982) com o nome de *letramento de sobrevivência*. Diante de tantos domínios em que a execução de ações acontece por meio de textos em uma gama imensa de funções, formatos e suportes, é natural que a teoria sobre tudo isso também fique mais complexa. Daí, com a chegada do computador como máquina de ler e escrever (entre outras funções), o surgimento de mais uma subcategoria do *letramento*.

Mesmo no tema *letramento digital* há um amplo leque de possibilidades. O pesquisador ainda precisa fazer um recorte e chegar ao ambiente que deseja observar. O

ambiente digital oferece tantas possibilidades quanto o mundo fora do virtual<sup>27</sup>. Daí que seja necessário escolher, ainda, um ambiente sobre o qual trabalhar: sites disso ou daquilo (um jornal on-line não é o mesmo que uma loja virtual, mas são sites), blogs (que também suportam desde diários adolescentes até coberturas de guerra seriíssimas), chats (em que se pode bater papo, paquerar e entrevistar personalidades<sup>28</sup>), etc. Como se vê, não é simples tratar dos letramentos que alguém domina quando se move na Internet ou no computador desconectado (uma boa apresentação de PowerPoint não é um gênero emergente?).

Emília Ferreiro, em obra de 2002, menciona a expressão *computer literacy*. Em trabalhos das áreas de educação, comunicação ou lingüística<sup>29</sup>, é possível encontrar outros nomes para o que nos parece ser o mesmo problema: *informational literacy*, *digital literacy* ou *multimedia literacy*. Em Portugal, menciona-se a *literacia mediática*. Nos Estados Unidos, mais recentemente, muitos pesquisadores têm feito menção às *new literacies*, expressão inteligente para tratar de novas possibilidades sem desagregá-las. No Brasil, vários pesquisadores parecem ter optado pela tradução de *letramento digital* (por exemplo, COSCARELLI; RIBEIRO, 2005). Afinal, o que essas palavras e expressões querem nomear? Os níveis de domínio dos gestos e das técnicas de ler e escrever em ambientes que empregam tecnologia digital.

Quais seriam as impropriedades da adjetivação do conceito de letramento? Se os letramentos são vários, o termo não abarcaria todos os letramentos existentes e os ainda por inventar? Ao que nos parece, quanto mais amplo o *sistema de mídias*, maiores serão as possibilidades de ler, escrever e atuar por meio da escrita. Assim, nosso espectro de domínios de uso, com funções as mais diversas e suportes diferentes, também se ampliará.

Num sistema de mídias composto por livros, televisões, computadores e seus aplicativos, tratar do letramento digital distingue um domínio do letramento. “É o nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)” (COSCARELLI; RIBEIRO, 2005, p. 9). Por que *digital*? Por que não empregamos a tradução de *computer* ou de *multimedia literacy*? A opção parece, mais uma vez, depender do escopo do problema a ser tratado.

<sup>27</sup> Manuel Castells afirma que “É uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões e sob todas as suas modalidades” (CASTELLS, 2003, p.100).

<sup>28</sup> Sobre isso, o prof. Júlio Araújo, da UFC, propõe, em tese de doutoramento, o conceito de *constelação de gêneros* para os chats. Ver, além de Araújo (2006), as obras Araújo e Biasi-Rodrigues (2005) e Araújo (2007).

<sup>29</sup> “Letramento informacional” é tema do artigo de Campello (2003). Damásio (2000) e Correia (2002) são apenas mais algumas ocorrências dos termos na discussão mais ampla dos letramentos.

Letramento em multimídia ou no computador é um conceito que poderia considerar apenas computadores e suportes que admitissem linguagens diversas (som e imagem, por exemplo) em apenas um dispositivo. Não seria de todo inadequado, mas o adjetivo *digital* admite, com facilidade, qualquer dispositivo que empregue tecnologia digital, bits e bytes, zeros e uns<sup>30</sup>.

Mas por que tratar apenas de gestos de leitura e escrita executados em computadores? Mesmo dentro desse domínio, as funções não podem ser diferentes? O que é de sobrevivência nos usos do computador (desconectado)? E nos usos da Internet? O que se usa na rede que está diretamente relacionado ao mundo do trabalho? Desta forma, parece que *letramento digital* é um conceito amplo demais e que necessitaria de mais subcategorias, como, por exemplo: o letramento de indivíduos que usam a Internet no domínio do trabalho<sup>31</sup>. Recortes dentro de recortes, à maneira de um hipertexto. Neste trabalho, propomos a reflexão sobre o letramento na leitura de jornais em ambiente digital e fora dele. A idéia não é traçar uma comparação em preto-e-branco, mas avaliar as afiliações genéticas de um com relação aos outro.

## **2.7 O que há de novo nas novas mídias? O que torna alguém um letrado digital?**

Pessoas letradas “analógicas” puderam tornar-se, recentemente, letradas digitais em vários domínios. Na vida afetiva e social, quem tem acesso ao computador e à Internet (que às vezes são tratados como se fossem a mesma coisa) emprega aplicativos para conversar à distância, namorar, flertar, trocar e-mails, convites, publicar diários, fotos de família, memórias de viagem, fazer comentários em outros sites e em blogs, fazer compras e visitar museus (entre uma infinidade de possibilidades).

Essas são ações em ambientes digitais, mas os domínios em que elas podem ocorrer são vários também. No domínio do trabalho, os e-mails e o envio de arquivos à distância pode ser fundamental. Assim como no da escola a Internet pode servir para a

---

<sup>30</sup> Embora o acesso aos computadores ainda não seja universal, segundo o IBGE (2007), o acesso aos aparelhos de telefonia celular é, e esta é uma mídia digital móvel, inclusive com interface gráfica para navegação.

<sup>31</sup> Castells (2003, p. 32) admite a Internet como “acima de tudo, uma criação cultural” e afirma que seus usos são “esmagadoramente instrumentais, e estreitamente ligados ao trabalho, à família e à vida cotidiana. O e-mail representa mais de 85% do uso da Internet, e a maior parte desse volume relaciona-se a objetivos de trabalho, a tarefas específicas e a manutenção de contato com a família e os amigos em tempo real (Anderson e Tracey, 2001; Howard, Rainie e Jones, 2001; Tracey e Anderson, 2001)”. Em um interessante texto chamado “Stop saying ‘computer literacy’”, Brian Harvey (2005) se questiona quais seriam as habilidades realmente necessárias para as pessoas, se é que essa necessidade de letramento digital existe mesmo.

pesquisa, o acesso a documentos e a entidades oficiais que estão fisicamente distantes do usuário, a leitura de jornais e de revistas, etc. As pessoas fazem do letramento digital os usos que querem, dão à rede um sentido que depende de suas necessidades e vontades, assim como fizeram com outros objetos, sendo o livro um deles.

O uso do computador e da Internet é tão sócio-histórico quanto os usos que foram feitos do livro, do jornal, da revista ou da televisão. A diferença parece estar na natureza do meio, que permite ações antes não facilitadas pelo papel ou pela inacessibilidade dos custos, por exemplo. Os textos “bloqueados” planejados de maneira que cada fragmento seja ligado por articuladores chamados *links* são potencializados na Internet, mas já existiam em suportes impressos que não permitiam a navegação como ela se dá no ambiente digital. O que se quer mostrar é que, embora o princípio de ação já existisse, a natureza do suporte permite novos gestos e novas velocidades ao leitor.

No entanto, não é assim tão fácil falar em multidões que usam computadores e a rede mundial que os conecta. Segundo dados do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional, INAF, pesquisa já mencionada aqui, “dois terços da população brasileira maior de quinze anos não têm o nível mínimo de escolarização que a Constituição garante como direito a todos: as oito séries do Ensino Fundamental” (RIBEIRO, 2003b, p. 10). Isso quer dizer que o *letramento digital* soa como luxo para muitos cidadãos e mesmo para pesquisadores mais ligados à educação ou à Linguística Aplicada.

Os dados do INAF diretamente relacionados ao uso e ao acesso ao computador são enfáticos: das classes D e E, apenas 4% utilizam computador, eventualmente. As classes B e C ficam pelos 15% e a classe A, esta sim, usa computador, “ao menos eventualmente”, em 41% dos casos. É patente que o fato de pertencer a uma ou a outra classe social define o acesso à máquina e à rede. Letrados digitais, portanto, são mais raros nas classes menos favorecidas. Por que razão deveríamos, então, tratar o letramento digital como algo de alcance irrestrito? Para alguns pesquisadores, a preocupação com os usos do computador é precipitada em uma sociedade que mal conseguiu formar “leitores de papel”. Se não pudemos alcançar bons níveis de letramento em mídias tradicionais, como o livro e o jornal, por que gastar esforços com mídias que não chegam à massa?<sup>32</sup> Para outros, no entanto, a velocidade com que o computador e a Internet estão se tornando acessíveis aos

---

<sup>32</sup> Outro dado, citado por Steffen (2003), mostra que apenas 8,6% dos lares brasileiros possuíam computador com Internet. A fonte é o IBGE, a partir de pesquisa divulgada em 2001. Em pesquisa divulgada em 2007, o IBGE constata que 21% dos brasileiros com 10 anos ou mais de idade acessaram a Internet de algum local. Desse universo, metade acessou a rede a partir de casa (outros 39,7, do trabalho). É interessante notar, então, que o acesso à WWW cresce rapidamente e que não ter computador em casa não é fator determinante.

usuários, mesmo os menos privilegiados, é argumento suficiente para a existência de estudos sobre o assunto.

Mas há outras formas de pensar. Os países em desenvolvimento não conseguem percorrer sem tropeço a trilha do desenvolvimento das mídias. No Brasil, então, temos uma situação ainda mais complexa. Somos um país que foi, durante muito tempo, proibido de ler e escrever, que teve sua primeira tipografia em 1808, quando a indústria editorial europeia andava a largas passadas, e não pudemos constituir público-leitor nem mesmo para livros. O romance foi nossa primeira “febre” editorial, já no século XIX. A questão que se coloca para o letramento digital também poderia ser posta para o livro em meados de 1800. No entanto, é preciso questionar: quando é que estaremos, finalmente, prontos para a utilização do computador?<sup>33</sup>

Schapochnik (2005) afirma que, sobre certa resistência às novas mídias, nos dias atuais,

reverberam reações similares àquelas despertadas no contexto do advento da imprensa. Decerto, porque as mudanças no padrão tecnológico de comunicação alteram as práticas e representações culturais. Contudo, os investigadores insistem que uma perspectiva evolutiva e progressiva acaba por obscurecer o fato de que as normas, as funções e os usos da cultura letrada não são compartilhados de maneira igual, como também não anulam as formas precedentes. (SCHAPOCHNIK, 2005, p. 10)

Na Idade Média, após a invenção da prensa pelo ourives alemão Gutenberg, alguns editores e leitores chegaram a achar indigno ter um livro impresso por uma máquina mecânica. Até ali, todos os livros eram escritos à mão, muitas vezes em materiais luxuosos, como couro tratado e ouro. O glamour desse objeto ainda seduzia aqueles que viram no livro impresso um objeto insosso, padronizado e, dali em diante, industrial.

Os temores de hoje, em relação ao computador e à Internet, lembram certa nostalgia do papel e do lápis, mas a convivência entre as mídias num *sistema de mídias* é que torna o conceito de letramento pertinente. As pessoas, em sociedade, devem ampliar seus gestos de ler e escrever, isso não quer dizer que devam trocar uns pelos outros, embora isso possa ocorrer diante de certas técnicas facilitadoras. O ideal é que alarguemos nossos horizontes, nos apropriemos das possibilidades que existem e sejamos competentes para atuar por meio da maior parte delas.

---

<sup>33</sup> O Brasil é considerado a 8ª economia editorial do mundo. Embora haja um discurso, exhaustivamente reproduzido, especialmente pela imprensa, de que o brasileiro não lê e nosso mercado de livros sofre, as editoras de literatura técnica, livros didáticos e literatura infantil parecem ter entendido, faz tempo, que um país como o nosso tem milhões de leitores em formação. Trata-se de uma questão como a de enxergar a metade do copo vazia ou cheia.

Já não basta aprender a ler e escrever, é necessário mais que isso para ir além da alfabetização. No caso do letramento digital não é diferente. É preciso ir muito além do aprender a digitar em um computador. Quando pessoas em situação de exclusão social passam a ter acesso ao computador e a seus recursos, pode-se falar em popularização ou mesmo em democratização da informática, mas não necessariamente em inclusão digital. (...) a inclusão é um processo em que uma pessoa ou grupo de pessoas passa a participar dos usos e costumes de outro grupo, passando a ter os mesmos direitos e os mesmos deveres dos já participantes daquele grupo em que está se incluindo. (PEREIRA, 2005, p. 15)

Se há quem pense que é preciso ler e escrever primeiro no papel para depois chegar às telas, também há quem pense que nada disso tem regras rígidas. Se o mundo oferece as possibilidades de papel e de cristal líquido, então é bom que o leitor saiba que pode ter o domínio de todas.

Como fazer o leitor de papel aderir à leitura na tela? Como projetar a informação na tela de forma que o leitor não tenha dificuldades em encontrá-la? Como transferir gêneros e textos do impresso para a tela, resguardando as peculiaridades do novo meio? Como compreender a emergência de novas formas de leitura e apropriação da cultura escrita? O que e como são os gêneros de texto que surgem na Internet? Quais são suas “heranças genéticas”? Como fazer com que as pessoas leiam e tenham acesso à informação na tela, mesmo se não tiverem computador em casa? São questões que permeiam as pesquisas sobre letramento digital, em várias áreas do conhecimento.

Esperamos ter conseguido explicitar que nos parece pertinente “desagregar”<sup>34</sup>, pelo menos para fins de pesquisa, o letramento digital do espectro bem mais amplo do letramento (ou dos letramentos). *Letramento digital* é a porção do letramento que se constitui das habilidades necessárias e desejáveis desenvolvidas em indivíduos ou grupos em direção à ação e à comunicação eficientes em ambientes digitais, sejam eles suportados pelo computador ou por outras tecnologias de mesma natureza.

## 2.8 Agências de letramento digital

A escola e o professor têm sido entendidos como potenciais multiplicadores do letramento digital. Caso não fosse assim, não haveria tantas discussões em torno do tema “informática na escola”. Mesmo que a tarefa não seja escolar, o uso do computador para fins de sobrevivência no trabalho ou nas relações sociais é de suma importância para algumas comunidades. Isso sem falar nas possibilidades de atuação cidadã na rede: sites de

---

<sup>34</sup> Utilizamos este termo para empregar palavra já usada pela professora Magda Soares, no entanto, pensamos que ele pode ser mal-interpretado. “Desagregar” não quer dizer, necessariamente, separar o letramento digital de outros letramentos. O importante é ficar alerta para a complexidade do tema e para a necessidade de recortes na pesquisa dos letramentos.

busca a desaparecidos, entidades de classe, discussões sobre temas da sociedade, produção de notícias em jornais (em sistemas que lidam com o conceito de Web 2.0)<sup>35</sup>, escolha de prioridades nas listas dos orçamentos participativos de Prefeituras<sup>36</sup>, etc.

Mesmo sabendo que a maior parte da população brasileira não tem acesso ao computador ou não utiliza a Internet (muito menos com acesso de banda larga), há um perfil de usuário e estudante que age ao contrário do “leitor analógico”. É possível encontrar crianças e adolescentes que dominam várias possibilidades da utilização de computadores e da Internet. Entre esses garotos, é comum também que não saibam pesquisar em enciclopédias de papel e nem consigam encontrar notícias nas páginas do jornal. Do outro lado, estão meninos e meninas que não têm contas de e-mail e nem conseguem sair da primeira página do buscador. Não dominam os gestos motores para travar contato com a máquina: mouse, duplo clique, arrastar e soltar, barra de rolagem, pressão no “enviar” ou “enter”, etc. Todas essas operações precisam ser aprendidas, mesmo que a agência de letramento responsável por isso não seja a escola. E normalmente não é. O letramento deve ser estendido a todos os ambientes onde o texto seja importante. Não é porque a tecnologia é nova que as técnicas mais tradicionais se tornam dispensáveis. É preciso ampliar as possibilidades de letramentos, *horizontalmente*.

O letramento digital pode acontecer por meio de agências as mais diversas, independentemente da escola. Mas também ela pode ser uma das agências fundamentais. Soares (2003) menciona a “pedagogização” de certos conteúdos ou de certas técnicas que acontecem, primeiro, fora da escola. Os usos do computador parecem ser uma delas. “Pedagogizar” seria tornar parte do discurso e das práticas escolares algo que acontece na sociedade. Isso pode ser ruim, quando a escola “força” práticas e conteúdos a entrarem num enquadramento entediante e sistematizado como “regra” ou “proposta didática”; mas pode ser bom quando a escola admite que é necessário levar para dentro de seus muros as práticas da sociedade, desenvolver nos alunos o senso crítico, trabalhar com textos de circulação social, assim como lê-los em suportes que estão nas casas e no trabalho das

---

<sup>35</sup> Para se ter melhor idéia de como isso funciona, sugerimos pesquisar sobre a *Web 2.0*, o jornalismo participativo, jornalismo *open source* ou *participatory journalism*. O texto “Cidadania, comunicação e literacia mediática”, de João Carlos Correia, dá uma boa idéia sobre o assunto. Está disponível no endereço registrado em nossas referências bibliográficas e digitais. A Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação (BOCC), que funciona em [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt), é um bom banco de textos disponível na rede.

<sup>36</sup> Algumas prefeituras têm mantido sistemas de votação na rede. Neles, o cidadão vota como gostaria que o dinheiro público fosse gasto em obras, escolas, etc. Exemplo disso, que funciona, é o do site da Prefeitura de Belo Horizonte, em [www.opdigital.pbh.gov.br](http://www.opdigital.pbh.gov.br), onde fica o Orçamento Participativo Digital.

peças. De certa forma, os “muros” da escola, que a isolam do “mundo lá fora”, podem ser mais frágeis e leves.

Foi Soares (2003) que elencou o computador (e a Internet, quem sabe?) entre as possibilidades da alfabetização e isso parece se estender ao *letramento*, já que o uso da máquina para práticas variadas de leitura e escrita se tornou parte das atividades das pessoas, em sociedade, no trabalho, em casa, na rua e na escola. Se o conceito de *letramento* é amplo a ponto de tratar das práticas que envolvem a cultura escrita, então pode-se dizer que ele é suficiente para abarcar também os usos mais recentes de novas tecnologias e também as técnicas de leitura e escrita que ainda virão. A necessidade de adjetivar os *letramentos* surge da necessidade dos pesquisadores de fazer “recortes”, discernir habilidades específicas relacionadas a este ou àquele ambiente.

Para alcançar algum grau de *letramento digital*, as pessoas precisam aprender ações que vão desde gestos e o uso de periféricos da máquina até a leitura dos gêneros de texto que são publicados em ambientes on-line e expostos pelo monitor. Por exemplo: sites podem conter crônicas, anúncios de emprego, anúncios publicitários, notícias, reportagens, ensaios, resumos de artigos científicos, os próprios artigos, etc. Em muitos casos, a diferença entre as novas mídias e os livros, por exemplo, é que impressos são mídias *unplugged*, off-line.

No computador, o acesso aos textos depende do comando do usuário. Leitores de tela que acessam apenas chats têm *letramento digital* limitado, assim como leitores de jornais impressos que só vão até os textos do horóscopo. Para se chegar aos textos mais complexos, é preciso uma caminhada maior, independentemente dos ambientes. Pessoas que ainda não têm *letramento digital* têm dificuldade de lidar com os equipamentos. É preciso saber como usar o teclado, o mouse, dar dois cliques para abrir programas, um clique para acessar links, usar *logins* e senhas, etc. Depois que ultrapassam essa fase mais “motora”, começam a conhecer a navegação em ambientes, a participação, a leitura, a publicação<sup>37</sup>.

## 2.9 Manuscritos de computador

Já vimos que o *sistema de mídias* e a sociedade em que vivemos não permitem mais que fiquemos isolados em meia dúzia de usos da leitura e da escrita. É necessário que dominemos alguns modos de ler e escrever mais tradicionais e outros bem recentes. Isso

---

<sup>37</sup> D’Andrea (2007) aborda o tema, discutindo habilidades que fazem falta ao leitor da Web 2.0.

inclui máquinas, como aparelhos de telefone celular, computadores e redes que se conectam por meio deles. O letramento mais geral inclui todas essas possibilidades.

Do ponto de vista do produtor de textos, muitas operações foram alteradas com a chegada das novas mídias. A sociedade também faz apropriações inesperadas de alguns suportes. Foi assim na história de vários dispositivos. O mais recente deles talvez seja o telefone celular, que de aparelho para obter ligações telefônicas passou a mídia móvel, ou seja, um dispositivo que recebe e envia textos de vários gêneros: recados, avisos, alertas, propaganda, notícias, *newsletters*, etc., além de tirar fotografias e filmar.

Do ponto de vista do receptor/usuário dos meios, é preciso transitar por várias possibilidades, ampliar o letramento, fazer uso de vários dispositivos. Na pesquisa, pensamos que seja importante “desagregar” os letramentos e, dessa forma, usar lentes de aumento. Nossa intenção é estudar o que é novidade e o que é reconfiguração neste novo sistema de mídias, distinguir a fase da “transposição” de aspectos do impresso para o meio digital e, só mais adiante, observar a navegação plena do leitor.

... o leitor, cada vez mais letrado, deve ganhar a versatilidade de lidar com todos os gêneros, de maneira que não tenha a sensação de completo estranhamento quando tiver contato com novas possibilidades de texto ou suporte. O letramento, além de significar a experiência com objetos de leitura, também deve possibilitar que o leitor deduza e explore o que pode haver de híbrido e reconhecível em cada gênero ou em cada suporte, e, assim, manipulá-lo como quem conquista, e não como quem tem medo. (RIBEIROa, 2005, p. 135-136)

O letramento digital está dentro do *continuum* do letramento mais amplo, não linearmente, mas numa rede de possibilidades que se entrecruzam. Ele pode começar no impresso e partir para os meios digitais, uma vez que muitas ações são semelhantes nesses ambientes. Ou fazer o trajeto no sentido contrário. O importante é compreender que a relação entre os dispositivos para a comunicação foi recentemente reconfigurada. Conseqüentemente, as possibilidades e as exigências do letramento, também.

## **2.10 Letramento e leitura de jornais**

As agências de letramento responsáveis pelo desenvolvimento, em um leitor, de habilidades de leitura especificamente de jornais não podem ser delimitadas com clareza. Há quem aprenda os gestos da leitura de jornais em casa, com a família; há quem o faça na escola, nas aulas de uma ou outra disciplina, às vezes História, outras vezes Geografia ou Português. Outros jeitos de aprender a manipular e a ler cadernos e sumários também são cabíveis e autorizados. Não é, portanto, simples apreender uma realidade tão heterogênea.

Se é comum que as pessoas sejam alfabetizadas na escola e narrem essa experiência de modo a mencionar, sempre, aquela agência, no caso de alguns objetos de ler isso não ocorre. Da mesma forma, o desenvolvimento da relação entre o leitor e o jornal não acontece de modo igual para todos. A ordem da leitura sempre foi personalizada, de acordo com os interesses (que vão se configurando e mudam sempre) e as influências de cada leitor. Alguns lêem o jornal “de trás para frente”, outros saltam cadernos, ainda outros têm seus espaços prediletos, escolhem seções e ignoram outras, às vezes cadernos inteiros. E o que é ler bem um jornal? Se não há padrão, como refletir sobre as apropriações que são feitas dele pelos leitores múltiplos que ele pode ter? Só mesmo à luz do conceito de letramento é possível fazer isso. Só mesmo tendo em mente que os comportamentos de leitura e as “fases” dos leitores são várias e que existem, então, graus de letramento, também no uso de uma interface. O leitor jamais sairá da “fase transpositiva”, já que sempre acionará conhecimentos da tecnologia da escrita para aprender novas técnicas. Procurar notícias pode ser flunar e pode ser ir diretamente aos pontos de interesse. E qual deles é o certo? Não há resposta para esta questão. O que pensamos ser possível é tentar desenhar os jogos que os leitores fazem quando têm diante de si a aventura de um objeto de ler.

### 3 Hipertextos, textos e mídias mosaíquicas

*A memória dos lances antigos  
é essencial a toda partida de xadrez.*

Michel de Certeau, 1994.  
*A invenção do cotidiano*

O objetivo desta seção é oferecer ao leitor uma breve linha histórica, na qual localizar os estudos atuais sobre as novas tecnologias. Não se trata de um mapeamento exaustivo e completo, até porque soaria paradoxal querê-lo de algo que se transforma tanto quanto o computador, a Internet e suas redes. Este retrato pobre dos estudos das novas tecnologias acontece nos primeiros anos do século XXI e corre o risco de envelhecer precocemente.

Sob as lentes panorâmicas da história, é possível ver que as pequenas e as grandes reconfigurações da cultura escrita aconteceram no hemisfério norte. Também foi lá que, no século XV, um alemão inventou a prensa a partir da qual os livros passaram a ser impressos em série. Para alguns, a primeira mídia de massas (CARPENTER; McLUHAN, 1971). Foram os franceses os maiores produtores de impressos durante alguns séculos. Foi também na França e na Itália que ocorreram as mais conhecidas políticas de produção e mercado de livros de bolso. Não surpreende que da França dos iluministas tenham vindo os debates de Pierre Lévy e Roger Chartier, respectivamente o filósofo das “tecnologias da inteligência” e o historiador das práticas da leitura.

Daqui em diante, este percurso sem fronteiras nítidas e cheio de senões contingentes será apresentado na forma de uma resposta à pergunta que me tem guiado e a muitos especialistas: o que é um hipertexto?

#### 3.1 Linearidade, não-linearidade: discussão fundamental sobre o hipertexto

Uma das características mais importantes e mais debatidas do hipertexto é a não-linearidade de sua arquitetura, que enseja a ação não-linear de leitura pelo “usuário”. No lugar do texto apresentado em larga coluna (a mancha tipográfica) na página (de papel) ou mesmo em colunas paralelas (como nos jornais e nas revistas), o texto apareceria em blocos menores, em colunas largas ou estreitas, mas apenas parcialmente aparentes. Cada bloco seria o começo (ou o fim) de outro e entre eles haveria um acesso possível (ou vários), o

link, em geral discriminado das restantes palavras e frases do texto por uma cor ou uma sublinha<sup>38</sup>, no caso da interface da WWW.

Esse modo de produzir textos, em que o leitor vê uma face da obra, mas não tem acesso direto às outras, desencadeia uma discussão que já data de décadas. É possível encontrar quem defina o hipertexto por essa característica e quem diga que isso já existia muito antes de os computadores serem inventados. A não-linearidade é, já, para alguns, uma premissa: se é não-linear, é hipertexto<sup>39</sup>. Para outros, isso não basta. É preciso ser não-linear, mas também é necessário ter outras características, como, por exemplo, estar em ambiente digital (Para citar alguns, Ilana Snyder, 2001 e em vários trabalhos, e, no Brasil, Xavier, 2004 e Soares, 2002).

Na defesa de um critério que não considere obrigatório o ambiente digital para admitir o hipertexto estão Roger Chartier (especialmente 1998b e 2002) e Pierre Lévy (especialmente 1993 e 1996). Suas obras, no entanto, surgem muito mais recentemente do que as discussões sobre linearidade (e seu oposto) vindas à luz num livro de 1971, organizado por Edmund Carpenter e Marshall McLuhan. Na obra em questão, Dorothy Lee afirma que “em nossa cultura, a linha é fundamental”. A defesa da linha é feita com exemplos e citações sobre a importância absoluta dessa lógica. “Vemo-la na natureza visível, entre pontos materiais, e também a vemos entre pontos metafóricos, como dias ou atos. Está subentendida não só em nosso pensamento, mas também em nossa apreensão estética do que nos é dado” (LEE, 1971, p. 173).

Em outro trecho, Lee refina a percepção de que a linha nos guia e orienta, inclusive na pesquisa acadêmica.

Está presente na *indução e dedução* da ciência e da lógica. Está presente na fraseologia de meios e fins do filósofo, linearmente combinados. Os nossos fatos estatísticos são linearmente apresentados como *gráfico* ou reduzidos a uma *curva* normal. E todos nós, creio eu, estaríamos perdidos sem os nossos diagramas. *Traçamos* uma evolução histórica; *seguimos* o curso da história e da evolução *até* o presente e *partindo* do macaco. (LEE, 1971, p. 174)

Robert Graves, em outro capítulo da mesma obra, faz o contraponto e traça uma história concisa da desimportância da linearidade para nos conduzir.

<sup>38</sup> Convencionou-se discriminar o item que funciona como link pela cor azul e um sublinhado, que pode aparecer apenas quando o cursor passa em cima da palavra.

<sup>39</sup> Roger Chartier e Pierre Lévy, os mais conhecidos teóricos das novas tecnologias de informação, parecem assumir que proto-hipertextos já existiam no papel. Ambos citam as enciclopédias e as notas de rodapé como hipertextos no papel, trilhas não-lineares que tiram os olhos do leitor da mancha principal de texto.

A tirania da linha orientadora não pode ser muito antiga, a julgar pelas palavras que comunicam a noção de linearidade. Linha (*line*, em inglês) é o latim *linea*, que originalmente significava o fio esticado de linho pendente do fuso de fiar, e era inocente de direção lateral. (GRAVES, 1971, p. 192)

O mesmo autor desabona a linha com argumentos históricos tão convincentes quanto os de Lee.

Reconhecidamente, a lavra em sulcos retos demonstrou depois ser uma maldição para a agricultura, em virtude de criar regiões sujeitas a secas prolongadas e à acumulação de pó; e o pensamento linear militar demonstrou ser um fracasso quando defrontado pelas táticas não-lineares de infiltração. (GRAVES, 1971, p. 192)

Como se observa, linearidade e não-linearidade são tópicos de discussão 20 anos antes da obra de Pierre Lévy ser traduzida no Brasil. Para uns, a linha ajuda, por exemplo, o leitor a perceber coerência no texto; para outros, a não-linearidade promete maior interatividade e mais opções de busca consciente para um leitor mais ativo e comprometido (por exemplo, neste caso, Landow, 1997). Neste trabalho, preferimos considerar a não-linearidade um critério importante para o reconhecimento do hipertexto, esteja ele em ambiente digital ou impresso.

### 3.2 Origens do hipertexto

Atribui-se o início da história do hipertexto a dois personagens vastamente citados nos textos que tratam das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação: Vannevar Bush e Theodore Nelson. O primeiro teria sido o responsável pela concepção do hipertexto, a idéia de uma máquina em que os dados não fossem dispostos e acessados linearmente. Ainda não com esse nome e nem com todas as propriedades descritas pelos pesquisadores que se seguiram, mas já algo com a característica de fazer ligações entre informações por meio de “encruzilhadas” virtuais e informacionais, por meio de uma máquina, à época já os sistemas informáticos e computacionais, embora em formatos bem menos compactos que os atuais.

Nelson é apontado como o cientista que deu nome ao objeto descrito por Bush. *Hipertexto* teria sido a palavra cunhada para batizar um sistema em que as informações se ligassem por meio de links navegáveis. Dessa maneira, o leitor/usuário poderia acessar partes do sistema em qualquer ordem, ou melhor, em uma ordem que refletisse organização mais “pessoal” do que em outros ambientes. De certa maneira, Nelson

idealizava um modo “customizado”<sup>40</sup> de ler e escrever. Pensar o hipertexto como um sistema baseado em texto no/do qual se pode entrar ou sair quando e onde se desejar é, no entanto, desconsiderar certa continuidade e certa organização que dependem, sim, do leitor, mas sempre também estiveram indiciadas pela formulação ou pela construção do texto.

Do ponto de vista da Lingüística, vários pesquisadores têm tentado compor um quadro dos processamentos cognitivos da leitura e, especificamente, a de hipertextos. Às vezes tratando o hipertexto como novidade, outras vezes mais atentos à história das práticas da leitura no mundo ocidental, trata-se de tentar verificar quanto ou como o hipertexto em ambientes digitais pode ter mudado as maneiras de ler do homem contemporâneo. Não raro, os estudos lingüísticos se esquecem de que o homem/leitor é histórico e social. Por isso mesmo, aprendiz de gestos, de ferramentas, de procedimentos. Muitas vezes, esquece-se de que formatos e suportes do texto implicam leituras e, com um McLuhan relido (e arrefecido), que o meio e a mensagem estão em relação íntima<sup>41</sup>.

### 3.3 Os precursores

A maior parte dos textos sobre a história do hipertexto menciona o *insight* do físico e matemático Vannevar Bush sobre o hipertexto (ainda sem esse nome) como uma espécie de simulação de nossa maneira de pensar, ou seja, a realização física e visível de nossa operação mental, um modelo de como funcionaria nossa mente.

Na década de 1940, Bush era diretor de uma agência civil conhecida como *Office of Scientific Research and Development (OSDR)*<sup>42</sup>, cuja missão era firmar contratos de pesquisa e inovação com empresas privadas e universidades (MOWERY & ROSENBERG, 2005). Não apenas por isso, ele era autoridade importante na política científica dos EUA, país que, no pós-guerra, viu florescerem novas indústrias, inclusive a de computadores. Durante a Segunda Guerra, houve incentivo para desenvolver calculadoras de alta velocidade e resolver problemas militares.

Já nos anos 1950 e 60, as primeiras grandes compras de máquinas computadoradas eram feitas por agências federais de defesa e espionagem. O IBM 701 foi desenvolvido em 1953, pela International Business Machines, para o Departamento de Defesa. Os microprocessadores foram inventados em 1971 (pela Intel) e ajudaram a melhorar os

<sup>40</sup> De *custom* (inglês). Diz-se de algo customizado quando é adaptado aos interesses e às necessidades do usuário, personalizado.

<sup>41</sup> McLuhan defendia a célebre idéia de que “o meio é a mensagem”. Para nós, meio e mensagem estão em íntima relação, às vezes com mais e às vezes com menos intensidade.

<sup>42</sup> Escritório de Pesquisa e Desenvolvimento Científico.

computadores de mesa, que ganharam o mundo na década de 1980. Mas, à moda do hipertexto, em que nós são ligados a outros nós ou a outras redes por meio de links e em que não há eixo ou centro, mas relevâncias e movimento, também as tecnologias precisaram se integrar para que surgissem novas máquinas e programas. Fluxos inter-setoriais de tecnologia, como a fusão de invenções da eletrônica, da química e da engenharia, foram de suma importância para que se pudesse chegar aos computadores que existem hoje.

Vannevar Bush é considerado o “pai” da idéia de hipertexto pela publicação do artigo “As we may think”<sup>43</sup>, na revista *The Atlantic Monthly*, em julho de 1945, em que faz um apanhado das invenções científicas originadas no esforço de guerra dos Estados Unidos e das invenções que poderiam ajudar o homem do pós-guerra a viver melhor. A máquina de arquivar memória descrita no texto, na verdade, era uma espécie de microfilme extensor de memória (Memex) que não serviria apenas para registrar, mas que teria uma maneira inteligente de indexar e buscar, em caso de necessidade, a informação solicitada. Preocupado com máquinas de calcular e modos de gravação de voz, Bush passou a criticar o modo como as indexações de informação eram feitas. Segundo ele:

Quando dados de qualquer espécie são arquivados, eles são estocados por ordem alfabética ou numérica, e a informação é encontrada (quando o é) pela busca de subclasse por subclasse. (...) A mente humana não funciona assim. Ela opera por associação. Quando um item é acionado, ele busca instantaneamente o próximo que é sugerido pela associação de pensamentos; de acordo com uma rede intrincada de trilhas formadas pelas células do cérebro. Isso tem outras características, claro. Trilhas que não são usadas com frequência tendem a se apagar, os itens não são permanentes, a memória é transitória. (BUSH, 1945. Tradução nossa)

O matemático explica como seria a Memex, assim como chega a profetizar que “novas formas mais completas de enciclopédia aparecerão, prontas para terem trilhas associativas correndo dentro delas”. Embora Vannevar Bush tenha ficado especialmente conhecido pela concepção do que seria, mais tarde, denominado hipertexto, ele teve, para os Estados Unidos, muito mais funções do que a de autor de um artigo visionário.

Em 1965, o estudante de graduação em Harvard, Theodore Nelson, apresentou, em uma conferência nacional da *Association for Computing Machinery*, um projeto chamado

---

<sup>43</sup> Uma tradução deste artigo foi feita por alunos da Faculdade de Letras da UFMG, coordenados por mim e pela profa. Carla Viana Coscarelli, e circula nos cadernos *Viva Voz*, pré-publicação cujo objetivo é formar editores e revisores de texto no âmbito da faculdade. O volume tem o nome *O hipertexto em tradução* (Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2007).

Xanadu. Para o estudante, trava-se de uma visão do que poderia vir a ser o “hipertexto”, termo cunhado por ele para descrever algo muito parecido com a idéia de Vannevar Bush.

Segundo Nelson, em entrevista concedida a Jim Whitehead (1996), a inspiração que o levou a desenvolver o hipertexto partiu da necessidade que ele mesmo sentia de trabalhar, lendo e escrevendo, em uma máquina capaz de apresentar os blocos de texto produzidos de forma não-linear, também de maneira que o autor pudesse mover as partes do texto e editá-las sem tanto trabalho quanto na escrita linear impressa ou manuscrita. Nelson volta aos tempos de criança, quando

tinha idéias e formulava sentenças e tentava rearranjá-las em estruturas coerentes de pensamento. Isso me parecia uma tarefa particularmente complexa e eu pensava de maneira não-sequencial e, de alguma maneira, colocava tudo a perder porque a impressão, como aparecia no papel, e a escrita cursiva são sequenciais. (WHITEHEAD, 1996)

Para ele, algo estava errado em todo o processo de idealizar, formular, escrever e ler. Se os pensamentos eram estruturados de maneira não-sequencial, não haveria motivos para fixá-los de maneira que parecessem lineares. Nelson diz, sobre a inspiração para Xanadu, que “o leitor tem que tomar essa estrutura linear e fazer a recomposição, colocando-a, de novo, na estrutura não-sequencial”. E mais:

Você tem duas tarefas adicionais: desconstruir os pensamentos e torná-los uma seqüência linear, de depois reconstruí-los. Por que isso não poderia ser feito tendo uma estrutura não-sequencial de pensamento apresentada diretamente? Essa era a hipótese do hipertexto, que poderia economizar tempo e esforço tanto do escritor quanto do leitor”. (WHITEHEAD, 1996)

Nelson tinha em mente um certo modelo de como escrita e leitura se davam e Xanadu mostrava-se uma maneira de realizar tais processos, ou uma forma de simular o que nos ocorre na mente enquanto formulamos textos, seja lendo seja escrevendo. É importante frisar, no entanto, que Nelson trazia entre as premissas de seu trabalho de engenharia de computadores que os textos não realizam o que a mente de fato faz; que os textos, de alguma maneira, sob a arquitetura do hipertexto, poderiam ser uma espécie de simulação do que se passa na mente humana ao escrever e ler; que essa “animação” dos processos mentais encontraria meios de se tornar um mecanismo externo e, portanto, extensor das capacidades mentais humanas, como queria Vannevar Bush.

### 3.4 Outros estudos, outras idéias

O computador foi inventado durante a Segunda Guerra Mundial, no entanto, as discussões mais densas sobre ele emergiram muitos anos depois, quando as máquinas saíram das salas secretas de órgãos militares e mudaram o cenário do compartilhamento de informações, das comunicações, assim como passaram a ser um novo aspecto das relações profissionais e sociais.

Na década de 1990, com a difusão de navegadores com interfaces gráficas, ou seja, desenhados para o uso de pessoas pouco ou nada especializadas, as máquinas entraram na vida de cidadãos comuns e a discussão de sua aplicação em instâncias como a escola, por exemplo, tornou-se ampla. Fazendo previsões otimistas ou retecendo fios da história, pesquisadores surgiram com força, entre eles, o francês Pierre Lévy.

No final dos anos 80 e início dos anos 90 do século XX, a Europa, berço da escrita, do livro e da imprensa, reagiu à invenção das novas formas de ler e escrever. A França, por muito tempo guardiã da cultura impressa e propulsora (junto com a Itália) dos modos populares de ler (livros de baixo custo e ampla difusão), produziu grande parte dos pensadores do hipertexto e de suas inspirações.

Em 1990, Lévy apresentava a teoria que chamou de “ecologia cognitiva”. Para o filósofo, o hipertexto era a metáfora de um mundo sem barreiras. Os textos e as pessoas estavam ligados de maneira complexa e não havia motivos para pensar o hipertexto apenas como a realização de um texto em que pequenos blocos de informação se ligavam por links. O conceito de hipertexto foge ao domínio informático e traduz-se em domínios como o das cidades e o das bibliotecas de verdade.

Em 1993, Lévy publicou sua obra mais conhecida, *As tecnologias da inteligência*, em que salienta a participação de Bush na história do computador e, principalmente, na história da criação do que ele chama de “tecnologias da inteligência”, referindo-se às máquinas, programas e interfaces “inteligentes”. Citado à exaustão, Lévy é chamado a reforçar quase todos os trabalhos da contemporaneidade sobre hipertexto. Não seria aqui o lugar de faltar a citação mais famosa do filósofo francês, qual seja, aquela em que ele define, de maneira concisa, um hipertexto:

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto

desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LÉVY, 1993, p. 33)

Menos famosa do que essa, a citação a seguir, do mesmo livro, na mesma página, tem caráter bastante mais mecânico, não passando muito de uma descrição de máquinas e programas que vinham sendo pesquisados na década de 1990: “Funcionalmente, um hipertexto é um tipo de programa para a organização de conhecimentos ou dados, a aquisição de informações e a comunicação” (LÉVY, 1993, p. 33).

Na obra *O que é o virtual?*, publicada no Brasil três anos depois do livro mais conhecido, a primeira preocupação de Lévy é estabelecer um conceito de virtual. Embora tenha desenhado uma obra para uma discussão específica, o autor passeia pelos conceitos de leitura, pelas ações do leitor ao ler e por conceitos mais arranjados de hipertexto. Para ele, um texto possui certas características que acusam um conceito de leitura hipertextual por definição e por natureza.

Ao mesmo tempo que o rasgamos pela leitura ou pela escuta, *amarrotamos* o texto. Dobramo-lo sobre si mesmo. Relacionamos uma à outra as passagens que se correspondem. Os membros esparsos, expostos, dispersos na superfície das páginas ou na linearidade do discurso, costuramo-los juntos: ler um texto é reencontrar os gestos têxteis que lhe deram seu nome. (Lévy, 1996, p. 35-36)

Não é difícil encontrar aí algo de barthesiano na urdidura natural de algo que se deseja chamar de “texto”. Depois de longas páginas de navegação por uma idéia sem nome, Lévy assume:

Desde o início deste capítulo, você ainda não leu a palavra “hipertexto”. No entanto, não se tratou de outra coisa a não ser disto. Com efeito, hierarquizar e selecionar áreas de sentido, tecer ligações entre essas zonas, conectar o texto a outros documentos, arrimá-lo a toda uma memória que forma como que o fundo sobre o qual ele se destaca e ao qual remete, são outras tantas funções do hipertexto informático. (LÉVY, 1996, p. 37)

Não fosse o adjetivo “informático”, ao final da citação, e Lévy teria definido o texto onde quer que ele esteja, muito especialmente no sentido de Nelson, quando afirma que o leitor trabalha com arquiteturas hipertextuais quando se dá o trabalho de ler, e o escritor faz o contrário quando tira um retrato, em duas dimensões, do texto que havia ideado. Lévy também revela um conceito que lhe é caro, o de “tecnologia intelectual”, papel cumprido por todos esses mecanismos de realizar modos de trabalho da mente de quem escreve e lê:

Uma tecnologia intelectual, quase sempre, exterioriza, objetiviza, virtualiza uma função cognitiva, uma atividade mental. Assim fazendo, reorganiza a economia ou a ecologia intelectual em seu conjunto e modifica em troca a função cognitiva que ela supostamente deveria apenas auxiliar ou reforçar. As relações entre a escrita (tecnologia intelectual) e a memória (função cognitiva) estão aí para testemunhá-lo. (LÉVY, 1996, p. 38)

Para Lévy, o hipertexto é “uma matriz de textos potenciais” (LÉVY, 1996, p. 40) realizados na interação com o usuário. Visto sob esse prisma, o hipertexto é o produto da leitura de qualquer texto e o “ato de leitura é uma atualização das significações de um texto, atualização e não realização” (LÉVY, 1996, p. 41-42). A realização, provavelmente, se enquadraria mais no que seria a ação de escrever o que a mente projetou. Hoje em dia, escrever em artefatos que possam simular, de maneira mais ou menos fiel, o que de fato ocorre na mente. Para confirmar isso, cita-se o trecho:

O hipertexto, hipermídia ou multimídia interativo levam adiante, portanto, um processo já antigo de artificialização da leitura. Se ler consiste em selecionar, em esquematizar, em construir uma rede de remissões internas ao texto, em associar outros dados, em integrar as palavras e as imagens a uma memória pessoal em reconstrução permanente, *então os dispositivos hipertextuais constituem de fato uma espécie de objetivação, de exteriorização, de virtualização dos processos de leitura*. Aqui, não consideramos mais apenas os processos técnicos de digitalização e de apresentação do texto, mas a atividade humana de leitura e de interpretação que integra as novas ferramentas. (LÉVY, 1996, p. 43-44)

A despeito das discussões atuais, especialmente nas ciências da Comunicação, sobre as conceituações de hipermídia e multimídia, Lévy funde todas as possibilidades do que chama de “artificialização da leitura”. Ainda aqui a metáfora da simulação da mente e a idéia de exteriorização 3D de processos mentais. Mais do que multimídia ou hipertexto, a interatividade ganha o *status* de critério para essa artificialização. Conforme nova formulação de Lévy, a seguir, o texto passa a ser “digitalizado”, palavra que surte um sentido de que algo se constrói fora do digital e migra para lá. O hipertexto, em fusão com hipermídia e multimídia, então, é, necessariamente, multimodal e serve para um usuário intuitivo: “a digitalização permite associar na mesma mídia e mixar finamente os sons, as imagens animadas e os textos. Segundo essa primeira abordagem, o hipertexto digital seria portanto definido como uma coleção de informações multimodais disposta em rede para a navegação rápida e ‘intuitiva’”. (LÉVY, 1996, p. 44)

A “intuição” da navegação é assunto para ser tratado em outra parte deste trabalho, onde não será suficiente mencionar ações intuitivas, mas será imprescindível tratar das interfaces “amigáveis”, assim como da ancoragem das ações do usuário em ambientes que lhe pareçam familiares. Ao contrário do que queria Ted Nelson, a navegação intuitiva aproxima o leitor leigo, diga-se, não especialista em máquinas e softwares, do computador

e da WWW. Algo que, para o autor do termo “hipertexto”, deveria ser repensado. Para algumas hipóteses sobre o que seja ler, questão que se coloca sempre na pauta de quem pesquisa o hipertexto, Lévy tem alguma sugestão: “Se ler consiste em hierarquizar, selecionar, esquematizar, construir uma rede semântica e integrar idéias adquiridas a uma memória, então as técnicas digitais de hipertextualização e de navegação constituem de fato uma espécie de virtualização técnica ou de exteriorização dos processos e leitura”. (LÉVY, 1996, p. 49-50)

Com esta última citação, é possível entrever, apesar da longa discussão do autor em tantas obras, a idéia mais bem-formulada de que o hipertexto seja uma “tecnologia da inteligência”, um modo de exteriorizar o que se passa na mente enquanto ela opera com textos. Nessa mesma trilha, textos são, obrigatoriamente, objetos de escrita e de leitura intersemióticos, relacionados, sem muita distinção, a imagens, sons, cores, palavras, animação e, claro, aos lugares onde estão realizados, o “suporte”.

Também da França vêm as reflexões do historiador Roger Chartier, que não toma como foco especificamente o hipertexto e nem os aspectos cognitivos e psicolinguísticos da leitura, mas preocupa-se com a história da leitura e do leitor, dos gestos e dos hábitos da gente comum.

Sem negar a importância da macro-história, aquela dos grandes eventos e personalidades, a História Cultural prefere observar o micro-acontecimento, assim como descobrir, nas ações do cotidiano, detalhes importantes da vida em determinadas épocas (PESAVENTO, 2005). A História Cultural, em seu recorte da história do leitor, prefere, ao grande evento, narrar a história “vinda de baixo”, na expressão de Hunt (2001). Por esse viés, Chartier é um dos mais conhecidos pesquisadores do livro, objeto que foi resignificado ao longo dos séculos, assim como do leitor e suas práticas de leitura. Para ele, “entre as lamentações nostálgicas e os entusiasmos ingênuos suscitados pelas novas tecnologias, a perspectiva histórica pode traçar um caminho mais sensato, por ser mais bem informado” (CHARTIER, 2002, p. 9). É sob essa luz que o autor aborda o hipertexto. Não como sua preocupação principal, mas como um dos artefatos de ler e de escrever, sempre considerado dentro de uma longa história de idas e vindas, extinções e inovações, assim como, principalmente, de concomitâncias e continuidades.

Alguns conceitos são caros ao historiador francês. Ao menos três deles podem ser citados aqui: leitura intensiva, leitura extensiva<sup>44</sup> e a idéia de que nenhum texto pode ser

---

<sup>44</sup> Segundo Chartier (2001b), essa terminologia é tomada de empréstimo da obra de R. Engelsing.

abstraído do lugar onde está publicado ou realizado, sob pena de não se poder considerar, com justeza, os sentidos que meio e mensagem fazem emergir, juntos. Por essas razões, assumimos postura semelhante à de Chartier em relação à necessidade de ler objetos integrais, considerando texto, suporte e condições de leitura.

Com relação à leitura intensiva, explica Chartier (1998a, p. 23) que era aquela feita por um leitor que se debruçava sobre poucos livros, “apoiada na escuta e na memória, reverencial e respeitosa”. É interessante pensar que livros não foram sempre objetos acessíveis ou baratos. Ler intensivamente era ler os livros possíveis, poucos, mas objetos de estima. Já a leitura extensiva, surgida no século XVIII, era feita por um leitor de muitos textos, “passando com desenvoltura de um ao outro, sem conferir qualquer sacralidade à coisa lida”.

O leitor “extensivo”, aquele pertence à *Lesewut*, da fúria de ler que invade a Alemanha nos tempos de Goethe, é um outro leitor bem diferente: ele consome impressos numerosos e diversos; ele os lê com avidez e velocidade; ele exerce em seu lugar uma atividade crítica que não se omite frente a qualquer domínio ou dúvida metodológica. (CHARTIER, 1998a. p. 99-100)

O leitor de hipertextos, ao menos o dos hipertextos em ambiente digital, nasceu em um mundo de leituras extensivas, portanto não se aproxima do leitor de parcas possibilidades de tempos anteriores. Textos em profusão, em todos os lugares e suportes, são marca dos povos que estão sob a cultura escrita. Considerando o mundo ocidental e as grandes cidades, é quase impossível viver sem ter contato com a escrita e com o texto. Mas é a noção de que textos e suportes são inseparáveis que guia os estudos e as certezas de Chartier. O leitor jamais lê apenas com os olhos. O corpo também interage com os objetos de ler, sejam eles tábuas de cera ou computadores. Chartier, assim como nós, certamente rebateria afirmações segundo as quais o leitor de textos em ambiente digital é mais ativo do que leitores de tela, conforme chega a formular LÉVY (1996, p. 40) e afirma veementemente LANDOW (1997).

Com relação ao leitor, Chartier afirma que agem produzindo algo que é “da ordem do efêmero” (1998a, p. 11),

Bem longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos lavradores de antanho – mas, sobre o solo de linguagem, cavadores de poços e construtores de casas –, os leitores são viajantes: eles circulam sobre as terras de outrem, caçam, furtivamente, como nômades através de campos que não escreveram, arrebatam os bens do Egito para com eles se regalar. (CHARTIER, 1998a. p. 11)<sup>45</sup>

<sup>45</sup> Aqui, Chartier remete o leitor à idéia de Michel de Certeau sobre o que seja a leitura: uma espécie de caçada em campo alheio.

Com relação a isso, os escritores ou autores são capazes de tecer “apenas” o texto, objeto diverso do livro, tarefa de equipes editoriais que se obrigam a dar mais significados à peça. Em Chartier,

a atenção está voltada para a maneira pela qual as formas físicas – por meio das quais os textos são transmitidos aos seus leitores (ou ouvintes) – afetam o processo de construção do sentido. Compreender as razões e os efeitos dessas materialidades (por exemplo, em relação ao livro impresso o formato: as disposições da paginação, o modo de dividir o texto, as convenções que regem a sua apresentação tipográfica, etc.) remete necessariamente ao controle que editores ou autores exercem sobre essas formas encarregadas de exprimir uma intenção, de governar a recepção, de reprimir a interpretação. (CHARTIER, 1998a, p. 35)

É nesse sentido que o autor manifesta sua curiosidade e sua preocupação com relação aos novos dispositivos de leitura e escrita. É na medida em que eles mudam gestos, hábitos e maneiras de compreender textos. Para Chartier, “a transformação das formas e dos dispositivos através dos quais um texto é proposto pode criar novos públicos e novos usos”, ou, “passando do códex à tela, o ‘mesmo’ texto não é mais o mesmo, e isso porque os novos dispositivos formais que o propõe a seu leitor modificam as suas condições de recepção e compreensão” (CHARTIER, 1998a, p. 92).

É impossível não perceber certo incômodo de Chartier com relação a uma improvável aventada hipótese de extinção do livro. Para ele, “apenas preservando a inteligência da cultura do códex poderemos gozar a ‘felicidade extravagante’ prometida pela tela” (CHARTIER, 1998a, p. 107). No entanto, em alguns pontos de suas obras, o autor deixa se insinuar certa visão “linear” de artefatos que se substituem, suplantam e superpõem. É assim que afirma que a tela seria “substituta do códex”, o que causa uma transformação radical nos “modos de organização, de estruturação, de consulta ao suporte do escrito que se modificam” (CHARTIER, 1998a, p. 98). Se há essa troca de dispositivos, há revolução na leitura. Para ele, os objetos impressos apresentavam relações contíguas e os tempos do computador são evidentemente uma era de leituras mais fragmentadas. Navegar o que ele chama de “arquipélagos textuais sem margens nem limites” se contrapõe à captação da obra completa, sensação que o impresso dava ao leitor, idéia de que estava tudo ali, entre os dedos. Para nós, neste trabalho, este é um ponto fraco de Chartier. Os sentidos do texto jamais estiveram contidos em algum ambiente, fosse ele divisível entre capas ou não. Todo texto é um produto “sem margens nem limites”, toda leitura é um processo em eterno *reloading*.

Em compensação, concordamos com Chartier em outro ponto: as mudanças materiais “comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais”. Se outras épocas testemunharam mudanças leves ou nenhuma mudança nas “estruturas fundamentais do livro”, nosso tempo assiste a uma “revolução dos suportes e formas que transmitem o escrito”. Para Chartier (1998a, p. 101), a mutação atual só encontra precedente na “substituição do *volumen* pelo códex – do livro em forma de rolo pelo livro composto por cadernos reunidos –, nos primeiros séculos da era cristã”. E embora o autor não focalize, de maneira veemente, as mudanças cognitivas pensadas pelos cientistas de sua época, não deixa de indicar as possibilidades de mudança nos processos mentais do novo leitor ou do leitor da era da “textualidade eletrônica”. “O universo de textos eletrônicos significará, necessariamente, um distanciamento em relação às representações mentais e às operações intelectuais especificamente ligadas às formas que teve o livro no Ocidente há dezessete ou dezoito séculos” (Chartier, 1998a, p. 106). De qualquer forma, é arriscado fazer previsões. O que se tem é que certamente mudanças, tanto cognitivas quanto sociais, acontecem e continuarão acontecendo. Em relação ao corpo, diz Chartier que

Ainda não sabemos, contudo, muito bem como essa nova modalidade de leitura transforma a relação dos leitores com o escrito. Sabemos que a leitura do rolo da Antigüidade era uma leitura contínua, que mobilizava o corpo inteiro, que não permitia ao leitor escrever enquanto lia. Sabemos que o códex, manuscrito ou impresso, permitiu gestos inéditos (folhear o livro, citar trechos com precisão, estabelecer índices) e favoreceu uma leitura fragmentada mas que sempre percebia a totalidade da obra, identificada por sua própria materialidade. (CHARTIER, 2002, p. 30)

Em suas várias obras, Chartier raramente toca no nome “hipertexto”, embora cite inúmeras vezes a “textualidade eletrônica”. Em um dos poucos momentos em que adentra por aquele conceito, em obra mais recente, arrisca que

O hipertexto e a hiperleitura que ele permite e produz transformam as relações possíveis entre as imagens, os sons e os textos associados de maneira não-linear, mediante conexões eletrônicas, assim como as ligações realizadas entre os textos fluidos em seus contornos e em número virtualmente ilimitado. Nesse mundo textual sem fronteiras, a noção essencial torna-se a do *elo* pensado como a operação que relaciona as unidades textuais recortadas para a leitura. (CHARTIER, 2002, p. 108-109)

Hipertexto, hiperleitura e ambientes telemáticos estão intimamente relacionados aqui, embora Chartier seja um dos teóricos das origens do hipertexto na invenção dos índices, sumários e enciclopédias. Imagens, sons e textos voltam a lembrar uma maneira

intersemiótica de compreender a leitura, assim como a não-linearidade e as conexões eletrônicas (links) são citadas como critérios centrais de um texto infinito. A intuição, citada por Lévy, volta em outro trecho de Chartier, quando ele afirma que “a comunicação eletrônica dos textos não transmite por si mesma o saber necessário à sua compreensão e utilização. Pelo contrário, o leitor-navegador do digital corre o grande risco de perder-se totalmente em arquipélagos textuais (cf. BERRING, 1995)” (CHARTIER, 2002, p. 120-121). Dessa forma, o leitor-navegador, acostumado, filogeneticamente, à “ordem dos livros” e aos gestos do códice, terá de reconfigurar sua ação para ler na tela, algo que não acontece, segundo o historiador, de maneira auto-explicativa, o que põe relatividade à idéia de que a navegação é intuitiva e familiar.

Para Chartier,

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 1998b, p. 77)

Nessa relação entre corpo e objeto de ler, não se discute devidamente, porém, as proximidades e distâncias entre hiperleituras em textos impressos e digitais, mimetismos, remediações. Chartier menciona a mudança, mas não especifica práticas que se diferenciam de acordo com o suporte e o gênero textuais ou mesmo não menciona os gestos do leitor quando ele lê na tela objetos ancorados na cultura impressa, como é com os jornais, em grande parte dos casos.

### **3.5 Bolter, Landow e os pesquisadores do “grupo Eastgate”**

Os Estados Unidos foram o berço da indústria de computadores e, logicamente, os norte-americanos são pesquisadores otimistas das mudanças causadas pela chegada das máquinas à cultura escrita. Um grupo de pesquisadores da Internet e do hipertexto se destaca, especialmente no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT): George P. Landow, Michael Joyce, J. David Bolter e Stuart Moulthrop, entre outros. Segundo Cunha (2004), esses pesquisadores têm defendido, principalmente, certa polaridade entre leitores de material impresso e leitores de material digital, de maneira que aqueles seriam mais passivos do que estes na lida com os textos.

A publicação eletrônica teria trazido a possibilidade de superação dos sistemas conceituais típicos da comunicação de base impressa, como as idéias de hierarquia, linearidade, centro e

margem. E também a superação da unidirecionalidade e da “imposição” típicas da comunicação de massa. O novo paradigma, possibilitado pelas novas tecnologias, envolveria características como a multilinearidade<sup>46</sup>, a abertura, a descentralização, a maior inclusão de informações não verbais e uma reconfiguração das noções de autoria, direitos autorais e das relações de status entre autor e leitor. Para Landow (1994, p.1), esse paradigma resulta diretamente da “insatisfação com dois fenômenos interligados: o livro impresso e o pensamento hierárquico”. (CUNHA, 2004)

Se é assim, o leitor está mais “livre” do autor do que o estava no impresso, assim como o hipertexto propiciaria uma leitura mais ativa. Diz Landow (1992), citado por Cunha (2004): “Contando que qualquer leitor tenha o poder de entrar no sistema e deixar sua marca, nem a tirania do centro nem aquela da maioria podem se impor” (Landow, 1992, p. 178 citado por CUNHA, 2004, p, 61-62).

Para os pesquisadores americanos, o hipertexto envolve principalmente elementos como a não-linearidade e a maior interligação entre textos. Além disso, a possibilidade de caminhos e sentidos múltiplos, construídos pelo usuário à medida que opta por determinados links e não por outros, e a possibilidade de o usuário participar da edição do texto são aspectos que ajustam a nova textualidade ao que se quer considerar como uma revolução (mais próxima, nestes casos, do sentido de ruptura).

Mesmo diante de tanto otimismo, Cunha (2004) se propõe uma questão que parece não passar despercebida entre os que se interessam pelos estudos do hipertexto: “terá sido alguma vez passivo este cidadão que, em cinquenta anos, não cessou de assistir, filtrar e hierarquizar um número crescente de mensagens?” (Wolton, 1999, p. 37 citado por CUNHA, 2004, p. 64). Se essa resposta não pode ser dada pelos pesquisadores da Comunicação Social ou da Inteligência Artificial tem, ao menos, abalado a Lingüística e a Filosofia desde que se pretendeu saber o que se passa na mente do leitor enquanto ele lê.

Segundo Mielniczuk e Palácios (2002), Landow (1995, p. 15) também recorre a Theodore Nelson quando define o hipertexto:

uma escrita não-seqüencial, num texto que se bifurca, que permite que o leitor escolha e que se leia melhor numa tela interativa. De acordo com a noção popular, trata-se de uma série de blocos de texto conectados entre si por nexos, que formam diferentes itinerários para o usuário (Nelson citado por Landow, 1995, p. 15, citado por MIELNICZUK; PALÁCIOS, 2002, p. 132-133).

---

<sup>46</sup> É interessante observar que o termo “multilinearidade” se ajusta à realidade do hipertexto na WWW. Não é que exista “alinearidade” ou “não-linearidade”, na verdade, os produtores oferecem múltiplas linhas de leitura, às vezes bem menos linhas do que crêem aqueles que mencionam a infinitude da leitura hipertextual.

Ficam evidentes, então, como configuração do que se quer reconhecer como hipertexto, ao menos três características: 1. os blocos de textos 2. ligados por links 3. em meio digital. Essa fórmula sustentaria uma “dinâmica particular de funcionamento do hipertexto no que diz respeito à organização das informações (escrita) e ao acesso a elas (leitura)” (MIELNICZUK; PALÁCIOS, 2002, p. 133). E se assim é, parece ficar estabelecido, tanto para os americanos quanto para Mielniczuk e Palácios, que o hipertexto também esteja definido pelo meio digital, o que supõe certa negligência do que dizem os historiadores da cultura sobre proto-hipertextos. De qualquer forma, trata-se de uma respeitável escolha teórica, da qual não compartilhamos, embora a idéia de que há reconfigurações nos objetos e nas leituras nos seja cara.

De certa forma, cada vertente de pensadores parece pleitear a invenção do aparato hipertextual, seja ele um sumário ou um link, assim como da navegação como movimento do leitor para a leitura. Segundo Mielniczuk e Palácios (2002), Landow (1997) considera que um hipertexto tenha, como características fundantes e fundamentais, 1. intertextualidade, 2. descentralização e 3. intratextualidade.

Em relação a 1, um hipertexto potencializa o que, nos livros, fica limitado ao espaço de papel que o leitor tem em mãos. Em meio digital, é possível acessar e acionar a intertextualidade ao infinito, pela navegação em um grande banco de dados. O item 2 refere-se à possibilidade de movimentação do leitor pela “malha de blocos de textos interconectados”. Não haveria mais centro fixo, mas um fluxo de recentramentos produzidos pelos movimentos do leitor. Já a intratextualidade (3) diz respeito às ligações dentro do mesmo texto.

Outros cientistas das novas tecnologias são Jay David Bolter e Richard Grusin. Na década de 1990, Bolter desenvolveu o conceito de “espaços de escrita” (*writing spaces*), que caracterizaria o hipertexto como um “lugar” de escrita em ambiente digital. Em 2000, Bolter e Grusin lançaram um conceito que leva em consideração não apenas um “espaço” digital, mas propõem a reflexão sobre as mídias de maneira geral, fazendo um percurso que vai da pintura às telas de computador. Nessa obra, Bolter e Grusin tratam não da “origem” das novas tecnologias, mas de sua “genealogia” ou de suas “afiliações históricas”.

Dessa maneira, os autores, partindo para uma metáfora emprestada do campo das ciências biológicas, evitam que as tecnologias sejam tratadas de maneira isolada e passem a ser vistas e revisitadas como seções de um processo histórico em que umas mídias herdaram características de suas predecessoras, que passam a se constituir, também, das novas tecnologias, de certa forma, à maneira da genética.

Para Bolter e Grusin (2000), a discussão sobre a linearidade (também reconhecida em Landow) tem, necessariamente, sua fundação no sonho humano de simular a realidade e fazer com que o meio se apague<sup>47</sup> ao “transmitir” a mensagem. Ou ainda: que o leitor tenha a sensação de viver uma experiência real, mesmo que diante de uma tela pintada a óleo. Essa idéia teria guiado a “invenção”, pelos pintores e desenhistas, da perspectiva ou da linha de fuga. Os pesquisadores norte-americanos tratam a linearidade como um modo ocidental de ver, perceber, experimentar e descrever o mundo. Daí certa preferência por metáforas também lineares.

### 3.6 Hipertexto no Brasil

Como exposto, há muitas formas de enxergar o problema da leitura de hipertextos, assim como preocupações mais ou menos centrais com os suportes de leitura e escrita, a produção de textos para o ambiente digital e, no domínio pedagógico, a preocupação com o letramento e a exclusão digitais. Também é possível afirmar que há forte preocupação com as novas tecnologias na sala de aula, o que implica abordar o letramento digital.

Marcuschi (2004) associou o hipertexto aos estudos sobre gêneros textuais, cuidando de refletir sobre os gêneros surgidos a partir das novas tecnologias. Para o autor, “Os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita” (2004, p. 13). Também o leitor e a leitura precisam ser repensados:

Para alguns, muda a própria noção do texto ao se considerar a questão do hipertexto. Em consequência, mudaria a noção de autor, leitor e até mesmo de processos de construção de sentido. Não se trata de aspectos triviais como a maior facilidade de lidar como texto e de montá-lo e remontá-lo, pois isso é óbvio, embora do ponto de vista da produção empírica represente uma mudança interessante nas nossas vidas. (MARCUSCHI, 2004, p. 64)

Coscarelli (principalmente 2003a e 2005, com RIBEIRO) tem se esforçado por trabalhar uma concepção de hipertexto que o torne palpável para o professor, aquele que, para ela, pode e deve mudar a sala de aula. Afora a preocupação com a face pedagógica da leitura de hipertextos, Coscarelli dá lugar de destaque a uma outra preocupação: mostrar que toda leitura é hipertextual, independentemente de a realização do texto ser “linear” ou não. A autora parece sugerir um conceito de hipertexto como arquitetura, montagem, já que

---

<sup>47</sup> No design gráfico, correntes funcionalistas defendem o projeto “transparente”, que dê visibilidade ao texto e permita ao leitor uma experiência de legibilidade máxima. Mais sobre isso em Gruszynski (2007). Beiguelman (2003) reflete justamente sobre a experiência de ler o ilegível, experimentar.

pode ser apenas a exteriorização de um “jeito de pensar”<sup>48</sup>. Para ela, não pode haver novidade no hipertexto que o torne tão diverso do que já se conhece sobre a leitura.

Se pensarmos que hipertextos são um conjunto de textos interligados, por meio de links, não há por que acreditar que eles seriam tão diferentes assim dos textos que conhecemos. (...) Acredito que não há nada de novo no hipertexto, a não ser os mecanismos de navegação que tornam mais rápidos os acessos a outros textos. (COSCARELLI, 2003a. p. 1)

Para o reforço da idéia de que o hipertexto deve ser entendido como a simulação de algo que nossas mentes já produzem, escreve a autora que:

Dizer que um texto é composto de elementos que são dispostos um após o outro, numa seqüência linear, não significa que o texto seja linear. Uma notícia vem “logo após” uma manchete, mas elas não formam uma seqüência linear. Há uma hierarquia marcada aqui. A diferença do tamanho da fonte usada nesses dois segmentos do texto indica para o leitor que ele precisa diferenciar esses dois elementos. O mesmo acontece com os títulos e os subtítulos, presentes em vários gêneros textuais.(COSCARELLI, 2003a. p. 2)

Se dedicarmos mais atenção ao trecho citado, é possível entrever a idéia defendida aqui de que um texto não pode ser abstraído do meio. Se o leitor também “lê” as letras (fontes e corpo de fonte), não se pode dizer que leia o texto como um ente separado dos formatos que lhe são dados pelo manuscrito, pela máquina ou pelo computador.

Sobre a hipertextualidade inerente à leitura, Coscarelli (2003a) explica: “Não uso, portanto, o termo linear em oposição a hipertextual por acreditar que a linguagem é, por princípio, hipertextual, lidando sempre com vários espaços, tempos, sujeitos, referências, vozes, entre outros elementos que são processados na leitura de um texto”. E a mesma autora esclarece que

Ligamos uma palavra ou expressão a outras, relacionamos com nossos conhecimentos e experiências anteriores, conectamos com outras idéias e sensações, avaliamos, julgamos, reanalisamos sob outros prismas, consideramos elementos não-verbais, situacionais ou extra-lingüísticos e assim por diante, estabelecendo uma rede plúridimensional de relações, a que podemos chamar também de hipertexto (lembrando da diferença que apontei acima de texto - e por conseguinte, hipertexto - como produto físico e como processo cognitivo. Aqui estou falando do processo cognitivo). (COSCARELLI, 2003a. p. 3)

Fica claro que o hipertexto que tem movido as pesquisas da autora é o processamento mental de quem lê, não se preocupando ela tanto em definir formatos ou

---

<sup>48</sup> Insistimos: as idéias de Bush e de Nelson sobre a máquina de hipertextos foram concebidas a partir do que os cientistas achavam que fosse nosso modo de pensar. O leitor tem, então, um banco de dados entrecruzados na cabeça e os modelos foram construídos a partir dele, e não o contrário.

conceitos para o que ela chama de “produto físico” hipertextual ou a realização do texto em forma diversa dos textos que conhecemos impressos em papel. Não cabe diferenciar texto de hipertexto, portanto, deste ponto de vista.

Para os professores e pesquisadores da Comunicação Social, no entanto, não é difícil pensar o texto inerente aos suportes e aos efeitos do que a Lingüística poderia considerar extratextual. Como seria de esperar, a Comunicação Social se vê ocupada em compreender o consumidor de informação, assim como em atingir o novo leitor de telas. Grande parte dos trabalhos se concentra na pesquisa sobre as novas formas de produzir textos e ambientes informacionais, assim como sobre um novo perfil profissional para o comunicador que trabalha com mídias, especialmente em configurações convergentes.

Marcos Palácios e Luciana Mielniczuk (2002) têm se concentrado nos estudos dos jornais e da notícia em meio digital, sem se esquecerem dos comportamentos peculiares do leitor de telas. Para eles, há uma “teoria do hipertexto” onde buscar concepções que ajudem nas novas formulações do jornalismo. Essa teoria lhes chega por meio das obras de Landow e Bolter.

Ao contrário dos historiadores, que reconhecem gestos antigos de leitura no hipertexto de telas, Mielniczuk e Palácios (2002) tratam de pensar uma produção jornalística fundamentalmente diferente da que existia até então, salvando apenas o que não se renova, mas se potencializa. “Características que podem ser identificadas em outros suportes (impresso, rádio, tevê) são estendidas e potencializadas na prática do jornalismo *on-line*”.

Utilizando o hipertexto e funcionando no ambiente das redes telemáticas, o jornalismo *on-line* passa a apresentar características diferenciadoras em relação aos formatos precedentes do texto jornalístico. Para Bardoel e Deuze (2000) são quatro as características do jornalismo *on-line*: hipertextualidade, multimídia, interatividade e personalização. (MIELNICZUK; PALÁCIOS, 2002. p. 130)

Tocar na interatividade também parece tarefa que ocupa muitos pensadores da Comunicação Social. Afora os artigos que se produzem para pensar o que seja a interatividade, vários tratam dela como uma das características principais do hipertexto na Web. Para ser hipertexto, o texto, necessariamente, apresenta multimídia, interatividade e personalização, segundo Mielniczuk e Palácios, características “constitutivas da hipertextualidade, pois essa última vai implicar a existência de textos escritos, sonoros e visuais, que estão organizados em blocos de informações interconectadas. E a leitura será feita por meio da navegação interativa por esses caminhos”

(MIELNICZUK; PALÁCIOS, 2002. p. 131-132). É importante salientar, no entanto, que o potencial de características interativas do hipertexto na Internet nem sempre é aproveitado, muitas vezes por falta de tecnologia, outras porque as interfaces são pautadas pela ordem do impresso, outras tantas por falta de público com letramento digital compatível.

É importante notar a idéia obrigatória do hipertexto como um híbrido de várias linguagens, algo que os pensadores da Lingüística preferem não citar. Mesmo pensando o hipertexto como potencializador de características que já existiam em outros meios, Mielniczuk e Palácios arriscam falar em novidade no hipertexto, sempre do ponto de vista da produção e do profissional que trabalha no novo ambiente:

há pelo menos um aspecto que efetivamente é uma absoluta novidade a partir do uso do hipertexto para a prática do jornalismo nas redes telemáticas: pela primeira vez na história confrontamo-nos com um processo de produção jornalística que, para efeitos práticos, não está sujeito às limitações de espaço (como no caso do jornalismo impresso) ou tempo (como nos casos do rádio e telejornalismo). A junção da hipertextualidade com a memória rompe os limites espaciais e temporais que foram, desde sempre, uma “marca essencial” da prática jornalística em todos os seus suportes pré-telemáticos. (MIELNICZUK; PALÁCIOS, 2002. p. 132)

Entre as mudanças no ambiente onde o jornalista escreve e as maneiras de escrever destaca-se a da maior fragmentação do texto. Para Mielniczuk e Palácios, essa fragmentação tem longa história e é apontada por Landow (1995), Mouillaud (1997) e Gauzé (1999) (MIELNICZUK; PALÁCIOS, 2002. p. 135). Importante pensar que o esforço de encontrar as melhores apresentações e configurações textuais tem sido feito para atender às demandas do leitor/usuário. Com certo exagero em relação ao processamento de texto pelos leitores da época de Platão (é preciso lembrar que eram poucos), Landow diz:

Eles tinham acesso a textos tão diferentes dos nossos que a mera sugestão de que pudéssemos compartilhar a mesma experiência de “leitura” é equivocada. Os leitores da época de Platão, Virgílio ou Santo Agostinho processavam textos sem espaço entre as palavras, sem letras maiúsculas nem pontuação. Se estas frases tivessem sido lidas mil e quinhentos anos antes, teriam este aspecto:  
 Elestinhamaacessoatextostãodiferentesdosnossosqueamerasugestãodequepudéssemoscompartilhamesmaexperiênciadeleituraéequivocadaosleitoresdaépocadeplatãovirgílioousantoagostinhoprocessavamtextossemespaçoentreaspalavrassemletrasmáiúsculasnempontuaçãooseestasfrasesestivessem sidolidasmilequinhentosanosanteriamesteaspecto (Landow, 1995, p. 75 citado por MIELNICZUK; PALÁCIOS, 2002. p. 135-136)

Ainda atentos à história do texto, Mielniczuk e Palácios trazem Mouillaud (1997), que observa que “no final no século XIX, quando, mesmo no jornalismo impresso, predominavam a escrita literária e política, os textos longos faziam os jornais terem um

aspecto pesado e cinzento”. Segundo os pesquisadores, a necessidade de narrar fatos do cotidiano fragmentou a escrita na imprensa<sup>49</sup> (MIELNICZUK; PALÁCIOS, 2002. p. 136). Em decorrência de necessidades muito semelhantes a essas, “a escrita hipertextual oferece possibilidades que acabam por acentuar a fragmentação textual” (MIELNICZUK; PALÁCIOS, 2002. p. 136).

É interessante observar esse movimento de fragmentação pelo qual o texto passa ao longo da história. Se formos pensar que a Biblioteca de Alexandria era constituída de volumes cujas páginas eram tabuinhas, pode-se pensar em textos fragmentados, organizados em grupos e conectados (presos) por cordas. Depois vieram os pergaminhos, permitindo o armazenamento de blocos maiores. Estes, mais tarde, foram retalhados para formar páginas que eram agrupadas em códices. Mesmo assim, uma obra mantinha uma certa unicidade, estabelecida pelo suporte livro.

Pois bem, de certa maneira, voltamos aos blocos de textos fragmentados como eram na época das tabuinhas de madeira ou de argila. Só que agora a moldura é a tela do computador; no lugar de o texto ser manuscrito, ele é digitalizado; e as ligações entre os blocos de textos é feita por *links*. (MIELNICZUK; PALÁCIOS, 2002. p. 136-137)

Outro problema para os pesquisadores da comunicação é o link. São discutidos desde a natureza deles até o aparato técnico necessário para fixá-los e dar ao leitor certa sensação de liberdade de escolha. “Acredita-se que o *link* é o elemento realmente inovador apresentado pelo hipertexto em suporte digital” (MIELNICZUK; PALÁCIOS, 2002. p. 137). “A novidade do hipertexto digital, então, não está na não-linearidade ou na intertextualidade em si mesmas, mas no *link*, o recurso técnico que vai potencializar a utilização de tais características” (MIELNICZUK; PALÁCIOS, 2002. p. 137). Do que se pode depreender que não seja exatamente o link a fração inédita do hipertexto, premissa contida na afirmação de que o recurso potencializa algo. Se potencializa, então o princípio já existia. Ao tomar o link como ponto crucial do hipertexto, os autores retomam Gérard Genette, que aponta o conceito de paratexto.

[um texto] é raramente apresentado sem estar adornado, reforçado e acompanhado de um certo número de outras produções, verbais ou não, tais como o nome do autor, um título, um prefácio, ilustrações. E apesar de nem sempre sabermos se essas produções devem ou não ser vistas como pertencendo ao texto, em todo o caso, elas rodeiam o texto e o estendem, precisamente para *apresentá-lo*, no sentido usual desse verbo, e num sentido mais forte:

<sup>49</sup> Entre os jornalistas, a expressão “pirâmide invertida” refere-se ao texto em que as informações mais importantes são dadas logo no primeiro parágrafo. O restante do texto é desenvolvido com detalhamento e esclarecimentos. Segundo Mielniczuk (2002, p. 8), citando Fontcuberta (1999), isso se deveu à necessidade dos repórteres, durante a Guerra de Secessão norte-americana, de transmitir notícias via telégrafo para outras partes do mundo. O congestionamento nas redes e a necessidade de rapidez forçaram a reconfiguração do texto jornalístico para que ele tivesse esse formato. Caso a notícia não pudesse ser toda enviada, o primeiro parágrafo daria conta do essencial. Ainda hoje, investigadores do texto para Internet defendem a “pirâmide invertida”, desta vez com o argumento de que o hiperleitor é mais impaciente e escorregadio. A “leitura extensiva” parece ser um comportamento incontornável, especialmente para jornais.

fazer *presente*, garantir a presença do texto no mundo, sua “recepção” e consumo sob a forma (atualmente, pelo menos) de um livro. Esse tipo de produção, que varia em extensão e aparência, constitui o que eu chamei [...] de *paratexto* [...]. O *paratexto* é aquilo que permite que o texto se torne um livro e seja oferecido como tal para seus leitores e para o público de modo geral [...] (Genette, 1997. p. 1, grifos do autor). (MIELNICZUK; PALÁCIOS, 2002. p.138)

Também Roger Chartier menciona a dificuldade de se estabelecer, nas telas, o que seja um objeto e seu paratexto. Segundo o historiador, o suporte promove um certo apagamento dos gêneros nele contidos, que podem não ser identificados, pelo menos não com a clareza que outros objetos têm de mostrar, no papel, se são livros ou jornais, por exemplo. Em grande medida, essas delimitações são dadas pelo paratexto.

Os paratextos seriam os textos que acompanham, envolvem, delimitam o texto principal. Corresponderiam a uma zona de transição e de transação entre o texto (para o autor, especificamente o livro) e o leitor. Para exemplificar, o autor pergunta como identificar um livro? Como vamos ler *Ulisses*, de Joyce, se não há volume ou título? Como vamos saber que aquele volume corresponde a tal obra? Ele compara, ainda, o paratexto à sala de espera de um cinema antigo: seria a região de transição entre um ambiente escuro, a sala de projeção, e o burburinho da rua. (MIELNICZUK; PALÁCIOS, 2002. p. 138)

Maria Augusta Babo esclarece que “Ao conjunto de elementos que se encontram no limite do texto estabelecendo-lhe a fronteira e instaurando o livro como configuração comunicacional da textualidade chama-se paratexto [...] (1998, p. 417)” (MIELNICZUK; PALÁCIOS, 2002. p. 139). Para o computador e a Internet, paratextos vêm sendo formulados por produtores e leitores/usuários, justamente por conta de seus tropeços e acertos. Para eles, o paratexto vem crescendo ao longo da história e delimitando melhor os objetos de ler. E o hipertexto tem relação com isso, desde que surgiu nas telas. Mielniczuk e Palácios afirmam: “a) que os elementos paratextuais são passíveis de sofrer modificações ao longo do tempo, de acordo com o contexto; b) que o hipertexto é um fator que desencadeia alterações no paratexto; c) que o suporte altera a relação entre texto e paratexto” (MIELNICZUK; PALÁCIOS, 2002. p. 139-140).

Em síntese, o paratexto seria um elemento que exerce as funções de apresentar o texto principal, facilitar a negociação entre leitor e texto, realizar a transição entre “o mundo do leitor e o mundo do texto” e marcar as fronteiras do texto (MIELNICZUK; PALÁCIOS, 2002. p. 140), algo que está a se desenvolver na nova plataforma e que, nesta pesquisa, é de suma importância para a compreensão de como os leitores participantes lidaram com jornais<sup>50</sup>.

<sup>50</sup> Como a experiência de ler na tela exige gestos diferentes da manipulação de papel, várias maneiras de dar feedback da leitura ao leitor têm sido estudados e adotados. A barra de rolagem, por exemplo, dá ao leitor o

### 3.7 E pode um hipertexto não ser digital?

Muitos pesquisadores defendem diferenças fundamentais entre texto e hipertexto (p. ex. BOLTER;GRUSIN, 2000; LANDOW, 1997; no Brasil, XAVIER, no livro de MARCUSCHI; XAVIER, 2004). E essa diferença também é dada pelo meio em que esses blocos de texto interligados existem. Ao contrário do texto em papel, o hipertexto não é guardado de forma física, a não ser que seja impresso. Enquanto é documento digital (suponha-se um texto publicado em um site de notícias), está onde o leitor estiver, diante da tela, dado ao acesso, em certo momento (mais do que em certo lugar), atualizado por um endereço (na metáfora dos lugares físicos). Lá, independente e indiferentemente da tela que seja e onde quer que ela esteja de fato, o texto poderá se carregar diante dos olhos do leitor.

Outros tantos pesquisadores preferem considerar, genealogicamente, como Bolter e Grusin (2000), que hipertextos, considerados dentro de uma definição mais funcional e menos formal, já existem há quase um milênio, mesmo bem antes da invenção dos computadores. Para estes, sumários e notas de rodapé levam o leitor à navegação e podem ser a realização primária dos links, já que, funcionalmente, acionam não-linearidades num texto, mesmo estando ele em papel (p. ex. LÉVY, 1993; CHARTIER, 2001a e 2001b).

Considerar o ambiente ou desconsiderá-lo em favor do modo de funcionar parece ser o nó que conduz a uma ou a outra maneira de pensar o hipertexto. Neste trabalho, assume-se a perspectiva daqueles que entendem que os hipertextos já existiam em meios anteriores aos digitais. Para confirmar esta afiliação teórica, os dados deste trabalho mostram que o hipertexto em papel dá ao leitor chances de operar não-linearmente, assim como de realizar operações de leitura em meio digital herdadas do papel. O novo leitor de tela traz, necessariamente, para sua nova atividade os trajetos que experimentava em velhos meios de ler e escrever.

### 3.8 Hipertextos e jornais

Neste trabalho, nosso objeto de estudo é o trajeto da leitura de leitores pouco hábeis (ou pouco letrados) na plataforma digital de jornais. Mas também observaremos o leitor na lida com o jornal impresso. Em quê essa comparação pode esclarecer as mudanças que ocorrem na cultura escrita atualmente? Pensamos que seja interessante observar se as trilhas do leitor (pouco letrado em leitura no computador) passam e se ancoram nas trilhas

---

posicionamento em relação ao texto inteiro, assim como indica se o texto é grande ou não. O número de páginas do documento, quando se trata de um arquivo, está indicado no rodapé do navegador, uma forma de fornecer feedback ao leitor. Tudo isso orienta o usuário e, em alguns casos, pode funcionar como paratexto.

do que ele conhece sobre a leitura no impresso. Para isso, é preciso verificar o quanto o jornal on-line se parece com sua versão impressa.

No universo da Internet há dezenas de ambientes por onde o leitor pode circular. Poderíamos nos ater ao e-mail, aos chats, aos fóruns de discussão, ao Orkut, aos blogs; e ainda, off-line, aos CD-Roms com cursos virtuais, jogos, programas. No entanto, elegemos o jornal on-line como nosso ambiente de leitura, objeto de estudo especial justo porque, segundo a mais remota história, foi sempre se caracterizando, autenticamente, como um proto-hipertexto impresso dos mais relevantes e circulantes.

Social e historicamente construído, melhorado, reconfigurado e razoavelmente popular, do ponto de vista do formato, foi o jornal impresso um dos suportes, juntamente com o livro e a revista, que mais sofreu mudanças a partir dos *feedbacks* do leitor. Trabalhar com o jornal impresso, considerando que ele seja um hipertexto off-line, evita também que caiamos na tentação de forjar objetos de estudo hipertextuais para fins acadêmicos.

Silva (2002) responde afirmativamente à pergunta que intitula seu artigo: O jornal é hipertexto? Citando Marcuschi, a autora defende a hipertextualidade como uma “estratégia de organização textual, já que muitos gêneros podem aparecer num formato hipertextual”. A primeira página do jornal impresso é exemplo de texto descontínuo, índice de páginas internas, “segmentos textuais conectados”. Considerando as chamadas de primeira página como links (embora de natureza não-digital), é possível considerar que “o leitor de jornal, à semelhança do ‘navegador’, pode definir o fluxo de sua leitura, sem se prender a uma seqüência típica” (SILVA, 2002).

“O texto jornalístico também se apresenta de forma fragmentária, se levarmos em consideração que a própria diagramação do jornal é uma espécie de ‘colcha de retalhos’, constituída por estruturas temáticas bem diversificadas” (SILVA, 2002). Embora Marcuschi afirme que veículos impressos vêm imitando formatos digitais (por meio de fios, cores e diagramações que lembram a web), é necessário partir do contrário, se quisermos recuperar a cronologia dos fatos. Produtos do ambiente digital é que, ao longo de alguns anos, inspiraram-se na ordem do impresso, tanto para que o leitor não sentisse estranhamento paralisante diante das telas quanto porque não se havia ainda desenvolvido uma linguagem completamente digital. Além disso, conceitos como o de *remediação*<sup>51</sup>,

---

<sup>51</sup> Em inglês, *remediation*.

proposto por Bolter e Grusin (2000), dão conta da mímica que uns meios fazem de outros enquanto não encontram configurações mais estáveis<sup>52</sup>.

### 3.9 Por que o jornal é um hipertexto

Os jornais são o suporte de vasta gama de gêneros textuais (notícia, reportagem, crônica, cartum, tirinha, etc.). Além disso, são um ambiente que sofreu transformações ao longo de sua existência e que tem a forma de um mosaico, em que o leitor seleciona o que quer ler e concebe uma ordem de leitura a partir de necessidades e preferências. Para Santaella (2004a), citando Holtzman (1997),

o movimento para a expressão alinear, que caracteriza a hipermídia, não emergiu do nada. Seus primeiros sinais já se deram em 1844, quando da invenção do telégrafo, que catalisou o desenvolvimento das *mídias mosaiquicas* (expressão cunhada por McLuhan), *de que o jornal foi um dos primeiros exemplares*<sup>53</sup>. A descontinuidade do telégrafo ajudou a dar forma ao jornal moderno. Relatos de eventos do outro lado do planeta eram transmitidos por todo o mundo em segundos. A primeira página do jornal é um ícone das notícias feitas de muitos momentos e eventos do dia anterior em todo um país e mesmo no mundo. (SANTAELLA, 2004a. p. 30-31)

Já assumimos que o hipertexto não se define, neste trabalho, apenas por estar on-line. Para nós, o aspecto eliminatório de classificação de hipertextos é a não-linearidade. Se, para alguns, hipertexto é o texto descontínuo e on-line, para outros basta a primeira característica. Ler um jornal pressupõe a aprendizagem de gestos descontínuos e seletivos. Com a prática, o leitor ganha habilidades que outros suportes dispensam: escanear a primeira página, observar numeração, saber o que é principal e o que é secundário na diagramação da notícia, relacionar o texto lido hoje a uma memória que o jornal tenta preservar.

A experiência de leitura do jornal também é descontínua. Varremos visualmente a primeira página para ter um sentido do que está acontecendo no mundo. Absorvemos as imagens, manchetes, *leads* e algum outro texto de uma olhada. Abrimos o jornal e vamos lendo o que nos prende a atenção, saltando de uma coisa para outra, não necessariamente completando qualquer leitura. Não há começo nem fim fixos. Selecionamos um começo quando saltamos direto para negócios ou esportes e terminamos quando deixamos o jornal de lado. Escaneamos uma notícia, procuramos mais informações em outras páginas e retornamos com a maior facilidade para o começo. Saltamos para o parágrafo que sintetiza a conclusão. Assim como num mosaico, montamos uma imagem dos acontecimentos cotidianos a partir de vários pedaços de informação. O jornal moderno, enformado pelo telégrafo, pressagiou as qualidades da era digital (Holtzman, 1997, p. 171 citado por SANTAELLA, 2004a. p. 31)

<sup>52</sup> É interessante lembrar, aqui, que os livros impressos mecanicamente “remidiaram”, por alguns séculos, os livros manuscritos.

<sup>53</sup> Grifos nossos.

O conceito de *mídia mosaiquica* é, portanto, fundamental neste trabalho. Esse tipo de objeto que promove, desde seu planejamento, uma leitura alinear e personalizada, seria genealogicamente relacionado à leitura feita em determinados ambientes da Internet. É bom lembrar que nem tudo na web é alinear. Grande parte dos ambientes on-line não se configura na não-linearidade, talvez porque o novo meio ainda se paute muito pela ordem do impresso. Os jornais, especialmente, têm tentado se apropriar do ambiente on-line, e foram alguns dos primeiros a perceber na rede um mercado e um novo modo de trabalhar, mas passam pelo conflito de atender e atrair o leitor/usuário<sup>54</sup> e, ao mesmo tempo, aproveitar o que o novo meio tem de diverso e libertador em relação à plataforma impressa.

Segundo Santaella (2004b), a “imersão compreensiva”, ou seja, a leitura dedicada em que o leitor on-line de fato se apercebe do texto, não prescinde da criação de roteiros pelos produtores de textos e jornais, por exemplo. “Programas capazes de guiar o receptor no seu processo de navegação. (...) a necessidade de mapeamento, a necessidade da engenhosidade de um roteiro que possa ir sinalizando as rotas de navegação do usuário” (SANTAELLA, 2004b, p. 30).

O funcionamento da máquina hipertextual coloca em ação, por meio das conexões, um contexto dinâmico de leitura comutável entre vários níveis midiáticos. Cria-se, com isso, um novo modo de ler. A leitura orientada hipermidiaticamente é uma atividade nômade de perambulação de um lado para o outro, juntando fragmentos que vão se unindo mediante uma lógica associativa e de mapas cognitivos personalizados e intransferíveis. É, pois, uma leitura topográfica que se torna literalmente escritura, pois, na hipermídia, a leitura é tudo e a mensagem só vai se escrevendo na medida em que os nexos são acionados pelo leitor-produtor. (SANTAELLA, 2004b. p.175)

Se Santaella (2004b) descreve a leitura on-line como uma leitura “emoldurada” por uma tela mais comumente de 15 ou 17 polegadas, pode-se pensar que o leitor off-line também já lia uma moldura com outras dimensões, ainda assim em um ambiente em que fazer escolhas sempre foi necessário, especialmente se estivermos tratando dos jornais e das revistas, ambos *mídias mosaiquicas*.

---

<sup>54</sup> Alex Primo (2004) problematiza o conceito de *usuário*. Segundo ele, o termo, “tão utilizado nos estudos da ‘interatividade’, deixa subentendido que tal figura está à mercê de alguém hierarquicamente superior, que coloca um pacote a sua disposição para uso (segundo regras impostas)”. Primo advoga o abandono da expressão e propõe o termo *interagente*. Eugênio Trivinho (1996), segundo Primo, propõe *individuo teleinteragente cyberspatial*. Ellen Lupton (2006, p. 73) considera o usuário “uma figura concebida com um conjunto de necessidades e limitações cognitivas, físicas e emocionais. Assim como um paciente ou uma criança, o usuário é alguém a se proteger e cuidar, mas também a escrutinar e controlar por meio de pesquisas e testes”. Acreditamos simplificar sobremaneira se chamarmos nosso “usuário” de *leitor*.

### 3.10 Jornalismo e novas práticas

De forma semelhante ao que ocorre com a “desagregação” do termo mais genérico *letramento*, uma delas sendo o *letramento digital*, a palavra *jornalismo* vem se juntando a outras que lhe fecham o escopo, à medida que novas práticas e novos modos de produção surgem na área. Dos anos 1990 para cá, jornalismo digital e jornalismo on-line são expressões empregadas, às vezes referindo-se à mesma coisa, outras vezes apontando para práticas e produtos diversos. Veio somar-se a elas o termo *webjornalismo*, para designar uma prática (e seu produto, o *webjournal*) diferenciada das mais tradicionais, pretensamente a que melhor e mais se apropria das potencialidades da Internet, tais como a velocidade de atualização, a customização de informação e a não-linearidade por meio de links e memória (arquivos à disposição sobre algum assunto).

Para Canavilhas (2001), “O chamado ‘jornalismo online’ não é mais do que uma simples transposição dos velhos jornalisimos escrito, radiofônico e televisivo para um novo meio”. Segundo o autor, o jornalismo na Internet pode ser mais do que isso. “Com base na convergência entre texto, som e imagem em movimento, o webjornalismo pode explorar todas as potencialidades que a internet oferece”. O produto dessa nova prática pode ser o que ele chama de *webnotícia*.

Naturalmente, se há mudança radical no modo de produzir notícia, também há no modo de ler. Trata-se de um efeito que afeta jornalistas e leitores, especialmente quando se trata, de fato, de *webjornalismo*. A defesa que Canavilhas (2001) faz dessa proposta parece nos levar a deduzir que outros jornalisimos, mais tradicionais e suas transposições para a web, não causam tanto efeito no leitor, que mantém a maior parte de seus antigos gestos.

Sob que critérios se poderia considerar determinado produto como webjournal e outros, não? Para Canavilhas (2001), “a possibilidade de interação directa com o produtor de notícias ou opiniões é um forte trunfo a explorar pelo webjornalismo”. A comparação com o jornal impresso é fácil: o leitor lê, mas custa muito a ter acesso ao jornalista ou ao editor. Na Internet, em webjornais, é possível fazer intervenções imediatas, inclusive interagindo com outros leitores. Em alguns casos, a cotação do veículo e da notícia cresce à partir da apreciação dos leitores, quanto mais acessos e discussões pertinentes, mais credibilidade.

Também Canavilhas aponta o fato de webjornais utilizarem hipermídia (som, vídeo, etc.) como aspecto facilitador. Segundo dados de pesquisa do Media Effects Research Laboratory, “o recurso à interactividade e a elementos adicionais (vídeo, som,

fóruns, etc.) alteram para melhor a percepção do utilizador acerca do conteúdo” (CANAVILHAS, 2001).

No webjornalismo, não seria necessário empregar a “pirâmide invertida”<sup>55</sup> na feitura das notícias. Canavilhas afirma, citando pesquisa de Jacob Nielsen e John Morkes, que o leitor de Internet prefere ler textos facilmente esquadrinháveis. Seriam, segundo os autores, parâmetros melhores de produção de texto para web:

- a) Destacar palavras-chave através de hiperligações ou cores, por exemplo;
- b) Utilização de subtítulos;
- c) Expressar uma ideia por parágrafo;
- d) Ser conciso;
- e) Usar listas sempre que a notícia o permita. (Nielsen; Morkes, 1997 citado por CANAVILHAS, 2001)

Se essa nova forma de produzir notícia e de expô-la altera os modos de produção, a ponto de inaugurar um novo jornalismo e um jornalista diferente daquele que trabalhava para o impresso, surge também o novo leitor, rebatizado, por Canavilhas, de *webleitor*. Pressupõe-se, então, que ele também tenha novas habilidades de leitura, diversas das do impresso. Quais são elas, então? Essa é a questão sobre a qual muitos pesquisadores se debruçam. Em outras palavras: Que letramento é esse?

Mielniczuk (2001), discutindo as práticas do jornalismo na web, menciona o ciberjornalismo, o jornalismo eletrônico e o jornalismo hipertextual. Concordando com Canavilhas, a autora assume o termo webjornalismo, por analogia à existência de nomenclaturas relacionadas ao suporte técnico: “para designar o jornalismo desenvolvido para a televisão, utilizamos telejornalismo; o jornalismo desenvolvido para o rádio, chamamos de radiojornalismo; e chamamos de jornalismo impresso àquele que é feito para os jornais impressos em papel” (MIELNICZUK, 2001).

Para ela, há três fases<sup>56</sup>, desde a década de 1990, pelas quais passaram (e ainda passam) os jornais em suas versões de Internet. Na primeira, chamada “transpositiva”, “os produtos oferecidos, em sua maioria, eram reproduções de partes dos grandes jornais

---

<sup>55</sup> Técnica de escrita jornalística, defendida por uns e não por outros profissionais e estudiosos, segundo a qual o jornalista redige a informação mais importante primeiro e detalha a narrativa nos parágrafos seguintes. O *lead* é o parágrafo líder da notícia. A “pirâmide invertida” tem defensores quando o assunto é técnicas de escrever para a Internet.

<sup>56</sup> Alguns estudos mencionam “gerações” de jornalismo na Internet, mas elas não são cronológicas, “evolutivas”. As práticas do jornalismo na web são várias. Ainda hoje há jornais transpositivos, outros ficarão eternamente na fase metafórica e outros são, de fato, webjornais. Por vezes, os mesmos jornais têm áreas que funcionam de maneiras diferentes, em “gerações” diversas. Silva Júnior (2001) aponta, para as mesmas “fases”, os nomes “transpositivo”, “perceptivo” e “hipermidiático”.

impressos”. “O que era chamado então de jornal on-line não passava da transposição de uma ou duas das principais matérias de algumas editorias” (MIELNICZUK, 2001).

Uma segunda fase, que a autora chama de “metáfora”, se caracteriza pela tentativa dos jornais impressos de fazer experiências mais profundas de exploração do novo meio. Nessa fase,

começam a surgir links com chamadas para notícias de fatos que acontecem no período entre as edições; o e-mail passa a ser utilizado como uma possibilidade de comunicação entre jornalista e leitor ou entre os leitores, através de fóruns de debates; a elaboração das notícias passa a explorar os recursos oferecidos pelo hipertexto. (MIELNICZUK, 2001. p. 2)

Ainda assim, os jornais mantinham certos “vícios” do impresso, não apenas com relação à maneira de produzir e expor notícias e outros produtos no display, mas também em relação ao modelo de negócio atrelado às empresas físicas de jornalismo impresso.

A terceira fase do jornalismo após a chegada da Internet, segundo Mielniczuk, agora sim denominada webjornalismo, configura-se com o “surgimento de iniciativas tanto empresariais quanto editoriais destinadas exclusivamente para a Internet. São sites jornalísticos que extrapolam a idéia de uma simples versão para a web de um jornal impresso e passam a explorar de forma melhor as potencialidades oferecidas pela rede”. (MIELNICZUK, 2001. p. 2)

Fortemente pautada pela descrição de Canavilhas (2001), pesquisador português, Mielniczuk (2001) aquiesce em relação ao desenvolvimento dos jornais na Internet por aqui. Citando Bardoel e Deuze (2000), Mielniczuk dá as características primordiais do webjornalismo: “interatividade, customização de conteúdo, hipertextualidade e multimídia”. A essas, segundo Palácios (1999), citado pela autora, soma-se a memória (o arquivamento acessável de informações pelo leitor).

Note-se que a interatividade e a hipertextualidade, segundo a teoria de hipertexto à qual nos afiliamos, são características já presentes no impresso, embora possam ter sido menos salientes. Personalização de conteúdos é, de fato, algo muito mais caro e complexo de levar a cabo no papel. Assim como a multimídia é tornada impossível de acordo com a natureza do suporte. Mielniczuk (2001) lembra da pertinência de se questionar se cada um desses critérios é, de fato, novo, mas aponta para uma questão: “independente do fato de serem aspectos novos ou não – tais características somadas ao suporte digital configuram uma determinada situação específica e esta, sim, é uma situação inédita”.

Outro aspecto importante a se salientar aqui é que a hipertextualidade é tomada como uma característica diferente da multimídia, o que muito nos interessa para a sustentação deste trabalho de investigação. Para Mielniczuk (2001), entre muitos outros, a hipertextualidade é o “formato de organização e apresentação da informação”, independentemente, portanto, do fato de haver recurso de áudio ou vídeo unidos ao texto.

Santaella (2004a) também discute a definição de hipermídia dentro dessa composição. Ser hipertextual não significa, necessariamente, ser multimidiático. Há diversos exemplos, na Internet, de hipertextos formados por texto sobre texto, dispostos em faces parcialmente visíveis, conforme a navegação. Também há a multimídia construída com organização não-hipertextual. Som, imagem e texto dispostos linearmente, por exemplo. Para o jornal impresso, portanto, se não se aplica o critério da multimídia, ao menos em relação a som e vídeo (já que a imagem é, desde o século XIX, possível), dentro do quadro de Mielniczuk (2001) pode-se aplicar o da hipertextualidade, dentro do quadro das mídias mosaiquicas desenhado por Santaella (2004a). Para sustentar nossa idéia de que as formas de jornalismo, em diversos meios, se contaminam, inclusive em relação às reações do leitor, Palácios (2004) explica:

Entendido o movimento de constituição de novos formatos mediáticos não como um processo evolucionário linear de superação de suportes anteriores por suportes novos, mas como uma articulação complexa e dinâmica de diversos formatos jornalísticos, em diversos suportes, “em convivência” (e complementação) no espaço mediático, as características do jornalismo na Web aparecem, majoritariamente, como continuidades e potencializações e não necessariamente como rupturas em relação ao jornalismo praticado em suportes anteriores. (...) Para se tomar um exemplo extremo de continuidade, a hipertextualidade pode ser encontrada, *avant la lettre*, num artefato tão antigo quanto uma enciclopédia. Obviamente, na Internet e no jornalismo *on-line* há uma potencialização dessa característica. (PALÁCIOS, 2004 In: BRASIL et al., 2004, p. 87-88).

Diante disso, é possível enquadrar os jornais utilizados neste estudo em alguma das categorias propostas, por exemplo, por Mielniczuk (2001). Se não são mais jornais meramente transpositivos, também não chegam a ser webjornais, mas são, de qualquer modo, construídos como hipertextos. Consideramos, nesta pesquisa, que o Estado de Minas e O Tempo, em suas versões de Internet, não chegassem a transpor conteúdos e formato para a tela, mas não são, de forma alguma, ousados em sua apresentação digital. Utilizam links, têm máquina de busca, oferecem matérias relacionadas à que o leitor está lendo, mas não chegam a propor uma experiência de velocidade, atualização e navegação completamente nova ao leitor, assim como não se utilizam de multimídia (som e vídeo) ou de grande interatividade.

#### 4 Leitura: o que é e como se faz

*Ele reencontrou o mistério da Trindade: ele, o texto e nós (na ordem que se quiser porque toda felicidade vem justamente de não se poder pôr em ordem os elementos desta fusão!*

Daniel Pennac  
*Como um romance*

A epígrafe desta seção é, de fato, essência deste trabalho. O que Pennac (1993) chama de “fusão” nos parece apropriado quando se vai tratar do encontro entre leitor, texto e autor, encontro esse assíncrono, na maior parte das vezes, mas atualizado no ato de ler, que nos parece hipertextual por natureza, não fosse isso e os modelos de hipertexto propostos por Vannevar Bush e Ted Nelson não existiriam.

Para sustentarmos nossa tese, utilizaremos principalmente Coscarelli (1999), que oferece um panorama bastante amplo dos estudos sobre leitura. Segundo a autora, as abordagens sobre o tema, ao longo de décadas de estudos na Linguística e na Psicologia, variaram entre focalizar o autor, o leitor e o texto, cada qual, em um momento, considerado determinante (e determinante) dos efeitos de sentido que se poderia obter da atividade de leitura.

No vaivém das teorias sobre como se dá a leitura, ora o autor foi tomado como o “dono” e operador máximo do sentido, ensejando até mesmo a questão definidora “o que o autor quis dizer?”; ora o leitor foi o detentor dos sentidos e das interpretações, até mesmo em detrimento das intenções do autor e das pistas do texto; e, mais à frente, o texto se adianta em relação a autor e a leitor, numa espécie de existência independente. A abordagem sociointeracionista, no entanto, considera a “fusão” dessa “trindade” como o operador, aí sim, da emergência dos sentidos. Dessa forma, nenhum dos três rege sozinho a leitura e os três o fazem, ao mesmo tempo.

O tempo, neste caso, não é sincrônico. A escrita, de acordo com Bazerman (2006, p. 126), faz com que possamos “escapar da co-presença física”. Ler pode ser, justamente, atualizar sentidos sem a presença do autor. Obrigatoriamente, no entanto, devem estar ali o texto e quem o leia. O autor está virtualmente presente. E, para tornar o fazer-sentido possível, é necessário haver certo “alinhamento das compreensões do texto” (BAZERMAN, 2006. p. 127). Uma vez que nossa pesquisa é construída a partir da leitura de textos informativos do domínio jornalístico, partimos do pressuposto de que esse alinhamento seja possível e desejável.

Possenti (1999) não apenas admite, mas sustenta o que chama de “leitura errada”, quando o leitor “pode ter manobrado mal” ao ler um texto. Para o autor, é válido explicar por que um leitor leu como leu, mas é necessário considerar que existam leituras mais alinhadas do que outras. Coscarelli (1999) também considera possível estabelecer parâmetros para leituras mais autorizadas de textos. Juntamo-nos a eles ao defender a idéia de que existe, sim, na maioria das vezes, uma proposta de protocolo de leitura dada pelo autor e programada no texto. Leitores mais letrados lançam mão, em grande medida, do que sabem sobre textos e suportes para aceitar e executar essas propostas. Outras vezes, quando não são letrados o suficiente, traçam seus trajetos de maneira desviante, imprevista ou improvisada.

Este trabalho considera que à “trindade” mencionada por Pennac (1993) somamos o planejamento gráfico como balizador dos efeitos de sentido, o objeto em si, da forma como foi feito, da maneira como distribuiu o conteúdo, o texto, os prováveis sentidos. Papel, textura, cor, visibilidade, fonte, corpo, dispersão, distribuição, agrupamentos são todos parte da proposta de protocolo de leitura. Há leitores capazes de ler apenas o texto, não o objeto planejado, e quando isso ocorre, também se movem os efeitos de sentido, para mais próximo ou para mais longe do núcleo ao redor do qual orbitam sentidos mais, menos ou nada adequados. Além disso, sustentamos que o leitor pouco letrado não deixa de operar na cultura escrita quando não percebe uma proposta de leitura a partir do planejamento do texto e do objeto. Apenas, no lugar de agir dentro das balizas propostas, ele ensaia táticas, faz e refaz, cumprindo um percurso menos estável e, talvez, menos certo em relação aos sentidos mais ajustados ao texto e à proposta. Letrar, portanto, não pode ser apenas mostrar a um aprendiz como se lê texto, como se detectam pontuação e sinais gráficos, como se regulariza a crase. Isso o leitor pode até saber, mas age de improviso quando não conhece as trajetórias propostas pela programação do material onde o texto está. Para Bazerman (2006), leitores operam uma interação *mediada pelos textos*. Somamos a isso a idéia de que estejam mediados também pela programação visual que lhes [os textos] organiza e compõe.

#### 4.1 O que é ler?

Certeau (1994) é um dos autores mais citados quando o assunto é leitura. Assim como os pesquisadores elegeram o conceito de hipertexto de Lévy (1993) uma espécie de *top of mind* das definições (embora nem sempre bem-aplicada), elegeram-se a definição de leitor de Certeau como uma das mais densas. Para o historiador, que assim descreve o leitor

antes dos computadores ou da Internet se tornarem objeto de pesquisa, a leitura não parece passiva ou pouco exploratória:

Longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos servos de antigamente mas agora trabalhando no solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casas, os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los. (CERTEAU, 1994, p. 269-270)

É desse leitor que tratamos quando observamos as práticas do leitor pouco hábil, leitor que nos mostra o momento quase exato em que funda “um lugar próprio”, trabalha no “solo da linguagem”, leitor viajante que circula, certamente, em terra que considera (ele mesmo) alheia, na qual hesita, em que caça “por conta própria”, mas que usufrui do que lê, mesmo que não seja bem-avaliado pelo professor.

No caso da leitura de jornais, não se pode dizer que o texto propriamente seja o maior obstáculo. Segundo critérios de legibilidade (lisibilidade, inteligibilidade) sistematizados por Liberato e Fulgêncio (2004; 2007), os textos de caráter informativo ou didático devem ser construídos *para serem lidos*. Dessa forma, operações de edição<sup>57</sup> devem ocorrer no sentido de facilitar a leitura, assim como, dizemos nós, o projeto gráfico do material deveria facilitar a compreensão do texto<sup>58</sup>.

Como se pôde ler nos capítulos precedentes, Santaella (2004a) recupera a idéia das “mídias mosaiquicas”; Lévy (1993) reconhece o movimento rápido e fragmentário da leitura de jornais e revistas; Chartier (1998; 2001a, 2001b) menciona a passagem do modo intensivo de ler ao modo extensivo, em que uma profusão de textos é oferecida ao leitor. Certeau (1994) é uma nota forte desse acorde. Para ele, a leitura é uma “combinatória de operações” e o texto é “habitável”. Segundo sua metáfora, um apartamento alugado, uma vez que “transforma a propriedade do outro em lugar tomado de empréstimo, por alguns instantes, por um passante”. A atividade leitora, para o autor, apresenta “todos os traços de

---

<sup>57</sup> Tais como: empregar orações em ordem direta, evitar a voz passiva, utilizar vocabulário conhecido do leitor, empregar orações mais curtas e evitar intercaladas, empregar palavras compostas pelo padrão vogal-consoante, enfim, redigir orientado pela clareza e pela simplicidade. Técnicas desse tipo são conhecidas de redatores profissionais e jornalistas. Liberato e Fulgêncio (2007) sistematizam essas operações e mostram como elas funcionam nos textos de caráter informativo.

<sup>58</sup> Aqui, assumimos uma posição funcionalista, cuja essência é pensar o projeto gráfico de maneira a facilitar as operações do leitor e tornar a compreensão do texto mais fácil. Neste sentido, a obra de Tschichold (2007) é esclarecedora. É preciso saber, no entanto, que outras posições existem, especialmente quando o gênero de texto não tem a legibilidade como seu critério determinante. As experimentações poéticas, por exemplo, sempre prescindiram de projetos legíveis, especialmente se pensarmos em movimentos como o concretismo e as tecnopoéticas, cuja experimentação gráfica não tem exatamente preocupação com a legibilidade e cuja idéia não é propriamente facilitar a operação do leitor, mas, sim, oferecer a ele um desafio. Para mais informações, ler Beiguelman (2003) e Gruszynski (2007).

uma produção silenciosa: flutuação através da página, metamorfose do texto pelo olho que viaja, improvisação e expectativa de significados induzidos de certas palavras, intersecções de espaços escritos, dança efêmera” (CERTEAU, 1994, p. 49).

Se é assim e ao leitor é oferecido o papel principal em relação à atividade de ler, é coerente que Certeau (1994) entenda a leitura como algo um tanto distante da proposta de legibilidade apresentada pelo autor ou pelo somatório das propostas de autor, editor e projeto gráfico, sendo texto, suporte e expressão gráfica aspectos de alta permeabilidade entre si. “O consumidor não poderia ser identificado ou qualificado conforme os produtos jornalísticos ou comerciais que assimila: entre ele (que deles se serve) e esses produtos (indícios da “ordem” que lhe é imposta), existe o distanciamento mais ou menos grande do uso que faz deles.” (CERTEAU, 1994, p. 95)

Em relação à “ordem” (que Certeau considera imposta), Chartier (1998a) já vinha discorrendo. A “ordem” proposta pelo livro e transferida à leitura de outros objetos (inclusive às telas mais recentes) é parte do “problema” da transição entre antigos e novos modos de ler. O distanciamento de que se trata é aquele entre o que autor, editor e projeto gráfico propõem como protocolo de leitura e o que o leitor, de fato, em sua prática típica, faz dele.

Mesmo que esta investigação se baseie em um pequeno e localizado grupo de leitores, trata-se de compreender a pesquisa como o que Certeau (1994, p. 133) chama de “metonímia”. “Uma parte (observável por ter sido circunscrita) é considerada como representativa da totalidade (in-definível) das práticas”.

E se o leitor faz usos indefiníveis dos objetos e textos que lê, então pode-se considerar que ele possa ser mais ou menos próximo, conforme condições dificilmente elencáveis, dos protocolos propostos. O conceito de letramentos serve bem ao propósito de apresentar o *continuum* das práticas e das leituras dentro de uma escala *degradé*. Certeau (1994) configura, então, alguns conceitos: trajetória, estratégia e tática. Todos eles darão conta das práticas do leitor em atividade.

Trajetória define bem a movimentação do leitor que percorre o objeto. Não o mapa, que fornece um retrato, estático, fixo, mas o trajeto, o andamento. Os “consumidores” “traçam ‘trajetórias indeterminadas’, aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam. São frases imprevisíveis num lugar ordenado pelas técnicas organizadoras de sistemas” (CERTEAU, 1994, p. 97). Tem-se, então, como objeto de reflexão e estudo

compreender as trajetórias imprevisíveis de leitores em espaços “pré-fabricados” que não lhes são plenamente conhecidos, por isso não são reconhecíveis.

Estratégia e tática são conceitos essenciais para este trabalho. É a partir deles que passamos a considerar nossos leitores informantes. É, portanto, de suma importância reconhecer os sentidos desses termos nesta pesquisa. E, mais uma vez, é Certeau (1994) que os delinea. Estratégia e tática são modos diferentes de lidar com a percepção do outro, do externo, do ambiente às vezes. Ser estrategista é alcançar o cálculo de relações de força, ser tático, não, mas é mover-se conforme outro aparato. “Chamo de *tática* a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia” (CERTEAU, 1994, p. 100). O leitor tático é autor de uma trajetória improvisada; o leitor estrategista é mais gestor de seu projeto de leitura porque, mais letrado, sabe reconhecer sinais e desenhos de mapas<sup>59</sup>.

#### 4.2 Processamento de leitura

Uma das questões mais intrincadas para a Lingüística (e para outras áreas do conhecimento) é compreender o que é e como se processa a leitura. O que e como o leitor faz quando lê? Ainda que optemos por desenvolver esta investigação a partir das definições da Lingüística, não abrimos mão de considerar a leitura do ponto de vista de sua história e sociologia, compreender o leitor como ser histórico e suas práticas como gestos aprendidos, desaprendidos, reaprendidos, reconfigurados e mesmo “aprendíveis”, gestos que se herdam de práticas outras, na lida com objetos de pequena ou grande tradição, ampla ou estreitamente conhecidos. Leitores e leitura se explicam, neste trabalho, do ângulo das práticas sociais e do ângulo do construto teórico psicolingüístico.

Para Coscarelli (1999, p. 32),

a leitura é um processo complexo que envolve desde a percepção dos sinais gráficos e sua tradução em som ou imagem mental até a transformação dessa percepção em idéias, provocando a geração de inferências, de reflexões, de analogias, de questionamentos, de generalizações, etc. Essa definição permite postular que leitura não é um todo sem subdivisões, pelo contrário, é possível apontar vários domínios que estão envolvidos nela.

Essa definição que “fatia” a leitura em domínios distintos, do ponto de vista dos processos mentais executados pelo leitor, é compartilhada por Liberato e Fulgêncio (2004;

---

<sup>59</sup> Teberosky (2003), em estudo em que mostra como crianças pequenas já conhecem “a gramática das formas”, apontava que os resultados de suas pesquisas com pequenos alfabetizados eram alterados conforme o conhecimento que as crianças tinham de objetos de leitura integrais, ou seja, conhecer um jornal impresso faz diferença na forma como o aprendiz concebe a notícia.

2007). Ler é uma atividade que aciona conhecimentos de vários tipos e, embora as pesquisadoras mencionem uma série de pistas textuais e, mais amplamente, sígnicas para o leitor “colher” enquanto (e quando) lê, raramente lembram-se da avaliação muito mais sutil que o leitor faz dos trajetos propostos (e percebidos ou não) pelo projeto gráfico, pela forma que tem o objeto de ler.

Inferências e generalizações são parte fundamental do processo de ler e compreender. Junto disso, no entanto, o leitor precisa realizar os processamentos lexical e sintático, assim como a construção de coesão e coerência (COSCARELLI, 1999). No entanto, não basta passar por essas fases do “jogo da leitura”. É preciso integrar todas elas.

No Modelo Reestruturado de Leitura, Coscarelli (1999) explicita a motivação didática do trabalho:

Essas subdivisões são teóricas, ou seja, na prática ainda não é possível saber com certeza como elas acontecem. Pode-se optar por outras maneiras de traçar essas subdivisões por elas fazerem parte de uma proposta teórica que busca viabilizar o estudo da leitura. Sabe-se que as operações de cada subdivisão são realizadas durante o processamento dos textos, mas ainda não se sabe exatamente como, nem quando isso acontece. Alguns teóricos defendem que elas ocorrem em uma seqüência linear predeterminada e outros defendem que o processamento é paralelo, ou seja, que os domínios co-ocorrem.

Coscarelli (1999) faz parte do grupo de estudiosos que considera o processamento da leitura de maneira paralela, obrigatoriamente não-linear, ao menos em grande parte das fases em que ocorre. Fundamentada, inicialmente, pela teoria da modularidade da mente (FODOR, 1983), e depois pelas teorias de base conexionista, Coscarelli (1999) empreende o estudo das operações mentais responsáveis pela tarefa da leitura de textos com e sem imagens, em ambiente multimídia. No entanto, em vez de considerar módulos mentais que operariam isoladamente e processadores cognitivos que seriam “caixas-pretas”, a autora parte para o estudo das inferências produzidas por leitores e percebe, aí, a possibilidade de compreender melhor como se dá a leitura. Segundo a lingüista, a vantagem de explicar o processamento de leitura por meio de domínios e subdivisões é também conseguir explicitar melhor que problemas um texto pode oferecer ao leitor, que características ele pode ter que impeçam ou gerem obstáculos para a leitura, embora ela sempre trate disso sem exatamente mencionar aspectos visuais e “arquitetônicos” do texto. É também por essa via que trafegam Liberato e Fulgêncio (2004; 2007). As autoras publicaram duas obras em que mostram, com exemplos, como aumentar (ou reduzir) a legibilidade de um texto.

Em relação ao processamento de leitura, Coscarelli (1999) constrói um esquema que ajuda a visualizar o modelo seriado. Segundo a autora, os módulos lineares de processamento de textos funcionariam da seguinte maneira:

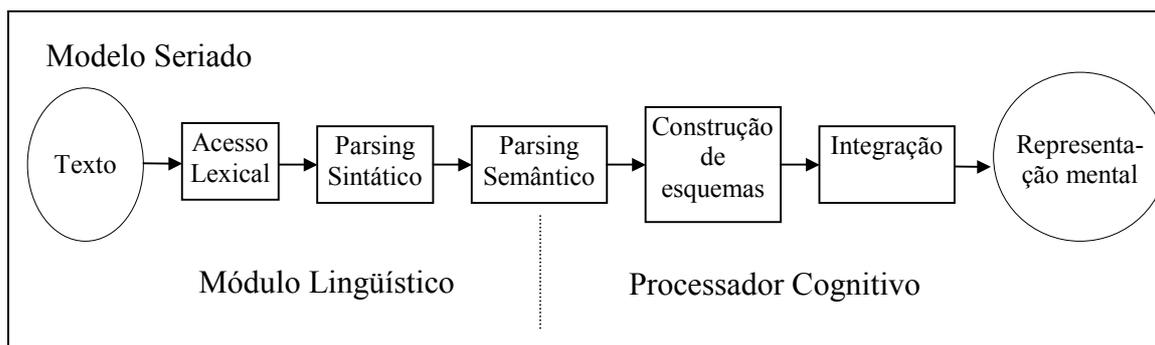


FIGURA 1: Modelo seriado de leitura  
 Fonte: COSCARELLI, 1999. p. 35

As críticas que a lingüista tece a esse modelo dizem respeito à transmissão linear das informações entre os módulos, o que geraria problemas de leitura impeditivos ao leitor, caso ele não tivesse modos outros de contornar o travamento de algum processamento nessa cadeia.

No modelo seriado, os módulos de processamento são considerados independentes, mas se isso fosse de fato assim, informações necessárias para a solução de problemas pelo leitor não seriam acessadas de um para outro módulo. Coscarelli (1999) cita uma gama de pesquisas feitas por lingüistas e psicólogos tanto para comprovar a independência de módulos de processamento quanto para comprovar o contrário. Apesar da controvérsia e de assumir que os estudos nessa área ainda têm muito o que avançar, a autora se posiciona como uma crítica do modelo seriado de módulos independentes. Coscarelli (1999) admite que o estágio em que se encontra a psicolingüística não admite rigidez de posicionamento, e é nesse ponto que a lingüista insere o estudo das inferências como uma via possível e fértil para o estudo da leitura.

Conhecer o modelo reestruturado de leitura proposto por Coscarelli (1999) ajuda a compreender por que razões a autora defende, mais recentemente (COSCARELLI, 2002, 2005, 2007), que todo texto seja processado hipertextualmente. Para ela, as porções do texto não podem ser acionadas de forma linear pela mente, ainda que o texto pareça um objeto fisicamente composto com letras e palavras (e frases, etc.) umas diante das outras. Coscarelli (1999) descreve a atividade leitora como uma ação mental em cinco domínios:

1. processamentos lexical;
2. processamento sintático;
3. construções das coerências (ou significados) local e;

4. temática;
5. construção da coerência externa ou processamento integrativo.

Tal desenho pode parecer muito semelhante a modelos seriados anteriores, mas a reestruturação está justamente na maneira como esses domínios se relacionam. O ponto mais importante para a compreensão da leitura dentro deste modelo é considerar que os módulos de processamento podem operar paralelamente, até mesmo todos juntos, em uma espécie de orquestração que é regida pela pragmática, ou seja, por informações extratextuais que ajudam a orientar quais efeitos de sentido emergirão de um texto em seu suporte. O ponto que enfatizamos, no entanto, é que entre as “informações extratextuais” está a expressão gráfica do texto e sua relação com o suporte em que foi inscrito.

### 4.3 Legibilidades

É de suma importância compreender o que seja legibilidade para os linguistas, conceito diferente daquele operado pelos designers gráficos. Ambos deveriam, no entanto, ser inseparáveis na programação de objetos de ler. Além de aspectos como paragrafação, topicalização ajustada de tema, seleção lexical adequada, estruturação canônica de frases e orações, Perini (2007) menciona o conhecimento dos gêneros textuais como um facilitador do alinhamento entre propostas e sentidos lidos. Conhecer os gêneros, além de todos os outros itens necessários para se ler, também depende de conhecer suportes e formas. Isso tudo, por sua vez, depende do grau de letramento do leitor.

Coscarelli (1999, p. 48) afirma que a compreensão do texto depende de alguns fatores, entre eles a certeza de que ele foi produzido por alguém com intenção de se comunicar. Para ela, “o sentido construído pelo leitor é também uma questão de convenção” e “todo enunciado contém instruções” procedimentais e conceituais (conforme modelo de Sperber e Wilson, 1986/1995 e Britton, 1994, citados pela autora). Se possui essas “instruções”, então é possível considerar que o leitor as “recolha” e as integre a outros conhecimentos, resultando daí leituras menos ou mais aproximadas da órbita “correta”.

Em consonância com nossa pesquisa, Coscarelli (1999, p. 48) afirma que “não se pode falar de significado sem forma, nem negar a influência dessa na construção daquele”.

O texto ou material lingüístico possui muitas marcas ou instruções procedimentais e conceituais, que resultam em restrições na construção do significado, ou seja, que dirigem a compreensão, limitando as possibilidades de sentido que o leitor pode construir a partir dele. Essas marcas lingüísticas codificam “restrições na gama de interpretações possíveis, e podem ser consideradas como uma gramaticalização da interpretação” (Escandell-Vidal,

1998, p. 57). Isso faz com que o texto tenha um número finito e limitado de possibilidades de interpretação e, conseqüentemente, restringe também a produção de inferências.

Mais adiante, Coscarelli (1999) menciona a percepção esperada pelos produtores de textos (considerando aqui não apenas autor, mas todos os que trabalham para a configuração do aparato textual, inclusive do paratexto):

o leitor construir a estrutura correta ou não depende das instruções que o autor colocou no texto e também do que o leitor faz com aquelas instruções. Se o autor colocou no texto as informações de que o leitor precisa, e se o leitor faz o que normalmente se espera que ele faça com essas instruções, então ele vai conseguir construir a estrutura de idéias pretendida pelo autor. Por outro lado, se o autor deixa de colocar no texto instruções de que o leitor precisa, então o leitor pode obter idéias erradas, incompletas ou não obter idéia nenhuma do texto (Britton, 1994). (COSCARELLI, 1999, p. 48)

O que queremos enfatizar é justamente que as “instruções” que o autor insere no texto não podem ser consideradas apenas do ponto de vista do “material lingüístico”. Exceto em situações muito específicas, grande parte dos textos que lemos no dia-a-dia é produto de um processo editorial ou de planejamento visual, além da produção do texto propriamente dito. Jornais e revistas são produto de planejamento, inclusive a partir de *feedbacks* de leitores. Queremos mostrar que não é, em grande parte das vezes, o autor quem dá as pistas ao leitor, mas uma verdadeira equipe de produtores de objetos de ler. Na Internet isso fica ainda mais evidente. A mediação da interação por textos é um processo complexo, mas rastreável. E o que se pesquisa, na maioria das vezes, nesse ambiente, é a nevegação como o que ela tem de novo, e não propriamente o processamento leitor.

O material lingüístico, portanto, é uma parte importante (mas nem sempre a única ou a determinante) do *input* para a leitura. Não pode ser a única e nem a determinante justamente porque um texto bem-escrito (dentro dos parâmetros da legibilidade oferecidos por Liberato e Fulgêncio (2007), por exemplo), mas composto com fonte, corpo e suporte inadequados produzirá efeitos de sentido desajustados em relação à intenção do autor (se produzir).

Possenti (1999) oferece os curiosos exemplos da leitura de placas de trânsito por motoristas. A primeira placa tem os dizeres *Não pare na pista*. A segunda, *Respeite a sinalização*. Para o lingüista, é pertinente dizer que um motorista que pára o carro imediatamente ao ler a primeira placa não fez uma leitura correta do texto. Explicar as razões pelas quais o leitor leu o que leu é plausível e legítimo, mas não autorizaria a pensar que o leitor lê do jeito que quiser e está livre para “voar”. O fato de os textos das placas estarem impressos em placas, na estrada e serem lidos por motoristas que conhecem

aspectos dos textos de placas de trânsito (gêneros textuais mesmo) explica uma série de balizas que deveriam ser levadas em consideração pelo leitor e fazerem-no integrar aspectos lexicais, sintáticos, semânticos, contextuais e outros para que pudesse agir de forma correta depois de lidas as placas.

Para Coscarelli (1999, p. 49), “só a forma não é capaz de explicar e restringir todas as possibilidades de leitura. Na compreensão de um texto, o leitor não conta só com informações lingüísticas”, ou seja “ao material lingüístico somam-se informações extralingüísticas”. Se essas informações são consideradas entre as não-verbais, mais adiante menciona-se o “conhecimento prévio” do leitor como responsável também pela produção de inferências. “O total das informações conscientes e potencialmente conscientes de que dispõe um determinado indivíduo pode ser chamado de conhecimento prévio”. Trata-se, no entanto, de uma noção tão ampla quanto tudo o que um leitor (ou uma pessoa) pode saber e conhecer por meio de experiências com a linguagem. Para Coscarelli (1999, p. 49), é uma noção “dinâmica e variável, pois é constantemente modificada de acordo com as alterações dos contextos lingüísticos, situacional e cultural”. E por que não mencionar que o leitor carrega para a experiência de leitura atual as outras, já tidas, relacionadas a ela. E se não as teve em objeto de ler semelhante aos displays de hoje, procurará acionar protocolos parecidos para obter bons resultados do texto que tem em mãos (ou diante de si). Para Bazerman (2006, p. 23), “Quando viajamos para novos domínios comunicativos, nós construímos nossa percepção sobre eles com base nas formas que conhecemos. Até mesmo os nossos propósitos e desejos de participar daquilo que a nova paisagem parece nos oferecer originam-se dos propósitos e desejos moldados em paisagens anteriores”.

O “conhecimento mútuo ou partilhado” também passa por uma revisão em Coscarelli (1999). O que um produtor de textos sabe sobre o leitor de textos? É, como se sabe, tarefa que só alcança um ponto mediano, uma espécie de faixa de acerto para as possibilidades entre leitor e autor (e programadores de objetos legíveis).

Com base na idéia de que o processamento de leitura seja não-linear, Coscarelli (1999) dá exemplos de dificuldades de leitura baseadas em cada aspecto considerado: lexical, sintático, semântico e integrativo. Se a autora, por um lado, apresenta dificuldades e desvios de leitura, ela também sugere aspectos do texto que podem ser trabalhos, na produção, de modo a torná-lo mais legível.

O processamento lexical dos textos diz respeito à ativação, pelo leitor, de “informações fonológicas, fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas das palavras” (COSCARELLI, 1999, p. 52). A complexidade silábica, o comprimento da palavra, a

freqüência com que ela ocorre na língua (falada ou escrita para aquele determinado leitor), a familiaridade do leitor e a probabilidade de ela aparecer em dado contexto, além da ambigüidade, são aspectos que interferem na leitura, podendo distanciá-la da órbita dos sentidos mais adequados.

O processamento sintático depende, no texto, da articulação de frases, orações e períodos. Coscarelli (1999) cita as dificuldades oferecidas ao leitor quando orações fogem às formas mais canônicas de estruturação de frases, a mais canônica, em português, sendo a construção na ordem chamada SVO, sujeito-verbo-objeto. Mais uma vez, aspectos subjetivos condicionam a leitura: familiaridade do leitor com as estruturas frasais e ambigüidades percebidas e difíceis de solucionar.

A construção da coerência (significado local) também tem importância capital para a leitura. A habilidade de dar sentido a articulações de frases e trechos ajuda a formar o sentido do texto globalmente. O conhecimento que o leitor tem sobre o assunto tratado é fundamental para essa parte do processamento de leitura. É importante que o texto tenha sido construído de forma a manter o tópico (assunto) abordado, para que o leitor tenha uma espécie de guia por onde caminhar. Ambigüidades, metáforas e sentidos figurados também interferem, sendo que os dois últimos podem ajudar ou atrapalhar a leitura, a depender do caso e da familiaridade do leitor com os temas. Elemento de suma importância para o processamento da coerência é a coesão, ou seja, “o bom uso dos elementos coesivos” (COSCARRELLI, 1999. p. 62).

A coerência temática refere-se a “uma representação semântica de partes maiores do texto ou do texto inteiro” (COSCARRELLI, 1999. p. 63). Aqui interferem o conhecimento, pelo leitor, do gênero textual (organização segundo a qual o texto está construído) e a habilidade para identificar as idéias mais importantes do texto (conforme o seu objetivo de leitura).

Todos esses processamentos podem ser fatiados, mas não ocorrem de forma linear, um após o outro. Para que todo o processo aconteça com sucesso, é preciso haver o que Coscarelli (1999, p. 65) chama de “processamento integrativo” ou “coerência externa”.

Nesta parte da leitura, o leitor vai usar seu conhecimento prévio, ou seja, as informações conscientes e potencialmente conscientes de que dispõe, para fazer a sua interpretação das informações do texto e para avaliar a pertinência dessas informações para os seus propósitos de leitura.

É neste domínio que as informações recuperadas pelo leitor através do texto vão modificar ou não as informações que ele tem na memória

O modelo reestruturado de Coscarelli (1999) pode ser representado da seguinte forma:

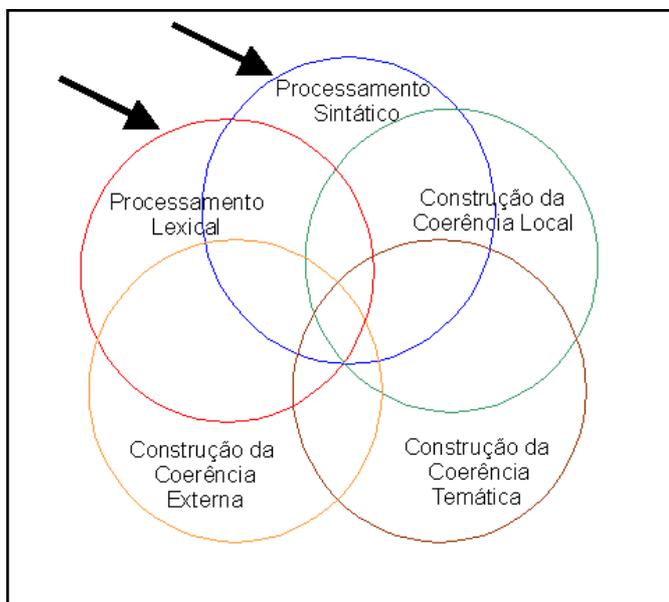


FIGURA 2: Diagrama do modelo de leitura reestruturado de Coscarelli.  
Fonte: COSCARELLI, 1999. p. 66.

A ativação de um domínio sofre a influência e interfere em outros, não havendo dúvida de que a leitura seja uma atividade complexa e relativamente controlada pelo leitor, com aspectos importantes ocorrendo sem o seu controle.

#### 4.4 O que é inferência

De maneira simplificada, Coscarelli (1999. p. 74) explica as inferências como sendo “informações que o leitor adiciona ao texto”. “Elas podem ser de muitos tipos, podem ser feitas em diferentes momentos da leitura e são feitas levando-se em consideração elementos do texto e do contexto, além dos conhecimentos prévios do leitor” (COSCARELLI, 1999. p. 74). Talvez seja neste domínio que o leitor possa ser considerado o caçador em campos alheios mencionado por Certeau (1994).

Estão em jogo, na construção de inferências, além da manipulação que o autor faz do material lingüístico, o conhecimento partilhado entre ele e o leitor e o conhecimento prévio deste. Para Coscarelli (1999. p. 86), “o discurso é um processo colaborativo em que os participantes co-operam para que haja comunicação” e há elementos do texto que orientam a compreensão.

Para fazer inferências, o leitor tem de contar com informações do texto e adicionar a ele, quando necessário, informações do seu conhecimento prévio. Essa adição de informações

tem de ser feita com critérios e considerando-se os elementos explícitos no texto para que não se façam leituras erradas ou não-autorizadas pelo texto. (COSCARELLI, 1999. p. 92)

Consideradas um processo fundamental para a leitura, a geração de inferências ocorre amíúde e é complexa. Para Coscarelli (1999. p. 104), “o bom leitor é aquele capaz de construir uma representação mental do significado do texto, estabelecendo as relações entre as partes deste, e de relacioná-lo com conhecimentos previamente adquiridos. Isto é, o bom leitor é capaz de fazer inferências de diversos tipos e graus de complexidade”.

A lingüista apresenta uma série de categorias de inferências, com base nos estudos de vários autores. Entre as inferências citadas estão as conectivas e as elaborativas. Respectivamente, elas podem ser descritas como “as que ligam informações de diferentes partes do texto” e as que não são necessárias, mas podem adiantar o que vai acontecer no texto. Há outras classificações, mais detalhadas inclusive, mas que escapam aos objetivos deste trabalho.

Para Coscarelli (1999. p. 108), existem ainda processos inferenciais “como análise, síntese, indução, dedução, analogia, solução de problemas, generalização, entre outras”, com variados graus de complexidade. Resumir textos é, para a autora, uma tarefa complexa, mas válida para mostrar a eficiência da leitura. Para ampliar as chances de uma leitura bem-sucedida, considera-se a interferência do objetivo com que a leitura é feita.

Um dos fatores que têm muita influência na construção do sentido do texto é o objetivo da leitura. Ele influencia a seleção das estratégias que o leitor vai usar, as atividades relacionadas à memória, à ativação dos esquemas, à velocidade da leitura, à construção do significado, entre outras atividades. Em suma, pode-se dizer que o objetivo da leitura determina as operações cognitivas que o leitor tem de fazer, incluindo-se aqui a produção de inferências. (COSCARELLI, 1999. p. 125)

No caso desta investigação, o objetivo do leitor era dado pelas pesquisadoras, o que, obviamente não constitui o quadro ideal de leitura do leitor em condições normais. Nossos informantes não buscavam, efetivamente, notícias sobre inflação ou obras viárias, mas precisavam cumprir uma tarefa que não lhes era voluntária. Pensamos, no entanto, que essa condição (necessária) não os desviasse completamente de nos apresentar uma leitura autêntica dos textos a eles apresentados.

Coscarelli (1999. p. 130) propõe uma categorização das inferências que utilizaremos para nossas explicações sobre as questões construídas em aqui. As inferências conectivas e elaborativas, locais e globais, além das intratextuais e extratextuais serão nossas etiquetas para os processos mostrados pelos leitores em suas respostas aos textos

propostos na pesquisa. Além disso, o fato de os leitores precisarem encontrar dadas notícias podia definir estratégias relativamente protocolares, e isso nos interessava.

Inferências conectivas e elaborativas ajudam a articular partes do texto, embora tenham importâncias diferenciadas, as primeiras mais do que as segundas. Intratextuais são “as que contam com informações do texto” e as extratextuais “são as que contam com informações que estão fora do texto, como o contexto situacional, o contexto cultural e os conhecimentos prévios do leitor” (COSCARELLI, 1999, p. 132). Inferências locais ocorrem para integrar partes menores do texto. As globais, como o nome indica, ajudam a compreender o texto como um todo.

A seguir, explicitaremos um aspecto importante de nossa fundamentação e do instrumental empregado para a coleta de dados desta pesquisa: a matriz de língua portuguesa do Saeb.

#### **4.5 Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb)**

O Saeb (como é mais conhecido) compõe-se de duas avaliações: a Avaliação Nacional da Educação Básica (Aneb) e a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anresc). A primeira focaliza a gestão dos sistemas educacionais e é, na verdade, o que se chama Saeb; a segunda é mais detalhada e extensa e tem foco nas unidades escolares. Essas avaliações

produzem informações a respeito da realidade educacional brasileira e, especificamente, por regiões, redes de ensino pública e privada nos estados e no Distrito Federal, por meio de exame bienal de proficiência, em Matemática e em Língua Portuguesa (leitura), aplicado em amostra de alunos de 4ª e 8ª séries do ensino fundamental e da 3ª série do ensino médio. (BRASIL, 2007)

O Saeb é desenvolvido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), autarquia do Ministério da Educação (MEC), e os levantamentos feitos a partir dele “permitem acompanhar a evolução da qualidade da Educação ao longo dos anos” (BRASIL, 2007).

A Matriz de Referência de Língua Portuguesa, a partir da qual construímos nosso teste de leitura nesta pesquisa, tem como foco “voltar-se para a função social da língua” e privilegia as habilidades de leitura. Para isso, busca aferir o conhecimento dos leitores em “diferentes níveis de compreensão, análise e interpretação”. Em relação ao teste de Língua Portuguesa, “os descritores têm como referência algumas das competências discursivas dos sujeitos, tidas como essenciais na situação de leitura” (BRASIL, 2007). Procedimentos de leitura, implicações do suporte, do gênero e /ou do enunciador na compreensão do texto,

relação entre textos, coerência e coesão no processamento do texto, relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido e variação linguística são focos da matriz e alguns desses aspectos foram focalizados nesta pesquisa, especialmente as implicações do suporte e do gênero para a leitura.

São estes os tópicos focalizados pelo Saeb:

**Tópico I. Procedimentos de leitura**

**D1 – Localizar informações explícitas em um texto.**

D3 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.

D4 – Inferir uma informação implícita em um texto.

D6 – Identificar o tema de um texto.

D14 – Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.

**Tópico II. Implicações do Suporte, do Gênero e /ou do Enunciador na Compreensão do Texto**

D5 – Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto, etc.).

D12 – Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.

**Tópico III. Relação entre Textos**

D20 – Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido.

D21 – Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.

**Tópico IV. Coerência e Coesão no Processamento do Texto**

**D2 – Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.**

D7 – Identificar a tese de um texto.

D8 – Estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la.

D9 – Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto.

D10 – Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.

**D11 – Estabelecer relação causa/conseqüência entre partes e elementos do texto.**

D15 – Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios, etc.

**Tópico V. Relações entre Recursos Expressivos e Efeitos de Sentido**

D16 – Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados.

**D17 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações.**

D18 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.

D19 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos.

Disponível em:

<http://www.inep.gov.br/basica/saeb/caracteristicas.htm>> acesso em 7.6.2007. (Grifos nossos)

Entre esses tópicos, investigamos os descritores D1, D2, D11, D17, conforme se explicita nas questões do teste (Apêndice 6). Em virtude de o Saeb não cobrir todas as habilidades de leitura que consideramos importantes, nosso teste de navegação (ou a observação de como o leitor se apropria do aparato na prática da leitura) parece ainda mais justificado. É importante verificar que, ainda que a matriz tente “cercar” habilidades de leitura importantes, apenas com as que estão elencadas um leitor não se torna, de fato,

competente para ler. Os descritores que apresentavam habilidades que guiaram nossas perguntas não “funcionam” sozinhos. É importante, por exemplo, mencionar que, ao solicitar um resumo da notícia lida, o leitor acaba relacionando D5, D6, D7, D8 e D9, respectivamente as habilidades de interpretar textos com o auxílio de material gráfico (fotos, quadrinhos, etc.), perceber o tema e a tese de um texto, além de relacioná-la aos argumentos que a sustentam ou diferenciar partes secundárias de partes principais. Este último aspecto foi importante para nosso trabalho.

A questão relacionada à habilidade de D17, que parecia simples (identificar a função do uso de aspas na notícia), mostrou-se relacionada a outros descritores, tais como D14 e D21, respectivamente, as habilidades de distinguir fato de opinião e reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato.

Somamos às habilidades verificadas pela matriz do Saeb aquela que diz respeito à capacidade do leitor de resumir um texto. Com fundamento em Coscarelli (1999. p. 113), consideramos que

Para resumir um texto, é preciso primeiramente entendê-lo (o que já inclui diversas operações inferenciais que vão desde a ligação de elementos anafóricos a seus antecedentes até a apreensão das macroproposições do texto, que é a identificação das informações mais importantes dele para os objetivos do leitor), depois construir a estrutura macroproposicional do texto, definindo, para isso, a organização hierárquica dessas macroproposições. E, quanto melhor se conhece o assunto, quanto mais claro e organizado for o texto, e quanto mais tempo houver, mais fácil será a tarefa de fazer um resumo. Tudo isso, sem falar na intimidade do leitor com a produção dessa tarefa e com o tipo de texto que está sendo resumido.

Ao final de todos os testes e a partir da construção de quadros que permitam a comparação dos dados coletados, pensamos, ainda, estabelecer uma relação entre o processo de leitura, a compreensão que os leitores fizeram do texto e a relação entre ela e a navegação pelos suportes de leitura.

## 5 Métodos e instrumentos de pesquisa

Neste capítulo, passaremos a expor os materiais, métodos e instrumentos que utilizamos para conduzir nosso trabalho e obter dados analisáveis sobre: 1. o perfil dos leitores participantes da pesquisa; 2. a navegação<sup>60</sup> deles por jornais impressos e digitais; 3. a leitura que eles fazem dos textos noticiosos selecionados nos jornais.

Esta investigação nos fez percorrer algumas etapas, sendo a primeira delas a revisão bibliográfica. A partir da consulta à bibliografia disponível, construímos um mapa conceitual que, pensamos, nos ajudou a conceber testes de leitura e a compreender nosso objeto de estudo. Letramento, letramento digital, hipertexto, mídias mosaiquicas, leitura e história dos objetos de ler foram os temas explorados.

A segunda etapa da pesquisa foi a construção de um questionário que pudesse nos ajudar a delinear o perfil de leitores de nosso “público-alvo”. Por meio dele é que poderíamos selecionar estudantes para etapas posteriores do estudo.

Após a aplicação do questionário, passamos à construção do teste de navegação e leitura em ambientes impresso e digital de jornais, o que nos forneceria dados para uma análise da forma como os leitores lêem esses objetos. Esses testes foram construídos com base nos descritores de Língua Portuguesa do Saeb, que nos parecem um instrumento importante de “medição” de habilidades leitoras, embora não o consideremos suficiente para o estudo da leitura integral, conforme a compreendemos aqui.

Por fim, nossa análise dos dados seriam feita com base em nosso referencial teórico e nas evidências dos resultados dos testes.

### 5.1 Tipo de pesquisa

A tese que ora apresentamos contou com uma fase quantitativa, em que os dados coletados por meio de questionário foram tabulados e transformados em números e gráficos. Após o desenho de um perfil de leitores específico, passamos a trabalhar com um grupo menor de estudantes, o que nos permitiu a coleta de outros dados e o tratamento qualitativo dos resultados referentes à leitura dos textos escolhidos para o estudo.

Conhecer o perfil dos estudantes antes de submetê-los aos testes tinha, além da função de triar aqueles de mais baixo letramento em leitura de jornais, o intento de saber um pouco mais sobre o contexto em que esses leitores praticavam (ou não) a leitura. Isso

---

<sup>60</sup> Beiguelman (2003, p. 64,65) lembra que o termo *navegação* é diferente do sentido de *to browse*, como se fala em inglês quando se quer nomear o ato de perambular pela Rede. Para a pesquisadora, navegar tem muito mais relação com percorrer uma trajetória orientada e precisa, estudada e estruturada, do que a idéia de simplesmente “andar” a esmo, que seria *to browse*.

nos parece de suma importância para a discussão da inserção do leitor no mundo da leitura seja por meio de que agência de letramento for. O leitor participante deste estudo está, por sua vez, inserido em um contexto mais amplo, qual seja, o dos leitores de determinada época, que convivem com determinado sistema de mídias e que vivem em um país cheio de características peculiares em relação à formação do leitor e às práticas da leitura (FONSECA, 1999). Por isso é importante trazer para a discussão os dados do IBGE sobre o acesso do brasileiro à Internet ou os resultados do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional.

A investigação que se descreverá a seguir pode ser considerada um estudo de caso, já que focaliza um grupo de alunos de uma instituição privada, universo não-representativo da população brasileira total. No entanto, pensamos ser possível, a partir das discussões geradas por esta pesquisa, construir uma investigação que Stake (2000), citado por Alves-Mazzotti (2006), chama de “caso instrumental”, ou seja, aquele cujo interesse “deve-se à crença de que ele poderá facilitar a compreensão de algo mais amplo, uma vez que pode servir para fornecer *insights* sobre um assunto ou para contestar uma generalização amplamente aceita” (ALVES-MAZZOTTI, 2006, p. 641-642).

A partir das perguntas formuladas na introdução do trabalho, construímos uma trajetória que acreditamos poder levar ao estudo mais organizado e sistematizado de dados obtidos junto a um grupo de leitores. Não se trata de comprovar hipóteses ou de sustentar uma teoria apenas, mas de obter dados sobre os quais refletir e mesmo a partir dos quais repensar questões relacionadas às comunicações na sociedade contemporânea e às relações entre elas e o letramento de pessoas e comunidades.

Iluminamos nosso problema com as luzes dos estudos do letramento (DAVIS, 1995), considerando que estudaríamos um grupo de alunos cujas práticas de leitura não os tornavam leitores extremamente competentes; assumimos um conceito de hipertexto que prioriza o critério da não-linearidade, mesmo em meio impresso; consideramos o jornal um aparato complexo e mosaico de leitura, mesmo quando impresso, um objeto não-linear; e a leitura como um processo hipertextual por excelência, tão intrigante que mereceu a formulação de modelos de leitura e de processamento por vários cientistas, entre os quais Coscarelli (1999), baseado em modelos conexionistas, e os propostos por engenheiros, tais como as realizações hipertextuais de Bush e Nelson.

Esta pesquisa precisou de um cenário que nos permitisse captar dados a partir de um teste montado com roteiros de várias naturezas. Nossos dados numéricos, basicamente obtidos por meio de questionários, foram convertidos em gráficos, para melhor visualização

(BROWN; RODGERS, 2002), mas só se relacionam ao perfil dos informantes em relação à história escolar e de leitura. Com relação aos grupos configurados, todos os estudantes foram observados na execução de tarefas de navegação e leitura. Não houve, portanto, intervenção diferenciada entre grupos, o que não configura pesquisas com grupo-controle e grupo de estudo.

Após a coleta de dados e a proposta de discussão, esperamos ter chegado a um “relato atraente” do caso, sobre o qual pensamos ser possível gerar “proposições teóricas que seriam aplicáveis a outros contextos” (ALVES-MAZZOTTI, 2006). Lazaraton (1995), em consonância com Davis (1995), explicita a importância de se ter clareza da investigação, mais do que a importância de enquadrá-la como quantitativa ou qualitativa. Mas é Peshkin (2001) que trata do olhar do pesquisador, quase como quem descreve a atuação do cronista. A sensibilidade em riste deve, para Peshkin, funcionar como uma espécie de “antena” do estudioso. Ele deve estar atento para a leitura e a percepção dos dados que consegue a partir da investigação. É preciso olhar e enxergar, que é o que tentaremos fazer aqui.

Brown & Rodgers (2002), citando Best & Kahn (1989), mencionam críticas aos estudos de caso por seus resultados não serem generalizáveis. No entanto, pensamos que esta pesquisa possa trabalhar a tipicidade dos casos aqui descritos: grupos com comportamentos *típicos*, mesmo que não sejam gerais em uma população, podem ajudar na ampliação das reflexões sobre um tema. Vamos considerar, com base nisso, que os grupos de leitores deste trabalho possam dar uma idéia de tipicidade no comportamento de leitores pouco hábeis de jornais em ambientes impressos e digitais, para isso importando desenhar-lhes bem o perfil ou, ao menos, seu histórico como leitores.

O objetivo desta pesquisa é a compreensão de alguns aspectos das práticas da leitura de hipertextos impressos e digitais, assim como suas semelhanças e diferenças e, mais ainda, suas continuidades, numa tentativa de aprofundamento das reflexões sobre o tema, especialmente no que diz respeito à navegação e à compreensão de textos noticiosos.

## **5.2 Leitores participantes**

Os leitores consultados para esta pesquisa eram alunos dos primeiros meses do primeiro período letivo do curso de Enfermagem de um centro universitário privado de Belo Horizonte. A escolha desse público deveu-se a alguns fatores, entre eles, o de que as condições socioculturais do graduando nos daria a oportunidade de encontrar mais alunos ainda pouco letrados, especialmente em relação às possibilidades digitais recentes. Por se

tratar de um curso que atravessava um momento de grande procura, os alunos do primeiro período eram muitos, um universo que favoreceria nossa escolha, a maioria dos estudantes, no entanto, vinha de camadas desfavorecidas da sociedade. Grande parte já atuava no mercado de trabalho, na área de Saúde. Além disso, um fator importante para nós era que apresentassem baixo grau de letramento, mais especificamente de letramento digital.

A facilidade de acesso aos estudantes de Enfermagem também foi ponto positivo para a coleta de dados, uma vez que a pesquisadora trabalhava na instituição e poderia obter apoio de professores e coordenadores. A maioria dos leitores pesquisados, no entanto, não era de alunos da pesquisadora.

A Faculdade de Saúde da instituição apoiou a pesquisa, incentivando a participação dos alunos e oferecendo certificados de atividade complementar, algo que era de extrema importância para a complementação de carga horária do curso.

### **5.3 Construção e aplicação de questionários**

A partir de questões inspiradas na pesquisa Retrato da Leitura no Brasil (ANGIOLOLLO, 2001; CBL, 2000), um questionário (Apêndice 2), composto de questões de múltipla escolha e abertas, foi aplicado a todas as turmas de alunos de Enfermagem do primeiro período, dos três turnos de curso no centro universitário. Ao todo, foram 200 questionários, 144 deles respondidos pelos alunos e devolvidos à equipe de pesquisa<sup>61</sup>. Deste universo de respostas, 30 alunos foram selecionados para participar dos testes de navegação/leitura, de acordo com os seguintes perfis:

**GRUPO 1:** Leitores de jornais impressos, mas não de digitais.

**GRUPO 2:** Leitores de jornais digitais, mas não de impressos.

**GRUPO 3:** Não-leitores de jornais.

Os grupos 2 e 3 tinham, respectivamente, 7 e 5 representantes. O grupo 1 tinha 11 estudantes, segundo os seguintes critérios:

- a. Declararam que acessavam a Internet por até 6h semanais.
- b. Declararam que executavam na Internet tarefas diferentes de ler jornais.

---

<sup>61</sup> A equipe a que me refiro era formada por mim e pela colaboradora, profa. Maria José Agostini Saksida. A bolsista de Iniciação Científica Natália Lanza e Silva ajudaria na tabulação dos dados coletados com os questionários e na aplicação dos testes de usabilidade nos jornais digitais e impressos.

A marcação dos testes de navegação/leitura foi feita por contato telefônico. Nem todos os estudantes foram receptivos e não conseguimos contato com alguns. O resultado foi que, de fato, 23 executaram os testes no laboratório de informática.

#### 5.4 Materiais

Considera-se que o jornal seja uma mídia com características “mosaiquicas” (SANTAELLA, 2004a), ou seja, que seja produzido de forma descontínua e interconectada, dando ao leitor a possibilidade de selecionar entre textos que lhe interessam, numa postura notadamente extensiva de leitura. Esse tipo de suporte foi escolhido para compor esta pesquisa já que o considerávamos veículo de ampla circulação na sociedade.

Se não se pode afirmar que amplas camadas da sociedade tenham acesso a grandes jornais, ao menos é possível verificar que lhes cheguem às mãos jornais sensacionalistas ou revistas de fofoca. Seja porque os comprem, seja porque os lêem no ônibus ou emprestados por amigos. O que nos interessa, assim, não é tanto a qualidade gráfica ou do conteúdo do veículo, mas o princípio mosaiquico sob o qual ele foi construído. É a ação de fazer um trajeto proposto pelo jornal que nos interessa, ou ao menos, neste caso, a perambulação do leitor por um trajeto tático, já que não haveria domínio das indicações projetadas no suporte/texto (trajeto estratégico).

Foi de suma importância o trabalho sobre material autêntico, evitando “montar” tarefas que pudessem trair ou orientar os resultados. Não desconsideramos, no entanto, que mesmo tomando todos esses cuidados, ainda sobreviria o “efeito Hawthorne”, apontado como risco natural deste tipo de pesquisa por McKnight et al. (1991), já que o pesquisador e seu aparato alteram a disposição dos informantes em pesquisas.

Os jornais escolhidos para os testes, a princípio, foram o Estado de Minas e Hoje em Dia, sendo aquele o maior jornal circulante entre os mineiros e o segundo, bastante conhecido. No entanto, tivemos problemas técnicos ao capturar o Hoje em dia digital e desistimos de sua utilização. Partimos, então, para a captura do jornal O Tempo, que também dispõe de versão na Internet.

Os jornais, ao longo de sua história, foram desenvolvidos para serem hipertextos (SCOLARI, 2004), em papel e em tela. Estado de Minas e O Tempo têm grandes tiragens impressas e suas versões digitais existem desde a década de 1990. A partir dos parâmetros da Usabilidade para sites e sistemas de informática, pensamos ter obtido um resultado positivo em relação à programação dos sites de ambos os jornais, embora nenhum deles obedecesse à risca e em todos os quesitos as heurísticas propostas pela ciência da

computação, como se verá em nossas análises e discussões. Para as versões impressas, empregamos o aporte do design gráfico. Pela classificação de Mielniczuk (2001), no entanto, nenhum dos jornais pode ser considerado webjornal. Isso se deve ao fato de que, embora ambos sejam mais do que simples transposições<sup>62</sup>, encontram-se em um estágio em que empregam links e certa interatividade, mas não chegam a ser ambientes completamente divorciados de seus projetos impressos. Para Alzamora (2004), os sites de jornais impressos “primam por apresentarem tímidas propostas hipermediáticas”, no entanto, ainda assim, “a Internet propicia experiências de interação social e de circulação de informações jornalísticas razoavelmente distintas das experiências comunicativas assentadas no paradigma massivo” (ALZAMORA, 2004, p. 107). O caso dos jornais citados é bastante representativo da situação de “sites de jornais impressos” e o que gostaríamos de discutir é, justamente, até que ponto se pode concordar com a afirmação de Alzamora, segundo quem a “experiência comunicativa” do leitor é “razoavelmente distinta” daquela vivida pelo leitor de jornais impressos. Gostaríamos de enfatizar o “razoavelmente”, importante para nosso trabalho e teste de leitura para o leitor desta tese (um advérbio que estabelece uma relação de sentido importante aqui).

#### 5.4.1 Histórico dos jornais

O jornal Estado de Minas é um dos mais antigos da capital, circulando desde a década de 1920 em versão impressa (CASTRO et al., 1997). Na Internet, foi o pioneiro no estado e um dos primeiros do Brasil. Sua versão on-line entrou no ar em 1996, ano que ainda pode ser considerado o início da “popularização da rede” e o começo da utilização das interfaces gráficas para leigos. Fica disponível aos assinantes no endereço [www.estaminas.com.br](http://www.estaminas.com.br), que também pode ser acessado por meio de link no portal UAI ([www.uai.com.br](http://www.uai.com.br)). O portal contém os veículos dos Associados, empresa detentora de vários jornais no país.

Embora não apresente, em 2007, proposta de fato webjornalística, o Estado de Minas na Internet possui, hoje, características bem diferentes das que tinha uma década atrás (FIG. 3). Trata-se de um jornal digital com utilização ampla de links e chamadas “clicáveis”, interatividade tímida (via e-mails e enquetes), sem multimídia e sem

---

<sup>62</sup> Apenas para retomar a discussão, Mielniczuk (2001) e outros autores propõem uma espécie de categorização para os modos de fazer jornalismo surgidos na Internet, a partir de experiências com o novo ambiente. Jornais “transpositivos” seriam aqueles que apenas migram suas notícias do impresso para o meio digital, sem se apropriar de qualquer possibilidade que o novo meio ofereça (interatividade, customização, memória, etc.). Jornais “metafóricos” se apropriam um pouco mais do novo ambiente, mas continuam a se planejar sob a metáfora do impresso. Os webjornais, sim, são feitos para a Internet.

atualizações constantes. No entanto, não se trata de simples transposição de sua versão impressa. Embora os textos sejam idênticos, em tamanho e em conteúdo, são acessáveis por links, inclusive com cruzamento para matérias de cunho semelhante, favorecendo a intertextualidade e a recuperação de memória.



FIGURA 3. Homepage do Estado de Minas, 2007.

Fonte: Site Estado de Minas, 2007.

O jornal O Tempo foi fundado em novembro de 1996, na cidade de Contagem (Região Metropolitana de Belo Horizonte), e tem circulação de pouco mais de 35 mil exemplares em dias úteis e aproximadamente 38 mil aos domingos. Pertence ao grupo Sempre Editora, do Deputado Federal Vittorio Mediolí, e circula em 320 municípios de Minas Gerais, além das capitais Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Surgido ao mesmo tempo em que as primeiras iniciativas brasileiras de jornalismo na Internet, O Tempo também tem um site.

Da mesma forma que o Estado de Minas, O Tempo na Internet não pode ser classificado como um webjornal, mas também não é apenas uma versão transpositiva do impresso (FIG. 4). Embora não aplique multimídia, é hipertextual, favorece a memória por meio de links, tem interatividade (embora baixa) e é formatado de maneira hipertextual. Atualmente, O Tempo tem a seguinte interface:



FIGURA 4. Homepage do jornal O Tempo, em 2007.  
Fonte: Site de O Tempo, 2007.

Nesta pesquisa, trabalhamos com jornais impressos tradicionais e suas versões de Internet consideradas “metafóricas” ou “perceptivas”, uma vez que não dispõem de características webjornalísticas e nem propriamente sejam transposições simples de jornais impressos. A escolha destes jornais, e não de webjornais, por exemplo, deveu-se ao que consideramos ser o melhor enquadramento destes ambientes digitais à proposta de verificar se o leitor ancora sua experiência de leitura de jornais na Internet em suas vivências de leitor de impressos. Webjornais, projetados para oferecerem uma experiência bastante diversa daquela que conhecemos (ao menos supõe-se isso, eis um problema para mais pesquisas), seriam uma variável complicadora no teste com leitores de baixo letramento.

O fato de a interface leitor/conteúdo guardar muito da ordem do impresso ou fazer o que alguns pesquisadores chamam de “metáfora do impresso” (MIELNICZUK, 2001; FURTADO, 2006; só para citar dois) nos parecia positivo em relação ao que poderíamos observar do comportamento leitor dos estudantes. Uma interface transpositiva não nos interessaria. De outro lado, uma interface completamente nova não nos daria pistas melhores sobre a ancoragem dos gestos de leitura novos nos antigos.

Em 5 de agosto de 2006, compramos a versão impressa de cada um dos jornais e fizemos a captura de suas versões digitais em CD. Estas gravações poderiam “rodar” offline como se estivessemos on-line. Os leitores poderiam manipular os jornais em papel e em tela da mesma forma, em ambientes autênticos. De posse desse material, planejamos as tarefas de navegação de cada um e os textos para leitura.

### 5.5 Seleção de textos jornalísticos

Selecionamos o gênero notícia por ser um formato curto, objetivo e de maior chance de compreensão pelos leitores (RIBEIRO, 2003b; PRESSLEY; HILDEN, 2004), legíveis e concisas (LIBERATO; FULGÊNCIO, 2007). A notícia possui formato bastante estabilizado (LAGE, 2003), deveria, segundo alguns teóricos, sofrer mudanças quando publicada na rede em webjornais (SCOLARI, 2004; FERRARI, 2003). Essa premissa não se confirmou nas versões digitais dos jornais utilizados nesta pesquisa. A diferença entre jornais on-line, digitais e webjornais parece repousar, também, nesse ponto. Trabalhávamos com versões digitais de jornais, portanto as notícias que utilizamos na pesquisa eram sistematicamente idênticas às publicadas em versões impressas. No entanto, os meios distintos em que elas se encontravam lhes conferiam algumas características peculiares: o link em lugar da referência simples, o clique em lugar do folhear.

Escolhemos duas notícias de cada jornal (ANEXO 1), ambas relacionadas a fatos do cotidiano da cidade de Belo Horizonte, onde todos os estudantes residiam, trabalhavam ou estudavam. Dessa forma pensamos minimizar problemas gerados pela falta de conhecimento prévio ou informações compartilhadas entre jornalista e leitor. Os critérios de seleção dos textos foram:

1. Tamanhos semelhantes em ambos os jornais, para que não houvesse demora excessiva nos testes e nem discrepância entre as tarefas.
2. Notícias das páginas internas sempre com chamadas na primeira página, para que os leitores pudessem navegar.
3. Na primeira página, as chamadas deveriam estar posicionadas em zonas de diferentes importâncias e graus de legibilidade (visibilidade).
4. Temas do cotidiano da cidade.
5. Notícias com fotos e legendas.
6. Matérias bem-escritas<sup>63</sup>, dentro dos padrões jornalísticos estabelecidos.

Heurísticas da Usabilidade foram menos ou mais atendidas nos textos que selecionamos para a investigação. Dessa forma, pudemos analisar, para cada perfil de leitor, se o resultado melhor ou pior da leitura nos dois ambientes tinha relação direta com o

---

<sup>63</sup> Conforme pesquisa de Liberato e Fulgêncio (2007), procuramos selecionar textos com vocabulário simples, estruturas sintáticas diretas e compostas por frases curtas, entre outros parâmetros de legibilidade apontados pelas autoras.

projeto de interface. Coletadas as versões dos jornais e selecionados os textos, partimos para a formulação dos testes de navegação e leitura.

### 5.6 Tarefas de navegação e ambiente de pesquisa

Os estudantes de Enfermagem foram convidados a participar dos testes nos turnos da manhã e da tarde. Podiam escolher horários e obedeceram a uma escala com intervalos de 30 minutos entre um e outro. Os testes foram feitos na sala de Ensino à Distância da instituição, onde estavam quatro computadores conectados à Internet. Utilizamos apenas uma máquina para os testes, na qual o CD “rodava” com os jornais em suas versões digitais. As versões impressas estavam à disposição dos leitores em cima de uma mesa.

O ambiente era relativamente tranquilo e mantivemos as portas fechadas enquanto fazíamos os testes. Dispúnhamos de microcomputador, plataforma Windows, utilizando o navegador Explorer. Uma estrutura para gravação em áudio e vídeo foi montada. Éramos três pesquisadores (doutoranda, orientadora e aluna de Iniciação Científica), dois monitores que operavam as câmeras, três funcionários do Ensino à Distância. O aparato técnico envolvia um computador diante do qual o informante se sentava para responder aos testes; uma câmera de vídeo parada, em tripé, que registrava uma imagem aberta do leitor e do computador, inclusive com sua movimentação no site do jornal; uma segunda câmera de mão, operada por um estudante do laboratório de Cinema e Vídeo, que nos forneceria imagens do leitor em detalhes, tais como expressão do rosto, movimentos das mãos, olhar, boca, *zoom* de reações ao que lia na tela e no papel; um gravador de áudio em cima da mesa e um microfone ligado a uma câmera, ambos para captação da voz do leitor enquanto executava os testes.

Todo esse aparato certamente inibia o estudante, mas consideramos esse efeito inevitável na pesquisa (“efeito Hawthorne”, segundo McKnight et al., 1991). Também notamos que, à medida que o leitor se envolvia com a tarefa solicitada pelos pesquisadores, essa inibição ou certo nervosismo iniciais se dissipavam.

As tarefas de navegação eram as seguintes:

**T1a.** No jornal Estado de Minas, versões impressa e digital, **encontrar** e **ler** uma notícia sobre *inflação em Belo Horizonte*;

**T1b.** No jornal Estado de Minas, versões impressa e digital, **encontrar** e **ler** uma matéria sobre *problemas no setor de zoonoses da prefeitura da cidade*.

**T2a.** No jornal O Tempo, versões impressa e digital, **encontrar e ler** uma notícia sobre *trabalho escravo em Minas Gerais*.

**T2b.** No jornal O Tempo, versões impressa e digital, **encontrar e ler** uma notícia sobre *obras viárias na avenida Antônio Carlos*.

Cada estudante recebia duas tarefas, solicitadas de forma a não fornecer orientações que pudessem conduzi-lo além do necessário<sup>64</sup>: procurar e ler um texto no jornal impresso e outro no digital. O leitor seguinte recebia as mesmas tarefas, com textos e ambientes trocados, de maneira que pudéssemos avaliar as navegações de todos os textos em ambientes diferentes por todos os participantes (Apêndice 3). A exigência da tarefa proposta aos leitores não é alta: apenas encontrar, na primeira página do jornal, impresso ou digital, uma chamada e adentrar o suporte em busca da matéria completa. De fato, parece pouco e muito elementar, especialmente do ponto de vista do leitor experiente. As análises desta pesquisa refletirão sobre isso mais adiante.

Cada leitor cumpriu, de alguma maneira, a tarefa proposta e, quando encontrou o texto solicitado, pôde sair da sala do Ensino à Distância para responder à folha de questões de leitura, embora seja possível saber quanto tempo cada leitor levou para cumprir a navegação, não nos dispusemos a tratar a performance de cada um como ponto-chave deste trabalho. Essa informação nos serve apenas de dado complementar, já que a velocidade de solução da tarefa não nos parece importante no estudo de leitores pouco letrados digitais. O aspecto que queremos tratar diz mais respeito à maneira como estes leitores em formação navegam do que à rapidez com que solucionam os problemas propostos, embora essa relação possa existir. Em condições normais, provavelmente estes leitores teriam desistido de navegar em sites com as características dos que apresentamos aqui.

### 5.7 Protocolo verbal

O jornal impresso completo, fechado e dobrado foi fornecido aos leitores (Estado de Minas ou O Tempo). Cada leitor tinha a tarefa de encontrar uma notícia previamente escolhida. Enquanto o leitor navegava pelo jornal impresso (considerando o percurso feito em busca de uma notícia, da capa à página interna), solicitamos que ele narrasse as ações que executava, descrevendo o percurso que fazia. Esse *protocolo verbal* foi gravado em

---

<sup>64</sup> Segundo Pressley e Hilden (2004), é importante que as tarefas sejam solicitadas ao informante sem muita intervenção do pesquisador, a fim de evitar resultados tendenciosos ou induzidos.

áudio e vídeo e, posteriormente, transcrito. As imagens foram cotejadas com as transcrições de fala e os textos puderam ser complementados com a descrição de gestos e reações.

Para o texto digital (Estado de Minas ou O Tempo) também foi solicitada tarefa semelhante: encontrar e ler notícia. As informações sobre a navegação foram registradas em vídeo e áudio, a partir dos protocolos verbais dos leitores/usuários (*think-aloud*).

Pensávamos ser o protocolo verbal a forma mais eficiente de conseguir informações sobre os percursos de navegação e as escolhas de cada participante na lida com a leitura em tela. À medida que navegassem, fariam suas escolhas, seus raciocínios, seus trajetos e dificuldades, como se “pensassem alto”. Bastos (2002) oferece uma série de referências sobre o método e cita, por exemplo, estudos de Færch e Kasper (1987). Brown e Rodgers (2002) chamam esse tipo de método de *introspectivo*, já que tentam obter dos informantes seus modos de raciocínio ou operação por meio do relato oral<sup>65</sup>. Pressley e Hilden (2004) consideram o método de coleta de dados bastante útil e confiável, desde que alguns cuidados sejam tomados pelo pesquisador: explicação simples da tarefa, sem muita orientação; evitar a interrupção do processo para que o leitor não modifique o fluxo normal de leitura; adequação do texto lido à competência leitora do informante, para que problemas com textos difíceis sejam evitados. Tudo isso, claro, depende do objetivo da pesquisa. Em nosso caso, trata-se de observar como o leitor com baixo letramento lida com interfaces complexas como o jornal. Leitura e navegação são aspectos que pretendemos considerar tão permeáveis entre si quanto ver e ler. A “medição” das habilidades de compreensão dos textos noticiosos será feita por meio de outro instrumento, qual seja, um questionário com perguntas formuladas com base nos descritores do Saeb.

A modalidade de protocolo verbal utilizada neste trabalho<sup>66</sup> dá a oportunidade de os leitores falarem sobre o que estão fazendo no instante da atividade, sem atraso, hesitação ou necessidade de memorização. A validação do protocolo verbal como metodologia de pesquisa foi discutida com propriedade por Ericsson & Simon (1983), citados e discutidos por Bastos (2002). No entanto, a gravação em vídeo nos proporcionou a maior parte dos dados para análise. Notamos que os informantes tinham grande dificuldade de manter o protocolo verbal à medida que manipulavam os textos, tanto no material impresso quanto

---

<sup>65</sup> Tais métodos aparecem, na obra de Brown & Rodgers (2002), com os nomes *think-aloud*, *talk-aloud* e *estudo retrospectivo*, mais ou menos como sinônimos.

<sup>66</sup> Pressley e Hilden (2004) mencionam o protocolo verbal em que o leitor reporta o que foi feito após a leitura. Nesse caso, os autores apontam a interferência da interpretação que o leitor dá aos processos que executa. O protocolo verbal feito durante a leitura depende de memória de trabalho e, portanto, parece ser mais direto.

no digital, devido ao fato de, à medida que encontravam dificuldades, passarem a dispensar atenção a apenas uma das ações.

No vídeo, pudemos registrar o modo como os leitores lidavam com operações motoras (mouse, cliques, teclado, tela, etc.) e como olhavam a tela, optavam por este ou aquele caminho, subvocalizavam, além de suas expressões e gestos. Todas essas informações forneceram dados analisáveis para a investigação. Dessa maneira, cada leitor/usuário forneceu à pesquisa:

- um protocolo verbal de navegação para jornal impresso;
- um protocolo verbal de navegação para jornal digital.

A gravação dos protocolos de cada leitor/usuário foi transcrita e analisada em etapa posterior do trabalho.

## 5.8 Os testes de leitura

Após a navegação, cada leitor respondeu a perguntas, num teste de compreensão de teor lingüístico que tinha como referência as matrizes do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). A Matriz de Referência de Língua Portuguesa, a partir da qual construímos o teste, tem como foco “voltar-se para a função social da língua” e privilegia as habilidades de leitura. Para isso, busca aferir o conhecimento dos leitores em “diferentes níveis de compreensão, análise e interpretação”. Em relação ao teste de Língua Portuguesa, “os descritores têm como referência algumas das competências discursivas dos sujeitos, tidas como essenciais na situação de leitura” (BRASIL, 2007).

Procedimentos de leitura, implicações do suporte, do gênero e /ou do enunciador na compreensão do texto, relação entre textos, coerência e coesão no processamento do texto, relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido e variação lingüística são focos da matriz. Os tópicos do Saeb focalizados nesta pesquisa foram:

### **Tópico I. Procedimentos de Leitura**

D1 – Localizar informações explícitas em um texto.

### **Tópico IV. Coerência e Coesão no Processamento do Texto**

D2 – Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.

D11 – Estabelecer relação causa/conseqüência entre partes e elementos do texto.

### **Tópico V. Relações entre Recursos Expressivos e Efeitos de Sentido**

D17 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações.

Somamos às tarefas de nossa pesquisa a produção de um resumo (pelos motivos explicitados no capítulo sobre Leitura) e verificamos, na navegação, a influência da trajetória de navegação na leitura dos textos, além da percepção de pistas do projeto gráfico dos jornais. Enfatizamos a relação íntima entre as habilidades, o que explicitamos em nossas análises.

O leitor/usuário não teve tempo determinado para fazer as leituras e os protocolos verbais foram feitos livremente. As respostas às questões de leitura sobre os textos foram dadas por escrito, em silêncio, com consulta, se o leitor o desejasse. Cada um deles, após cumprir a navegação necessária para chegar ao texto solicitado, recebia uma folha com perguntas formuladas a partir de alguns descritores do Saeb que consideramos mais pertinentes ao gênero notícia (Apêndice 6).

De posse dos dados, foi feita a análise detalhada do comportamento dos leitores na lida com cada ambiente de leitura. Foi possível discutir as dificuldades encontradas pelos leitores, assim como os comportamentos que os levam a se adaptar ou não à leitura em tela, incluindo aí uma discussão sobre em que medida sites que simulam operações em ambientes impressos ajudam o leitor a construir um trajeto de leitura facilitador, assim como até que ponto eles são táticos e como agem quando são estrategistas.

Parece-nos necessário tratar as habilidades de leitura desde muito antes da leitura propriamente do texto. Por isso, os descritores do Saeb devem ser entendidos como uma parte do ato de ler não mais importante do que a abordagem inicial do material a ser lido (o contato com o objeto de ler). Nesse sentido, a familiaridade provocada pela simulação do impresso, empregada para dar sensação de reconhecimento de um ambiente velho em um novo (remediação, de BOLTER; GRUSIN, 2000), pode se justificar. O leitor, como se pode verificar, compreende textos quando estes estão ancorados em conhecimento prévio, mas não apenas do ponto de vista dos assuntos e conteúdos.

## **5.9 Procedimentos de análise**

A análise e a discussão dos resultados serão feitas a partir dos dados sobre a relação entre o indivíduo e a interface: como cada um leu cada texto e percorreu o ambiente papel ou tela, tendo lido os mesmos jornais, nos mesmos suportes. Também analisaremos a influência do perfil de leitor capturado pelos questionários de perfil da pesquisa no desempenho de cada estudante ao longo dos testes. Mais adiante, perfil, capacidade de percorrer o suporte e compreensão do texto serão alinhados.

## 6 Análise de interfaces de jornais impressos e digitais

Neste capítulo, ofereceremos uma análise das interfaces dos jornais selecionados como material para esta investigação, com o intuito de mostrar que se trata de jornais que não oferecem dificuldades de leitura decorrentes de mau planejamento. Para isso, foi necessário levantar critérios de legibilidade<sup>67</sup> e de formulação de bons projetos de interface para jornais impressos e digitais, considerando-se uma perspectiva funcionalista de padrão gráfico. O Design e a Ciência da Computação foram áreas do conhecimento que nos forneceram parâmetros e categorias. A Usabilidade, especialidade da engenharia de software, utiliza uma metodologia para aferir as reações dos leitores aos sistemas, que podem ser sites, jogos ou aplicativos.

Não são apenas os sistemas de Internet que estão preocupados com a legibilidade e a boa navegação. Jornais e outros objetos de papel, tais como livros e revistas, há muito mais tempo vêm sendo objeto de estudo do design gráfico. A partir de conceitos-base do design e da Usabilidade, mostraremos, nos jornais selecionados, características que os tornam interfaces “amigáveis” (ou pouco “amigáveis”).

### 6.1 O leitor e o objeto impresso e digital de ler

“Tanto quanto nós, os leitores são também responsáveis pelo bom ou mau jornalismo que fazemos. Porque eles têm o poder, e todo o poder. Podem comprar um jornal se quiserem. E se quiserem, podem deixar de comprá-lo”. É assim a relação que Noblat (2003) estabelece entre produtores de notícia e seus “consumidores”. De forma alguma se pode divisar aqui algo de passivo no leitor de jornais, mesmo os de impressos. E é essa idéia que gostaríamos de sustentar, juntamente com Pressley e Hilden (2004), que mencionam uma série de pesquisas que mostram o quanto o leitor é ativo, seja qual for o ambiente em que está lendo.

Embora Noblat (2003) esteja se referindo muito mais ao conteúdo e à forma como as notícias são dadas, também é possível mostrar como o leitor jamais deixou de ser “ouvido” e sempre, de alguma maneira, ditou os parâmetros segundo os quais o jornal seria feito. Noblat (2003) mostra as mudanças gráficas sofridas pelo jornal Correio Braziliense (do grupo Associados, assim como o Estado de Minas), um dos mais importantes do país, produzido em Brasília e considerado, até essa transformação, um jornal “tradicional” ao

---

<sup>67</sup> Gruszynski (2007, p. 152) lembra, com base em livro de Priscila Farias sobre tipografia digital (1998), que a língua inglesa mantém nomes diferentes para o que abordamos aqui: *readability* e *legibility*. Em português, não se faz essa distinção. Designers e lingüistas usam a mesma palavra para se referirem a objetos diferentes. O que queremos fazer é reunir ambos, já que, para o leitor, jamais estiveram separados.

extremo, “viciado” em dar notícias “institucionais” em linguagem visual pobre e enquadrada. Com a emergência da Internet e a explosão de versões digitais de jornais, o Correio impresso optou por uma reforma gráfica e editorial completa, que o tornaria um dos mais modernos periódicos do Brasil. Tudo isso com alguns objetivos claros: agradar e seduzir o leitor, além de evitar que ele migrasse definitivamente para a WWW, esta, certamente, uma questão comercial, mais do que cognitiva.

Embora em velocidade certamente mais lenta do que na Internet e dependendo de meios assíncronos, o leitor conseguia, de alguma maneira, interferir na forma e no conteúdo de jornais, revistas e livros. Não fosse isso e teríamos, ainda hoje, incunábulo pesadíssimos, jornais sem imagens e revistas com colunas largas e difíceis de ler. No caso dos livros, é possível rastrear, em sua história, o momento em que, por exemplo, o formato das folhas empilhadas e costuradas surge<sup>68</sup>, assim como o aparecimento da numeração das páginas<sup>69</sup>, conseqüentemente do sumário e do índice. Segundo Febvre e Jean-Martin (1992), essas invenções (ou reconfigurações, como preferimos) foram estudadas e implementadas para, primeiramente, facilitar o trabalho dos encadernadores, mas, em seguida, passaram pela “aprovação” do público. Para planejar objetos impressos e dar-lhes formas mais agradáveis é que trabalham os designers gráficos, engenheiros de Usabilidade e webdesigners.

## 6.2 O que é design gráfico

Villas-Boas (2003, p. 7), ao discutir o conceito de design gráfico, chega à seguinte formulação:

a atividade profissional e a conseqüente área de conhecimento cujo objeto é a elaboração de projetos para reprodução por meio gráfico de peças expressamente comunicacionais. Estas peças – cartazes, páginas de revistas, capas de livros e de produtos fonográficos, folhetos, etc. – têm como suporte geralmente o papel e como processo de produção a impressão. (VILLAS-BOAS, 2003. p. 11).

O autor defende o campo do design fora da esfera artística, como o trabalho industrial de “ordenação projetual de elementos estético-visuais textuais e não-textuais com fins expressivos” (p. 12) ou o desenvolvimento de “projetos gráficos que têm como fim comunicar através de elementos visuais (textuais ou não) uma dada mensagem para

<sup>68</sup> Séculos II ou III depois de Cristo, segundo Febvre e Jean-Martin (1992).

<sup>69</sup> Invenção medieval, segundo Febvre e Jean-Martin (1992).

persuadir o observador, guiar sua leitura ou vender um produto” (p. 13). No Brasil, trata-se de uma subárea do Desenho Industrial, afeta ao campo mais vasto da Programação Visual.

Uma área de conhecimento foi desenvolvida, ao longo da história dos objetos de ler, especialmente depois da Idade Média, com a função de projetar objetos legíveis. O conceito de *legibilidade*, para os designers, é fundado não em como o conteúdo de um texto é expresso (ortografia, sintaxe, texto), mas na forma como esse texto é disposto, apresentado e organizado no papel.

Collaro (2000) cita os princípios clássicos segundo os quais projetos são desenvolvidos para o impresso: equilíbrio, harmonia, proporção e funcionalidade<sup>70</sup>. Para que cada um deles alcance bom resultado (medido pela reação do leitor), é necessário que o profissional da área conheça as composições possíveis para um projeto. Trata-se de uma espécie de “arquitetura” ou “engenharia” do texto na página<sup>71</sup>. Sempre com tendência à simplificação, em direção à legibilidade,

qualidade que algumas famílias de letras têm de serem lidas com maior facilidade que outras. Associada à visibilidade, que é a propriedade de serem vistas com maior facilidade, associadas ao relacionamento formato-texto, formato-papel, largura da coluna, disposição da mancha de texto no formato, tipo de suporte e processo de impressão a ser utilizado compõem o rol de atributos que uma publicação, uma embalagem ou um outdoor devem ter para conseguir o objetivo de sensibilizar o público-alvo e mudar seu comportamento”. (COLLARO, 2000, p. 111)

Segundo o mesmo autor, alguns parâmetros são relativamente estáveis no design gráfico, entre eles, pode-se citar o cuidado com a largura ideal de uma coluna de texto, especialmente no caso dos jornais. Também são importantes tamanho da linha de texto, corpo ideal de letra (que depende do público-alvo, nos jornais fica entre 10 e 13, exceto nos títulos), atenção à quantidade de branco na página, margens, entrelinhamento, etc. Para fazer todo esse “cálculo”, é necessário conhecer o “centro óptico” da página, ou seja, um ponto reconhecido por meio de traços geométricos e a partir do qual se disporão os elementos da página, de forma que fiquem equilibrados, harmônicos, proporcionais e funcionais.

---

<sup>70</sup> Williams (1995) menciona outros princípios válidos para qualquer projeto: contraste, repetição, alinhamento e proximidade. De qualquer forma, o objetivo de se trabalhar sob esses parâmetros é obter uma página mais legível.

<sup>71</sup> A dissertação de mestrado de Rigolin (2006) trata como “saliências visuais” aspectos muito próximos dos que vamos tratar aqui. No caso dela, que está fundamentada pela obra de Kress e Van Leeuwen (1996), a pesquisa focaliza os pontos que são mais salientes na página e as trilhas preferenciais para um grupo de quatro leitores.

“A preocupação da diagramação clássica é, basicamente, com o leitor” (COLLARO, 2000. p. 139)<sup>72</sup>. Assim voltamos à idéia de que os impressos não são feitos a esmo, por simples questão de gosto do editor. Segundo Collaro (2000), os jornais modernos dedicam atenção especial à diagramação, embora mantenham os custos baixos ao utilizarem papel de pior qualidade. No entanto, há valorização do texto e sensibilidade plástica. E já que se trata de uma mídia mosaíquica (SANTAELLA, 2004a), a justaposição de elementos deve oferecer “design atraente e incitar à leitura” (COLLARO, 2000). “Como a página deve ser um conjunto harmônico de valores, tanto na zona terminal, como nas zonas mortas, precisa reunir matéria do maior interesse, a fim de manter viva na página a atenção do leitor” (COLLARO, 2000. p. 163).

A importância da capa<sup>73</sup> do jornal é indiscutível. Pelos motivos apresentados por Noblat (2003) e pela formatação que lhe foi sendo dada, a primeira página funciona como um sumário das notícias mais importantes ou que mais poderiam interessar o leitor. Afora isso, sua programação visual é de suma importância para que o olhar do “consumidor” seja capturado em meio a tantos outros apelos. Segundo Mira e Silva (2006), até mesmo os corpos das fontes utilizados na capa são selecionados para facilitar a leitura à distância.

### 6.3 Estado de Minas impresso

O jornal Estado de Minas sofreu algumas mudanças gráficas em sua história. Isso ocorreu com a maioria dos jornais que têm vida longa. Para se adequar às necessidades de seu tempo, de seu leitor e mesmo às condições econômicas vigentes (ou para se remediar), as “folhas” têm que se ajustar, e o design é um ponto importante.

Na atualidade, com a concorrência de meios mais rápidos e eficientes, os jornais reduziram a mancha tipográfica de textos verbais e deram mais ênfase às fotos e aos infográficos. Também o espaço da publicidade foi ampliado, por questões econômicas que se explicam pela diminuição do número de assinaturas. De fato, em qualquer época, quando uma mídia surge em um sistema de mídias, as preexistentes precisam se ajustar.

---

<sup>72</sup> Lupton (2006, p. 63) afirma que “uma das funções mais refinadas do design é de fato ajudar os leitores a não precisar ler”. Esta idéia faz emergir os conceitos de Bolter e Grusin (2000) sobre o efeito de transparência que as mídias vêm tentando obter. De certa forma, trata-se de um esforço para dar a ilusão de que não há mediação. Afirmando a mesma coisa sobre a facilitação da leitura, Ferreira Júnior (2003, p. 15) menciona a importante “noção de que o suporte da linguagem não é neutro e pode ser um elemento do alfabeto visual da página impressa”. Na obra em questão, o autor mostra as mudanças gráficas do *Jornal da Tarde*, de São Paulo, que alteraram profundamente a recepção do jornal pelos leitores. A década de 1950 é indicada como a era das mudanças gráficas nos jornais brasileiros, sendo seu marco o projeto do artista plástico mineiro Amílcar de Castro para o *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro.

<sup>73</sup> Chamaremos de capa ou primeira página à “embalagem” do jornal.

O jornal Estado de Minas, do grupo Associados, é o maior e o recordista de vendas em Minas Gerais. Sofreu várias reformas gráficas ao longo dos seus quase 80 anos de vida, mas a última ocorreu em 2004. Para fazer as alterações, o jornal teve vários cuidados, um deles foi lançar um suplemento especial explicando as mudanças ao leitor, alguns dias antes de a primeira edição redesenhada vir a público<sup>74</sup>.

As alterações no projeto gráfico do Estado de Minas (EM) não foram feitas levando em consideração apenas questões financeiras e a concorrência da televisão ou da Internet. O jornal compôs um conselho formado por 40 leitores, que experimentaram as mudanças e deram sugestões relacionadas às propostas de melhoria. Após seis meses de leitura, ajustes e diálogo, o EM alterou o jornal nos seguintes pontos: 1. valorização das fotos; 2. troca de fontes por novas fontes mais legíveis; 3. apenas três notícias por página; 4. para matérias especiais e mais importantes, criou-se uma equipe de analistas especializados.

O novo projeto gráfico dependeu da compra de tipos de letras produzidos para dar maior legibilidade ao jornal. Um tipo de fonte teve aplicação em textos curtos e outro foi considerado mais eficaz para maiores extensões de texto. Segundo o Estado de Minas, a fonte Antiqua B3 “dá a impressão de estar em um tamanho maior, tal a facilidade de leitura. Isso sem ocupar muito espaço, o que permite a oferta de mais informação na página” (ESTADO DE MINAS, 2004)<sup>75</sup>.

A capa do jornal que empregamos nesta pesquisa, do dia 3 de agosto de 2006, era a que segue, já com projeto gráfico atualizado. Note-se que afora os espaços dedicados ao nome do jornal e ao cabeçalho, é possível identificar aspectos da nova sintaxe visual proposta.

---

<sup>74</sup> O suplemento especial saiu na quinta-feira, dia 18 de março de 2004. O jornal reformado foi publicado no domingo seguinte.

<sup>75</sup> Horcades (2004) aponta as mesmas características na fonte desenhada pelo inglês Stanley Morison para o jornal The Times, a conhecida Times New Roman. Outras fontes desenhadas para terem alta legibilidade foram Gill Sans, para ser legível à distância (desenhada pelo inglês Edward Johnston), Helvetica (do suíço Max Miedinger) e fontes para catálogos, de alta legibilidade em corpo minúsculo (desenhadas pelo inglês Mathew Carter).

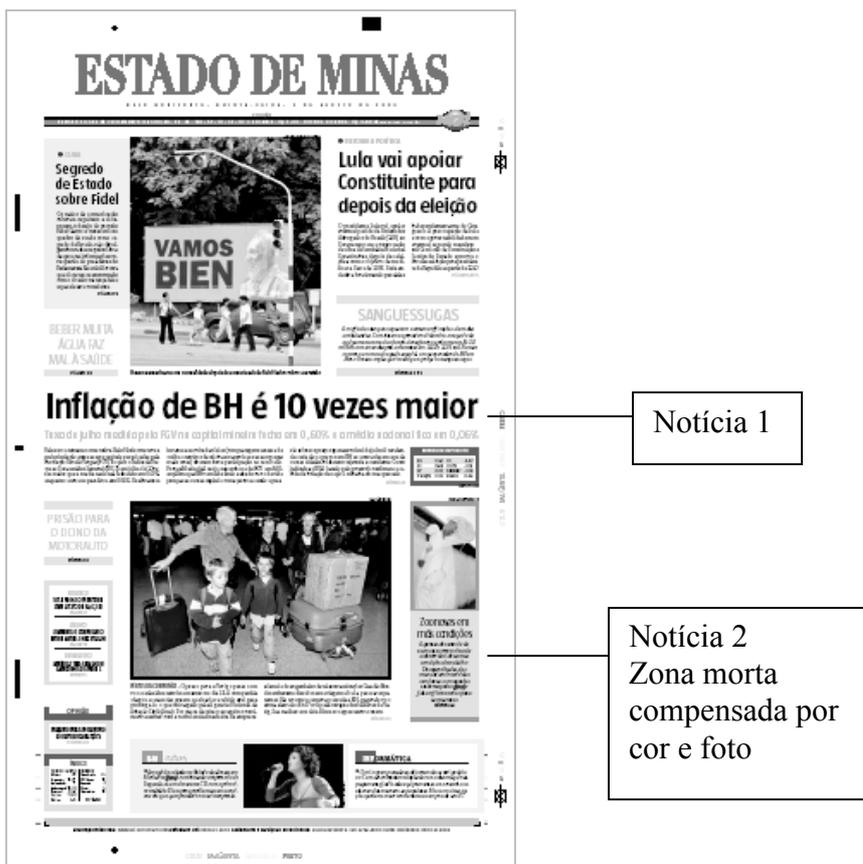


FIGURA 5. Primeira página do jornal Estado de Minas.  
Fonte: Estado de Minas, download de PDF disponível no site.

Considerando a leitura diagonal do EM, não é difícil identificar qual das notícias é mais importante. A partir da diagramação e de um golpe de olhos, o leitor fica entre o tópico sobre Fidel Castro, o apoio de Lula à constituinte e a notícia sobre inflação em BH. As letras grandes fazem supor a manchete, que embora não esteja no topo da página, chama a atenção e fica acima da dobra do jornal. Há relação bastante evidente entre textos e imagens (proximidade e agrupamento), sendo improvável que o leitor se confunda. A matéria que mais chamaria a atenção à distância é, certamente, “Inflação de BH é 10 vezes maior”, cuja fonte, conforme explicita o projeto gráfico, difere daquela empregada nos blocos de texto maiores.

Todas as chamadas funcionam como sumário, ou seja, informam sobre a página interna em que estão os textos integrais relacionados. Não se trata, como se vê, de uma capa-pôster, conforme expressão de Ferreira Júnior (2003), mas parece bastante limpa e funcional. A monotonia da diagramação da capa do EM é quebrada pela diferenciação nas larguras das colunas de texto, assim como pelo uso de boxes e diferenciação na cor das fontes, em escala de cinza.

Nesta pesquisa, pedimos aos informantes que procurassem (e lessem) as notícias sobre inflação em BH e sobre problemas no setor de zoonoses da Prefeitura Municipal. Note-se que elas estavam posicionadas em pontos ópticos bastante diferentes do jornal, de acordo com a importância que tinham na hierarquia das notícias. “Inflação de BH é 10 vezes maior” era a manchete do jornal, visível à distância, em letras maiores. “Zoonoses em más condições” era uma notícia menos importante, com chamada posicionada em zona morta da primeira página, ou seja, em um local por onde os olhos do leitor demoram a passar. Trata-se do canto direito inferior. A dificuldade de leitura nesse lugar foi compensada por um box de fundo alaranjado, na versão original. A foto de um agente do setor de zoonoses ajudava a chamar a atenção do leitor. Internamente, as notícias se apresentavam conforme se segue.



Notícia correspondente à manchete

FIGURA 6. Página interna do jornal Estado de Minas.  
Fonte: Estado de Minas, download de PDF disponível no site.

São três notícias ou textos por página. A matéria sobre inflação em Belo Horizonte era a principal, posicionada no topo, com título de fonte maior do que as demais. No entanto, o jornal emprega o recurso de não manter chamada e título idênticos. Aqui, o texto

se chama “BH tem a inflação mais alta de novo”. O EM tem páginas internas um tanto mais monótonas, com colunas estreitas de tamanhos iguais. No entanto, tenta quebrar essa característica dando ênfase às fotos e posicionando “olhos” em alguns textos. O “olho” é um trecho em destaque entre grandes aspas<sup>76</sup>. Serve para “fisgar” o leitor por meio de uma declaração de interesse provável, um tanto descontextualizada.

O texto “Zoonoses em más condições” tinha outro nome nas páginas internas: “Saúde de agentes sob ameaça”. É interessante notar que fazer a conversão da chamada de capa para este título é uma operação um tanto mais complexa, do ponto de vista do processamento de leitura, do que aquela que deveria ser feita para a manchete do jornal.



Texto da  
notícia 2

FIGURA 7. Página interna do jornal Estado de Minas.  
Fonte: Estado de Minas, download de PDF disponível no site.

Embora a notícia sobre o setor de zoonoses tivesse menor importância em relação a outras, na diagramação da capa do EM, aqui, nas páginas internas, ela era a principal, posicionada no topo, com foto e com título grande. A monotonia da diagramação é maior

<sup>76</sup> Chama-se de “olho” a altura do corpo principal da letra, sem linhas ascendentes ou descendentes (LUPTON, 2006). Este “olho” do design de tipos é diferente do “olho” a que os jornalistas se referem quando falam em partes destacadas de um texto.

nesta página, já que quase todos os textos obedecem à mesma largura de coluna. Novamente, apenas três notícias por página.

Além de poderem contar com os títulos, o leitor pode escanear a notícia e ler o resumo dos fatos no texto em cinza logo acima do título. Em mídias mosaiquicas, é de suma importância que o leitor possa fazer uma varredura do texto com os olhos, numa espécie de pré-seleção. A isso dá-se o nome de escaneamento da página.

O Estado de Minas tem páginas numeradas e os cadernos podem ser diferenciados, também, pelas cores da logomarca de cada editoria. A notícia sobre inflação encontrava-se no primeiro caderno, na parte de Economia; o texto sobre zoonoses podia ser encontrado no caderno Gerais, outra editoria.

#### 6.4 O Tempo impresso

Em tamanho um pouco menor do que o Estado de Minas, não é tão fácil encontrar dados sobre o projeto gráfico de O Tempo. Mesmo no site do periódico, as informações são poucas e, quando as há, são superficiais. O Tempo impresso tinha a seguinte capa no dia 3 de agosto de 2006:



FIGURA 8. Primeira página do jornal O Tempo.

Fonte: O Tempo, PDF disponível no departamento de arquivo do jornal.

Afora os espaços de marca e cabeçalho, a folha apresentava manchete evidente. No entanto, não ficam claras as relações entre blocos de texto e fotos. Embora também pareça dar ênfase às fotos, o jornal dispõe os blocos de texto de forma menos organizada, com menos boxes na capa e menos variação entre cores de fontes. A largura das colunas é diferenciada, o que quebra a monotonia da diagramação da página.

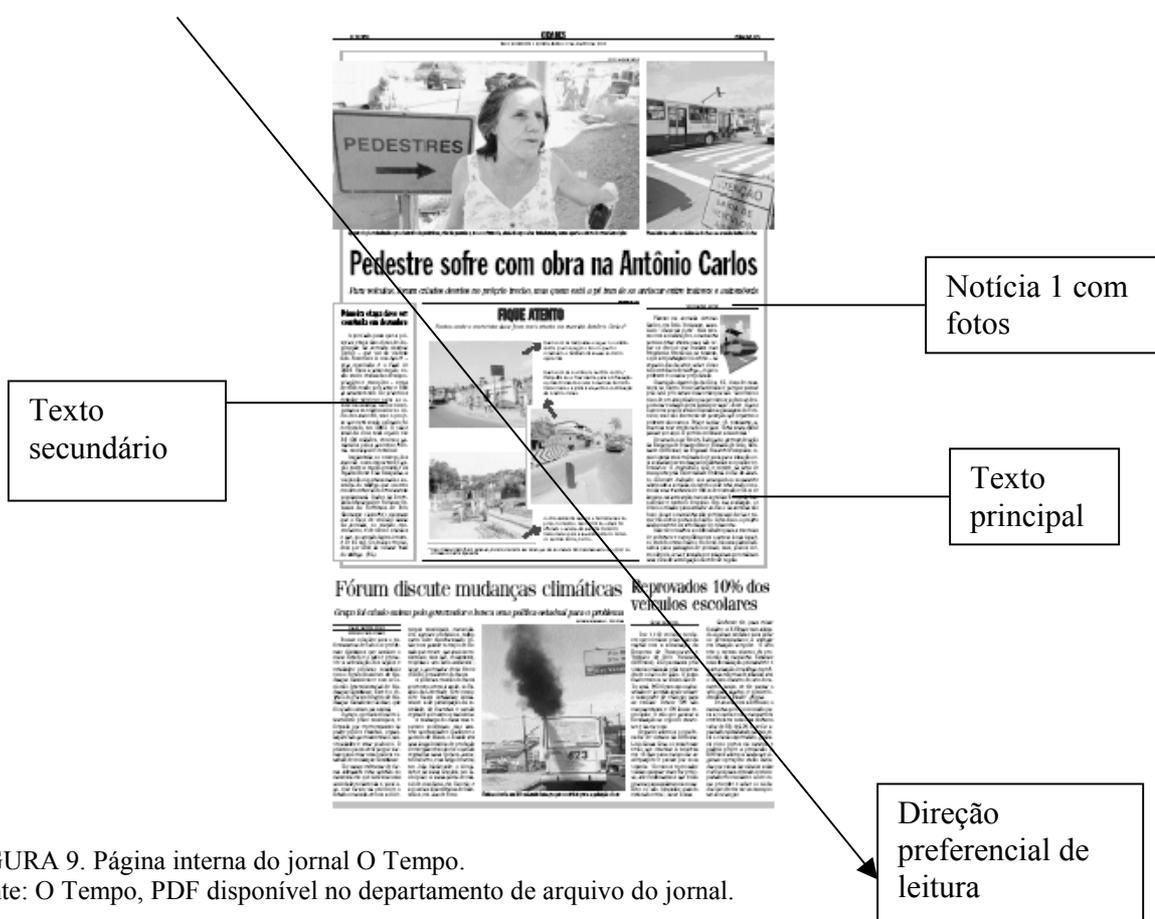


FIGURA 9. Página interna do jornal O Tempo.  
Fonte: O Tempo, PDF disponível no departamento de arquivo do jornal.

Nesta pesquisa, pedimos aos leitores que localizassem (e lessem) matérias sobre obras na Avenida Antônio Carlos e a denúncia da Delegacia Regional do Trabalho sobre existência de trabalho escravo em Minas Gerais. A primeira notícia estava disposta na capa, em chamada ao lado direito da foto da placa de “pedestres”. Não era óbvia a relação entre a foto e algum dos textos, já que os blocos tinham tamanhos semelhantes e se posicionavam todos próximos à imagem. A chamada era “Pedestres se arriscam em obra na Antônio Carlos”.

A segunda notícia tinha a chamada “DRT encontra 24 homens em regime de escravidão”, não havia foto relacionada a ela e sua posição era, também, a diagonal direita

de baixo da página. Ambas as chamadas estavam na zona morta da capa do jornal, embora a matéria sobre obras viárias se destacasse por ter uma foto em posição um pouco mais centralizada.

Para localizar as notícias nas páginas internas, nosso informante deveria, após localizar as chamadas, procurar a editoria e a numeração indicadas. Mais uma vez, a função de sumário era patente. O Tempo tem indicação alfanumérica associada à mudança de cor das editorias. Nas páginas internas, as matérias apareciam com destaque, como se pode observar.

“Pedestre sofre com obra na Antônio Carlos” era o nome da notícia na página interna do jornal. Tratava-se de matéria principal, no topo, com fonte maior no título, destacada por fotos e imagens da obra viária, com setas e explicações associadas. Neste jornal, a página interna também se compunha de apenas três notícias, no entanto, os blocos de texto parecem mais densos.

A coluna da esquerda, em ponto privilegiado da página, primeira posição onde pousam os olhos de quem lê, era dedicado ao box de texto secundário da matéria, uma espécie de retranca em que apareciam depoimentos de pedestres. O texto principal estava posicionado à direita, após as fotos da obra, em posição secundária. Tal diagramação encontrou seus ecos nos testes de leitura, como se poderá ver mais adiante.



FIGURA 10. Página interna do jornal O Tempo.

Fonte: O Tempo, PDF disponível no departamento de arquivo do jornal.

Ambas as notícias de O Tempo estavam no caderno Cidades, correspondente ao Gerais do EM. A notícia “DRT flagra 24 homens em regime escravo” estava na última página do caderno, em posição de destaque: topo, título em corpo grande, duas retrancas (que não precisavam ser lidas em nosso teste), foto. Nos quadrantes de baixo do jornal, uma mistura de fotos, blocos de texto, boxes e publicidade mostrava uma seção de colunista. A notícia sobre trabalho escravo era diagramada em colunas de larguras diferentes, com intertítulos e retrancas com títulos menores.

### **6.5 Resumo de características dos jornais impressos**

Os dois jornais aqui descritos têm projetos gráficos com pontos em comum. As fotos grandes e as colunas de texto com larguras diferentes são características que parecem comuns em muitos jornais contemporâneos, uma espécie de tendência do design de folhas. A diagramação das matérias é que nos pareceu mais cuidada e refletida no Estado de Minas, percepção que logo se confirmou quando os leitores iniciaram suas trajetórias na leitura dos jornais.

Os jornais selecionados se mostram planejados dentro de parâmetros tradicionais para o design, sendo que em relação a critérios como alinhamento, equilíbrio, harmonia, proporção, funcionalidade, contraste e repetição, ambos tentam atender ao necessário para que possam ser lidos sem oferecer obstáculos. Apenas em relação à proximidade visual entre grupos de informação o jornal O Tempo mostra falhas, especialmente na capa.

Ambos os jornais têm tamanho padrão, fotos, cabeçalhos com as informações adequadas, manchete distinguível, indicações de páginas, distribuição hierarquizada de notícias importantes, médias e pouco importantes. Primeiras páginas densas, com distinção visual dos textos mais importantes.

Cada jornal, no entanto, tem um sistema de numeração, sendo O Tempo de paginação alfanumérica. Ambos os jornais utilizam fontes serifadas para a maior massa de textos e fontes sem serifa em textos mais específicos. Em relação à forma como as notícias selecionadas são escritas, tanto O Tempo quanto o Estado de Minas fazem uso de estruturas jornalísticas com uso de lead e pirâmide invertida. A análise dos itens de design se encontram no Apêndice 3.

### **6.6 Usabilidade**

Para avaliar a eficiência dos jornais Estado de Minas e O Tempo em ambiente digital, foi necessário encontrar parâmetros de planejamento para esse tipo de ambiente.

Tais parâmetros existem e dão boas indicações de como uma interface gráfica, planejada para atender o leitor, deve ser construída. Embora as *guidelines* que ajudam a arquitetar sites sejam gerais, a maioria delas se aplica aos jornais e pode constituir uma boa grade de critérios (Apêndice 4).

A Computação tem sido a ciência que mais se esforça em produzir novas tecnologias digitais e discutir a acessibilidade de sistemas e ambientes para o leitor, seja ele um especialista ou um leigo. A área da Computação dedicada aos estudos das interfaces e às reações do leitor chama-se Usabilidade (vertido do inglês *Usability*). A Comunicação Social também tem se apropriado dos ambientes digitais desde os seus primórdios e pode obter vantagens dos dados da usabilidade.

Para avaliar a usabilidade de um site, por exemplo, a Computação utiliza um aparato que inclui a observação de usuários em laboratórios de informática, monitoração de navegação em ambientes digitais por meio de câmeras e programas que registram os trajetos dos usuários, medem tempos, etc. Nesta pesquisa, replicamos testes de usabilidade.

O governo norte-americano é um dos mais eminentes impulsionadores dos estudos de usabilidade. O site [www.usability.gov](http://www.usability.gov) disponibiliza vasto material, atualizado, sobre heurísticas e pesquisas no assunto. Foi nele que nos baseamos para compor a lista de critérios que ajudaram na análise dos jornais. Segundo o site, quase 100 milhões de norte-americanos fazem uso de sites e portais oficiais, isso justifica os estudos de interfaces “centradas no usuário”, que garantam acesso mais fácil, rápido e eficaz. Para eles, a usabilidade “mede a qualidade da experiência do usuário quando ele interage com um produto ou sistema – um website, um software, uma tecnologia móvel ou qualquer outro dispositivo operacional”<sup>77</sup>. Para saber a qualidade dessa experiência, é necessário observar a navegação e as reações de muitos usuários, detidamente. “Em geral, a usabilidade refere-se a quão bem os usuários aprendem e usam um produto para atingir seus objetivos e quão satisfeitos eles ficam com o processo”. Sites que irritam, confundem ou distraem precisam de estudos de usabilidade. O usuário que acessa um site precisa fazer isso fácil e

---

<sup>77</sup> Continuando a citação, para mais esclarecimentos, com tradução nossa: “Em geral, a usabilidade diz respeito a quão bem os usuários podem aprender e usar um produto para alcançar seus objetivos e quão satisfeitos eles ficam com o processo. A usabilidade, como definida por Joseph Dumas e Janice (Ginny) Redish, significa que as pessoas que utilizam o produto podem fazê-lo rápida e facilmente para completar suas tarefas. A usabilidade também pode considerar fatores como custo/benefício e facilidade de uso. Uma metodologia chave utilizada para lidar com a usabilidade é chamada Design Centrado no Usuário”. (LEAVITT; SHNEIDERMAN, 2006).

rapidamente para cumprir suas tarefas. À metodologia utilizada para obter essas informações os norte-americanos dão o nome de *user-centered design*.

Embora a usabilidade pareça novidade no cenário das tecnologias e das interfaces entre leitor e objeto de ler, o design gráfico sempre, especialmente na produção pós-Gutenberg, se preocupou com a disposição do texto e da imagem no objeto livro, assim como com seus materiais, cores, texturas, tamanhos, portabilidade, fontes, corpos, serifas e outros fatores que podem tornar um livro ou um jornal menos ou mais legíveis.

A Computação tem a vantagem de obter esses dados por observação direta ou ainda porque as novas tecnologias podem registrar, com muita facilidade, os trajetos e os rastros do leitor/usuário. Ações políticas e de marketing empregam técnicas de obter as preferências do usuário-consumidor, jornais feitos para a web conseguem saber o que o leitor prefere ler e até mesmo enviar, por e-mail, jornais personalizados. O ambiente digital permite que o *feedback* do usuário em relação ao produto ou à interface seja quase imediato, algo que era difícil de acontecer com livros e jornais. Mesmo assim, esse *feedback* acontecia e o design gráfico traduzia preferências e problemas em novos projetos.

Os parâmetros que tornam um sistema melhor ou pior para navegar e ler devem ser integrados. A combinação deles é que afeta a interação homem/máquina. São eles:

- Facilidade de aprendizado – quão rápido o usuário aprende a trabalhar com as ferramentas do sistema;
- Eficiência de uso – depois que aprendeu a usar as ferramentas, quão rápido o usuário conclui as tarefas;
- Memorização – o usuário deve aprender a usar o sistema e, quando for utilizá-lo novamente, deve ter facilidade em se lembrar de como interagir com ferramentas e tarefas;
- Frequência e gravidade dos erros – quão freqüentes e graves são os erros cometidos pelo usuário e como ele faz para recuperar a tarefa.<sup>78</sup>

Este trabalho ateu-se aos critérios da usabilidade relacionados à leitura em tela, na *web*. Outros aspectos analisados são atinentes à diagramação do texto e à facilidade de leitura. Por exemplo: os dados da usabilidade apontam que a leitura se torna mais fácil e fluida, em telas, quando a fonte utilizada na diagramação do texto é serifada, com corpo entre 9 e 12 (14 para pessoas acima de 65 anos). A leitura em tela é 25% mais lenta do que

---

<sup>78</sup> (<[www.sun.com/980713/webwriting](http://www.sun.com/980713/webwriting)>, <[www.usability.gov](http://www.usability.gov)>, <[www.usability.gov/guidelines](http://www.usability.gov/guidelines)>). Acessado em nov. 2006.

em papel (considerando fundo branco) e o leitor/usuário lê preferencialmente listas com *bullets* ou numeração, que fornecem informação concisa e freiam o escaneamento da leitura, permitindo uma leitura diagonal mais rápida.

Quanto à navegabilidade, é preciso evitar que o leitor/usuário tenha que fazer muitos *pagedown* para ler a página inteira. Cada uma delas deve ter informação concisa e evitar muita variação de cores e *banners*. Dados de análises da usabilidade mostram que 79% dos usuários escaneiam em vez de ler e afirmam que o texto deve ser 50% menor na *web* (em relação ao mesmo conteúdo impresso), o que não ocorre nas duas versões de texto testadas nesta pesquisa.

## 6.7 Estado de Minas digital

O EM digital, mostrado nas imagens a seguir, pode ser analisado por meio dos critérios de usabilidade oferecidos pelas *guidelines* da obra de Leavitt e Shneiderman (2006). Comparada à versão impressa, a página inicial do EM expõe melhor a hierarquia das notícias. De fato, a manchete sobre inflação é a notícia do topo, com título maior, localização privilegiada do site.



FIGURA 11. Homepage do Estado de Minas.  
Fonte: Site do jornal, 2006.

A versão digital conta com colunas diferenciadas, menu em disposição facilitadora, fontes em tamanhos adequados. Equilíbrio e simetria são facilmente observáveis. A matéria sobre zoonoses continua em ponto desfavorecido. Para acessá-la, o leitor precisa fazer alguns *pagedown*.



FIGURA 12. Homepage do Estado de Minas.  
Fonte: Site do jornal, 2006.



FIGURA 13. Página interna do Estado de Minas.  
Fonte: Site do jornal, 2006.



FIGURA 14. Página interna do Estado de Minas.  
Fonte: Site do jornal, 2006.

As páginas internas do EM hierarquizam as notícias por seu grau de importância da mesma forma que o jornal impresso. A inflação de BH continua no topo, com foto. O

texto sobre zoonoses também é o primeiro que se vê quando se chega à página. Com foto e sem *pagedown*.

Em relação a aspectos mais gerais considerados positivos, o jornal não habilita *pop ups*, oferece boa orientação de navegação, tem seqüências estáveis de páginas e links para que o usuário siga, oferecem *feedbacks* do tipo carregamento/falha, se for o caso, no entanto, são interfaces “leves”, mesmo para conexões discadas. O Estado de Minas oferece menus de navegação em posição visível e estável, não orienta o leitor a páginas de onde ele não possa voltar, dá preferência a textos curtos, evitando o uso do scroll e destaca tópicos com marcação e bullets, o que facilita o escaneamento do texto pelo leitor.

Os pontos negativos são o fato de o jornal não oferecer página de esclarecimento de dúvidas (tipo FAQ – Frequent Asked Questions) e não sinalizar, com cor, os links já visitados pelo leitor. Tal marcação tem papel importante para uma navegação mais precisa.

## 6.8 O Tempo digital

As páginas digitais de O Tempo têm características um tanto diferentes das do Estado de Minas. O Tempo tem aspecto mais “limpo”, mas, apesar disso, tem funcionalidades e menus bem menos diferenciáveis. O menu tem posição privilegiada. As notícias, no entanto, teriam o mesmo peso, não fosse a posição vertical que elas ocupam ser um sinal de hierarquização.



FIGURA 15. Homepage do jornal O Tempo.  
Fonte: Site do jornal, 2006.

Notícia 1  
na divisa  
do browser

No topo está a manchete “Reeleição no executivo pode chegar ao fim”, correspondente à manchete também do impresso. Das notícias do teste de leitura, só se encontra aquela sobre o sofrimento dos pedestres com as obras da avenida Antônio Carlos, em zona morta (direita, embaixo), ainda sem necessidade de *pagedown*, mas na divisa da

janela do navegador). Não há título na chamada, apenas uma foto (a mesma do impresso), com a chamada em posição de legenda. De maneira geral, a página é assimétrica e desalinhada.



Não há chamada para a notícia 2

FIGURA 16. Página interna do jornal O Tempo.  
Fonte: Site do jornal, 2006.

Depois de um clique, o leitor de O Tempo chega à notícia sobre obras viárias. A página da matéria se configura de maneira que não haja dúvida sobre a importância da notícia. O bloco de texto é curto, sem *pagedown*, sem fotos ou quaisquer aprofundamentos.



FIGURA 17. Página interna do jornal O Tempo.  
Fonte: Site do jornal, 2006.

A notícia sobre trabalho escravo, que no impresso aparece na capa, não está na página inicial de O Tempo digital. Isso dificulta a navegação do leitor e cria um problema que ele precisa solucionar. Tal dificuldade nos pareceu uma oportunidade de conhecer as táticas que cada informante empregaria em busca da notícia. Seria preciso ir até a editoria

correta, a partir de conhecimento prévio sobre jornais, ou clicar em botões que pudessem levar ao texto solicitado. De qualquer forma, tratava-se da notícia de topo, com chamada clicável.



FIGURA 18. Página interna do jornal O Tempo.  
Fonte: Site do jornal, 2006.

O Tempo cuida dos mesmos aspectos que o Estado de Minas, com a vantagem de oferecer opções de impressão em mais páginas e empregar fios para diferenciar notícias e espaços em branco. Por outro lado, o jornal também não marca links já visitados e apresenta notícias em página inicial que não correspondem ao jornal impresso do mesmo dia, o que pode tanto ser um problema quanto pode ser justificado pelas possibilidades mais ágeis de atualização do jornal na Internet. O jornal Estado de Minas permite a busca por edições passadas e disponibiliza arquivos PDF dos jornais anteriores. O Tempo também oferece esse tipo de busca, mas disponibiliza apenas os PDFs da edição do dia, sendo necessário entrar em contato com departamento específico para ter acesso ao jornal<sup>79</sup>. Por outro lado, O Tempo oferece, embaixo da notícia, o link “Comente este texto”, que incentiva o leitor a participar e a escrever para o jornal, publicando sua opinião ou seu comentário sobre os acontecimentos noticiados.

Como se pode verificar, os jornais atendem a vários quesitos que as heurísticas da Usabilidade sugerem ser pontos positivos, a favor do leitor e da melhor legibilidade. O planejamento visual do jornal Estado de Minas parece mais satisfatório do que o do jornal

<sup>79</sup> O setor responsável pelos PDFs informou que o leitor interessado deveria ir até a sede do jornal, em Contagem, para fazer a consulta e receber os arquivos, o que consideramos despropositado, especialmente para um jornal de acesso livre na Internet. Conseguimos os PDFs com a ajuda de profissionais mais dispostos a colaborar com a pesquisa.

O Tempo, mesmo na versão impressa. A consistência entre as telas e mesmo entre as versões de papel e de tela também se mostrou maior no site dos Associados.

Com essa análise, esperamos mostrar que os sites escolhidos podem ser considerados bons para leitura e navegação. Nosso intento é verificar se o leitor pouco letrado digital poderá compreender o protocolo proposto por cada jornal.

## 7 Resultados e discussão

Nesta seção, apresentaremos os resultados obtidos a partir dos três instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa: questionários para obtenção do perfil dos informantes, testes de navegação e testes de leitura. Optamos por entrelaçar nossos dados à discussão que eles suscitam. Aqui, propomos uma leitura dos nossos achados já vestidos com nossa perspectiva teórica e já ensaiando conclusões. O fato de termos optado por agrupar os estudantes conforme seus perfis declarados de leitores nos ofereceu um padrão sobre o qual trabalhar. Após a coleta de outros dados, novos agrupamentos se tornaram possíveis. À medida que essas questões surgirem, explicitaremos nossas opções metodológicas.

### 7.1 Perfis de leitores

Hábito de leitura, leitura corrente e leitura efetiva<sup>80</sup> são três itens abertos existentes no questionário aplicado aos leitores participantes deste estudo. Além destes tópicos, propusemos questões sobre a leitura de jornais impressos e digitais, hábitos na Internet, formas de acesso à Rede, onde aprenderam a usar o computador, domínio de outros aparelhos digitais, tais como celulares e caixas eletrônicos de agências bancárias (Apêndice 1). Embora supuséssemos que o estudante universitário tinha acesso a jornais ao menos algumas vezes por semana, nossos resultados mostraram que isso não é verdade. Os dados apenas parecem confirmar o que já havia sido mostrado por estatísticas mais gerais (no INAF, por exemplo).

Sodré (2003) aborda o tema do desenvolvimento dos jornais (e de seu público-leitor) no Brasil e, segundo o autor, o país sofreu embargos (de Portugal) que atrasaram nosso desenvolvimento cultural. O único tipo de escola possível até quase o século XX era aquela de caráter religioso, que permaneceu vigorosa por 250 anos. Somente no século XIX, as primeiras faculdades se fundaram e, ainda assim, acessíveis a uma parcela mínima da população. O difícil acesso a livros e jornais também esteve relacionado ao analfabetismo que atingia a quase totalidade da população. Quando a primeira prensa tipográfica chegou ao Brasil, em 1808, iniciou-se a publicação do primeiro jornal permitido no país e foi disparada uma nova dinâmica da leitura e do leitor. Mesmo assim, com a efervescência de jornais e obras literárias (mais especificamente o romance), não foi a

---

<sup>80</sup> Segundo a pesquisa Retrato da Leitura no Brasil, leitor corrente era quem havia lido algum livro nos últimos três meses anteriores à pesquisa; leitor efetivo era quem estava lendo no dia em que os testes foram aplicados. As questões se referiam apenas a livros. Outros itens abordavam a Internet e os jornais.

massa da população que teve acesso aos periódicos. A leitura de jornais era um gesto ligado ao mundo burguês e, preferencialmente, aos homens, exceto pelos periódicos segmentados ou especificamente dirigidos às mulheres. O leitor de diários noticiosos tinha, portanto, algum privilégio em assinar ou comprar jornais.

Esse histórico de pouca acessibilidade ao leitor “popular” se confirma nos dados do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF 2001), que oferece o seguinte retrato da leitura de jornais no Brasil de hoje: enquanto as classes A e B fazem a leitura freqüente dos diários (66%), apenas 24% dos leitores das classes D e E afirmam ler jornais pelo menos uma vez por semana, ficando a classe C mais próxima da média de D e E do que das classes mais privilegiadas (BRITTO, 2003).

Para Britto, “Deve-se lembrar que a leitura do jornal implica investimento financeiro ou freqüência a lugares em que o jornal esteja disponível”, algo que parece não ocorrer com os alunos em foco nesta pesquisa ou porque, em sua maioria, eles não pertençam às classes mais privilegiadas ou porque não se socorram dos jornais nem mesmo onde podem estar disponíveis, como na biblioteca da instituição de ensino<sup>81</sup>. Outro aspecto do contexto sociocultural que pode influenciar na menor procura pela leitura dos jornais impressos é a concorrência da Internet como fonte de atualização e obtenção de notícias. No “sistema de mídia” atual, as pessoas dispõem de meios diversos para saber dos acontecimentos, o que inclui a televisão, por exemplo, embora isso também signifique certa superficialidade das informações obtidas.

Embora mencionem a busca incessante por atualização e informação, os estudantes pesquisados aqui não se declararam leitores contumazes de jornais como o Estado de Minas ou O Tempo, nem em suas versões impressas nem nas digitais. Para Britto (2003, p. 60-61), “as pessoas pertencentes às classes A e B apresentam números significativamente superiores para uso do jornal (49%) e da Internet (13%), as duas formas mais elaboradas de busca de informação, em comparação com a classe C (respectivamente 31% e 2%) e com as classes D e E (respectivamente 20% e 0%)”.

Como se pode observar, classes mais altas lêem jornais e utilizam a Internet com freqüência muito superior às classes C, D e E. Destaque-se que as classes menos

---

<sup>81</sup> Um resultado importante obtido a partir dos dados dos questionários foi a escola de origem dos estudantes. 83% deles vinham de escolas públicas. Destes, 78% de escolas da rede estadual. Embora a curiosidade sobre esse dado sempre aflore, não pretendemos dividir os estudantes entre oriundos de uma ou de outra escola. Esse tipo de análise leva a dicotomias estéreis e a generalizações muitas vezes equivocadas e preconceituosas.

privilegiadas apresentam uso da Internet quase nulo, o que torna os jornais digitais menos acessíveis ainda do que os impressos.

Serra (2003, p. 69), ao tratar de políticas de promoção da leitura, afirma serem os jornais o principal modo de obter notícias “sobre as políticas que afetam diretamente” as vidas dos cidadãos. “A maioria não tem acesso aos outros meios mais sofisticados de disseminação da informação e do conhecimento, como a leitura diária de jornais, bem como o acesso à Internet. De acordo com os resultados do INAF 2001, somente 11% da população lêem jornal todos os dias e 34% não costumam ler jornal”.

Para Martins (2005), a revista está muito adiante do jornal quando a questão é o que as pessoas gostam de ler quando querem se entreter. Isso também afeta um público muito mais plural do que o jornal foi capaz de alcançar. Cheida (2002) defende, com veemência, que a leitura de jornais precisa ser ensinada aos cidadãos, mas isso não basta. É preciso, para o autor, utilizar o jornal como ferramenta para aprender a construir leitura crítica.

Abreu (2001) afirma e defende o interesse do brasileiro pela leitura. Segundo a autora, o problema seria minimizado “se deixássemos de tomar como referência aqueles objetos e modalidades de leitura” mitificados por uma cultura elitizada. Ao descrever uma fotografia de Caio Guatelli em que um mendigo lê um jornal conhecido, a autora analisa:

A leitura mítica nos cega para as práticas de leitura cotidianas como a retratada na foto de Caio Guatelli. Nela vemos um homem negro, pobre, que lê um jornal, negando ponto a ponto os elementos que compõem a imagem ideal de leitura. Ele não lê em casas confortáveis, mas na rua, recostado em parede áspera. Não estuda tampouco se diverte, mas lê um pedaço de um jornal. Não parece orgulhoso de sua posição ou distraidamente envolvido com situações ficcionais, mas tem o semblante carregado seja pela preocupação com as notícias ali apresentadas, seja pela própria dificuldade de leitura. Com uma faixa amarrada às costas, dois sacos e alguns embrulhos, talvez transporte consigo todas as suas propriedades. Se imaginássemos alguém como ele lendo jornal, pensaríamos logo em tablóides sensacionalistas. Ao contrário, esse homem excluído da economia formal lê a sessão “Economia” de um grande jornal. (ABREU, 2001. p. 152)

Segundo ela, os números da produção editorial não mentem: a média da venda dos principais jornais brasileiros aos domingos é de 4.460.296 exemplares (dados de janeiro de 1999, Instituto Verificador de Circulação, a partir das Informações Juradas dos Editores). No entanto, ao contrastar essas informações com os dados do INAF 2001, o caso do mendigo leitor parece se enquadrar mais entre as exceções tratadas por Oliveira e Vóvio (2003) do que na massa de não-leitores de jornais indicada pelos números de várias pesquisas, inclusive desta (salve-se a proporção do estudo).

### 7.1.1 Hábito de ler

As respostas dos leitores participantes deste estudo à questão sobre hábitos de leitura passaram por uma análise qualitativa, além da quantitativa. Dos informantes que responderam ao questionário (144 indivíduos), 45,2% afirmaram ter o hábito de ler. Ao explicar e justificar suas respostas, foi imensa a ocorrência de associações entre o ato de ler e a busca por atualização, aperfeiçoamento, aprimoramento, estudo e informação. Em geral, esses leitores citam os jornais como objeto de suas leituras, embora sem especificar em que meio acessam esses periódicos.

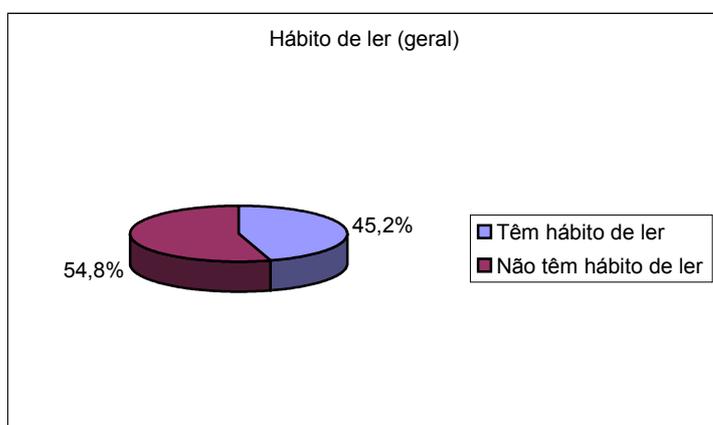


GRÁFICO 1. Distribuição dos estudantes segundo declarações sobre hábito de ler.

As respostas que analisaremos, no entanto, mostram o quanto a avaliação sobre hábito de leitura é subjetiva e pode variar conforme o conceito do que sejam, para os leitores, os materiais legíveis. Além disso, a quantidade de objetos impressos (ou digitais) necessária para transformar alguém em leitor contumaz também depende do que cada um pensa. Optaremos sempre por chamar os estudantes por nomes fictícios, seguidos de suas idades reais.

Cristina, 26, declara que é leitora habitual, assim como, Natália, 19, Renata, 25, Deise, 26, e Flávia, 19. No entanto, cada uma delas (leitoras) justifica a auto-avaliação sobre frequência e qualidade da leitura. A primeira diz que só lê “o que me interessa, tipo revista, história em quadrinhos”, o mesmo argumento de Natália, que declara: “sempre leio alguma coisa diariamente, nem que seja revista em quadrinhos, desde criança gosto de ler. Meus pais sempre me incentivaram”. É interessante notar, no depoimento de Natália, o valor atribuído às histórias em quadrinhos, que lhe parecem, pelo discurso, “leitura menor” em relação a outros objetos. A influência dos pais parece ser decisiva na formação do leitor, o que, de certa forma, se confirma nos dados no INAF.

Rúbia, 19, se considera leitora e acha que a leitura “é fundamental no nosso cotidiano. Gosto de literatura, romances, e quase sempre leio revistas e jornais”, demonstrando uma equalização entre livros e outros objetos de ler. Alguns leitores também colocaram os jornais e as revistas entre os objetos de leitura merecedores de nota. Foi assim com Leo, 23, e Fábio, 19, que disseram, respectivamente, que “procuro sempre me informar por meio de revistas e Internet” e “leio diariamente jornais”.

A leitura declarada de jornais e outros informativos também pode ser inferida de depoimentos como os de Márcia, 31 (“Gosto de ficar por dentro dos acontecimentos no dia-a-dia”), ou de Kátia, 20, “quero saber o que acontece no mundo, ficando, de uma certa forma, atualizada e obtendo informações que podem contribuir para mim”. A atualização e a informação parecem estar relacionadas a objetos como as mídias noticiosas.

Isa, 19, assume os livros como objetos de leitura preferenciais, juntamente com jornais e revistas, e declara não ser leitora deles. No entanto, inclui a Internet numa categoria de objetos capaz de tornar alguém leitor. Ela diz: “Não leio muitos livros nem muitos jornais e revistas, mas na Internet leio de tudo”. Os livros vêm em primeiro lugar para Kátia, 21, Laís, 19, Alba, 20, Getúlio, 21, e Rui, 23, variando as quantidades e a avaliação do que seja o “hábito de ler” para uns e outros.

Kátia diz que adora ler livros, “principalmente que contenham histórias que elevam a minha mente”; Laís declara que lê “freqüentemente, em torno de 7 a 5 livros por ano”, média interessante para ela, acima da de Getúlio (“Costumo ler pelo menos 1 a 2 livros por ano e muitas revistas”) e de Rui (“leio, em média, 2 a 3 livros por ano”). No entanto, é Alba que bate os recordes de hábito de leitura dos estudantes que se declaram leitores contumazes: “cerca de 3 livros por mês”.

Menos precisos e mais efusivos são os informantes Délio, 26, que diz que gosta de ler “o que aparece na frente”, Fátima, 19, que gosta de se manter informada “sobre diversos assuntos” e acha que ler muito “facilita a escrita”. Camila, 24, relaciona a leitura ao ócio dizendo que “sempre que tenho um tempo ocioso, eu prefiro ler ao invés de ficar sem fazer nada ou outras coisas”, e Paula, 19, faz a relação da leitura com os estudos (“geralmente leio muito ao estudar para provas”, ou Denise, que diz que se considera leitora habitual “pelo simples fato de sempre ir atrás de algo para me manter informada, materiais além dos já exigidos pelo curso acadêmico”), semelhante à relação entre leitura e prazer, feita por Pablo, 19, quando diz que “ler, para mim, é prazeroso e não um tipo de obrigação. É uma forma de diversão e de adquirir conhecimento”.

Do universo total estudado, 12,5% dos estudantes associam o “hábito de ler” aos livros. Essa relação gerou respostas negativas para o hábito de leitura, já que os estudantes não consideram jornais e revistas como leitura. Mesmo assim, a maioria dos leitores faz o julgamento mais amplo do que seja ter o “hábito de ler” e admite os periódicos entre os materiais que transformam alguém em leitor habitual.

A resposta negativa ao hábito de ler dependeu de uma avaliação subjetiva interessante. Pelos mesmos motivos que alguns informantes se assumiram como bons leitores, outros negaram a habitualidade com que liam. Das pessoas que não se consideram leitores habituais, grande parte alega a falta de tempo, outra parte não menos considerável alega a falta de gosto. Grande parte dos não-leitores considera a entrada no ensino superior um grande incentivo para ler mais.

O argumento de que só lêem o necessário (não esclarecem que tipo de necessidade, mas presumimos que seja relacionada a atividades escolares ou profissionais) foi citado por muitos informantes. Para se afirmarem como não-leitores, os estudantes deram depoimentos como “Pelo fato de ler somente o necessário e quando é necessário” (Leo, 19), “Não posso me considerar uma pessoa com um grande hábito porque leio somente aquilo que me interessa” (Cris, 29), “Me considero uma pessoa que não tem hábito de ler, pois leio livros só quando necessário, nunca compro jornal” (Cao, 25), “só o que me interessa” (Plínio, 25), “leio quando tenho vontade ou quando necessário” (Sérgio, 18), “geralmente é uma raridade eu pegar algo para ler, a não ser que seja um assunto que me interesse muito” (Tânia, 19) ou “leio somente o essencial. Não tenho hábito de ler livros nem jornais” (Priscila, 19).

São proeminentes, nos discursos destes estudantes, a vontade e a necessidade. Ou se tem necessidade de ler, aí presumimos que essa leitura esteja relacionada à faculdade ou a alguma espécie de obrigação, ou se tem interesse espontâneo pelo que se vai ler. No caso de alguns, isso acontece raramente. Para outros, tudo está a depender da obrigação, de força maior. A leitura do “essencial” também parece relacionada à necessidade, mas não está nem em livros nem em jornais.

Alguns não-leitores dão depoimentos contrários ao de leitores que se disseram mais ligados aos livros e aos objetos de ler após a entrada no ensino superior. Leila, 31, acha-se pouco leitora, portanto se classifica como não-leitora, mas admite que “estou me aprimorando depois de ter entrado na faculdade. Estou sentindo muito bem”. Amanda, 19, diz que “Antes de começar a faculdade eu lia mais, agora ando sem ‘tempo’”, o que nos parece o contrário do que dizem leitores declarados anteriormente. A faculdade parece lhe

ter dificultado as leituras, do que se pode inferir que o conceito de objeto de leitura de Amanda é que é diferente do de outros leitores. Se ela precisa ler os mesmos livros técnicos que os colegas, provavelmente não os considera itens de leitura notáveis.

Kênia, 19, oferece um argumento quase clínico. Não se considera leitora habitual por “falta de concentração e hiperatividade, não consigo me fixar”. O discurso médico atravessa sua justificativa de não-leitora. Euler, 26, admite cumprir apenas as obrigações, “leio apenas os livros do curso”, com concepção semelhante à de Amanda.

A idéia de que ler é ler livros, a “leitura mitificada” mencionada por Abreu (2001), surge nos discursos de vários não-leitores declarados. “Não, leio jornais e não tenho o hábito de ler livros” (Walace, 25), “leio jornais ou revistas duas vezes por semana, e livros a cada dois meses” (Juliana, 28), “leio uns três ou quatro livros por ano, eu acho muito pouco” (Milton, 29), “Às vezes gosto de ler Camilo Castelo Branco, mas outras coisas não tenho muita paciência” (Adriana, 20), “Quando pequena nunca despertei interesse por contos, por este motivo, hoje tenho dificuldades em português” (Petra, 21) ou “não sou muito de ler livros, textos, etc.” (Júlio, 20).

E não apenas o objeto livro surge aqui como objeto de leitura por excelência, considerável e notável, mas também o livro de literatura, canônica, representado por Camilo Castelo Branco, escritor português, ou pelo gênero mesmo, o conto. A “culpa” pelas dificuldades em português é uma espécie de “castigo” por não gostar de ler, até mesmo o diagnóstico dado e irreversível a esta altura da vida escolar e de leitor. E os jornais aparecem enquadrados em espaços iguais ou muito próximos daqueles dedicados ao livro como objeto de ler. Presumimos que o valor atribuído à leitura de jornais esteja mesmo no patamar mais alto, por vezes inalcançável, por este público.

Dois casos curiosos nos parecem dignos de nota. Dilma, 28, que declara não ter o hábito de ler “Depois que tive minha filha” e Wilson, 26, que diz ser leitor “Só quando tem um jornal na minha frente”. A inferir pelos hábitos da mãe, se os dados do INAF 2001 indicarem na direção mais provável, a filha de Dilma provavelmente não “herdará” hábitos de leitura que a mãe não tem e atribui ao nascimento da criança. Já Wilson parece depender do acaso para ler um jornal. De qualquer forma, é o único objeto de leitura que menciona.

### **7.1.2 Leitores correntes e efetivos**

Leituras em curso no momento da pesquisa ou nos últimos três meses anteriores a ela eram os itens seguintes do questionário. Essas perguntas foram inspiradas na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, empreendida em 2000-2001, sob encomenda da Câmara

Brasileira do Livro (CBL), do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel), da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa) e da Associação Brasileira dos Editores de Livros (Abre-livros). Entre as categorizações da pesquisa, foram considerados leitores correntes aqueles indivíduos que declaravam estar lendo no dia da aplicação dos testes e leitores efetivos aqueles que leram um livro nos três meses anteriores à aplicação (ANGIOLILLO, 2001).

A resposta à leitura corrente foi afirmativa em 11,1% dos casos, percentual que consideramos baixo para estudantes universitários. Afora os livros didáticos e técnicos de leitura obrigatória no curso, que não foram considerados sequer pelos respondentes, detectamos também o que os jovens estavam lendo. Foram citados best-sellers como obras de autoria de Dráuzio Varella, Içami Tiba e Dan Brown (autor de *O código da Vinci*), além do conhecido *O monge e o executivo* e vários títulos da auto-ajuda. Houve apenas uma citação de *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.

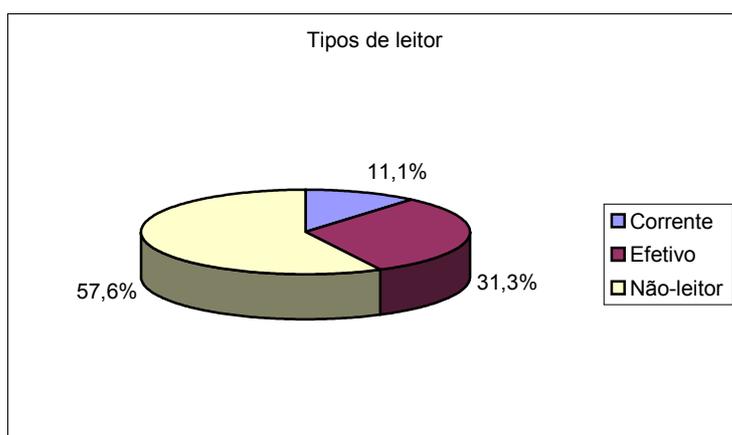


GRÁFICO 2. Distribuição dos estudantes segundo sejam leitores efetivos, correntes e não-leitores.

Nos últimos três meses a que os leitores se referiam, isto é, entre agosto e novembro de 2006, 31,3% dos informantes declararam alguma leitura de livros. Foram citados, além dos já mencionados, o best-seller Paulo Coelho (em várias obras), *Falcão, meninos do tráfico*, livros de crônicas de Luís Fernando Verissimo e um número surpreendente de obras como *Dom Casmurro* (Machado de Assis), *O cortiço* (Aluísio de Azevedo) e *Amor de perdição* (Camilo Castelo Branco). Foi fácil concluir que essas leituras deveram-se à época de vários vestibulares ocorridos na capital mineira no meio do ano de 2006.

Houve leitores que declararam ler nos três meses anteriores à pesquisa e estavam lendo no dia da aplicação dos testes. Esses formaram um percentual de 26,4% do total de

estudantes. Não houve novidade na lista de títulos citada por cada um. Mesmo os leitores mais assíduos citaram as mesmas obras, com acréscimo dos mais vendidos *Quem mexeu no meu queijo* e uma obra de autoria da prostituta Bruna Surfistinha. 57,6% dos estudantes declararam não ter lido nos últimos três meses anteriores à pesquisa e nem estar lendo no dia da sua aplicação.

### 7.1.3 Leitura de jornais

Declararam ser leitores de jornais, no papel ou na tela, 24,3% dos estudantes. Entre os jornais impressos, foram citados Estado de Minas, Super, Diário da Tarde, Folha Dirigida, MG Concursos, O Globo, Jornal da Pampulha. Como se pode notar, grandes jornais são misturados a tablóides e a jornais locais, além de jornais de bairro e veículos dirigidos a públicos segmentados. Entre os jornais digitais, foram mencionados Folha de S.Paulo, UOL, Estado de Minas, Terra, IG, O Globo, Hoje em dia, Estado de S.Paulo, Oi, Yahoo, Último Segundo. Uma variedade maior do que a dos jornais impressos, como de fato é no mundo virtual.

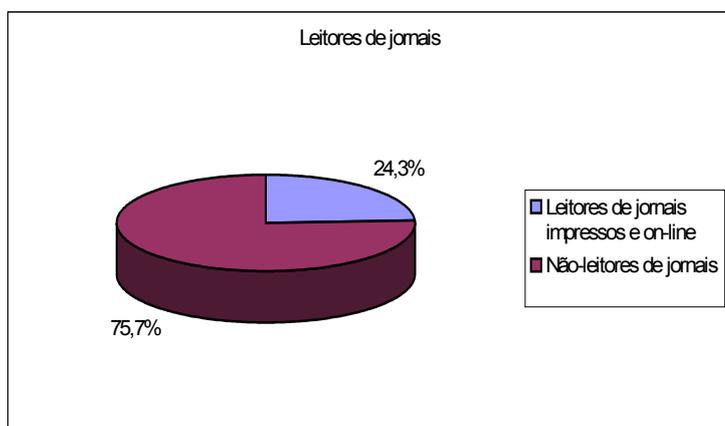


GRÁFICO 3. Distribuição dos estudantes segundo declaração sobre a leitura de jornais (impressos e digitais).

O leitor de jornais digitais não distingue entre os portais de conteúdo e os sites dos jornais. Note-se que a leitura do UOL, do Último Segundo (webjornal ligado à IG), Oi, Terra e Yahoo são considerados jornais tanto quanto O Estado de S.Paulo e O Globo, primeiros jornais brasileiros a publicar versões digitais na Internet. O que o leitor parece

distinguir aqui é a existência de notícias, não o ambiente de jornal ou de portal de conteúdo<sup>82</sup>.

Grande parte dos leitores de jornais declarados menciona a leitura dominical dos periódicos. O hábito de ler jornais aos domingos é tradicional, mesmo porque a edição desse dia da semana é maior, traz cadernos como o de TV ou suplementos especiais (revistas, fôlderes, empregos), embora custe mais caro. Quanto ao ambiente de leitura, grande parte dos estudantes (49,3%) declarou que, quando lê jornais, o faz em papel, não na Internet, e 24,3% declaram que lêem jornais em qualquer suporte.

#### 7.1.4 Acesso à rede

Dos 144 informantes, 67,3% declararam que o fato de estarem na faculdade dava-lhes acesso a computadores e à Internet. Isso já era esperado, uma vez que a instituição de ensino onde estudavam contava com uma ótima estrutura de laboratórios de informática. Mesmo as salas de aula contavam com equipamentos que incluíam computadores e datashows. O aluno que não entrasse no mundo dos e-mails e das máquinas de busca logo teria que aprender a lidar com o sistema virtual em que monitoraria notas, frequência às aulas e mesmo o material didático dos professores, que podia ser disponibilizado na rede, num sistema chamado “Sala virtual”, acessível com login e senha específicos.

A maior parte dos estudantes declarou ter acesso ao computador em casa (70,1%). 22,2% deles disseram ter esse acesso no trabalho (também ou isoladamente), o que se alinha aos dados do IBGE (2007). Isso parece previsível uma vez que o trabalho de enfermeiro não condiz com tarefas de Internet por muito tempo. Apenas 3,5% dos informantes citaram as *lan houses* como opção de acesso à rede.

A forma como se iniciaram na informática também foi reveladora. Em alguns casos, os informantes citaram mais de um ambiente de aprendizagem, mas o que mais nos interessa aqui é verificar que a escola (ensino médio, especialmente) não tem colaborado para o letramento digital dos estudantes. Ela ficou em último lugar entre as agências de letramento que iniciam as pessoas na navegação e mesmo na produção de trabalhos escolares com o uso de aplicativos off-line. A iniciação à informática foi mencionada como tendo sido em casa 70 vezes, 22 vezes no trabalho, o surpreendente número de 66 vezes em

---

<sup>82</sup> Esse fato parece corroborar a tese de Roger Chartier segundo a qual a tela do monitor esmaece as diferenciações entre gêneros de texto ou objetos de ler. Soares (2002) também menciona essa característica dos ambientes digitais de leitura.

cursos livres e apenas 19 vezes em colégios e escolas de ensinos fundamental e médio<sup>83</sup>. Os cursos livres parecem ainda ser grandes responsáveis pela entrada dos indivíduos no mundo da informática, mesmo para uma geração que teve acesso às interfaces gráficas, supostamente facilitadoras da interação com a máquina.

## 7.2 Navegação e leitura

Fazer os testes de navegação e leitura dos jornais impressos e digitais com 144 informantes seria uma empreitada provavelmente inexecutável, dadas as condições e os prazos desta pesquisa. Além disso, um estudo de caso do porte do que fizemos já levanta questões e esboça respostas. Portanto, a partir da análise dos 144 questionários e do desenho de um perfil de leitores, selecionamos 30 estudantes para os testes de navegação/leitura.

Já tínhamos um perfil de leitor razoavelmente homogêneo pelo fato de todos os alunos cursarem Enfermagem, no primeiro período, portanto recém-chegados à faculdade. Reforçamos a nitidez do perfil ao selecionar estudantes que declararam comportamentos, hábitos e preferências de leitura parecidos. A faixa etária dos leitores compreendia dos 18 aos 42 anos, sendo que apenas duas alunas tinham idade acima dos 31 anos. Nossa seleção considerou como critério mais importante a declaração sobre a leitura de jornais e foi essa informação que selecionamos para fundar as categorias de leitores que nos ajudariam a separá-los em grupos.

Dos 144 informantes dos questionários, excluímos aqueles que se declararam leitores contumazes de jornais impressos e na Internet, pessoas que dominavam os protocolos de leitura do jornal em ambos os ambientes. Esse perfil de leitor já havia sido estudado em nosso trabalho de mestrado em Estudos Linguísticos. Interessava-nos, agora, lidar com leitores menos habilidosos com os ambientes impresso e digital, até mesmo pouco íntimos do protocolo de leitura dos jornais. Os 30 leitores participantes apresentavam os seguintes perfis: leitores de jornal impresso e não-leitores de jornais digitais; leitores de jornais digitais e não-leitores de jornais impressos; não-leitores de jornais.

Em razão de encontrarmos dificuldades técnicas e incompatibilidade de agendas, alguns informantes foram substituídos por outros, mais disponíveis, com mesmo perfil. Também houve estudantes que alegaram falta de tempo para participar da pesquisa, mesmo ela sendo incentivada pela instituição. Finalmente, obtivemos o seguinte quadro para a

---

<sup>83</sup> Estes números somam mais do que os 144 leitores pesquisados porque vários deles citaram mais de um meio de se iniciar na informática ao longo do ensino básico.

pesquisa: 23 informantes, dos quais 11 eram leitores apenas de jornais impressos, 5 leitores de jornais digitais e 7 não-leitores de jornais.

Nossa análise parte dos trechos mais relevantes das transcrições dos protocolos verbais dos leitores. Os dados estão disponíveis, na íntegra, no Apêndice 5. Os leitores serão agrupados conforme os perfis e o cruzamento que queremos apresentar. Neste momento, analisaremos a efetiva navegação dos informantes em relação às suas declarações de serem leitores de JI (jornal impresso), leitores de JD (jornal digital) ou não-leitores de jornal (NLJ). Mais adiante, faremos a análise do cruzamento destes dados com os resultados dos testes de leitura feitos a partir das notícias e das respostas às questões planejadas conforme alguns descritores das matrizes do Saeb.

### **7.2.1 Protocolo de leitura de jornais impressos**

Os jornais que utilizamos na pesquisa, em tamanho standard, são constituídos por vários cadernos que correspondem às editoriais. Ambos apresentam primeira página em mosaico, com chamadas para matérias internas eleitas pelos critérios de importância da notícia para aquele dia. Esses critérios também determinam a posição da chamada, uma vez que a manchete ocupa o lugar mais evidente na página e as demais notícias se compõem em laterais, embaixo, em pontos mais ou menos visíveis pelo leitor.

Estado de Minas e O Tempo apresentam primeira página com função de sumário, já que as chamadas contêm indicação de página. Os jornais são numerados e impressos em cores, com textos e fotos. O Estado de Minas do dia 3 de agosto de 2006, uma quinta-feira, era formado por 7 cadernos: Primeiro, Gerais, Informática, Cultura, Classificados, Esportes e Imóveis. As páginas são marcadas com números, sendo que os cadernos Primeiro, Gerais e Esportes têm numeração contínua. Os demais têm numeração independente. Os textos que utilizamos para os testes de navegação e leitura se encontravam nos primeiros cadernos do jornal.

O texto “Inflação de BH é a maior de novo” encontrava-se na página 14 do Primeiro Caderno do Estado de Minas, página par<sup>84</sup>. Na capa do jornal, a notícia era a manchete, com o título “Inflação de BH é 10 vezes maior” em posição de destaque. A notícia “Saúde de agentes sob ameaça” se encontrava na página 23 do Gerais, segundo caderno do jornal, página ímpar, em posição de destaque (topo), com foto e legenda. Na capa, era a chamada “Zoonoses em más condições”, posicionada à direita embaixo, uma

---

<sup>84</sup> Em jornais e livros, as páginas ímpares são vistas antes das pares. Essa diferença pode determinar, no caso de jornais e revistas, o valor do espaço para anunciantes.

“zona morta” do jornal, mas compensada por um box com fundo colorido e uma foto. Para que o leitor chegasse até a notícia solicitada, consideramos estratégico:

1. Escanear a primeira página;
2. Encontrar a chamada e a indicação de numeração de página interna;
3. Manipular o jornal até chegar à página indicada na capa;
4. Encontrar e ler a notícia.

Para fazer esse percurso, é necessário conhecer o protocolo de navegação do jornal diário, saber a função de mosaico<sup>85</sup> da capa, fazer associação do tipo de notícia à editoria mais pertinente, buscar a numeração (função hipertextual) e manipular o jornal, observando cadernos e numeração. Para encontrar a notícia exata, ainda é necessário fazer a conversão do título que ela tem na capa do jornal para o título que ela terá internamente. Essa mudança é muito comum e dá dinamismo ao jornal. A compreensão desse trajeto é o que consideramos a leitura estratégica, e o leitor, o estrategista que identifica e admite as pistas dadas pela programação do jornal.

No caso da notícia “Inflação de BH é a maior de novo”, a mudança não modifica a palavra-chave “inflação”, que é utilizada na solicitação das pesquisadoras. Já no título do jornal O Tempo, há mudança que torna a navegação um pouco mais difícil. Embora a primeira página mostre a palavra “zoonoses”, o título da notícia nas páginas internas é “Saúde de agentes sob ameaça”, o que demanda uma conversão um tanto mais complexa. É preciso associar zoonoses ao campo semântico da saúde para obter “agentes” e “saúde”, além da “ameaça”, que substitui a idéia de “más condições”. Antes disso, é preciso saber o que significa “zoonoses”, algo que alguns estudantes não sabiam. Trata-se, portanto, de conversão bem mais complexa do que no caso da primeira notícia. De toda forma, o leitor precisa concluir toda sorte de fatias do processamento leitor (lexical, sintático, semântico, etc.) e integrá-los para conseguir uma leitura pertinente e realmente compreensiva. Isso deve se dar não apenas entre os títulos de capa e internos, mas ao longo de todo o percurso de leitura do jornal e nos textos propriamente ditos.

O jornal O Tempo é bem menos volumoso do que o Estado de Minas, constituindo-se, no mesmo dia 3 de agosto de 2006, de apenas três cadernos: Primeiro,

---

<sup>85</sup> É bom lembrar que estamos considerando o jornal impresso como “mídia mosaiquica” (SANTAELLA, 2004a) e, com Bolter e Grusin (2000), a genealogia entre as mídias. Para nós, o mosaico é o parente em linha reta do hipertexto.

Cidades e Magazine. Na primeira página, era possível encontrar a chamada para a notícia “Pedestre se arrisca em obra na Antônio Carlos”, em posição de pouco destaque, na zona morta à direita, embaixo. O que compensava essa desvantagem era a foto grande em que se lia a placa “pedestres” e se podia ver a avenida em obras.

Nas páginas internas, a notícia sobre a avenida se encontrava na página B5, no caderno de Cidades. Cobria mais da metade da página ímpar e a dificuldade em encontrá-la talvez se devesse ao fato de O Tempo contar com marcação de páginas alfanumérica. A diagramação da matéria oferecia uma dificuldade que talvez mostrasse seus efeitos nos testes de leitura: o texto principal estava diagramado à direita e o box do texto secundário, à esquerda. O leitor, portanto, tinha acesso, primeiro, ao texto secundário, que alguns, de fato, julgaram o principal. Apesar disso, a matéria contava com fotos e desenhos explicativos.

Se a chamada de capa era “Pedestre se arrisca em obra na Antônio Carlos”, internamente a notícia tinha o título “Pedestre sofre com obra na Antônio Carlos”, em que a conversão não era difícil. A segunda notícia de O Tempo, “DRT encontra 24 homens em regime de escravidão”, ficava logo abaixo da primeira, sem foto, com texto completo indicado na página interna B6. Ao manipular o jornal, o leitor encontraria a notícia integral na última página do caderno Cidades, com o título “DRT flagra 24 homens em regime escravo”, quase igual à chamada de capa.

### 7.2.2 Protocolo de leitura de jornais digitais

O Estado de Minas digital apresenta a mesma hierarquização de notícias do EM impresso. A manchete “Inflação de BH é a maior de novo” se encontra no topo da página inicial, com link direto para a matéria. A notícia sobre zoonoses tem o mesmo título da notícia impressa, em posição correspondente (direita, embaixo), também zona morta, já que o leitor precisa mover a página para cima para chegar à chamada.

A navegação do jornal dependeria de o leitor escanear a página inicial (*home*) em busca das chamadas pertinentes. Isso implica mover a barra de rolagem do site com o mouse. Daí em diante, ao identificar a chamada da notícia, era necessário clicar no link para ter acesso à notícia na íntegra.

As notícias on-line sofreram as mesmas mudanças de título que as do jornal impresso, com a vantagem de que os links levam diretamente ao texto integral solicitado na pesquisa. As notícias do EM em páginas internas são idênticas a suas versões impressas, distribuídas na página virtual inteira. Essas ações, que parecem simples, são uma

experiência nova para indivíduos de baixo letramento. Consideramos que os estrategistas partiriam do escaneamento da página inicial para encontrar o link direto da matéria.

No jornal O Tempo, havia diferenças maiores entre as versões impressa e digital. A notícia sobre as obras na avenida Antônio Carlos mantinha posição semelhante à do impresso, com a mesma foto. Já a notícia sobre o trabalho escravo em Minas Gerais não existia na página inicial, provavelmente em razão de o jornal ser dinâmico e poder ter retirado essa matéria para pôr outra mais importante ao longo do dia. De qualquer forma, isso poderia representar um embaraço para o leitor, que deveria ir à editoria mais pertinente, no menu à esquerda, e procurar por chamadas internas.

### **7.3 Os 23 leitores participantes**

De agora em diante, passaremos à análise dos resultados gerados pelos testes de navegação/leitura (Apêndice 2) feitos pelo grupo de 23 leitores que selecionamos para a pesquisa. Todos os leitores terão contrastados seus dados sobre o perfil que desenhamos a partir dos questionários da pesquisa, os dados sobre a navegação nos jornais (impressos e digitais) e os resultados gerados nos testes de habilidades de leitura baseados no Saeb.

Desse contraste esperamos tirar boas reflexões sobre quais variáveis realmente têm relação com o letramento destes estudantes, especialmente aquele relacionado às habilidades de leitura de textos informativos, mais ainda, de objetos de ler construídos a partir de uma arquitetura hipertextual. Para ampliar a discussão, apresentaremos, em seção posterior, dados da dissertação de mestrado defendida em 2003 (RIBEIRO, 2003a), com o intuito de contrastar os comportamentos de leitores letrados e o comportamento de estudantes pouco experientes na leitura de hipertextos.

Os estudantes serão identificados por nomes fictícios seguidos de suas idades. Descreveremos as ações dos leitores em contato com os jornais, em contraste com o protocolo de leitura que consideramos desejável. No entanto, as estratégias e as táticas são igualmente importantes para nossos resultados. É nosso objetivo observar o comportamento do leitor em contato com o objeto hipertextual, impresso e digital, e compreender um pouco melhor como pessoas pouco letradas se apropriam de materiais pouco conhecidos, em direção a novas experiências de letramento.

Pela categorização de Santaella (2004a), não é possível dizer que tenhamos aqui leitores “novatos” em ambientes digitais<sup>86</sup>. Todos eles demonstram algum conhecimento desses ambientes, como MSN e contas de e-mail. Nosso foco, neste caso, é a leitura de jornais, impressos ou digitais, com seus protocolos complexos. Consideramos também que os jornais pesquisados não sejam webjornais (MIELNICZUK, 2001), pois ainda são planejados à semelhança dos jornais impressos, suas versões originais. É de se esperar, portanto, que leitores do impresso consigam perceber alguma familiaridade quando navegarem em ambientes on-line.

### 7.3.1 Grupo 1 – leitores de jornais impressos

Os 11 estudantes da área de Saúde agrupados nesta seção declararam ser leitores apenas de jornais impressos, com frequência ao menos semanal. Disseram não ter o hábito de ler jornais na Internet, o que nos levou a considerar que tivessem perfil semelhante. Este grupo apresentou ao menos três padrões de procedimento, com comportamentos, ainda assim, pouco estáveis. Breno, Débora, Eduardo, Elizangela, Fabrício, Graziela, Keila, Patrícia, Raiane, Vinícius e Viviane cumpriram as mesmas tarefas nos jornais Estado de Minas e O Tempo, em suas versões impressas e digitais. A comparação entre as operações desses estudantes nas interfaces, com o objetivo de encontrar determinada notícia e lê-la, nos leva a algumas conclusões preliminares. A transcrição integral dos protocolos verbais dos leitores está no Apêndice 3.

Os leitores mais eficientes nos parecem aqueles que demonstram mais familiaridade com os jornais impressos e digitais, assim como parece ter havido um alinhamento entre suas ações mais eficazes e seus perfis de leitores declarados de livros e jornais. À medida que os perfis vão se tornando o de não-leitores de livros e de outros objetos de ler, o embaraço na lida com as interfaces hipertextuais dos jornais (impressos e digitais) vai se tornando mais evidente. Dificuldades com numeração, percepção do projeto gráfico (cores de cadernos, posicionamento de editorias nos sites, etc.) e nomenclaturas parecem aumentar à medida que o conhecimento sobre leitura diminui.

Os leitores de jornais impressos aqui mostrados não apresentam comportamentos radicalmente discrepantes quando mudam de um ambiente de leitura para o outro. Em sua

---

<sup>86</sup> Santaella (2004) distingue três tipos de leitor: o contemplativo, o movente e o imersivo. Em sua pesquisa, descreve leitores novatos, leigos e expertos. A pesquisadora intenta traçar um perfil, hoje, do que ocorre com o leitor também de hoje. Para saber mais, conferir a obra de 2004, *Navegar no ciberespaço*.

maioria, mostraram-se safos quando lidavam com jornais digitais, exceto quando dependiam de máquinas de busca, que não sabem utilizar.

Débora, Eduardo e Vinícius foram os estudantes que nos pareceram mais familiarizados com a interface dos jornais impressos. Além de cumprirem as tarefas solicitadas pelas pesquisadoras mais rapidamente (em relação aos demais estudantes), agiram de forma estratégica em relação ao reconhecimento de sinais das interfaces. Outro indício de que conheciam o objeto de leitura com que lidavam era o relativo conhecimento da nomenclatura utilizada para as partes do jornal. Ribeiro (2003a) já havia mostrado a relação de intimidade entre leitores letrados e os objetos de ler. Dessa relação também fazia parte o conhecimento da nomenclatura utilizada para seções e partes de jornais e sites.

Débora declara ter o hábito de ler e que “sempre estou lendo um livro, nem que seja uma vez por ano”. No dia da pesquisa, lia *As mentiras que os homens contam* (do cronista Luis Fernando Verissimo) e, nos três meses anteriores, havia lido *Eu vi o inferno*. Declara ler os jornais impressos Folha Dirigida e Super (respectivamente, às quartas-feiras e “de vez em quando”). Na Internet, faz pesquisas e utiliza messenger e e-mail. Lida com telefone celular e aprendeu a usar o computador em curso livre.

A estudante gastou apenas 52 segundos para encontrar notícia sobre trabalho escravo no jornal O Tempo impresso, dirigindo-se diretamente ao caderno mais pertinente. Essa estratégia parece importante para a maioria dos leitores deste grupo. Ir diretamente à editoria depende do conhecimento prévio que o leitor tem sobre a arquitetura dos jornais. Na versão digital, Débora gastou 1 minuto e 13 segundos e agiu a partir da página inicial (PI): escaneia, lê chamada, clica e encontra a notícia. A estudante chama títulos e manchetes de “tópicos” e “tópicos maiores”, o que não nos parece demonstrar de intensa familiaridade com o “jargão” do leitor contumaz de jornais.

Eduardo, ao contrário, menciona os termos “capa” e “reportagem” em seu protocolo verbal. No site, fala em “tela”, “visualização” e em “clique”. O estudante aprendeu a usar computador em casa e se declara leitor da Folha de S.Paulo e do Estado de Minas, “todo final de semana”. Havia lido livros nos três meses anteriores à pesquisa e lia no dia da aplicação dos testes. Eduardo cumpriu as tarefas de ler os jornais Estado de Minas de papel e digital. Embora não tivéssemos condições técnicas de medir o tempo gasto pelo estudante, afirmamos que foi pouco. Eduardo escaneou a PP, encontrou a chamada e foi até a notícia. Sabia que a chamada não era a notícia completa, mas apenas uma “isca” para que o leitor vá até o texto integral, onde saberá mais detalhes sobre os fatos. No jornal digital, o estudante escaneou a página inicial, encontrou a chamada com link e clicou para ter acesso

ao texto. Dos leitores deste grupo, foi o único que optou pela estratégia em que o protocolo de leitura do suporte poderia ser considerado mais completo.

Vinícius diz que “adora ler”. Segundo suas declarações, aprende muito com a leitura e conhece “vários assuntos”. Para ele, é possível “conhecer todos os cantos do mundo” e aumentar a capacidade de “argüição” pela prática da leitura. O estudante declarou que lia *Concerto para a alma*, de Rubem Alves, no dia da entrevista, e havia lido Chico Xavier, Rubem Alves e Paulo Coelho, nos três meses anteriores. Declara ler jornais impressos “4 ou 5 vezes por semana”, mas não lê jornais on-line (“prefiro a forma tradicional”). Na Internet, lê e-mails e procura informações sobre sua área de atuação. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador no trabalho e em casa.

Ao executar a tarefa de procurar uma notícia sobre trabalho escravo em Minas Gerais, no jornal O Tempo, o estudante gastou 1 minuto e 15 segundos. Ele começa lendo diagonalmente a PP, encontra o que chama de “uma prévia da notícia”, verifica caderno e número da página. Percorre a editoria conveniente e encontra o texto. No jornal digital, gasta 2 minutos e 16 segundos no percurso entre a página inicial e a notícia sobre uma obra viária. O que ele chama de “procurar pelo mouse” é a utilização do scroll, rolamento central do mouse que ajuda a mover o texto no display do computador. Vinícius faz isso para escanear a PP. Este é o estudante que fornece o protocolo verbal mais detalhado.

Elizangela, Keila e Patrícia cumprem as tarefas da pesquisa com mais embaraço do que os primeiros estudantes analisados. Elizangela, que diz que gosta de ler, não havia lido livros nem no dia da pesquisa e nem nos três meses anteriores, mas se dizia leitora de jornais impressos (O Globo, Estado de Minas, “aos fins de semana”). Na Internet, declarava fazer pesquisas e mandar mensagens. Lidava com vários sistemas digitais e havia aprendido a usar computador em casa e em curso livre. A leitora menciona, durante os testes, “tópicos” (referindo-se às manchetes) e “reportagens”. Na leitura em tela, se dá por satisfeita ao encontrar a chamada para a notícia.

Elizangela levou 2 minutos e 51 segundos para encontrar notícia sobre o setor de zoonoses da Prefeitura de Belo Horizonte, no Estado de Minas impresso. A demora deveu-se a uma leitura apressada e desatenta da PP. Embora a estudante parecesse conhecer o protocolo de leitura do jornal, não observou a notícia na “zona morta” (à direita, embaixo) da página. A partir disso, iniciou o manuseio das folhas, tópico por tópico, até encontrar a notícia.

Em compensação, Elizangela gastou apenas 25 segundos para sair da página inicial do Estado de Minas digital e chegar à notícia sobre inflação em Belo Horizonte.

Nem precisou escanear a home do jornal para perceber que a manchete sobre a economia belo-horizontina estava no topo da tela, antes disso, no entanto, teve o impulso de utilizar o Google, buscador preferido dos leitores. Não tomou sequer a decisão de mover a página para baixo a fim de ver outras notícias. Não clicou na chamada para ir até o texto integral e afirmou que, para ela, a notícia era o que se apresentava ali: apenas a chamada.

Keila se declara leitora do jornal impresso Estado de Minas (“3 vezes por semana”). Na Internet, lê e-mails. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador no ensino médio. O protocolo verbal da informante demonstra que sua estratégia de navegação desconsidera a PP como sumário hipertextual para chegar à notícia solicitada, embora a procura pela editoria Economia demonstre algum domínio do protocolo de leitura do jornal.

Ao executar a tarefa de procurar uma notícia do Estado de Minas impresso, Keila gastou 1 minuto e 17 segundos. O título estava posicionado no topo da página, com letras muito grandes, em negrito, com indicação de caderno e página interna, mas a estudante preferiu ir diretamente ao caderno de Economia. A estratégia deu certo, especialmente porque a notícia se encontrava no primeiro caderno do jornal.

No jornal digital, Keila fez o trajeto da página inicial até a notícia sobre o setor de zoonoses da Prefeitura Municipal em 22 segundos. Também empregou a estratégia de ir diretamente à editoria Gerais, que costuma publicar assuntos sobre a cidade. O modo como agiu foi eficiente e rápido, mas ela não considerou a possibilidade de escanear a página inicial do site.

Patrícia gastou 1 minuto e 25 segundos para cumprir o protocolo de leitura e encontrar uma notícia no jornal O Tempo impresso. Ela declarou ter o hábito de ler revistas, jornais e livros para se informar. Declarou ser leitora do jornal impresso Estado de Minas (“alguns dias da semana”). Na Internet, usa máquinas de busca, que “não domina com facilidade”. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador na casa dos amigos e na faculdade (“por necessidades”). Ao ler o jornal impresso, viu logo o que chamou de “matéria de capa”. Verificou a numeração de página, mas não atentou para a marcação alfanumérica de O Tempo. Essa característica da interface deste jornal foi embaraçosa para vários estudantes. O efeito causado por ela é que os leitores erram os cadernos e se perdem entre as páginas.

Patrícia gastou 2 minutos para encontrar notícia sobre trabalho escravo no jornal O Tempo digital. O procedimento dela foi clicar em editorias que considerou pertinentes, uma a uma, até encontrar o texto solicitado pelas pesquisadoras, estratégia que deu certo.

Breno, Fabrício, Graziela, Raiane e Viviane foram os leitores mais lentos no grupo com perfil de leitores de jornais impressos. Breno, que se declarou não-leitor e assumiu que lia o Super só “de vez em quando”, fez o trajeto entre a capa e a notícia do jornal impresso Estado de Minas em 3 minutos e 9 segundos. O estudante escaneou a primeira página, foi até a editoria pertinente e encontrou a matéria. Demorou na última etapa quando se embaraçou com a busca do número de página, mesmo o EM não sendo alfanumérico.

No jornal digital, Breno não leu a página inicial, preferindo abrir as abas das editorias. Essa operação abria novos menus na tela, o que o deixou confuso e o fez gastar 2 minutos e 16 segundos entre a PI e a notícia. Depois de se mostrar impaciente com a procura, Breno retornou à página inicial e leu as chamadas com mais atenção, estratégia que deu certo. Breno chama a PP do jornal impresso de “índice” e, no jornal digital, menciona “reportagem” e “clique”, mas demonstra não saber o que seja “home”.

Fabrício declara não ter o hábito de ler livros, mas ser leitor de jornais impressos (Opinião, “jornal da minha cidade”, e jornais estaduais “semanalmente”). Na Internet, faz pesquisas, utiliza Orkut e e-mail. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador em curso livre. Foram 5 minutos e 29 segundos para chegar ao texto solicitado no jornal impresso O Tempo. O estudante mal olhou a PP, embora tenha feito o gesto de escaneá-la. Passou a folhear o jornal como se procurasse as editorias, perdeu tempo com cadernos improváveis e depois assumiu que leu apenas as palavras iniciais dos títulos da primeira página. Como a notícia na chamada começava com a sigla DRT (Delegacia Regional do Trabalho), que ele não conhecia, o aluno saltou a notícia e foi adiante, perdendo-se no trajeto. Ele procurava a palavra “escravidão” ou algo tão direto quanto isso, como os leitores costumam fazer em máquinas de busca.

Os 6 minutos e 8 segundos gastos no jornal digital deveram-se ao mesmo tipo de desatenção. O aluno perdeu tempo lendo notícias que não estavam relacionadas à solicitada pelas pesquisadoras e partiu para o uso da máquina de busca do jornal. A pesquisa pela palavra “obras”, muito vaga, resultou em mais problemas. De volta à home, depois de orientado pelas pesquisadoras, o leitor escaneou com atenção a página inicial e percebeu que a chamada para a notícia dependia da movimentação do scroll.

Graziela mal se senta na cadeira diante da tela e já abre a página do Google. A aluna gasta 4 minutos e 15 segundos para chegar à notícia do EM digital. A pesquisa que ela faria, se permitíssemos, seria a partir da palavra “escravidão”, o que resultaria em problemas. Tem dúvidas quanto ao que seja home, não escaneia a página inicial, entra em uma editoria, em outra, em uma terceira, todas pertinentes, mas não encontra a notícia.

Mostramos a ela onde estava a chamada e ela se surpreende. O tempo todo, Graziela insiste na eficiência dos buscadores, mesmo a máquina de busca do próprio jornal. A estudante declara ter o hábito de ler “mais ou menos” e não lia livros nem no dia da pesquisa e, nos três meses anteriores, havia lido *Violetas na janela*. Declara ser leitora de jornais impressos (Estado de Minas e Pampulha) e diz que utiliza e-mail. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador em casa. No jornal impresso, se confunde com a marcação alfanumérica de O Tempo e procura no caderno errado. No entanto, escaneia a PP, vê logo a chamada (manchete) e manipula o jornal.

Raiane se declara habituada a ler e diz que, “a todo instante”, está “sujeita a ler”. Não lia livros nem no dia da pesquisa e nem nos três meses anteriores. Declara ser leitora dos jornais impressos Estado de Minas e Super. Na Internet, faz pesquisas e utiliza chats, Orkut, e-mail e “sites legais”. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador em casa e no trabalho. Em O Tempo impresso, chegou rapidamente ao texto solicitado, pela busca na editoria pertinente, embora ignorasse a utilidade da PP. A aluna só via razão de ler primeiras páginas se a notícia redundasse em relação a outras mídias, especialmente a televisão e a Internet. Esse depoimento diz muito sobre a concorrência entre os meios de comunicação em relação ao conteúdo noticiado e corrobora um comportamento do leitor de jornais impressos: o desejo de se aprofundar, não o de obter a notícia em primeira mão. Essa discussão vem sendo ampliada por pesquisadores que estudam as mudanças de função da imprensa, a depender dos meios em que as notícias se propaguem. A reconfiguração do jornalismo impresso tem sido estudada justamente para que melhor se pense sobre que diferencial os impressos poderiam ter em relação a outros meios. O comportamento de vários dos leitores participantes deste estudo parece indicar que a página inicial dos jornais exerce um papel menos importante do que já exerceu antes dos modos de busca disponíveis hoje. O papel do jornal impresso também parece não estar mais tão vinculado à notícia em primeira mão, já que outros meios de comunicação fazem isso mais rapidamente, embora nem sempre de maneira aprofundada.

Raiane menciona as máquinas de busca como primeira solução para encontrar a notícias digitais e faz uma tentativa ineficaz. Em seguida, procura duas editorias que poderiam estar relacionadas com o assunto escravidão. Na última delas, encontra o texto integral solicitado.

Viviane declara não gostar de ler e o fazer apenas quando é necessário. Diz-se leitora do Estado de Minas, “todos os cadernos”, e lida com diversos sistemas digitais. Aprendeu a usar computador na escola e no trabalho. Levou 3 minutos e 35 segundos para

sair da PP e chegar à notícia de O Tempo impresso. Não encontrou o texto porque, embora tivesse escaneado a capa, não deu atenção aos itens em “zonas mortas”. Passou bastante tempo lendo cada título interno nos cadernos dos jornais.

Os 3 minutos e 35 segundos que levou para ler o jornal digital foram gastos indo até a editoria pertinente. No entanto, a estudante subvocalizou a leitura de títulos e pedaços de textos o tempo todo, além de tecer considerações sobre as diferenças entre jornais de papel e digitais. Viviane teve que ser conduzida à home para reiniciar a tarefa. Ainda assim, diante do link da notícia, não clicou, anunciando que “a notícia” era apenas a chamada.

Os três padrões que os estudantes parecem aplicar vão do leitor que escaneia primeiras páginas (no papel ou na tela), passando pelo que procura cadernos e editorias diretamente, até aqueles que preferem folhear (ou navegar a esmo) até encontrar a notícia. Não se pode dizer, no entanto, que haja alinhamento entre as ações do mesmo leitor no papel e na tela, uma espécie de ancoragem. Há quem escaneie papel e prefira selecionar abas no jornal digital e há quem faça o contrário.

### **7.3.2 Grupo 2 – leitores de jornais digitais**

O grupo tratado nesta seção é formado por estudantes que se declararam leitores apenas de jornais digitais, ou seja, diziam ter pouca experiência na leitura de impressos. São cinco, Daniele, Danília, Maurício, Rafael e Romena, dos quais Romena e Rafael mostram muito desembaraço com os objetos de ler, tanto impressos quanto digitais. Os estudantes que haviam se declarado leitores de jornais digitais e pouco experientes na leitura de impressos nos pareceram mais afoitos em relação às máquinas de busca, menos refinados em suas pesquisas e menos íntimos dos mecanismos hipertextuais nos dois ambientes.

As operações dos leitores do primeiro grupo (leitores de impressos) e as dos estudantes deste grupo (leitores de jornais digitais) não parecem muito diferentes entre si. O ambiente de leitura em que os estudantes atuam parece fazer pouca diferença em relação às opções que eles selecionam. No entanto, é possível divisar um “vício” maior dos leitores do grupo 2 em relação às máquinas de busca, assim como um embaraço maior do que os estudantes do grupo 1 com relação ao conhecimento da interface mosaíquica. No grupo 2, foi mais comum que os estudantes optassem por folhear o jornal quando se davam conta de que não conheciam o mecanismo de procura mosaíquica dos impressos.

Romena, que se declara bastante constante na leitura de livros e revistas, dizia não ler jornais impressos. No entanto, como era assinante de um provedor de Internet, tinha o

hábito de ler as notícias do portal. Isso não configura exatamente um jornal, já que esse tipo de portal costuma oferecer conteúdo comprado de outros sites ou agências e configurá-los de um modo um tanto diferente<sup>87</sup>, mas significa que a leitora tinha contato com procedimentos de leitura na Internet. Romena declarou que utilizava a Rede para mais ações: movimentar conta bancária e fazer compras são algumas delas. Segundo dados do IBGE (2007), o perfil de usuário que executa essas tarefas na Rede é bastante diverso do da estudante participante desta pesquisa. Romena tinha a tarefa de ler a notícia sobre zoonoses do Estado de Minas impresso. Conhecedora da função mosaíca da primeira página, a aluna escaneou a folha e encontrou, em 57 segundos, a notícia. No jornal digital, a notícia sobre inflação em BH foi lida depois que a estudante gastou apenas 37 segundos escaneando a página inicial e clicando no link do texto. Dos estudantes participantes dos testes, Romena é a única que menciona “barra de rolagem” e chama a PP do jornal impresso de “folha principal”.

Rafael declarou ser leitor da Folha de S.Paulo e de O Tempo digitais, segundo ele, diariamente. Aprendeu a usar computador no trabalho, havia aproximadamente 4 anos, e dizia estar sempre à procura de informações na Internet. Gastou pouco mais de 2 minutos para encontrar a notícia do jornal O Tempo impresso sobre trabalho escravo em Minas Gerais. No percurso feito, escaneou a PP e achou o link para o texto. Confundiu-se um pouco com a tarefa do jornal digital, mas não pensamos que isso tenha comprometido a expressão do que ele realmente sabia sobre a leitura de hipertextos.

No jornal digital, em que deveria encontrar notícia sobre uma obra viária, Rafael preferiu ir direto às editorias, disponíveis no menu à esquerda da tela. Assim, encontrou o que procurava. Foi o trajeto que Maurício optou por fazer, porém, no jornal O Tempo impresso.

Maurício se dizia usuário de chats e de máquinas de busca, além de ser contumaz leitor das manchetes de jornais on-line. Havia aprendido a usar o computador em casa e, em nossa pesquisa, deveria encontrar uma notícia sobre trabalho escravo no jornal impresso, que ele não tinha o hábito de ler. O estudante preferiu manipular o jornal em busca das editorias (cadernos), antes de partir para a PP. Demorou mais de 4 minutos para encontrar o

---

<sup>87</sup> A respeito dessas diferenças, consulte-se o trabalho de Geane Alzamora, especialmente “Da semiótica midiática à semiótica hipermidiática: jornalismo emergentes”, apresentado no VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom e disponível em [http://www.intercom.org.br/premios/geane\\_alzamora.pdf](http://www.intercom.org.br/premios/geane_alzamora.pdf). Outro trabalho é o de Suzana Barbosa, “Jornalismo online: dos sites noticiosos aos portais locais”, apresentado no XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), em 2001, e disponível na Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (BOCC), em <http://www.bocc.ubi.pt>.

texto solicitado e acabou trocando os jornais e confundindo O Tempo com o Estado de Minas, que estavam sobre a mesa.

No jornal O Tempo digital, o estudante gastou mais de 4 minutos para encontrar a notícia sobre obras na avenida Antônio Carlos. Sua primeira medida foi recorrer à máquina de busca do jornal, de forma muito imprecisa. Digitou palavras como “obras” e não conseguiu refinar a pesquisa pela matéria do jornal. Optou então pelas editorias e foi clicando em links nas abas correspondentes aos cadernos. Assim é que encontrou o texto correto.

Daniele diz ler, uma vez por dia, o jornal digital O Globo. Usa a Internet, além disso, para procurar músicas e fazer trabalhos escolares. Aprendeu a usar o computador em cursos livres. Embora tivesse declarado esse perfil, demorou 2 minutos e 18 segundos para encontrar uma notícia sobre obras na avenida Antônio Carlos, no jornal digital. Manifestou a vontade de começar a procura pela máquina de busca do jornal, também sem saber refinar pesquisa nesse tipo de ferramenta. Escaneou, enfim, a página inicial e percebeu a chamada para a matéria.

No jornal impresso, Daniele fez o escaneamento desatento da PP e optou por folhear o objeto. Leu muitos títulos de notícias, teceu considerações sobre cada uma delas até encontrar, enfim, o texto solicitado pelas pesquisadoras. No percurso do jornal impresso, a estudante demonstrou conhecer a função hipertextual da primeira página: “Vou abrir a página principal aqui, vou dar uma olhada, normalmente aqui você tem um resumo de tudo que tem no jornal”. Ela também confessou certo nervosismo e se envolveu na leitura de outros textos, desviando-se do objetivo proposto por nós. No final do trajeto, ainda nos acusou de termos escolhido, de propósito, uma notícia que estava na última página do jornal. Somente depois que explicamos sobre a PP é que ela assumiu sua falta de atenção.

Daniele também explicou sua preferência pelo Google: “É porque tudo eu tenho costume no Google, Cadê”. Esse tipo de procedimento emergiu muito mais em leitores que faziam parte do grupo leitor de jornais digitais do que do primeiro grupo. No entanto, os estudantes parecem não saber como refinar pesquisas em máquinas de busca e acabam se relacionando mal também com os jornais impressos.

Danília se considerava não-leitora de livros e só passou a lê-los depois que entrou na faculdade. Segundo ela, “para entender melhor as matérias, é necessário”. Dizia ler jornais digitais às vezes, especialmente O Globo, utilizar e-mail, Orkut e messenger. Havia aprendido a usar computador em casa.

Embora dissesse não conhecer bem jornais impressos, Danília foi direto à primeira página do Estado de Minas para procurar uma notícia sobre inflação em Belo Horizonte. Escaneou, encontrou a indicação de página e foi até o texto integral, no caderno pertinente. Levou pouco mais de 1 minuto para fazer o percurso. No jornal digital, onde deveria ler notícia sobre o setor de zoonoses da Prefeitura, optou por usar o Google, mas não sabia sequer o que procurar. Admitiu que não conhecia a palavra zoonoses e fez várias tentativas de busca equivocadas. Não cumpriu a tarefa e ficou surpresa ao conhecer, por nossa explicação, o mecanismo do jornal para encontrar a notícia.

Mais uma vez, os leitores optam por escanear PPs ou vão diretamente às editorias ou, ainda, optam por folhear jornais. Nenhuma procura em máquinas de busca deu certo nos casos narrados até agora. Os estudantes conhecem trajetos possíveis para ler jornais, mas nem sempre optam pelos mais rápidos. De qualquer forma, vão fazendo tentativas que terminam por, em sua maioria, levá-los à notícia solicitada. É importante notar que o grupo 1 e o grupo 2, embora tenham se declarado leitores de impressos ou de digitais, não apresentam diferenças de comportamento discrepantes.

### **7.3.3 Grupo 3 – Não-leitores de jornais**

Este grupo de leitores é formado por estudantes que declararam não ler quaisquer jornais, em ambiente algum. Nossa hipótese, de acordo com esse perfil, era a de que os alunos de Enfermagem deste grupo não demonstrariam intimidade com a interface hipertextual e se embaraçariam mais do que os leitores dos grupos 1 e 2 na procura pelas notícias. Cláudia, Daiane, Jaqueline, Lúcia, Maria, Regina e Simone, mais uma vez, se subdividem em graus diversos de letramento. O grupo 3 comporta desde estudantes que cumpriram a tarefa de buscar a notícia precisa solicitada e apresentaram alguma noção da leitura em composições mosaíquicas, até estudantes que se mostraram bastante distanciados do processo de ler hipertextos, tanto faz se em papel ou em tela.

Jaqueline e Regina são as leitoras menos embaraçadas nos procedimentos da leitura das mídias de arquitetura mosaíquica. A primeira, que disse só ler quando o material está relacionado ao curso que fazia na faculdade, gastou 2 minutos e 23 segundos para encontrar notícia sobre zoonoses no Estado de Minas impresso. A aluna escaneou a capa do jornal, não encontrou a chamada e partiu para os cadernos (editorias). Folheou vários deles, subvocalizou textos, voltou e encontrou a matéria. Em compensação, a notícia do jornal digital surgiu em menos de 1 minuto. A leitora optou pelo menu e pela editoria de

Economia (que ela chamou, impropriamente, de “ícone”) e encontrou o texto sobre inflação.

Regina também optou por procurar os textos solicitados nas editorias. No jornal impresso, ela foi direto ao caderno de Economia, que sabia ser o primeiro. Afirmou, enquanto procurava, que “realmente, eu não tenho muita habilidade com jornal não, tá?” e se desculpou pela bagunça que fez com as páginas em cima da mesa.

No jornal digital, Regina escaneou a página inicial, subvocalizou textos, disse que “subiu e desceu a tela”, mas não fez menção de clicar na chamada. A estudante declarava não usar Internet (“não gosto”) e havia aprendido a usar computador em casa.

Para duas não-leitoras declaradas, as estudantes mostraram um conhecimento da composição dos jornais que não pode ter surgido abruptamente. Embora os tempos de execução das tarefas tendam a aumentar à medida que os grupos 1, 2 e 3 são narrados, não se pode afirmar que estes participantes da pesquisa tenham letramento muito baixo em relação a jornais. Têm, sim, alguma noção, ao menos, dos protocolos projetados, mas não chegam a se mostrar completamente alheios à maneira como se procede na busca por uma notícia, ao menos até agora, se não são estratégicos, também não são passivos. São o que queremos denominar, com base em Certeau (1994), *táticos*.

De fato, o grupo 3 foi o que mais apresentou leitores com dificuldades de cumprir a tarefa solicitada, mas também foi o único em que os estudantes sentiam muita necessidade de se explicar, de “pedir desculpas” pela pouca habilidade com as interfaces.

Cláudia, que deveria lidar com o jornal O Tempo, diante da interface impressa, optou por excluir os cadernos que considerava impertinentes em relação ao tema do trabalho escravo. Resolveu abrir o caderno de notícias Gerais e passou a ler todos os títulos das matérias, até encontrar o texto solicitado pelas pesquisadoras. Para isso, folheou o jornal várias vezes e gastou 3 minutos. No jornal digital, também gastou 3 minutos e meio porque fez as mesmas opções: editorias no menu, em seguida foi à máquina de busca e só cumpriu a tarefa porque ficou nervosa e foi ajudada pelas pesquisadoras. Na lida com a máquina de busca, perdeu-se porque não tinha nenhuma noção de como refinar a pesquisa: digitou “obras”, “serviços públicos” e “obras públicas”.

Daiane era um caso curioso, já que se declarava uma leitura “muito tranqüila para ler qualquer tipo de texto”, mas não estava lendo nada nem efetiva e nem correntemente. Havia aprendido a usar computador em casa e em curso livre. Tinha, nesta pesquisa, a tarefa de encontrar notícias do jornal Estado de Minas. No EM impresso, a estudante escaneou a primeira página, mas passou a folhear o caderno do jornal que tinha em mãos

até encontrar a matéria. No jornal digital, procurou primeiramente nas editorias, leu muitos títulos e não encontrou o texto sobre zoonoses. Daiane gastou mais de 4 minutos para fazer o trajeto hipertextual impresso e 7 minutos e meio para fazer o percurso digital.

Maria aprendeu a usar o computador em casa e na faculdade. Quando iniciou o percurso para encontrar notícia impressa sobre inflação (EM), a estudante escaneou a primeira página e foi direto ao link. Indicou imediatamente que o texto estava no caderno de Economia. Já na interface digital, Maria varreu a tela com os olhos, mas não encontrou o que queria. Foi até o menu à direita, procurou por links tais como “saúde”, no que fez a correlação adequada, embora o link não existisse. Em seguida, optou pela máquina de busca e não conseguiu mais retornar ao Estado de Minas. Quando retornou, com nossa ajuda, ela recomeçou o trajeto pelas editorias e encontrou o texto no caderno Gerais.

Lúcia e Simone são casos ainda mais interessantes. Além de serem as alunas mais velhas envolvidas na pesquisa, foram as que se mostraram menos íntimas dos materiais escritos à disposição para os testes. Simone tinha 31 anos e se declarava pouco habituada a ler. “Justifico sempre pela falta de tempo, mas é sempre uma desculpa”, dizia no questionário de perfil. Havia aprendido a usar computador no trabalho.

A estudante gastou mais de 8 minutos para encontrar a notícia impressa do Estado de Minas sobre zoonoses. Folheou o jornal, procurou títulos grandes, tirou conclusões interessantes sobre a provável disposição das matérias nas páginas: “Jornal fala muito de política, então deve ser uma coisinha bem pequenininha”, no que estava certa. Em determinado momento, confessou: “Você acredita que eu nunca parei para ler um jornal?” e ainda “Vou ficar aqui o dia inteiro e não vou achar nada, viu?”. Após algum tempo, Simone deparou com a chamada da notícia, na PP. Leu para nós e concluiu: “Então aqui, página 23, ah, isto aqui é só um resumo, né?”. Acreditou que era só procurar, mas se frustrou quando descobriu que o caderno que tinha em mãos terminava na página 19. “Vou procurar em outro”, e retornou à PP para se certificar de que tomara as decisões mais adequadas. Um pouco depois, Simone perguntou: “São vários jornais misturados?” e se surpreendeu com a existência de cadernos no mesmo jornal.

No EM digital, Simone foi mais rápida, mas gastou mais de 3 minutos para percorrer os caminhos da notícia sobre inflação em Belo Horizonte. Notou que a matéria era destaque na página inicial do site, disse que iria “clicar” e passou a ler a matéria.

Lúcia, 42 anos, se dizia leitora de, quando muito, um livro por ano. Lidava com poucos sistemas digitais e aprendera a usar o computador na faculdade, muito recentemente em relação à época da pesquisa. A notícia sobre zoonoses foi logo encontrada no EM

impresso. A estudante escaneou a PP, verificou o número de página, folheou e encontrou o texto. Esse percurso não se parece em nada com o de alguém que não conhece a estrutura de um jornal.

No EM digital, Lúcia teve mais dificuldades, sendo que muito mais delas operatórias (motoras mesmo) do que outras. A estudante viu a matéria em destaque na página inicial, mas não tomou qualquer atitude e demonstrou constrangimento em relação ao mouse. Leu a chamada da notícia, não moveu o scroll e perguntou “Onde posso saber mais sobre isso aqui neste jornal?” e “Sinceramente, eu não sei onde procurar”. Depois de clicar no link da PI, não soube como proceder para ler a matéria, que só aparecia parcialmente na tela. “Pois é, como é que eu vou conseguir chegar, abrir essa matéria toda aqui?”. Depois de arriscar um clique, Lúcia leu o texto na íntegra.

Como se pode notar, neste grupo, os tempos de navegação aumentam por conta dos embaraços que os leitores encontram para chegar às notícias. De fato, a correlação entre declarados não-leitores e as dificuldades de ler um jornal aconteceu de maneira mais ou menos direta, ainda assim, não se pode dizer que os indivíduos desconheçam jornais, estejam elas no papel ou na Internet.

Eduardo e Vinícius, no grupo 1, são os extremos de Simone e Lúcia, no grupo 3. O que os torna diferentes? Que contato eles tiveram com interfaces hipertextuais? Como relacionam as operações na interface mosaíquica impressa à ação no hipertexto digital? O trajeto proposto pela pesquisa, que parecia tão curto e pouco exigente, agora mostra que as nuances entre os leitores, mesmo na tarefa de cumprir algo tão simples, são muitas, e todas elas dependem de experiências de leitura e de letramento das quais nem mesmo os próprios leitores têm consciência.

Vejamos agora os resultados dos estudantes em seus testes de habilidades de leitura e façamos, então, um cruzamento entre esses dados, os perfis de leitores e a navegação que cada um foi capaz de executar.

#### **7.4 Leitura e compreensão dos textos**

Os 23 estudantes de Enfermagem que participaram dos testes de navegação nos jornais impressos e digitais descritos anteriormente também se submeteram ao teste de habilidades de leitura de notícias, cujos resultados serão narrados a seguir.

Cada grupo de leitores, ainda divididos segundo o perfil (leitor de jornal impresso, digital ou não-leitor), será analisado com base nos dados gerados pelas respostas às questões propostas pelas pesquisadoras (Apêndice 4). Como já foi mencionado, os itens

foram formulados com base nos descritores da matriz de Língua Portuguesa do Saeb. As habilidades em foco eram aquelas que considerávamos importantes para a leitura de matérias de jornal e deveriam ser desenvolvidas pelos jovens nos ensinos fundamental e médio.

Dos 21 descritores da matriz de LP, selecionamos 5. O Saeb não contempla as habilidades de leitura desde a navegação do suporte, mas apenas a partir do contato com o texto propriamente dito. Faremos essa conjugação a partir dos dados desta investigação.

Para analisar os dados obtidos nos testes, optamos por começar do Descritor (D1), que trata da localização de informações explícitas em um texto. Faremos a análise numa ascendente de letramento, considerando que as habilidades mais complexas, tais como estabelecer relações e inferências, serão analisadas por último. Os quadros a seguir oferecem visualização mais ágil das ocorrências em relação à leitura (por habilidades descritas no Saeb) de cada leitor, em cada texto e jornal, nas plataformas impressa e digital.

#### 7.4.1 Descritor 1: Localização de informações explícitas

Todos os testes de leitura, referentes aos 4 textos de jornais nos dois ambientes (impressos e digitais), continham questões que intentavam verificar se os estudantes haviam desenvolvido a habilidade de localizar informações explícitas em um texto. Vejamos as questões e as respostas que consideramos paramétricas, em relação a seus respectivos textos:

Estado de Minas	Questão	Resposta sugerida como parâmetro
Inflação em BH é 10 vezes maior)	Qual é o significado das siglas IPCS e IPCA?	Índice de Preços ao Consumidor Semanal; Índice de Preços ao Consumidor Amplo.
Zoonoses em más condições	O que é flebótomo?	Mosquito transmissor da doença (Leishmaniose).

QUADRO 1. Questões do Descritor 1 para o jornal Estado de Minas.

O Tempo	Questão	Resposta sugerida como parâmetro
Obras na Antônio Carlos	Qual é o significado da sigla BHTrans?	Empresa de Transportes e Trânsito de Belo Horizonte.
Trabalho escravo em Minas Gerais	Qual é o significado da sigla DRT?	Delegacia Regional do Trabalho.

QUADRO 2. Questões do Descritor 1 para o jornal O Tempo.

Nosso critério era observar que todas as respostas estavam nos textos, de modo que o leitor participante teria apenas que encontrá-las e transcrevê-las. Não eram necessárias generalizações e nem inferências. Dos 23 estudantes, apenas 20 responderam aos testes completos, dos quais 11 o fizeram após a leitura das duas notícias do jornal Estado de Minas e os demais, a partir do jornal O Tempo.

Todos os estudantes respondentes, de alguma maneira, responderam às questões do Descritor 1 adequadamente. O caso um pouco desviante foi o da leitora Danília (Grupo 2), que não explicou de forma completa a sigla IPCA. Os demais estudantes tiveram resultados satisfatórios às questões de D1. No texto “Zoonoses em más condições”, os leitores do Estado de Minas deram sempre respostas consideradas adequadas, fossem eles leitores de papel ou de tela. Às vezes, apresentavam detalhes, como Daiane (Grupo 3) faz em: “Flebótomo, segundo o texto, significa Transmissor da doença”. Ou como Breno (Grupo 2), que declara “o mosquito transmissor da leishmaniose”. A maioria dos informantes não esclarece o referente mencionado pela pergunta, contentando-se em apontar o flebótomo como “transmissor da doença”.

São dignos de nota ainda os seguintes casos: Danília (Grupo 2), que não responde à questão; Maria (Grupo 3), que responde “inseto”; Simone (Grupo 3), que escreve “inseto (hematófago) que transmite a doença pela picada”; e Eduardo (Grupo 1), que responde “é um agente causador da doença”, resposta inadequada, já que o flebótomo é o mosquito que pica o hospedeiro e transmite a *leishmania*, este, sim, causador da doença. Este caso, no entanto, não nos parece uma “leitura errada”, mas uma impropriedade que passaria despercebida por não-especialistas em Biologia, de maneira geral.

No jornal O Tempo, em duas versões, o índice de acerto à questão baseada no Descritor 1 do Saeb também foi alto. Sobre o texto “Pedestre se arrisca em obras na Antônio Carlos”, colocamos a questão sobre o significado da sigla BHTrans. Todos os leitores responderam adequadamente, exceto pela inexatidão dos termos da sigla, que, corretamente, quer dizer Empresa de Transportes e Trânsito de Belo Horizonte, sendo que alguns informantes escreveram Empresa de Transportes, no plural, o que não consideramos inválido.

Com relação ao texto “DRT encontra 24 homens em regime de escravidão”, os estudantes responderam corretamente, sendo que destes, 2 se preocuparam em especificar que a Delegacia Regional do Trabalho pertence à seção de Minas Gerais. Em relação à habilidade de encontrar uma informação explícita em um texto, portanto, nossos leitores se mostram eficientes, qualquer que seja o ambiente de leitura. Os quadros a seguir, não mais divididos por grupos de leitores de jornais, mas por notícia lida, mostram o desempenho de cada estudante em dois ambientes.

D1	Danília	Daiane	Eduardo	Keila	Maria	Regina
impresso	-	-	+	+	+	+
digital	N	+	-	+	-	+

QUADRO 3. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 1 em notícias impressas e digitais.

D1	Breno	Elizang	Jaqueline	Lúcia	Romena	Simone
impresso	+	N	+	+	+	+
digital	+	N	+	+	+	+

QUADRO 4. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 1 em notícias impressas e digitais.

D1	Cláudia	Daniele	Débora	Fabrcio	Maurício	Vinicius	Viviane
impresso	+	+	+	+	+	+	+
digital	+	+	+	+	+	+	+

QUADRO 5. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 1 em notícias impressas e digitais.

D1	Graziela	Patrícia	Rafael	Raiane
impresso	+	-	+	N
digital	+	+	+	N

QUADRO 6. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 1 em notícias impressas e digitais.

Os quadros ajudam a visualizar o desempenho de cada estudante na questão formulada a partir do Descritor 1 do Saeb. A distribuição dos leitores, anteriormente feita por grupos de perfil ou por jornal lido, agora se organiza por notícia lida, ou seja, o grupo do Quadro 1 leu N1 impressa e N2 digital. O grupo do segundo quadro leu N2 impressa e N1 digital. Sendo dois jornais e quatro notícias, temos quatro cruzamentos possíveis.

#### 7.4.2 Descritor 2: Estabelecer relações em um texto

O Descritor 2 do Saeb propõe a verificação da habilidade de estabelecer relações entre partes de um texto. Trata-se, neste caso, da geração de uma inferência de tipo conectivo, ou seja, necessária para a compreensão do texto (COSCARELLI, 1999). Nos textos do Estado de Minas, as questões foram:

Estado de Minas	Questão	Resposta sugerida como parâmetro
Inflação em BH é 10 vezes maior)	No 5º parágrafo, o jornalista refere-se ao IPCA como “outro indicador”. Qual é o primeiro indicador citado na notícia?	O “outro indicador” é o IPCS.
Zoonoses em más condições	No 2º parágrafo, o jornalista refere-se ao “descaso com a saúde do trabalhador”. Qual é esse descaso?	“Descaso” é a situação precária em que vivem os trabalhadores em serviço: falta de equipamentos de segurança, suspensão de exames médicos periódicos, etc.

QUADRO 7. Questões do Descritor 2 para o jornal Estado de Minas.

No jornal O Tempo, propusemos as questões:

O Tempo	Questão	Resposta sugerida como parâmetro
Obras na Antônio Carlos	No parágrafo 3, a que “situação” a ser avaliada o texto se refere?	Situação de falta de sinalização da obra.
Trabalho escravo em Minas Gerais	No parágrafo 3, a que se refere a expressão “outras irregularidades”?	Trabalhadores em regime escravo e proprietários de terras que se recusam a regularizar o modo de trabalho.

QUADRO 8. Questões do Descritor 2 para o jornal O Tempo.

Entre os 11 leitores do Estado de Minas, 10 responderam corretamente à questão sobre o “outro índice”, o IPCS. Os estilos de resposta variaram, dos mais detalhados aos mais objetivos, mas todos chegaram à resposta adequada, com exceção de Daiane (Grupo 3), que escreveu “A pesquisadora”, resposta que não era pertinente.

Com relação ao texto “Zoonoses em más condições”, embora nem sempre tenham se expressado da maneira mais eficiente, 9 informantes foram considerados hábeis em relação ao D2. Deram respostas satisfatórias, tais como as de Lúcia (Grupo 3) e Romena (Grupo 2), respectivamente: “O agente denuncia as condições precárias de trabalho na prefeitura e pede para não ser identificado, para não sofrer represalha (sic) até mesmo ser demitido da empresa” e “A falta de equipamentos para manusear inseticidas do combate ao mosquito transmissor da leishmaniose. Falta (sic) luvas, máscaras, roupas adequadas, fazendo com que os agentes corram risco de adoecer devido às más condições de trabalho”. Note-se que ambas as respostas demonstram a produção de inferências (não querer se identificar para não ser demitido, risco de adoecer, etc.), não sendo apenas questões de localização de informação ou de cópia. Danília (Grupo 2) e Daiane (Grupo 3), respectivamente, não respondeu e ofereceu resposta considerada inadequada: “Descaso quer lhe dizer caso ou algo mais” (Daiane).

A habilidade de estabelecer relações entre partes do texto, ou seja, produzir sentido a partir de inferências conectivas, não obteve os mesmos bons resultados conseguidos em relação ao D1. Nossos informantes encontram mais dificuldade para cumprir essa exigência do processo para chegar a uma “boa leitura”, “alinhada” com a compreensão mais adequada do texto informativo.

Dos 9 leitores do jornal O Tempo, 8 responderam satisfatoriamente à questão proposta para o texto “Pedestre se arrisca em obra na Antônio Carlos”. Todos mencionaram, de alguma forma, o problema da sinalização mal-feita no trecho de obra em foco, mesmo que alguns fossem mais diretos em suas respostas. Apenas Maurício (Grupo 2) não recuperou corretamente a referência à sinalização, oferecendo a resposta: “A

situação a ser avaliada é para o motorista prestar atenção nos desvios que mudam com frequência levando em conta a limitação do veículo e a segurança dos pedestres”. A notícia dava ênfase ao problema para os pedestres, embora citasse, de passagem, o problema causado aos motoristas pelas obras e pela má sinalização. O informante parece ter se atido ao último aspecto, supervalorizando-o. Isso parece se dever à diagramação do jornal, que apresentou, nessa matéria, uma inversão que causa efeitos nas leituras, como se verá também nos resultados da habilidade de sumarizar o texto. Essa ocorrência nos ajuda a mostrar a altíssima permeabilidade entre a legibilidade dos linguistas e a dos designers, especialmente para leitores pouco letrados.

Em relação ao texto “DRT encontra 24 homens em regime de escravidão”, dos 9 leitores de O Tempo, apenas 4 recuperaram a referência da expressão “outras irregularidades”, que seria a falta de condições de trabalho regulares, tais como exames médicos periódicos, falta de registro em carteira, etc. Os demais estudantes apresentaram respostas evasivas ou não recuperaram o referente.

Assim foi com Débora (Grupo 2), que escreveu “outras coisas que estão irregular (sic)”, não esclarecendo a questão. Cláudia (Grupo 3) redigiu que “outras irregularidades” “se refere ao fato de que, além de estarem sendo submetidos ao trabalho escravo, também estavam irregulares com todas as outras leis trabalhistas”, mas não explicita quais eram, de fato, os problemas (citados no texto).

Vinícius (Grupo 1) escreve que “Após analisar outras quatro fazendas, notaram irregularidades como não depósito de FGTS, contribuição ao INSS e nenhum direito trabalhista”. Todas essas “irregularidades” são pertinentes à situação, mas não foram citadas no texto. O estudante fez uma inferência autorizada (elaborativa, além das conectivas), inserindo em sua resposta Fundo de Garantia por Tempo de Serviço e contribuição ao INSS, aspectos não mencionados na notícia. Este é um caso interessante, uma vez que o informante parece ter explicitado seu conhecimento prévio ao responder à questão já para além do que dizia o texto, algo que nem todos os leitores são hábeis para fazer ou expressar.

Viviane (Grupo 1) escreve que “outras irregularidades quer dizer que, além dos trabalhadores está (sic) sendo mantidos como escravos, havia outras coisas fora da lei que caracteriza crime (sic)”, resposta que não explica ou explicita nada. E Maurício (Grupo 2) explica que “a expressão se refere a falta de procedimentos que um trabalhador precisa para um melhor desempenho no seu trabalho”. O aluno até “acertou” a resposta, mas não

recuperou qualquer referente do texto. Em relação à habilidade em foco, os leitores parecem mostrar os primeiros sinais de dificuldade.

D2	Daniília	Daiane	Eduardo	Keila	Maria	Regina
impresso	+	-	+	+	+	+
digital	N	-	-	-	+	+

QUADRO 9. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 2 em notícias impressas e digitais.

D2	Breno	Elizang	Jaqueline	Lúcia	Romena	Simone
impresso	+	N	+	-	+	+
digital	+	N	+	+	+	+

QUADRO 10. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 2 em notícias impressas e digitais.

D2	Cláudia	Daniele	Débora	Fabrcício	Maurício	Vinícius	Viviane
impresso	+	+	+	+	+	+	+
digital	+	+	+	+	+	+	+

QUADRO 11. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 2 em notícias impressas e digitais.

D2	Graziela	Patrícia	Rafael	Raiane
impresso	+	+	+	N
digital	+	+	+	N

QUADRO 12. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 2 em notícias impressas e digitais.

### 7.4.3 Descritor 11: Relação causa/conseqüência entre partes do texto

As questões relativas ao Descritor 11 verificam se o leitor é capaz de relacionar partes do texto e construir relações de causa e conseqüência. Os estudantes, aqui, demonstraram um pouco mais de embaraço.

Estado de Minas	Questão	Resposta sugerida como parâmetro
Inflação em BH é 10 vezes maior	Qual é a relação entre o aumento do custo de vida em BH e as férias?	Os gastos com férias concorre, com outros fatores, para o aumento da inflação porque passagens, oficinas, etc. são serviços (e produtos) mais consumidos..
Zoonoses em más condições	No parágrafo 4, um agente de saúde pede para não ser identificado. Qual é a relação entre essa atitude e o assunto tratado no texto?	O agente que dá o depoimento na matéria e denuncia as más condições de trabalho não quer ser identificado para que não sofra ameaças ou perca o emprego.

QUADRO 13 Questões do Descritor 11 para o jornal Estado de Minas.

O Tempo	Questão	Resposta sugerida como parâmetro
Obras na Antônio Carlos	De acordo com o texto, esta é a segunda matéria de uma série. De que outras obras viárias na cidade esta série poderia tratar?	Obras da Linha Verde, por exemplo.
Trabalho escravo em Minas Gerais	Qual é a relação entre a Lei Áurea e assunto do texto?	A Lei Áurea, que aboliu a escravidão no Brasil, deveria ser cumprida e, até hoje, é possível encontrar situações de trabalho escravo no país.

QUADRO 14 Questões do Descritor 11 para o jornal O Tempo.

Daiane e Elizangela não responderam à questão sobre inflação em BH. Danília fez o mesmo em relação à pergunta sobre as más condições do setor de zoonoses (assim como Elizangela, de novo). Graziela não respondeu à questão sobre a obra viária e Débora não entendeu a mesma pergunta.

Eduardo (Grupo 1) e Jaqueline (Grupo 3) não deram respostas satisfatórias à questão sobre a inflação em BH, optando por oferecer explicações vagas: “Maior inflação” (Eduardo), “Porque a alta no indicador de BH é resultado do que foi citado” (Jaqueline). Cláudia (Grupo 3) não dá resposta satisfatória à questão sobre a avenida: “Todas aquelas que são feitas em vias de tráfego intenso”. Os demais leitores se aproximaram muito ou citaram nominalmente as avenidas em que obras estavam em andamento, em série semelhante às da Antônio Carlos.

Quanto às perguntas sobre o agente de zoonoses que não quis ser identificado e a relação entre o texto do EM e a Lei Áurea, no primeiro caso, todos os estudantes chegaram à explicação adequada. Keila (Grupo 1) vai além, mencionando, além do medo do agente de ser demitido, o palpite de que ele deve ser funcionário contratado, e não concursado. No caso da Lei Áurea, Cláudia (Grupo 3) não chega à principal questão da resposta, dando uma resposta evasiva; Daniele (Grupo 2) faz o mesmo. Os demais estudantes dão boas respostas, com destaque para Vinícius (Grupo 1), que complementa (a pontuação é do aluno): “A relação é que, mesmo após a assinatura da lei Áurea que deu fim ao período de escravidão no Brasil temos focos de exploração da mão de obra. Escravidão diferente do que enfrentaram os negros. O empregado fica preso ao seu patrão que não oferece seus direitos adquiridos pela constituição. Legalmente, juridicamente a escravidão não existe, mas na realidade em muitos ‘cantos’ de nossa terra querida ela não chegou”.

O Descritor 11 parece oferecer mais dificuldades, já que mais alunos deixam de dar respostas consideradas adequadas às questões, que dependem de mais *background* do que as anteriores. É justamente Vinícius (Grupo 1), leitor contumaz e bom “navegador”, que alcança a melhor explicação.

D11	Danília	Daiane	Eduardo	Keila	Maria	Regina
impresso	+	N	+	+	+	+
digital	N	-	-	+	-	-

QUADRO 15. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 11 em notícias impressas e digitais.

D11	Breno	Elizang	Jaqueline	Lúcia	Romena	Simone
impresso	+	N	+	+	+	+
digital	+	N	+	+	+	+

QUADRO 16. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 11 em notícias impressas e digitais.

D11	Cláudia	Daniele	Débora	Fabrcio	Maurício	Vinicius	Viviane
impresso	-	-	-	-	-	+	+
digital	-	-	-	+	+	-	-

QUADRO 17. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 11 em notícias impressas e digitais.

D11	Graziela	Patrícia	Rafael	Raiane
impresso	+	-	+	N
digital	+	+	+	N

QUADRO 18. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 11 em notícias impressas e digitais.

#### 7.4.4 Descritor 17: Reconhecer notações

O Descritor 17 do Saeb trata do reconhecimento de efeitos de sentido construídos a partir de usos da pontuação e do emprego de notações, tais como negrito, itálico, parênteses e aspas. No caso das notícias de jornal, decidimos pela questão do uso das aspas como marcação de vozes diferenciadas no texto, especialmente diferenciadas da voz do narrador do texto, o repórter. Em geral, o emprego das aspas em notícias marca os depoimentos das fontes, tais como pessoas envolvidas no caso, autoridades, especialistas. É importante mencionar que, à medida que os testes são feitos, percebe-se que uma habilidade está vinculada à outra, numa espécie de hipertexto que auxilia muito o leitor na produção de sentido e na compreensão do texto. A habilidade verificada aqui está intimamente relacionada, especialmente no caso de notícias, a outras, tais como aquelas descritas na matriz do Saeb pelos D14 e D21, que são, respectivamente, distinguir fatos de opiniões e perceber opiniões diferentes no texto.

É o que ocorre nos textos do Estado de Minas e do O Tempo. As respostas consideradas adequadas eram, para todos os casos, a marcação de depoimentos de fontes ou a diferenciação da voz do narrador e de outras pessoas, depoimentos, etc.

Estado de Minas	Questão	Resposta sugerida como parâmetro
Inflação em BH é 10 vezes maior	Nos parágrafos 3, 4 e 6, qual é a função do uso das aspas?	Marcação de depoimentos de especialistas ou pessoas envolvidas no problema.
Zoonoses em más condições	Nos parágrafos 3, 4, 5 e 7, qual é a função do uso das aspas?	Marcação de depoimentos de especialistas ou pessoas envolvidas no problema.

QUADRO 19 Questões do Descritor 17 para o jornal Estado de Minas.

O Tempo	Questão	Resposta sugerida como parâmetro
Obras na Antônio Carlos	No parágrafo 2, qual é a função do uso das aspas?	Marcação de depoimentos de especialistas ou pessoas envolvidas no problema.
Trabalho escravo em Minas Gerais	Nos parágrafos 3 e 5, qual é a função do uso das aspas?	Marcação de depoimentos de especialistas ou pessoas envolvidas no problema.

QUADRO 20 Questões do Descritor 17 para o jornal O Tempo.

Dos 11 leitores do Estado de Minas, para o texto sobre a inflação em Belo Horizonte, 6 responderam corretamente à questão. Regina (Grupo 3) escreveu que “as aspas são usadas nestes parágrafos para indicar as falas dos pesquisadores França M. de Araújo e Wanderley Ramalho”, numa demonstração de que sabe exatamente quem fala em que momento no texto. A estudante fez questão de explicitar até mesmo quem eram os pesquisadores questionados pelo jornalista. Outros leitores foram menos detalhistas, mas ofereceram respostas pertinentes, tais como a de Lúcia (Grupo 3), que escreve: “é uma fala que não é própria do jornalista e sim de outra pessoa”. Tal foi a resposta de grande parte dos informantes.

Os 5 leitores que não deram respostas satisfatórias incorreram no engano de não focalizar o ponto correto do uso das aspas, embora pudessem indicar outros usos dessa notação. Eduardo, por exemplo, sabe que as aspas podem servir para “diferenciar ou facilitar mais a visualização, e para colocar as coisas em respaldo”, mas não consegue atingir o objetivo da questão. O que os jornalistas querem, às vezes, é mesmo o respaldo de um cientista, mas Eduardo (Grupo 1) oferece resposta generalista à questão.

Assim também fazem Breno (Grupo 2) e Keila (Grupo 1). Para o primeiro, as aspas “são informações, comentários retirados de jornais e revistas”. Para a última, essa notação é “uma forma de chamar a atenção, algumas vezes são citações diretas, e um modo de dizer que aquilo não deve ser levado ao pé da letra, ao extremo”. Ambos os informantes demonstram algum conhecimento de usos de aspas, mas não citam o emprego pertinente nos textos em questão.

Danília (Grupo 2) e Simone (Grupo 3) tomam uma outra direção: limitam-se a explicar os sentidos que podem ter as expressões colocadas entre aspas nos textos. A primeira registra que “saiu na frente” quer dizer “teve um índice maior”, enquanto a segunda explica que “inflação não anda”, “mamão não tem sentimentos” e “preços não são objetos que caem de algum lugar”, numa demonstração de leitura literal das metáforas empregadas pelo autor da notícia.

Note-se que, mesmo não sendo considerados leitores hábeis em relação a certos descritores, há alguma coincidência entre as estratégias de leitura usadas. Neste último caso, 2 leitoras partem para explicações literais de expressões entre aspas, enquanto 3 outros leitores preferem explicações generalistas, sem aplicação direta ao texto, mas os leitores pertencem a vários grupos, de todos os perfis.

Sobre a notícia “Zoonoses em más condições”, 7 leitores do Estado de Minas identificaram função correta para o emprego das aspas, enquanto outros 4 leitores foram

considerados pouco hábeis. Entre estes, Eduardo (Grupo 1) escreve que as aspas servem para “colocar alguma coisa em observação”, tocando em ponto semelhante ao que havia respondido quanto ao texto “Inflação de BH é 10 vezes maior”. O estudante confirma, desta forma, sua dificuldade em relação às aspas.

Keila (Grupo 1) responde que as aspas são “uma citação direta, e textos importantes para chamar a atenção”, em resposta também semelhante à que oferecia ao texto anterior do Estado de Minas. A estudante parece manifestar dificuldade no trato com a notação em foco. Danília (Grupo 2) e Simone (Grupo 3) também demonstram pouca habilidade na construção de sentido a partir do emprego de aspas em textos jornalísticos. Ou ao menos não conseguem expressar, nas respostas às questões, sua compreensão dos usos da notação. A primeira deixa a questão em branco e a segunda apenas diz se tratar de uma “citação textual”, sem mais explicações.

Os textos do jornal O Tempo, em relação a D17, foram os que mais apresentaram problemas. Não apenas porque os leitores (ao menos alguns deles) se mostrassem pouco habilidosos com o reconhecimento de funções das aspas em notícias, mas também porque a diagramação do texto no jornal impresso promoveu uma confusão justificada para o leitor pouco letrado, até mesmo no que se poderia chamar de “letramento visual”, absolutamente necessário para o reconhecimento de hierarquias.

Com relação ao texto sobre as obras na avenida Antônio Carlos, dos 9 leitores de O Tempo, apenas 2 deram respostas consideradas satisfatórias, apontando o uso de aspas para marcar depoimentos e vozes diferenciadas da do jornalista. Os demais participantes ofereceram respostas incorretas, por vários motivos. Uma das estratégias dos leitores foi considerar que as aspas serviam para resumir a idéia central do texto. Cláudia (Grupo 3), Débora (Grupo 1), Patrícia (Grupo 1), Viviane (Grupo 1) e Maurício (Grupo 2) mencionaram resumos e paráfrases como função das aspas.

Os leitores Graziela (Grupo 1) e Fabrício (Grupo 2) foram nitidamente prejudicados pela inversão da diagramação, que posicionou o texto principal à direita da folha e o texto secundário, à esquerda, em box, portanto, onde o leitor leria primeiro. Essa troca de lugar fez com que Graziela e Fabrício lessem o texto secundário como se fosse o principal e respondessem que “não há aspas no parágrafo”. Tal fato, interessantíssimo, comprova a falta de letramento visual dos informantes, uma vez que a hierarquização da notícia em relação a suas partes só pode ser feita, antes da leitura, a partir da percepção de fios, fundos, proximidades e outras marcas, mais sutis do que o próprio texto, para indicar o que deve ser lido e em que ordem. A proposta da diagramação (e jamais apenas do texto e

de sua articulação interna) não é obedecida pelo leitor, muito menos quando ele não tem suas habilidades de leitura desenvolvidas.

Em relação ao texto sobre os trabalhadores em regime de escravidão, dos 9 leitores de O Tempo, a confusão se desfaz para 6. Apenas 3 confirmam alguma dificuldade em perceber com clareza o uso de aspas no texto. Débora (Grupo 1) confirma sua pouca habilidade ao oferecer resposta, mais uma vez, generalista (“porque é uma citação direta”); Viviane (Grupo 1) explica que as aspas servem para “chamar a atenção para os crimes e irregularidades que estavam acontecendo naqueles lugares”, confirmando sua percepção insatisfatória de que as aspas são empregadas para “chamar a atenção”; e Maurício (Grupo 2) escreve que “as aspas servem para enfatizar que é o autor o que está falando”, demonstrando seu equívoco em relação às marcações de gerenciamento de vozes em textos de notícia.

D17	Danília	Daiane	Eduardo	Keila	Maria	Regina
impresso	-	-	-	-	+	+
digital	N	+	-	+	+	+

QUADRO 21. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 17 em notícias impressas e digitais.

D17	Breno	Elizang	Jaqueline	Lúcia	Romena	Simone
impresso	+	N	+	+	+	-
digital	-	N	+	+	+	-

QUADRO 22. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 17 em notícias impressas e digitais.

D17	Cláudia	Daniele	Débora	Fabício	Maurício	Vinicius	Viviane
impresso	+	+	+	+	-	+	-
digital	-	+	-	-	-	+	-

QUADRO 23. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 17 em notícias impressas e digitais.

D17	Graziela	Patrícia	Rafael	Raiane
impresso	-	-	+	N
digital	+	+	+	N

QUADRO 24. Acertos e erros dos estudantes em relação ao Descritor 17 em notícias impressas e digitais.

#### 7.4.5 Sumarização: habilidade de compreensão global

Analisando a matriz de Língua Portuguesa do Saeb, consideramos problemática a ausência de um descritor que verificasse a habilidade de compreensão mais global do texto, qual seja, a sumarização. Em se tratando de uma notícia que continha uma narrativa jornalística, com fatos e personagens, era, para nós, necessário acessar a habilidade que os estudantes apresentariam da forma como recuperariam o “fio” do texto. Foi por essa razão que propusemos, fora das matrizes, a solicitação de um resumo da notícia aos leitores. A habilidade que queríamos verificar, no entanto, está intimamente relacionada a alguns

descritores mais específicos, quais sejam: D5, D6, D7, D8 e D9. Estes descritores tratam de habilidades tais como identificar o tema e a tese de um texto, sendo capaz de distinguir argumentos e/ou perceber partes secundárias e partes principais. Outra habilidade importante era a de interpretar o texto com o auxílio de material gráfico como fotos, quadros, etc. Embora não se mencione, por “material gráfico” deveríamos entender, também, a disposição escolhida para apresentar os textos, ou seja, o projeto gráfico segundo o qual o texto é apresentado. Um dos aspectos que dificultaram o bom desempenho de alguns alunos foi justamente o fato de eles saberem ler “só texto”.

<b>Estado de Minas</b>	<b>Questão</b>	<b>Resposta sugerida como parâmetro</b>
Inflação em BH é 10 vezes maior)	Faça um resumo desta notícia.	A inflação de Belo Horizonte é considerada alta no segundo semestre. As razões disso são várias, entre elas o período de férias, em que os consumidores consomem viagens e passeios. Alimentos também aumentam a inflação, especialmente a alta de preço do mamão papaya. Especialistas dizem que a inflação em BH apenas adiantou algo que ocorrerá em várias capitais..
Zoonoses em más condições	Faça um resumo desta notícia.	O setor de zoonoses de algumas regionais da Prefeitura de Belo Horizonte passa por momento difícil, oferecendo más condições de trabalho aos funcionários, que são, em grande parte, contratados. Haveria licitações para a concorrência entre empresas que poderiam resolver o problema.

QUADRO 25 Questões que exigiam sumarização para o jornal Estado de Minas.

<b>O Tempo</b>	<b>Questão</b>	<b>Resposta sugerida como parâmetro</b>
Obras na Antônio Carlos	Faça um resumo desta notícia.	Os pedestres sofrem com as obras da avenida Antônio Carlos. Um dos principais problemas é a falta de segurança para quem anda a pé pela via, próximo às obras. No texto secundário, há informações sobre o histórico do projeto de ampliação da avenida.
Trabalho escravo em Minas Gerais	Faça um resumo desta notícia.	A Delegacia Regional do Trabalho, após denúncia, encontrou, no norte de Minas, trabalhadores vivendo como escravos. Embora haja fiscalização, o problema persiste.

QUADRO 26 Questões que exigiam sumarização para o jornal O Tempo.

A maioria dos estudantes mostrou-se hábil para produzir resumos das notícias, no entanto, foi notável a diferença entre sumarizações em que o leitor reformulava a macro-estrutura textual, mostrando-se capaz de fazer inferências e, de fato, compreender o texto, desde os domínios mais baixos até os mais altos, até aquelas sumarizações em que o leitor não conseguia se descolar de repetições literais (ou quase) do texto original. Provavelmente, a cópia do texto e sua simples edição foram estratégias utilizadas pelos estudantes, conforme prática comum entre eles.

Novamente, Danília e Elizangela não deram resposta às questões sobre os textos do Estado de Minas. Todos os leitores de O Tempo, impresso e digital, deram respostas.

Eduardo (Grupo 1) fez um resumo exageradamente conciso, que não nos pareceu satisfatório: “Inflação em Belo Horizonte está maior de novo”. Trata-se, quase, da manchete da notícia. Romena (Grupo 2), que oferece uma das melhores sumarizações, ainda assim parece se distanciar do texto e partir para uma formulação própria apenas no final: “Através de pesquisas realizadas pela IPC-S e pela IPCA chegou-se a conclusão que Belo Horizonte se tem o custo de vida mais alto do país. E isso se deve principalmente aos alimentos in natura como mamão, por exemplo. É feito (sic) várias observações por parte da direção e supervisão das fundações”. Tanto na interface impressa quanto na digital, o desempenho dos leitores se mostrou semelhante.

A notícia do EM sobre o setor de zoonoses da Prefeitura de BH gerou bons resumos. Eduardo (Grupo 2), mais uma vez, ofereceu uma espécie de manchete: “Saúde dos agentes em ameaça por más condições de trabalho”. Lúcia (Grupo 3) e Keila (Grupo 2) propõem bons resumos, bastante reformulados e concisos, ao contrário dos demais estudantes, que copiam trechos, os colam a outros e utilizam palavras que provavelmente não empregariam em textos de fato autorais. Romena (Grupo 2) apresenta bom resumo, finalizado com inferências mostradas em questões anteriores: “Os agentes aceitam dar a entrevista mas pedem para não serem identificados com medo de serem demitidos. Foi repassado o problema para a secretaria Municipal onde o mesmo ficou de solucionar o problema”. Afinal, o que é o resumo para estes jovens oriundos do ensino médio? O resumo é um gênero que vem sendo estudado pela lingüística textual, mas, foge ao escopo deste trabalho, razão pela qual não focalizaremos o assunto.

Os textos do jornal O Tempo têm bons resumos produzidos, principalmente, por Cláudia (Grupo 3) e Fabrício (Grupo 2). Os estudantes Daniele (Grupo 2), Maurício (Grupo 2), Patrícia (Grupo 1) e Viviane (Grupo 1) apresentaram sumarizações invertidas, conforme indução da diagramação do jornal. Informações dadas no box secundário em relação ao texto da notícia foram priorizadas no resumo. Isso nos parece um problema de duas faces: os leitores não têm letramento suficiente para perceber, por meio de indícios da expressão gráfica da página, o que é principal e o que é secundário no texto. Já o jornal não oferece uma interface amigável ao leitor. Tal ocorrência teve lugar para aqueles que tiveram contato com o jornal impresso, em algum momento. Leitores da mesma notícia digital não teriam dificuldade de hierarquizá-la, uma vez que o texto secundário viria no pé da página, visualizado pelo rolamento da barra lateral do navegador, e não em outra disposição.

Leitores em contato com a notícia sobre trabalho escravo apresentaram boas propostas de resumo. Aqui, é possível notar alguma correlação entre o grupo (leitores de

jornal impresso) e o desempenho na sumarização, conforme exemplos: Graziela (Grupo 1) foi a estudante mais concisa, propondo o seguinte: “Esta reportagem conta a história de um grupo de trabalhadores que estavam sendo mantidos como escravos por fazendeiro”. Muito diferente de Patrícia (Grupo 1), que começa sua resposta pela abolição da escravatura.

A maioria dos estudantes deu como tópico mais importante a existência de homens trabalhando em regime escravo, numa espécie de “pirâmide invertida”. Outros preferiram considerar tópico a prisão do fazendeiro criminoso. Essas mudanças passam pela compreensão do texto e pela intervenção que o leitor faz no que leu. A exemplo de Graziela (Grupo 1), Viviane (Grupo 1) também mescla às informações suas impressões sobre o caso: “Depois da assinatura da lei Áurea, ainda temos casos de escravidão no Brasil. Mesmo sendo considerado crime, muitos fazendeiros opitam (sic) por tentar burlar a fiscalização e continua (sic) tratando empregados como escravos”. Quanto mais números e detalhes os leitores fornecem em seus resumos, mais próximos ficam da cópia. Grande parte das vezes, no entanto, fazem boas propostas de sumarização, que podem ser percebidas por meio da seleção de palavras que substituem trechos do texto (e às vezes qualificam a informação), por opiniões, por mudanças de foco, etc.

O caso dos resumos do texto sobre escravidão é bastante diverso do caso do texto sobre a obra viária, ambos descritos anteriormente. O primeiro mostra a ênfase que o leitor dá a algum aspecto da notícia, mantendo, no entanto, a hierarquia adequada às informações. O segundo caso mostra como a permeabilidade entre diagramação e texto pode atrapalhar a leitura, de maneira que o leitor passe a dar a fatos secundários valor de informação primeira, embora ela continue não sendo a principal. O leitor que não consegue ler desconsiderando pistas erradas da diagramação parece também o mais colado ao texto original.

Os resumos produzidos pelos alunos foram considerados, neste trabalho, um meio de avaliarmos a compreensão global que cada leitor tinha do texto de notícia lido. Nossa avaliação utilizou critérios como: a) se as linhas principais da narrativa do texto original apareciam no resumo; b) se o estudante distinguia elementos principais de secundários; c) se a hierarquia das informações do resumo vinha “colada” ao texto original ou se havia melhor elaboração; d) se havia pertinência entre o lido e o texto (ausência de “achismos”, opinião pessoal, tendência à digressão).

Resumo	Danília	Daiane	Eduardo	Keila	Maria	Regina
impresso	N	F	F	MB	MB	B
digital	N	B	F	MB	MB	MB

QUADRO 27. Avaliação do Resumo de notícias impressas e digitais.

Resumo	Breno	Elizang	Jaqueline	Lúcia	Romena	Simone
impresso	B	N	MB	F	MB	B
digital	F	N	B	F	F	F

QUADRO 28. Avaliação do Resumo de notícias impressas e digitais.

Resumo	Cláudia	Daniele	Débora	Fabrcio	Maurício	Vinicius	Viviane
impresso	MB	B	F	B	F	MB	F
digital	B	B	B	B	F	MB	F

QUADRO 29. Avaliação do Resumo de em notícias impressas e digitais.

Resumo	Graziela	Patrícia	Rafael	Raiane
impresso	B	F	B	N
digital	F	B	F	N

QUADRO 30. Avaliação do Resumo de em notícias impressas e digitais.

Os quadros oferecem melhor visualização do desempenho dos estudantes para todos os descritores do Saeb, em jornais impressos e digitais, ou os mesmos estudantes nos dois ambientes, em textos diferentes, por grupos separados de acordo com a leitura de uma ou de outra notícia. Como se vê, os grupos não apresentam, nem internamente nem quando comparados a outros, desempenhos estáveis ou padronizados de acordo com o ambiente de leitura ou com o fato de terem declarado um ou outro perfil. O que parece, efetivamente, estar em jogo é a dificuldade de ler o texto, ou seja, as habilidades para ler textos noticiosos foram menos ou mais desenvolvidas, conforme o leitor e o texto, numa correlação mais forte do que outras, tais como leitor x ambiente ou leitor x perfil declarado de leitura. O quadro a seguir mostra o desempenho de todos os leitores nas duas notícias, em ambiente impresso e digital.

<b>Leitor(a)</b>					
	D1	D2	D11	D1 7	Res
Breno	+	+	+	-	F
Breno	+	+	+	+	B
Débora	+	+	-	-	B
Débora	+	+	-	+	F
Eduardo	-	-	-	-	F
Eduardo	+	+	+	-	F
Elizângela	N	N	N	N	N
Elizângela	N	N	N	N	N
Fabrcio	+	+	+	-	B
Fabrcio	+	+	-	+	B
Graziela	+	+	+	+	F
Graziela	+	+	+	-	B
Keila	+	-	+	+	MB
Keila	+	+	+	-	MB
Patrícia	+	+	+	+	B
Patrícia	-	+	-	-	F
Raiane	N	N	N	N	N
Raiane	N	N	N	N	N
Vinicius	+	+	-	+	MB
Vinicius	+	+	+	+	MB
Viviane	+	+	-	-	F
Viviane	+	+	+	-	F

QUADRO 31: Desempenho do leitor por descritor em notícia impressa e digital.

<b>Leitor(a)</b>	<b>D1</b>	<b>D2</b>	<b>D11</b>	<b>D17</b>	<b>Res</b>
Daniele	+	+	-	+	B
Daniele	+	+	-	+	B

Danília	-	+	+	-	N
Danília	N	N	N	N	N

Maurício	+	+	-	-	F
Maurício	+	+	+	-	F

Rafael	+	+	+	+	B
Rafael	+	+	+	+	F

Romena	+	+	+	+	MB
Romena	+	+	+	+	F

<b>Leitor(a)</b>	<b>D1</b>	<b>D2</b>	<b>D11</b>	<b>D17</b>	<b>Res</b>
Cláudia	+	+	-	+	MB
Cláudia	+	+	-	-	B

Daiane	-	-	N	-	F
Daiane	+	-	-	+	B

Jaqueline	+	+	+	+	MB
Jaqueline	+	+	+	+	B

Lúcia	+	+	-	-	F
Lúcia	+	+	+	+	F

Maria	+	+	+	+	MB
Maria	-	+	-	+	MB

Regina	+	+	+	+	B
Regina	+	+	-	+	MB

Simone	+	+	+	+	F
Simone	+	+	+	-	F

QUADRO 33: Desempenho do leitor por descritor em notícia impressa e digital.

Os dados gerados pelas leituras dos estudantes parecem sugerir que a diferença de desempenho de leitura não está relacionada ao contato com os textos em ambiente impresso ou digital. O fator que parece preponderante é a dificuldade oferecida pelo texto, pelo reconhecimento de aspectos lingüísticos e pela composição das notícias, pela composição dos textos nas páginas, especialmente dos impressos, e pelo letramento maior ou menor dos estudantes, algo muito anterior à experiência recente deles em leituras hipertextuais digitais. Leitores que declaravam uma experiência de letramento mais densa, mais próxima, apresentaram desempenho melhor na navegação dos objetos de ler e se mostraram mais

hábeis na leitura, conforme os descritores do Saeb. Os leitores com melhor desempenho no alinhamento dos testes se encontram mais entre aqueles que declararam já acumular certa experiência com interfaces impressas do que os outros. O quadro a seguir oferece melhor visualização do desempenho de cada estudante em relação à leitura dos textos. Não parece haver consistência entre o que eles dizem em relação aos próprios hábitos de leitura e o que demonstram em relação às habilidades de ler textos noticiosos. Os hábitos de leitura e os trajetos de navegação que escolhem percorrer também não estão diretamente relacionados. É possível, no entanto, divisar certa consistência se compararmos as habilidades de leitura e de resumo que estes estudantes demonstram nos testes.

Essas comparações trazem à tona casos interessantes. Vamos, então, a alguns deles, que nos pareceram merecedores de nota.

#### **7.4.6 O caso Vinícius**

O trajeto de leitura percorrido pelo estudante Vinícius permite que se visualize um alinhamento entre o que ele declara em seu perfil de leitor: 25 anos, adora ler, diz que aprende muito com a leitura e acredita que seja possível “conhecer todos os cantos do mundo” por meio da prática leitora freqüente. Lia livros no dia da pesquisa e nos meses anteriores à aplicação dos testes. Levou pouco mais de 1 minuto para fazer a trajetória mosaíquica proposta pelo jornal impresso e pouco mais de 2 minutos para ler a notícia digital. Embora não fosse um expert em nomenclatura de equipamentos informáticos, mostrou-se capaz de um protocolo verbal detalhado e consciente de suas ações. As questões de leitura baseadas nos descritores do Saeb mostraram, mais uma vez, que Vinícius apenas completava sua trajetória de leitor habilidoso. Apenas para o Descritor 2 Vinícius parece ter apresentado alguma dificuldade. Mesmo trabalhando contra a diagramação do jornal O Tempo, na notícia impressa que induzia à hierarquização equivocada das informações, Vinícius mostrou a compreensão pertinente do texto. O trajeto que percorreu entre páginas iniciais e texto foi estratégico em relação aos indícios projetados pelos jornais.

#### **7.4.7 Os casos Maria e Regina**

Os trajetos de leitura percorridos por Maria e Regina são menos esclarecedores em relação às variáveis que fazem um leitor ter bom desempenho na leitura integral de um objeto. Maria, 27 anos, estava no grupo considerado de não-leitores de jornal. Em suas declarações, diz não ler jornais, mas se considera leitora de outros objetos. Gastou

aproximadamente 2 minutos para cumprir suas tarefas impressa e digital e teve seu desempenho considerado satisfatório.

Assim também é com Regina, 30 anos, do terceiro grupo, que propôs boas respostas nos testes de leitura das notícias impressa e digital do jornal Estado de Minas. A estudante disse não ter o hábito de ler, mas levou menos de 1 minuto para cumprir sua tarefa de ler notícia impressa e também menos de 1 minuto para chegar à notícia digital do EM.

Tanto Regina quanto Maria fizeram um protocolo razoavelmente estratégico. A primeira conhecia, afinal, a composição do jornal impresso em editorias. No digital, escaneou a página e logo encontrou o link solicitado. Maria também utilizou a estratégia de escanear página no impresso e, no digital, embora tenha se perdido ao usar a máquina de busca, logo resolveu o problema retornando à home, escaneando editorias e clicando naquela que considerou mais pertinente.

#### **7.4.8 Os casos Eduardo, Viviane e Patrícia**

Os itens de leitura sobre os textos de jornal apontaram que Eduardo, Viviane e Patrícia mostravam poucas habilidades leitoras, especialmente em relação aos descritores 11, 17 e à sumarização.

Eduardo, 25 anos, estava no grupo 1, de leitores de impressos, e se dizia leitor de bons jornais e de livros. Percorreu um protocolo de leitura paramétrico, com escaneamento de PP, verificação de numeração e leitura. No jornal digital, mostrou-se também conhecedor de uma seqüência eficiente. Na leitura propriamente do texto, no entanto, não conseguiu bons resultados. O estudante navega bem, mas não lê com o mesmo desempenho.

Patrícia, 25 anos, também do grupo 1, se dizia leitora freqüente de jornais, revistas e livros. Gastou pouco tempo para cumprir os trajetos e encontrar as notícias que solicitamos. Em ambos os casos, a leitora partiu do escaneamento da página e da procura por editorias. Apesar dessa bem-sucedida busca pelas notícias, Patrícia apresentou problemas com várias habilidades de leitura, com reincidência em algumas delas e a demonstração de que pode operar a interface, mas não completa um circuito de leitora habilidosa.

Viviane, 25 anos, grupo 1, faz diferente. Não encontra a notícia impressa solicitada pelas pesquisadoras e entra no jornal digital pelas editorias. Compara o jornal em que navega com um outro de papel, onde pensa ter mais sucesso nas buscas. Seu insucesso nos

protocolos de leitura parece se alinhar aos problemas para ler os textos propriamente ditos. Neste caso, a relação entre operação de interface e leitura (compreensão do texto) parece muito permeável.

Os três estudantes, embora se declarassem leitores de jornais e outros objetos de ler, pareciam não ser leitores habilidosos dos textos, embora pudessem se mostrar bons navegadores, inclusive rápidos e eficazes em suas buscas pelas notícias. Quando se deparavam com elas, no entanto, não mostravam leitura compreensiva do texto.

#### **7.4.10 Os casos Fabrício e Graziela**

Os estudantes Fabrício e Graziela demonstraram uma relação de alta permeabilidade entre o que viam (a diagramação do jornal impresso) e o que liam (entendiam), ou seja, a permeabilidade entre as legibilidades (dos designers e dos lingüistas, digamos assim). Os dois leitores acusam, na questão sobre D17 (uso de notações) que não existem aspas no texto, claramente indicando que haviam lido o texto secundário antes ou de forma mais atenciosa do que o texto principal. Isso ocorreu, certamente, porque a diagramação do jornal posicionava um box (texto secundário) à esquerda da página impressa, primeira posição de leitura (no ocidente). Fabrício e Graziela “colaram-se” à posição dada pelo projeto gráfico e não observaram as aspas no texto principal, que sequer perceberam como tal.

A confirmação dessa leitura foi dada na questão de sumarização, em que Fabrício propôs um resumo do texto sobre obras na Antônio Carlos em que a ordem das informações apareceu invertida, ou seja, o que era secundário na notícia vinha primeiro no resumo do aluno. Diferentemente, Graziela, que também não identificara as aspas, integrou melhor a notícia e foi capaz de propor um resumo reorganizado.

O que nos interessa aqui é a percepção de que o leitor pouco experiente (perfil de ambos os alunos) pode não solucionar problemas de leitura do texto, não apenas em seu “estrato lingüístico”, mas também na camada visual da notícia. Isso também está relacionado ao letramento. A ação de detectar e ler a apresentação problemática de um texto, superando o problema encontrado, pode passar quase despercebida pelo leitor experiente. No caso de Fabrício, a compreensão foi afetada pela forma do que ele lia, neste caso, de forma apenas invertida, em outros casos, quiçá, de maneira inadequada. Leitores mais letrados talvez atuem melhor no jogo entre forma e conteúdo.

#### 7.4.11 O caso Simone

Simone, 31 anos, cumpriu os protocolos de navegação sem qualquer intimidade com os objetos que lia. A certa altura, confessou jamais ter lido um jornal impresso na vida. Chegou a perguntar o que eram os cadernos, que, para ela, pareciam vários jornais juntos. Desconhecendo a composição mosaica do jornal e da capa, conseguiu encontrar a notícia solicitada pelas pesquisadoras porque obteve nossa ajuda. Folheou o material até encontrar um texto sobre zoonoses. Não sabia que os jornais têm indicação de página e disse: “É complicado olhar jornal, né?”.

Na lida com o jornal digital Estado de Minas, considerado, segundo nossos dados, de mais fácil manipulação do que o jornal O Tempo, Simone demonstra menos dificuldade. Sabe escanear, clicar e ler o texto. Apesar de toda a dificuldade para operar com o material hipertextual que tinha diante de si, a estudante teve bom desempenho nas questões baseadas na matriz do Saeb. Apesar da sumarização das notícias considerada fraca, Simone não apresenta baixo aproveitamento nas habilidades verificadas.

Parece-nos que, neste caso, haja certo divórcio entre o texto e a materialidade em que ele está inscrito. Mesmo que Simone não conheça um jornal, pode ler um texto isolado satisfatoriamente.

#### 7.5 Os protocolos de leitura e os descritores do Saeb

Assim como é preciso considerar uma faixa possível de respostas a questões de leitura para que possamos enquadrar os leitores e suas respostas, é necessário propor parâmetros de utilização melhor do objeto de leitura. Como se viu, a expressão gráfica deles interfere na leitura e altera a compreensão dos textos. No entanto, onde se ensina alguém a *ver* os textos, além de *lê-los*? Quem desenvolve no leitor essa habilidade?

Os descritores do Saeb têm como alvos determinadas habilidades de leitura. Os leitores se mostram menos ou mais amadurecidos quanto a elas. Assim também é em relação aos trajetos de leitura propostos pelas interfaces. A organização dada pelos jornais às páginas não é fortuita. E o leitor precisa saber lidar com isso. No entanto, há modos de fazer diferenciados. Aqui, é possível observar comportamentos variáveis: escanear a primeira página ou a página inicial é um deles. O leitor, no entanto, parece considerar as editoriais um atalho por onde encontrar mais rapidamente as notícias. Especialmente se tem um objetivo bem discriminado. Se o leitor estivesse lendo a esmo, provavelmente preferiria folhear e deixar-se levar pelo sabor dos assuntos que lê ou que não deseja ler.

O objetivo da leitura pode alterar o protocolo que o leitor se propõe. Provavelmente, alterará também o modo como compreende o texto, já que dará ênfase a informações diferentes, de acordo com o que deseja. Em nosso caso, o objetivo estava posto, o leitor tinha diante de si um jornal, duas plataformas, e precisava cumprir uma tarefa. Precisávamos de parâmetros, e eles foram dados.

Era preciso conhecer um trajeto de leitura de jornais. Mesmo que declarassem que não, a maior parte dos nossos estudantes conhecia interfaces mosaíquicas. A maioria também sabia ler notícias e as compreendia razoavelmente, com algumas habilidades mais desenvolvidas do que outras. Por que razão o descritor 17 e a sumarização pareceram mais difíceis de cumprir? Ao que tudo indica, estamos diante de problemas de letramento tanto em relação ao desenvolvimento de habilidades específicas, quanto à operação com os objetos de ler. Isso ocorre particularmente em alguns casos, mas não é verdade que alunos que se declaram leitores tenham conseguido alinhar completamente o que dizem e o que fazem. Assim como alunos declarados pouco leitores puderam ir bem nos testes de navegação e leitura.

O que o leitor diz é válido? Por que um leitor se declararia contumaz consumidor de livros? Por razões discutidas na sociologia da leitura e razoavelmente conhecidas. Ser leitor é louvável. No fundo, o que o estudante sente é que precisa parecer leitor, mesmo que ele não seja. Em nossos testes, pudemos perceber certo desalinhamento entre os discursos sobre a leitura e o que, de fato, ela mostra. Testes de navegação podem mostrar um bom caçador de trilhas, mas não necessariamente apresenta ao pesquisador o leitor habilidoso na compreensão do que lê. Se os dados do INAF são confiáveis, e parece que são, o Brasil conta 2/3 de população alfabetizada, mas não letrada. Esses mesmos 2/3 não são capazes de entender textos curtos. Se é assim, parece que estamos diante de pessoas que aprendem a operar máquinas e sistemas, do ponto de vista da navegação, mas que não se apropriam devidamente do que lêem lá. Ou o contrário, também embaraçoso: pessoas que lêem bem, mas não sabem como acessar textos. Dois problemas que se parecem um.

Os quadros a seguir ajudam a visualizar os trajetos de leitura de todos os participantes, desde o perfil declarado de leitor até a compreensão resumida das notícias de jornal. Por intermédio dele, é possível acompanhar trajetórias de estudantes que apresentam desalinhamentos entre o que declaram em relação a seus hábitos de leitura e o que demonstram em testes de navegação e de leitura, como é o caso de Débora. Felizmente, tal desalinhamento parece ocorrer mais entre estudantes que se declararam pouco leitores, mas mostraram algum conhecimento de navegação e leitura.

É possível também, por meio dos quadros, perceber desalinhamentos entre navegação e leitura. Alguns alunos se declaram leitores, encontram meios razoavelmente eficientes de navegar por interfaces de jornais, mas não se mostram leitores com muitas habilidades desenvolvidas, ao menos em relação a alguns descritores do Saeb. Outros estudantes se declaram leitores e se mostram habilidosos quanto à leitura do texto, sem saber muito bem como navegar de forma mais eficaz. Ao que os dados indicam, estes estudantes têm lidado com objetos de ler sem completar circuitos importantes para um letramento mais completo. Lêem sem navegar, navegam sem ler, dizem-se leitores ou declaram-se maus leitores, agem de forma diferente do que declaram. Para Chartier (1998, por exemplo), a forma material do objeto de ler interfere na maneira como se lê. O caso de nossos estudantes parece ser típico: leitores que não percorrem protocolos completos, portanto, podem apresentar leituras frágeis, afetadas pela trajetória mal compreendida. Leituras consideradas fracas, no entanto, não mostraram relação direta com o fato de não saber navegar. O fato de saber navegar, de outro lado, não se correlaciona diretamente com o fato de não se poder ler corretamente um texto, embora essas relações pareçam não autorizar fórmulas ou categorias rígidas de comportamento leitor.

<b>Nome</b>	<b>Perfil de leitor</b>	<b>Trajeto de navegação</b>	<b>Leitura</b>
Breno	Não gosta de ler, leitor de jornais às vezes.	Bom, com escaneamento no impresso e editoriais no digital.	Sumarização razoável e falha em D17.
Danília	Não tem hábito de ler.	Escaneamento no impresso; busca e, diante de problemas e desiste.	Não respondeu às questões.
Daiane	Tem hábito de ler.	Escaneamento e folhear no impresso; editoriais no digital.	Sumarização razoável e problemas com D2 e D17.
Eduardo	Jornais impressos, livros.	Bom, com escaneamento, no impresso; Bom, com escaneamento, no digital.	Sumarização fraca, com problemas em D17.
Elizângela	Leitora de jornais impressos talvez. Não gosta de ler.	Bom, com escaneamento nos dois ambientes.	Não respondeu aos testes.
Jaqueline	Não tem hábito de ler.	Escaneamento e editoriais, no impresso; editoriais no digital.	Boa sumarização e bom desempenho em todos os D.
Keila	Jornais impressos com frequência.	Bom, por editoriais, no impresso; Bom, por editoriais, no digital.	Boa sumarização, bons resultados, com problema em D15 e D17.
Lúcia	Não tem hábito de ler.	Escaneamento no impresso; escaneamento no digital.	Sumarização fraca, bons resultados, menos em D2.
Maria	Não lê jornais, mas lê outros objetos.	Escaneamento no impresso; Editoriais no digital.	Boa sumarização e problemas com D1.
Regina	Não tem hábito de ler.	Editoriais nos dois ambientes.	Boa sumarização e bons resultados em todos os D.
Romena	Tem hábito de ler.	Escaneamento nos dois ambientes.	Sumarização fraca, bons resultados nos D.
Simone	Não tem hábito de ler.	Folhear no impresso; Escaneamento no digital.	Sumarização fraca e bons resultados D.

QUADRO 31. Quadro geral para visualização do cruzamento entre perfil de leitor, trajeto de navegação e habilidades de leitura..

Nome	Perfil de leitor	Trajeto de navegação	Leitura
Cláudia	Não tem hábito de ler.	Editorias no impresso e no digital.	Boa sumarização, problemas com D15 e D17.
Daniele	Lê pouco.	Escaneamento no impresso, sob dificuldade; busca e, depois de encontrar problemas, escaneamento.	Sumarização razoável e problemas com D15.
Débora	Leitora de livros e jornais impressos.	Folhear.	Sumarização fraca, problemas em D2.
Fabrcício	Leitor de jornais impressos, mas não hábito de ler livros.	Demorado. Escaneamento desatento e editorias no impresso. Escaneamento e editorias no digital.	Sumarização fraca. Problemas em D17.
Graziela	Lê pouco.	Escaneamento no impresso; Busca e editorias no digital.	Sumarização razoável, problemas em D17.
Maurício	Lê pouco.	Editorias no impresso; escaneamento no digital.	Sumarização fraca, problemas em D17.
Patrícia	Leitora de livros, revistas e jornais.	Folhear no impresso; Editorias no digital.	Sumarização fraca. Problemas em D15 e D17.
Rafael	Gosta de ler e procura se informar.	Escaneamento no impresso; Editorias no digital.	Sumarização razoável. Bons resultados nos D.
Raiane	Leitora de jornais impressos e diz que gosta de ler.	Folhear no impresso; busca e editorias no digital.	Não respondeu às questões.
Vinicius	Leitor de jornal impresso, adora ler.	Bom, com escaneamento nos dois ambientes.	Boa sumarização e boas respostas.
Viviane	Não gosta de ler. Leitora de jornais impressos.	Folhear no impresso; Editorias no digital.	Sumarização fraca e problemas em D15 e D17.

QUADRO 32. Quadro geral para visualização do cruzamento entre perfil de leitor, trajeto de navegação e habilidades de leitura..

## 7.6 Estes leitores e “os outros” leitores

Na dissertação defendida em 2003 (RIBEIRO, 2003a), não mostrávamos tantas etapas de pesquisa quanto agora e os dados foram gerados a partir de testes com um grupo de 4 leitores. O perfil daqueles indivíduos era bastante diverso do perfil dos 23 estudantes que temos aqui (ou mesmo dos 144 pré-selecionados). Contávamos com a participação, naquela época, de leitores contumazes, cujas profissões estavam, de alguma forma, relacionadas aos atos de ler e escrever, todos com formação superior e alguns em cursos pós-graduação.

Os leitores C, S, L e J também responderam a breves questionários para apreensão de seus perfis, navegaram em jornais impressos e digitais (Hoje em Dia e Folha de S.Paulo, também avaliados em relação à usabilidade), forneceram protocolos verbais (apenas em áudio) e responderam a questões sobre os textos lidos (notícias, na época, sobre política e eleições). Tais questões não estavam baseadas em matrizes de habilidades e a teoria que as sustentava era a Teoria da Relevância, de Sperber e Wilson (1986). Os critérios de

usabilidade eram em menor quantidade e os jornais já eram bastante parecidos com os de hoje. Todos eram leitores contumazes, consumidores de livros, leitores de jornais, usuários da Internet, que acessavam em casa e no trabalho. Papel e tela eram ambientes com os quais tinham muita intimidade.

Estes leitores geraram navegações rápidas e eficazes, além de testes de leitura em que todas as questões tinham respostas satisfatórias. Mesmo quando, na navegação de mídias mosaíquicas impressas, mostravam-se inseguros, tinham consciência em relação às ancoragens que deveriam fazer. Suas experiências de letramento (inclusive digital) emergiam também em novas experiências, que eram logo incorporadas, como se percebe no relato a seguir:

*Bom, primeiro então eu vou abrir aqui o jornal para ver a primeira folha todinha. Ai eu vou ler todas as manchetes aqui da... vou passar o olho nas manchetes da primeira folha para tentar ver se eu já acho aqui. // Ai eu achei. Ai eu vejo em que página que está falando dessa notícia... tá escrito "página esp. 1". Eu não conheço essa numeração aqui da Folha então eu não sei o que que é essa "página esp.", mas pela minha experiência de leitura no Estado de Minas, imagino que seja neste primeiro caderno mesmo. // Mas só que... abrindo aqui o jornal, achei outro caderno que é especial de eleições, então vou olhar nele primeiro. Ai eu já achei aqui na primeira folha desse caderno a notícia. (S, no jornal impresso Folha de S.Paulo)*

J, assim como outros leitores, conhece o jargão dos jornais e gera um protocolo cheio de palavras especializadas.

*Tá. Já achei aqui este lead na capa, na primeira página, página esp 1. O que que isso? Não sei o que que é esp 1. Vamos atrás do esp 1. Deve ser no caderno de eleições. Especial, sei lá. Tá. Tá aqui na primeira página do caderno Eleições: "Candidato do PPS cita Jesus para atacar Serra", é isso? (J, no jornal impresso Folha de S.Paulo)*

C, S, L e J não se sentem intimidados com jornais, demonstram conhecer sua arquitetura hipertextual, inferem posicionamentos de matérias e tecem críticas às formas de ler no papel e na tela, inclusive mencionando tipos e corpos de fontes, serifas, entrelinhamentos e a relação entre a mancha e o branco da página.

O que há de diferente entre os 4 leitores de 2003 e os 23 leitores de agora? Em relação aos perfis, há diferenças na escolaridade, nas áreas de atuação, que certamente influenciam no grau de intimidade que demonstram em relação à leitura e à escrita. Também há diferenças de hábito, tais como o fato de uns lerem todos os dias, vários objetos, e outros, não. O mesmo em relação ao contato com textos em tela de computador.

No entanto, não se pode dizer que uns sejam melhores do que outros. Pode-se dizer que tenham letramentos muito diferentes, inclusive o digital. Mais do que isso, que

sejam diferentes na relação que estabelecem com os objetos de ler e que seus históricos de leitores sejam bastante diversos, inclusive em relação à experiência acumulada e às oportunidades de contato. Leitores que percorrem todo o trajeto complexo da leitura, desde o contato inicial com o objeto de ler, até a percepção de seus protocolos e a efetiva leitura do texto (com ativação de todas as habilidades sobrepostas), são nossos leitores ideais. Embora reconheçamos que há leitores que podem ler bem sem mostrar os melhores desempenhos na manipulação do objeto (mesmo mediada por um dispositivo), defendemos que seja necessário o desenvolvimento de habilidades relacionadas, embora distintas, em “domínios” diferentes de ação para ler, confluentes, no entanto. É essa convergência de “ações para ler” que compõe um leitor ideal. E não “ideal” no sentido de idealizado, mas um leitor plausível, viável mesmo para a formação letrada escolar.

Entre os 23 leitores que participaram dos testes desta tese, ainda há subdivisões conforme o grau de letramento, as agências em que foram letrados para um ou outro tipo de texto, considerando gêneros textuais e suportes com os quais tiveram contato. Nossa divisão em grupos partiu das declarações de cada leitor a respeito de seus hábitos em relação à leitura de jornais, mas poderia ter partido de outros itens do perfil dos estudantes. Parecia-nos, todavia, interessante distinguir aqueles que se disseram leitores e percorrer, a partir daí, uma trilha em que observássemos os desempenhos desses grupos (leitores de jornais impressos, de digitais e não-leitores) quanto à navegação dos jornais e quanto às habilidades de leitura propriamente ditas, em contato com o texto da notícia. Essa trilha poderia ser seguida às avessas, se partíssemos das habilidades até o uso, mas provavelmente isso dispensaria as declarações de cada leitor a respeito de hábitos que eles, provavelmente, não poderiam mais declarar depois dos testes.

Leitores e interfaces precisam ter uma relação suficientemente estável para que a leitura seja possível, mas suficientemente flexível para que novas experiências possam ser incorporadas. Em nosso “sistema de mídias” (como mostra a história, aberto), o equilíbrio entre essas características é imprescindível. Enquanto uma corrente do design (inclusive do webdesign) prioriza a funcionalidade, intentando construir objetos de ler cada vez mais legíveis, outras correntes (inclusive os poetas) querem oferecer novos desafios ao leitor, seja no papel seja na tela. Poemas virtuais cinéticos, multimídias que confundem, experiências que não dependem de leituras fáceis. No entanto, os jornais precisam ser funcionalistas. Segundo dados do INAF, a maior parte dos leitores brasileiros não tem o perfil daqueles 4 profissionais apresentados em Ribeiro (2003a). É preciso oferecer experiências de leitura aos outros e, mais adiante, quem sabe, propor-lhes desafios.

## 8 Considerações finais

Quanta permeabilidade há entre as operações com os objetos de ler e a leitura propriamente dos textos escritos e inscritos? Ter facilidade de navegar os objetos, percorrê-los com os olhos e as mãos, tem relação com habilidades de leitura menos ou mais desenvolvidas? Ao contrário, mostrar dificuldades no contato com interfaces de leitura significa poucas chances de compreensão? Interfaces hipertextuais impressas oferecem menos dificuldades do que as digitais? Leitores experientes com objetos impressos mostram-se mais desenvoltos com as telas? O que nossos dados mostram é que a maior parte dessas relações não acontece exatamente nos cruzamentos entre leitura de objetos impressos ou digitais. O problema a ser solucionado por um leitor que não sabe refinar uma busca (na utilização do Google, por exemplo) não parece estar na máquina, nem na interface, mas na falta de uma habilidade leitora que poderia ter sido desenvolvida em qualquer suporte, a qualquer tempo entre as séries escolares iniciais e o começo da vida universitária. Senão, como lidar com palavras-chave? Como lidar com resumos acadêmicos?

O letramento (inclusive o digital) é, muitas vezes, desenvolvido em agências que dão visibilidade aos conteúdos e às formas de fazer. Outras vezes, no entanto, o letramento acontece sem que as pessoas o possam notar. Nossos leitores parecem, por exemplo, sequer saber o quanto conhecem de jornais. Os grupos divididos por perfis (leitores de impressos, de digitais e não-leitores) não apresentaram comportamentos homogêneos por “categoria”. Tanto há aqueles que declararam ler muito e demonstraram pouca habilidade com interfaces e textos, quanto houve quem se dissesse inexperiente e até incapaz de ler jornais, mas, na realidade, apresentasse boas e eficientes soluções para navegar e ler Estado de Minas e O Tempo, no papel e na tela.

É de suma importância esclarecer que conhecemos os limites desta pesquisa: tratamos, o tempo todo, da leitura de notícias, gênero conhecido dos leitores, em jornais. Era esperado, portanto, que os estudantes fizessem ancoragens de novas experiências em vivências anteriores. Mesmo que haja estudos sobre supostas diferenças atuais nos modos de fazer jornalismo (interação com o leitor, produção de texto, formatos, dispositivos, etc.)<sup>88</sup>, os jornais que utilizamos não ousam muito e se pautam no impresso. Assim, não são exatamente webjornalismo, mas não deixam de ser hipertextos, algo que, para nós, o jornal sempre, de alguma maneira, foi.

---

<sup>88</sup> São exemplos os textos de Nunes (2005) e Wilson (2006).

Se focalizássemos outras possibilidades de gêneros textuais que emergiram a partir do computador e da Internet, o e-mail e o chat, por exemplo, talvez nossos resultados de pesquisa fossem outros. No entanto, as questões ainda fazem sentido: Mas o e-mail não tem lá suas ancoragens? E o chat? De qualquer forma, pode ser que o leitor tenha mesmo de desenvolver habilidades antes impensáveis, tais como ler “internetês”, acompanhar falas que se sobrepõem rapidamente, etc., no entanto, certamente essas habilidades não surgiriam “do nada”. Mesmo em relação a ambientes digitais, o “grau zero” de letramento é improvável.

Não parece haver um padrão de comportamento para a leitura de jornais, por exemplo, nosso objeto hipertextual de leitura. Leitores que se declaram habituados a ler livros e jornais optam por procurar notícias de várias maneiras: escaneando a primeira página (ou a página inicial), selecionando editoriais e cadernos que consideram mais pertinentes ou, em último caso, partindo para a caça errante, o *flaneur* que passeia pelo bosque, mas já sabe o que procura: uma tática, portanto, já que a ação estratégica levaria ao texto procurado de modo mais direto e rápido, a não ser que o leitor não veja problema em passear pelo ambiente em que está.

Nossos 23 leitores parecem conhecer o texto noticioso, mas não parecem tão íntimos das interfaces hipertextuais em que as notícias estão inscritas. O letramento que alguns estudantes apresentam está mais ligado às habilidades propriamente de ler, em alguns casos, do que às operações com o objeto, tal é a situação, principalmente, daqueles que não conseguiram solucionar os problemas de diagramação do jornal impresso O Tempo. Ou daqueles que mal olharam as telas de jornais digitais e partiram logo para as máquinas de busca, sem, no entanto, saber utilizá-las. Conduzidos pelas interfaces e pela falta de letramento em relação a elas, não foram bem-sucedidos na compreensão dos textos, especificamente em relação a habilidades que comprovaram ter em outros textos, sem problemas de diagramação. Caso estes leitores fossem letrados “completos”, unindo o letramento “visual” ao “textual”, construiriam sentido para suas leituras de maneira menos instável e imprecisa.

Ao que tudo indica, leitores habituados aos jornais impressos não demonstram dificuldade de navegar em jornais digitais, mas, sim, parecem ancorar suas ações na experiência prévia com impressos. De outro modo, leitores de jornais digitais parecem ter demonstrado alguma dificuldade de navegar em jornais impressos, o que sugere, afinal, que as experiências sejam, de fato, como queria Alzamora (2004), “razoavelmente distintas”, mas não se pode afirmar que isso se deva a características inerentes aos novos ambientes de

ler. Ao que parece, isso se deve mais ao fato de o leitor lançar-se a uma experiência de leitura sem qualquer ancoragem, portanto à “coragem” dele para experimentar um texto e aprender os modos possíveis de lê-lo (que, hoje, são muitos). Afinal, onde ancorariam suas experiências em interfaces semidesconhecidas? Assim como leitores de jornais em tela se habituam aos serviços de busca rápida e não dão atenção à página inicial, parecem operar em impressos segundo um padrão “digital”: vão diretamente aos cadernos e preferem folhear.

E quanto àqueles que se declararam não-leitores de jornais? Os testes mostram que não há dificuldades de leitura peculiares a um ou a outro perfil de leitor. Também não há características negativas ou positivas mais associadas a quem lê em papel ou em tela. Não-leitores, de modo geral, parecem explorar as interfaces que têm diante de si, mesmo não demonstrando intimidade com elas. O que se pode colocar em dúvida é até que ponto esses leitores têm consciência de seus graus de letramento, inclusive o digital. Simone, por exemplo, se afirmava não-leitora (perfil), declarava, ao longo do protocolo verbal, nunca ter lido um jornal impresso, se surpreendia com a estrutura complexa da interface, mas pareceu algo conhecedora dos procedimentos para encontrar uma notícia no site do jornal. Ela não sabia, mas é letrada digital, embora não em grau alto, na leitura de jornais ou de hipertextos deste tipo. Sabe clicar, sabe o que é link, sabe abrir uma nova página, embora tenha feito isso sem muita segurança. O que pode ser isso senão letramento digital? Arriscamo-nos ainda: ela parece ter mais letramento digital do que o letramento necessário para ler um jornal impresso.

As habilidades para lidar com a interface, portanto, são diferentes? Parece que sim. Clicar e rolar páginas virtuais parece mais intuitivo do que folhear e procurar chamadas de capa. No entanto, disso depende encontrar a notícia para ler. Quando se a chega a ela, porém, as habilidades propriamente de leitura (lingüísticas) já devem estar lá. Quando não estão, parecem não ser necessariamente relacionadas ao conhecimento das operações com a interface. Estamos falando, então, de tipos de letramento sobrepostos ou interpolados. As pessoas podem desenvolver mais uns do que outros. Se desenvolverem e integrarem todos, à maneira do modelo reestruturado de Coscarelli (1999), porém, considerando muito mais aspectos, especialmente aqueles que a Lingüística insiste em chamar de “extralingüísticos” ou “extratextuais”, provavelmente terão mais chances de fazer leituras bem-sucedidas. Caso as agências de letramento, especialmente a escola, compreendam a permeabilidade relativa entre textos e dispositivos de ler, o que se poderá ter será um leitor hábil e apto a qualquer experiência de leitura.

Leitores de notícias digitais (percebidos como pouco letrados em ambientes impressos), assim como leitores de jornais impressos (percebidos como pouco letrados em ambientes digitais), apresentam bons resultados no teste de leitura. Não-leitores de quaisquer jornais parecem experimentar contratempos menores do que eles mesmos pensam quando lidam com mídias mosaíquicas. Nos testes de habilidades leitoras, no entanto, são tão capazes quanto os leitores de outros perfis. Resultados fracos nos testes de navegação não demonstram resultados fracos nas habilidades de leitura. E vice-versa. Curiosamente, essa permeabilidade é menor do que o que se esperava, talvez porque a agência de letramento representada pela escola tenha sempre trabalhado a compreensão do texto fora de seu suporte ou em suportes que reconfiguram expressões originais e transformam os textos em outra “coisa”, outra experiência, portanto. Santaella (2004) afirma: “Ora, o efeito que o texto é capaz de produzir em seus receptores não é independente das formas materiais que o texto suporta. Essas formas materiais e o contexto em que se inserem contribuem para modelar o tipo de legibilidade do texto”. Se não podemos concordar completamente com a autora, é porque esta pesquisa parece ter afetado nossas certezas a ponto de levantar dúvidas em relação a pontos caros das teorias, por exemplo, de Roger Chartier sobre os efeitos do suporte na leitura (e Santaella é tributária do historiador francês). Dizemos que, sim, as formas materiais dos textos exigem gestos diferentes e afetam a compreensão do texto pelo leitor, mas isso não acontece de forma simples e direta. As combinações de letramentos (considerando as “desagregações” possíveis) são muitas e surtem efeitos também combinatórios.

A pergunta de vários pesquisadores sobre as pretensas diferenças entre ler na tela e ler em papel parecem comportar uma resposta positiva (sim, é diferente) apenas em relação às operações com a interface, não com relação às habilidades necessárias para que se compreenda, de fato, um texto. Grande parte dos leitores sequer deu importância à primeira página dos jornais, especialmente na Internet. O fato de uma notícia sobre trabalho escravo sequer aparecer na página inicial do jornal O Tempo não causou qualquer espécie aos leitores. Para alguns leitores, chegar ao texto é resultado de um processo cheio de circuitos possíveis, nem sempre, no entanto, igualmente eficientes e estáveis.

Neste trabalho, optamos por sequer chegar a perguntas sobre ponto de vista e capacidade crítica (como gostaria Cheida, 2002). Isso nos parece um letramento mais alto ainda. Respostas negativas (do tipo, não, ler na tela e ler em papel não é diferente) devem separar o que é operacional do que é habilidade específica. Ler e navegar, se considerados competências separadas, não parecem ações fortemente vinculadas; já navegar e ler,

considerados competências permeáveis, tornariam um leitor mais letrado do que quando ele é capaz apenas de uma fase da ação de ler objetos de arquitetura hipertextual, mesmo quando esses objetos parecem, aos olhos de um letrado *alfa*, muito simples de operar. O que queremos dizer com isso? Que todo objeto de ler é complexo e é composto por uma série de interpolações tecnológicas às quais o leitor também responde (ou não) com outras interpolações. Em algum ponto das propostas de formação das agências de letramento (especialmente a escola), não se tem mostrado ao leitor em formação como operar interfaces, com honrosas exceções. Embora o texto, de preferência o bom texto, venha sendo assunto escolar, os objetos de ler nem sempre são. Os “modos de usar” ficam sempre de fora da “receita”. O texto retinto ou reticulado, surrupiado de sua circunstância socio-histórica, não é mais original. Que tal devolvê-lo ao seu espaço? Ou será possível que teremos que tratar os textos da Internet como se nunca tivessem sido produzidos naquele “espaço”? Não é de hoje que as pessoas estudam textos fora das plataformas em que eles foram publicados: poemas sem livros, crônicas sem colunas, editoriais sem o restante do jornal. Notícias sem papel, blogs sem tela, chats sem seus aplicativos são como a pintura sem o quadro.

Coscarelli (2003a, p. 1) não acredita que “um conjunto de textos interligados por meio de links” poderia ter tantos motivos para ser tão diferente dos textos “comuns” em relação aos processos da leitura. Segundo a autora, “não há nada de novo no hipertexto, a não ser os mecanismos de navegação que tornam mais rápidos os acessos a outros textos”. Provocados por esse tipo de questão, conduzimos esta pesquisa. Talvez, agora, possamos remodelar nossa percepção em torno do tema: não parece haver nada de tão novo na leitura do hipertexto, ao menos em relação à ativação de habilidades de leitura. Embora o projeto das interfaces tenha mudado, o leitor não parece acompanhar, sempre, tais alterações. Mostra-se capaz de aprender a leitura em telas antes mesmo de se familiarizar com suportes de papel, assim como parece poder navegar sobre um mar de sentidos que ele não conhece; ou, ao contrário, chegar aos sentidos mesmo sem utilizar a bússola. Em um “sistema de mídias” aberto como o nosso, não faltará tarefa para o professor atento às configurações do letramento.

## Referências

- ABREU, Márcia. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, Marildes (Org.). *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2001. (Coleção Leituras do Brasil)
- ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. (Orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, SP: Fapesp; 2005. (Coleção Histórias de Leitura)
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Usos e abusos dos estudos de caso. *Cadernos de Pesquisa*, v.36, n.129, p. 637-651, set./dez. 2006.
- ALZAMORA, Geane. A semiose da informação webjornalística. In: BRASIL, André. *Cultura em fluxo: novas mediações em rede* (Org.) Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.
- ANGIOLILLO, Francesca. Brasileiro não encontra prazer na leitura. *Folha de S.Paulo*, p. E8, 14 de julho 2001. Ilustrada,.
- ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernardete (Orgs.). *Interação na Internet: Novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.
- ARAÚJO, Júlio César. *Os chats: uma constelação de gêneros na Internet*. 2006. 341 f. Tese. (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, 2006.
- ARAÚJO, Júlio César (Org.). *Internet & Ensino*. Novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro, Lucerna, 2007.
- BABO, Maria Augusta. Os desafios do hipertexto. *Interact*, n.12, 2004. Disponível em <[http://www.interact.com.pt/12/html/interact12\\_10.htm](http://www.interact.com.pt/12/html/interact12_10.htm)>. Acessado em 12.11.2006.
- BASTOS, Margareth Lisieux Tavares. *Da decodificação à construção de sentido: a trajetória do leitor*. 2002. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.
- BAZERMAN, Charles. *Gênero, agência e escrita*. Org. Judith C. Hoffnagel e Angela P. Dionisio. São Paulo: Cortez, 2006.
- BEIGUELMAN, Giselle. *O livro depois do livro*. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- BOLTER, Jay D; GRUSIN, Richard. *Remediation*. Understanding new media. USA: MIT Press, 2000.
- BRAGANÇA, Aníbal. Por que foi, mesmo, revolucionária a invenção da tipografia? O editor-impressor e a construção do mundo moderno. *XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Salvador (BA), 1 a 5 de set. 2002.
- BRAMBILLA, Ana Maria. *Jornalismo open source: discussão e experimentação do OhMyNews International*. 2006. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Informação). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
- BRASIL. O que é o Saeb? Sistema de Avaliação da Educação Básica. INEP, 2007. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/basica/saeb/caracteristicas.htm>>. Acessado em 7.6.2007.
- BRIGGS, Asa e BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

- BRITTO, Luiz Percival L. Sociedade de cultura escrita, alfabetismo e participação. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003.
- BROWN, J. D. & RODGERS, T. *Doing second language research*. Oxford: Oxford, 2002. (Caps. 1, 2, 3).
- BUSH, Vannevar. As we may think. *The Atlantic Monthly*, July, 1945. Disponível em: <[www.theatlantic.com/doc/194507/bush](http://www.theatlantic.com/doc/194507/bush)>. Acessado em 2 de dezembro de 2005.
- CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003.
- CAMPOS, Arnaldo. *Breve história do livro*. Porto Alegre: Mercado Aberto/Instituto Estadual do Livro, 1994.
- CANAVILHAS, João Messias. Webjornalismo – Considerações gerais sobre jornalismo na web. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, 2001, Disponível em: <[http://www.bocc.ubi.pt/\\_esp/autor.php?codautor=602](http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=602)>. Acessado em dez. 2006.
- CARPENTER, Edmund; McLUHAN, Marshall (Orgs.). *Revolução na comunicação*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.
- CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet*. Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Trad. Maria Luiza X de A Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTRO, Maria Cêres et al. *Folhas do tempo*. Imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1895-1926. Belo Horizonte: UFMG/Associação Mineira de Imprensa/Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997.
- CASTRO, Amílcar de. *Amílcar de Castro*. Depoimento. Belo Horizonte: C/ Arte, 1999.
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. Trad. Fúlvia M L Moretto, Guacira M Machado e José Antônio M Soares. São Paulo: Ática, 1998. v.1. (Coleção Múltiplas Escritas)
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. Trad. Cláudia Cavalcanti, Fúlvia M L Moretto, Guacira M Machado e José Antônio M Soares. São Paulo: Ática, 1999. v.2. (Coleção Múltiplas Escritas)
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. 9 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994. v.1 e 2.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2. ed. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998a.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998b. (Prismas)
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit*. Porto Alegre: Artmed, 2001a.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. 2 ed. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

CHEIDA, Marcel José. A questão ética do jornalismo e a leitura crítica dos jornais nas escolas. In: In: GHILARDI, Maria Inês; BARZOTTO, Valdir Heitor (Orgs.). *Nas telas da mídia*. Campinas: Alínea, 2002.

COLLARO, Antonio Celso. *Projeto gráfico*. Teoria e prática da diagramação. 4 ed. São Paulo: Summus, 2000. (Novas buscas em Comunicação)

CORREIA, João Carlos. Cidadania, comunicação e literacia midiática. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, 2002. Disponível em <[http://www.bocc.ubi.pt/\\_esp/autor.php?codautor=12](http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=12)>. Acessado em 2.12.2006.

COSCARELLI, Carla Viana. *Leitura em ambiente multimídia e produção de inferências*. 1999. 322 f. Tese. (Doutorado em Estudos Lingüísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

COSCARELLI, Carla Viana. Entendendo a leitura. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, UFMG, v.10, n.1, p.7-27, jan./jun. 2002.

COSCARELLI, Carla Viana. *Inferência: Afinal o que é isso?* Belo Horizonte: FALE/UFMG. maio, 2003. Disponível em: <<http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/publica.htm>>. Acessado em 1998.

COSCARELLI, Carla V. Espaços hipertextuais. *Anais do II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição*, jun. 2003a, FAE - UFMG, BH. Coord.: Eduardo Fleury Mortimer, Ana Luiza B. Smolka. (CD- ROM)

COSCARELLI, Carla V. Hipertexto e subversão: um diálogo com Andrea Ramal. FALE/UFMG. Belo Horizonte:

<http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/GEhptxramal.htm> . Março, 2003b.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CRYSTAL, David. *A revolução da linguagem*. Trad. Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

CUNHA, Leonardo. No balanço da rede. In: BRASIL, André et al. *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.

DAMÁSIO, Manuel José. Contributos para a constituição de uma literacia mediática. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, 2000. Disponível em <[http://www.bocc.ubi.pt/\\_esp/autor.php?codautor=559](http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=559)>. Acessado em 2.12.2006.

D'ANDREA, Carlos Frederico B. Ler, escrever, editar, comentar, votar... Os desafios do letramento digital na web 2.0. *Revista Língua Escrita*, Ceale, n. 2, dez. 2007. Disponível em:

<[http://www.fae.ufmg.br/Ceale/menu\\_abas/rede/projetos/didatica\\_da\\_lingua\\_escrita/arquivos/lingua\\_escrita\\_numero\\_2/volume\\_2](http://www.fae.ufmg.br/Ceale/menu_abas/rede/projetos/didatica_da_lingua_escrita/arquivos/lingua_escrita_numero_2/volume_2)>. Acessado em dezembro de 2007.

DAVIS, K. Qualitative theory and methods in applied linguistics research. *TESOL Quarterly*, v. 29, n. 3, p. 427-53, 1995.

DURKHEIM, Émile. *Les Règles de la Méthode Sociologique*. Paris: PUF, 1973.

ESTADO DE MINAS, *Um novo jornal feito para você*, 18 de março de 2004, suplemento especial.

FEBVRE, Lucien e JEAN-MARTIN, Henry. *O aparecimento do livro*. Trad. Fulvia M L Moretto, Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1992.

- FERRARI, Pollyana. *Jornalismo digital*. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Comunicação).
- FERREIRA JÚNIOR, José. *Capas de jornal*. A primeira imagem e o espaço gráfico visual. São Paulo: SENAC, 2003.
- FERREIRO, Emilia. *Passado e presente dos verbos ler e escrever*. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Questões de nossa época, v. 95)
- FONSECA, Cláudia. Quando cada caso NÃO é um caso. Pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n.10, p. 58-78, jan./fev./mar./abr. 1999.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 7 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- FURTADO, José Afonso. *O papel e o pixel*. Do impresso ao digital: continuidades e transformações. Florianópolis: Escritório do Livro, 2006.
- GATTI, Daniel Couto. *Sociedade informacional e an/alfabetismo digital*. Relações entre comunicação, computação e Internet. Bauru, São Paulo: Edusc; Uberlândia, MG: EdUFU, 2005.
- LIBERATO, Yara e FULGÊNCIO, Lúcia. *Como facilitar a leitura*. São Paulo: Contexto, 2004.
- LIBERATO, Yara e FULGÊNCIO, Lúcia. *É possível facilitar a leitura*. Um guia para escrever claro. São Paulo: Contexto, 2007.
- GHILARDI, Maria Inês; BARZOTTO, Valdir Heitor (Orgs.). *Nas telas da mídia*. Campinas: Alínea, 2002.
- GILMONT, Jean-François. Reformas protestantes e leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999.
- GRAVES, Robert. Comentários sobre “Codificações lineares e não-lineares da realidade” In: CARPENTER, Edmund; McLUHAN, Marshall (Orgs.). *Revolução na comunicação*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.
- GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. *A imagem da palavra*. Teresópolis, RJ: Novas Idéias, 2007.
- HARVEY, Brian. Stop Saying “Computer Literacy”! Computer Science Division, UC Berkeley, 2005. Disponível em <[www.cs.berkeley.edu/~bh](http://www.cs.berkeley.edu/~bh)>. Acessado em abr. 2007.
- HOLANDA, Aurélio Buarque. *Aurélio século XXI*. Rio de Janeiro: Positivo, 2003.
- HORCADES, Carlos M. *A evolução da escrita*. História ilustrada. Rio de Janeiro: SENAC Rio, 2004.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. 2 ed. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Acesso à Internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal*. Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2005. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.
- JOHNSON, Steven. *Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Trad. Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2001.

- KLEIMAN, Angela B. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade)
- KLEIMAN, Angela B. *Leitura: ensino e pesquisa*. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- LAGE, Nilson. Estruturas de textos midiáticos. In: GHILARDI, Maria Inês; BARZOTTO, Valdir Heitor (Orgs.). *Nas telas da mídia*. Campinas: Alínea, 2002.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura*. Leis e números por detrás das letras. São Paulo: Ática, 2001. (Série Temas)
- LANDOW, George P. *Hypertext 2.0*. The convergence of contemporary critical theory and technology. Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1997.0
- LARSEN-FREEMAN, D. & LONG, M. H. *An introduction to second language acquisition research*. New York: Longman, 1991. (Cap.2).
- LAZARATON, A. Qualitative research in applied linguistics: a progress report. *TESOL Quarterly*, v. 29, n. 3, p. 455-72, 1995.
- LEAVITT, Michael O e SHNEIDERMAN, Ben. *Research-based Web design & Usability Guidelines*. Washington: US Government Printing Office, 2006.
- LEE, Dorothy. Codificações lineares e não-lineares da realidade. In: CARPENTER, Edmund; McLUHAN, Marshall (Orgs.). *Revolução na comunicação*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. O futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1993. (Coleção TRANS)
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo: 34, 1996. (Coleção TRANS)
- LÉVY, Pierre. *A conexão planetária*. O mercado, o ciberespaço, a consciência. Trad. Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. São Paulo: 34, 2001.
- LINDOSO, Felipe. *O Brasil pode ser um país de leitores?* Política para a cultura, política para o livro. São Paulo: Summus, 2004.
- LUPTON, Ellen. *Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes*. Trad. André Stolarski. São Paulo: Cosac&Naify, 2006.
- MANDEL, Ladislav. *Escritas*. Espelho dos homens e das sociedades. Trad. Constância Egredas. São Paulo: Rosari, 2006.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér; BARANAUSKAS, Maria Cecília Calani. Novas mídias na aprendizagem escolar. In: GHILARDI, Maria Inês; BARZOTTO, Valdir Heitor (Orgs.). *Nas telas da mídia*. Campinas: Alínea, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita na sala de aula. *Linguagem & Ensino*, V.4, n.1, 2001a, p. 79-111.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita*. Atividades de retextualização. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001b.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Unesp, 2006. (Coleção Paradidáticos)

- MATÊNCIO, Maria de Lourdes M. Analfabetismo na mídia: conceitos e imagens sobre o letramento. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade)
- MCKNIGHT, Cliff et al. *Hypertext in context*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- MIELNICZUK, Luciana. Interatividade no jornalismo *online*: o caso do Netestado. *Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line*, 1999. Disponível em <[www.ufba.br/jol/pdf/1999\\_mielniczuk\\_netestado.pdf](http://www.ufba.br/jol/pdf/1999_mielniczuk_netestado.pdf)>. Acessado em dez. 2006.
- MIELNICZUK, Luciana. Características e implicações do jornalismo na web. *II Congresso da SOPCOM*, Lisboa, 2001. Disponível em: <[http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001\\_mielniczuk\\_caracteristicasimplicacoes.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf)>. Acessado em dez. 2006.
- MIELNICZUK, Luciana; PALACIOS, Marcos. Considerações para um estudo sobre o formato da notícia na *web*: o *link* como elemento paratextual. In: MOTTA, Luiz Gonzaga et al. *Estratégias e culturas da comunicação*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. (Comunicação; v.1).
- MIELNICZUK, Luciana. A Pirâmide Invertida na época do Webjornalismo: tema para debate. *XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Salvador/BA, 1 a 5 set 2002.
- MIELNICZUK, Luciana. Webjornalismo de terceira geração: continuidades e rupturas no jornalismo desenvolvido para a Web. *XXVII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, Porto Alegre, 2004. Disponível em <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/handle/1904/17332>>. Acessado em dez. 2006.
- MIRA, Fabrício J Aguiar e SILVA, José Carlos P. A ergonomia aplicada ao design de jornais – Um estudo de caso dos jornais da cidade de Bauru – SP. In: SILVA, José Carlos P da e SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. (Orgs.) *Estudos em design nas universidades estaduais UNESP e USP*. São Paulo: UNESP, 2006.
- MOTTA, Luiz Gonzaga et al. *Estratégias e culturas da comunicação*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- MOWERY, David C.; ROSENBERG, Nathan. *Trajetórias da inovação*. A mudança tecnológica nos Estados Unidos da América no século XX. Trad. Marcelo Knobel. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005. (Clássicos da Inovação)
- NIELSEN, Jacob. Differences between print design and web design. Jacob Nielsen's Alertbox, 24 jan. 1999. Disponível em <<http://www.useit.com/alertbox/990124.html>>. Acessado em: abr. 2007.
- NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- NORMAN, Donald A. *O design do dia-a-dia*. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

- NUNES, Ricardo. Notícia digital: processos de construção. *Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação*. Disponível em <[http://www.bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php?html2=nunes-ricardo-processos-de-construcao.html](http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=nunes-ricardo-processos-de-construcao.html)>. Acessado em: 27.7.2005.
- OLIVEIRA, Neide. O computador ainda imita o papel. Entrevista com Ted Nelson. *Veja*, Natal digital, edição especial, ano 38, n. 52, nov. 2005.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de; VÓVIO, Cláudia Lemos. Homogeneidade e heterogeneidade nas configurações do alfabetismo. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003b.
- PALÁCIOS, Marcos. Jornalismo em ambiente plural? Notas para discussão da Internet enquanto suporte para a prática jornalística. In: BRASIL, André et al. *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.
- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PEREIRA, João Thomaz. Educação e sociedade da informação. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PEREIRA, Potiguara A. *O que é pesquisa em educação?* São Paulo: Paulus, 2005.
- PERINI, Mário. Efeito do gênero textual. In: LIBERATO, Yara e FULGÊNCIO, Lúcia. *É possível facilitar a leitura. Um guia para escrever claro*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PESAVENTO, Sandra. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PESHKIN, A. Angles of vision: enhancing perception in qualitative research. *Qualitative Inquiry*, v. 7, n. 2, p. 238-53, 2001.
- POSSENTI, Sírio. A leitura errada existe. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (Org.). *Estado de leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999. (Coleção Leituras do Brasil)
- PRESSLEY, Michael; HILDEN, Katherine. Verbal protocols of reading. In: DUKE, Nell K; MALLETT, Marla H. *Literacy research methodologies*. New York: Guilford Press, 2004.
- PRIMO, Alex. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. In: BRASIL, André et al. *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.
- RATTO, Ivani. Ação política: fator de constituição do letramento do analfabeto adulto. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade)
- RIBEIRO, Ana Elisa F. *Ler na tela – novos suportes para velhas tecnologias*. 2003. 112 f. Dissertação. (Mestrado em Estudos Lingüísticos, Inter-relações entre linguagem, cultura e cognição). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003a.
- RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003b.
- RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

- RIGOLIN, Daniele C. *Saliências visual e subjetiva como elementos norteadores na leitura de hipertextos jornalísticos*. Campinas, UNICAMP, 2006. (Dissertação de mestrado)
- ROCHA, Jorge. O papel dos jornalistas nos processos interacionais do *Participatory Journalism*. *XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* (Intercom), Brasília (DF), 6 a 9 de set. 2006.
- ROCHA, Jorge; CELLE, Mariana; TORRES, Felipe. Cartografia da informação: pressupostos analíticos e proposições para site referência em jornalismo colaborativo. *XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* (Intercom), Santos (SP), 6 a 9 de set. 2007.
- RÖSING, Tania M Kuchenbecker. *Do livro ao CD-Rom*. Novas navegações. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. (Série Mundo da Leitura)
- ROUET, Jean-François et al. (eds). *Hypertext and cognition*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1996.
- SANTAELLA, Lucia. Antecedentes da Alinearidade hipermidiática nas mídias mosaíquicas. In: BRASIL, André et al. (Orgs.) *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004a.
- SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004b. (Comunicação)
- SATUÉ, Enric. *Aldo Manuzio*. Editor, tipógrafo, livreiro. Trad. Cláudio Giordano. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Cultura letrada: objetos e práticas uma introdução. In: ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson (Orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, SP: Fapesp; 2005. (Coleção Histórias de Leitura)
- SCOLARI, Carlos A. Diários on-line: el tiempo del hiperlector. In: BRASIL, André et al. (Orgs.) *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.
- SERRA, Elizabeth D'Angelo. Políticas de promoção da leitura. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003b.
- SILVA, Maria Stella Rangel. O jornal é um hipertexto?, *1º Seminário Nacional O professor e a leitura do jornal*, 2002. Disponível em <<http://www.acordeduca.com.br/ezequiel/comunicacoes/O%20JORNAL%20%C3%89%20UM%20HIPERTEXTO.htm>>. Acessado em 11.12.2006.
- SILVA, Ezequiel Theodoro et al. *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003.
- SILVA JUNIOR, José Afonso da. Do hipertexto ao algo mais, usos e abusos do conceito de hipermídia pelo jornalismo on-line. In: LEMOS, André. PALACIOS, Marcos. (Orgs.). *As janelas do ciberespaço*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- SNYDER, Ilana. A new communication order: researching literacy practices in the network society. *Language and Education*, v.15, n.2-3, p. 117-131, 2001.
- SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade*, Campinas, v.23, n.31, p. 143-160, dez. 2002.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de história da cultura brasileira*. 20 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SOUZA, Yóris Linhares de. *A contribuição do compartilhamento do conhecimento para o gerenciamento de riscos em projetos: um estudo na indústria de software*. 2007. 134 f. (Mestrado Profissional em Administração). Fundação Pedro Leopoldo, Pedro Leopoldo (MG), 2007.

STEFFEN, César. Onde as lógicas se cruzam: a navegação como instrumento estratégico de comunicação e informação. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, 2003, <[http://www.bocc.ubi.pt/\\_esp/autor.php?codautor=755](http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=755)>. Acessado em 12.11.2006.

TAVARES, Mônica. Aspectos estruturais e ontogênicos da interatividade. In: MOTTA, Luiz Gonzaga et al. *Estratégias e culturas da comunicação*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo a escrever*. Perspectivas psicológicas e implicações educacionais. 3 ed. 8 imp. São Paulo: Ática, 2003.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Questões da Nossa Época; v.47)

TSCHICHOLD, Jan. *A forma do livro*. Ensaios sobre tipografia e estética do livro. Trad. José Laurenio de Melo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007. (Coleção Artes do Livro)

TRICOT, A. et al. Quels savoir-faire les utilisateurs réguliers du Web acquièrent-ils? *Journal d'Intelligence Artificielle*, 14 (1/2), p. 93-112, 2000.

VILLAÇA, Nízia. *Impresso ou eletrônico? Um trajeto de leitura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

VILLAS-BOAS, André. *O que é [e o que nunca foi] design gráfico*. 5 ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2003. (Série Design)

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI; Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

WHITEHEAD, Jim. Orality and hypertext: an interview with Ted Nelson. *Cyberespace Report*, 1996. Disponível em <[www.ics.uci.edu/~ejw/csr/nelson\\_pg.html](http://www.ics.uci.edu/~ejw/csr/nelson_pg.html)>. Acessado em 2 de dezembro de 2005.

WILLIAMS, Robin. *Design para quem não é designer*. Noções básicas de planejamento visual. 5 ed. Trad. Laura Karin Gillon. São Paulo: Callis, 1995.

WILSON, Carmem Diva R J. Notícia de jornal impresso e notícia de jornal eletrônico: um mesmo gênero ou gêneros diferentes? *Revista Letra Magna*, ano 3, n. 4, 1º semestre de 2006.

ZAID, Gabriel. *Livros demais! Sobre ler, escrever e publicar*. Trad. Felipe Lindoso. São Paulo: Summus, 2004.

## APÊNDICE 1

### Questionário para perfil SOCIAL E ESCOLAR

Qual é seu nome completo? (ATENÇÃO: seus dados serão mantidos em segredo nesta pesquisa. Sua identificação servirá apenas ao controle da pesquisadora)

---

Quantos anos você tem?

Coloque aqui os seus contatos:

Telefone fixo:

Telefone celular:

E-mail:

Endereço para correspondência:

---

Qual é seu nível de escolaridade?

( ) Fundamental ( ) Médio ( ) Superior incompleto ( ) Superior completo

Você estudou em escolas públicas ou particulares? Quais?

---



---

Se você estuda, que curso faz?

---

Em que período ou ano você está no seu curso?

---

### Questionário para perfil de LEITOR

Você se considera uma pessoa que tem o “hábito de ler”? Explique sua resposta.

---



---

Com que tipos de material escrito você lida no seu dia-a-dia?

---



---

Você está lendo algum livro HOJE? Se estiver, qual?

---



---

Você leu um livro nos últimos três meses? Se sim, qual?

---



---

Marque entre as opções aqueles tipos de material que você lê com frequência.

( ) Revistas

(Que tipo? \_\_\_\_\_)

( ) Jornais

(Que tipo? \_\_\_\_\_)

Você costuma ler jornais de papel? Se sim, quais e com que frequência?

---



---

Você tem acesso ao computador e à Internet? Onde?

---



---

**Com relação ao nível de dificuldade para lidar com computadores e Internet, você considera que sente:**

- ( ) Dificuldade nenhuma  
 ( ) Pouca dificuldade  
 ( ) Muita dificuldade  
 ( ) Não sabe mexer

**Que atividades você gosta de executar na Internet?**

---

**Você costuma ler jornais na Internet? Se sim, quais e com que frequência?**

---

**O que você procura nos jornais? Que cadernos ou seções você prefere ler?**

---

**Fora o computador, com que outras máquinas eletrônicas você lida no seu dia-a-dia?**

- ( ) Caixas eletrônicos de banco  
 ( ) Fliperamas  
 ( ) Telefone celular  
 ( ) Catracas e sistemas de controle  
 ( ) Máquinas que vendem salgadinhos e refrigerantes  
 ( ) Aparelhos de microondas  
 ( ) Aparelhos de som, CD player, MP3  
 ( ) Outras  
 (Quais? \_\_\_\_\_)

**Você tem conta bancária? Sabe lidar com caixas eletrônicos de bancos e lojas?**

---

**Para que tipo de tarefa você acha os computadores úteis?**

---

**Quanto tempo você fica na Internet por semana?**

- ( ) de meia hora a 1h30  
 ( ) de 1h a 3h  
 ( ) de 3h a 6h  
 ( ) acima de 6h

**Se você usa o computador, quando e onde aprendeu a usá-lo?**

---

**Da primeira vez que você teve contato com o computador, precisou de alguém para te ajudar?**

---

**Você teve algum tipo de medo ou receio ao usar a máquina?**

---

**Marque V ou F nas afirmações a seguir.**

- ( ) Na Internet, uma palavra ou frase em azul significa que posso clicar. É um link.
- ( ) Na Internet, uma palavra ou frase em roxo significa que já naveguei por ali.
- ( ) Quando baixo um documento da Internet é porque fiz um download.
- ( ) Para ler um texto longo na Internet, preciso usar o mouse para clicar na barra de rolagem que fica à direita.
- ( ) Para continuar lendo um texto longo, sem link, também posso utilizar o scroll do mouse.
- ( ) Para ler um texto longo na tela, sem link, também posso usar as teclas pagedown ou a seta para baixo do teclado.
  - ( ) Quando a página da Internet me pede um login e uma senha, basta preenchê-los. Não é preciso apertar o Enter.
- ( ) Os itens à esquerda na tela, em caso de jornais digitais, são o menu.
- ( ) Para entrar nas páginas das notícias que desejo ler, é preciso clicar nos menus ou nos links.

**Você considera a leitura importante para a sua formação? Por quê?**

---

---

## APÊNDICE 2

# NAVEGAÇÃO EM JORNAIS IMPRESSOS E DIGITAIS relações entre leitores e interfaces

### OBRIGADA POR PARTICIPAR DA NOSSA PESQUISA

Este é um projeto de pesquisa de Iniciação Científica apoiado pelo Centro Universitário UNA (Faculdade de Comunicação e Artes). Tal projeto está vinculado ao desenvolvimento de tese de doutoramento do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da UFMG.

ESTADO DE MINAS				
	Inflação em BH		Zoonoses	
	IMPRESSO	DIGITAL	IMPRESSO	DIGITAL
1. DAIANE	X			X
2. ROMENA		X	X	
3. KEILA	X			X
4. JAQUELINE		X	X	
5. DANÍLIA	X			X
6. SIMONE		X	X	
7. REGINA	X			X
8. ELIZANGELA		X	X	
9. MARIA	X			X
10. BRENO		X	X	
11. EDUARDO	X			X
12. LÚCIA		X	X	

### O TEMPO

#### TAREFA 1

Encontre no jornal uma notícia sobre a inflação em BH.  
Leia a notícia para responder a algumas questões.

#### TAREFA 2

Encontre no jornal uma notícia sobre problemas no setor de zoonoses da cidade.  
Leia a notícia para responder a algumas questões.

## NAVEGAÇÃO EM JORNAIS IMPRESSOS E DIGITAIS relações entre leitores e interfaces

### OBRIGADA POR PARTICIPAR DA NOSSA PESQUISA

Este é um projeto de pesquisa de Iniciação Científica apoiado pelo Centro Universitário UNA (Faculdade de Comunicação e Artes). Tal projeto está vinculado ao desenvolvimento de tese de doutoramento do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da UFMG.

O TEMPO 16/11/2006				
	Trabalho escravo		Obras na Antônio Carlos	
	IMPRESSO	DIGITAL	IMPRESSO	DIGITAL
1. MAURÍCIO	X			X
2. RAFAEL		X	X	
3. VINÍCIUS	X			X
4. VIVIANE	X			X
5. PATRÍCIA		X	X	
6. CLÁUDIA	X			X
7. DANIELE	X			X
8. FABRÍCIO	X			X
9. GRAZIELA		X	X	
10. DÉBORA	X			X
11. RAIANE J		X	X	

### O TEMPO

#### TAREFA 1

Encontre no jornal uma notícia sobre trabalho escravo.  
Leia a notícia para responder a algumas questões.

#### TAREFA 2

Encontre no jornal uma notícia sobre obras na Antônio Carlos.  
Leia a notícia para responder a algumas questões.

### APÊNDICE 3

Avaliação de itens de design nos jornais impressos.

<b>Projeto de jornais impressos – posição e manipulação</b>		
<b>Características</b>	<b>Estado de Minas</b>	<b>O Tempo</b>
Gerais – Alinhamento, proximidade, equilíbrio, harmonia, proporção, funcionalidade, contraste, repetição.	As páginas são planejadas dentro dos preceitos do design clássico	As páginas são menos programadas em relação à proximidade: o leitor não identifica com certeza a relação entre fotos e textos, por exemplo
Manipulação da primeira página	Página em tamanho padrão para jornais; contém cabeçalho, fotos, manchete, demais notícias colocadas de maneira periférica pela página	Página em tamanho padrão para jornais; contém cabeçalho, fotos, manchete, demais notícias colocadas de maneira periférica pela página
Remissão ao texto pesquisado	Todos constam na primeira página	Todos constam na primeira página
Paginação do jornal	Numérica e por cor	Alfanumérica e por cor
Caderno a ser acessado Notícia 1	Primeiro (Economia)	Cidades (Antônio Carlos)
Caderno a ser acessado Notícia 2	Gerais (Zoonoses)	Cidades (Trabalho escravo)
Posicionamento do texto a ser lido	Todos são topo de página interna, com pesos diferentes na capa	Todos são topo de página interna, com pesos semelhantes na capa
Forma do texto	Dois quadrantes de cima	Dois quadrantes de cima
Uso de fontes serifadas, sem mistura com não-serifadas.	Todas serifadas, com alturas de “olho” diferentes, de famílias diferentes	Todas serifadas
Imagens e fotos	Fotos grandes	Fotos grandes
Texto – inteligibilidade, pirâmide	Texto jornalístico do gênero notícia, com uso de lead	Texto jornalístico do gênero notícia, com uso de lead
Papel e tinta, percepções táteis	Comuns, deixam tinta nas mãos	Comuns, deixam tinta nas mãos
<b>Navegabilidade</b>		
Página principal densa.	Sim	Sim
Informação mais importante no topo	Sim	Sim
Informação detalhada em localizações secundárias (hierarquização)	Sim	Sim
Opção de começar a ler por qualquer página, de maneira independente das páginas anteriores.	Potencialmente	Potencialmente
Disposição das informações padronizada, para que o leitor sinta familiaridade ao navegar em todas as páginas.	Sim	Sim
Preferência por linguagem objetiva.	Sim	Sim
Títulos das matérias na primeira página em relação aos títulos internos	Mudança parafrástica em todos, com maior dificuldade na notícia sobre Zoonoses	Mudança parafrástica em todas
<b>Deslocamento de atenção</b>		
Imagens, gráficos e publicidade	Páginas com fotos ilustrativas grandes, sem gráficos ou publicidade que distraia o leitor	Páginas com fotos ilustrativas grandes, sem gráficos. Na página da notícia sobre trabalho escravo há anúncio publicitário. Na notícia sobre obras viárias, a foto é complementada por setas e textos explicativos.

## APÊNDICE 4

Avaliação de itens de usabilidade nos jornais digitais.

Usabilidade dos jornais on-line – PÁGINA INICIAL				
	Parâmetros	EM	O T	Comentários
Otimização da experiência do usuário	Não habilitar janelas <i>pop up</i>	✓	✓	O usuário fica irritado quando janelas não-solicitadas se abrem e mais ainda se forem propaganda.
	Oferecer boa orientação de navegação	✓	✓	A lógica da diagramação dos jornais parece consistente.
	Permitir que o usuário execute as tarefas em seqüências estáveis de ação	✓	✓	Trata-se de item importante para a navegação e é contemplado pelos jornais em estudo.
	Minimizar tempo requerido para carregamento de página	✓	✓	Ambos os jornais são “leves”.
	Diagramar a página de forma a permitir impressão (ou ler na tela)	Não	Não	As páginas iniciais de jornais não oferecem opção de impressão. As notícias, sim.
	Oferecer feedback a respeito de carregamento página e/ou arquivos	✓	✓	O <i>feedback</i> é oferecido pelo navegador: aguardando, concluído, etc.
	Oferecer assistência adicional ao usuário	Não	Não	Os jornais não oferecem mapas ou FAQs ( <i>Frequent asked questions</i> ).
Leiaute de página	Evitar “poluição visual”	✓	✓	Embora sejam densos, com leve superioridade para o EM, não consideramos que sejam “poluídos” visualmente.
	Posicionar itens clicáveis importantes nos mesmos lugares próximos ao topo, em páginas diferentes	✓	✓	Os <i>frames</i> possibilitam isso, o que facilita a navegação e deixa o usuário seguro.
	Posicionar a informação de acordo com níveis de importância (do maior para o menor) e aplicar às páginas do site	✓	✓	Os jornais distribuem manchetes e demais notícias por ordem de importância na página, levando-se em consideração parâmetros observados também no impresso. Isso é válido para a distribuição das informações no texto (“pirâmide invertida”), quando é o caso de notícias escritas de forma tradicional.
	Separar informação com tópicos ou <i>bullets</i>	✓	✓	Isso ajuda o leitor a selecionar itens.
	Alinhar os elementos da página vertical ou horizontalmente	✓	✓	Ambos os jornais fazem isso, o que também já era planejado em jornais impressos. O Tempo apresenta 4 colunas verticais, separadas por fios, de larguras diferentes, sendo a primeira um menu de navegação do tipo “apontar-e-clicar”, a segunda em a terceira para texto jornalístico e a quarta, mais à direita, para propaganda, além dos banners no topo. O Estado de Minas faz algo semelhante, mas reserva apenas os banners do topo para propaganda e serviços do jornal.
	Planejar leiaute que possa ser automaticamente ajustado à resolução do monitor	✓	✓	Isso evita desconfigurações que comprometam o acesso e a legibilidade do site.

	Evitar diagramação que dê a ilusão de se ter alcançado o final da página (quando ainda há página a ser visualizada)	✓	✓	-
	Diagramar páginas com quantidade apropriada de texto: <i>homepages</i> menores e páginas internas mais extensas, de forma que a <i>home</i> não precise de utilização da barra de rolagem.	Não	Não	Nos jornais, isso nem sempre é possível. Embora as páginas iniciais sejam “de navegação”, elas condensam matérias importantes do jornal e dificilmente serão de um tamanho que não precise de rolagem da barra vertical.
	Delimitar áreas em branco	Não	✓	O Tempo faz isso com fios e sombras.
	Utilizar comprimento de linhas de texto adequado, de acordo com a prioridade. Se for a leitura rápida, linhas maiores. Se for a seleção da informação, linhas menores.	✓	✓	As páginas iniciais costumam apresentar blocos de texto referentes a notícias diferentes. Essa fragmentação é refletida também nas colunas com linhas menores de texto. A intenção é que o leitor escaneie facilmente a página e acesse links.
	Utilizar <i>frames</i> quando parte da página precisa permanecer visível	✓	✓	-
Navegação	Não direcionar o usuário a páginas sem opções de navegação	✓	✓	De todas as páginas internas é possível voltar.
	Diferenciar claramente os itens de navegação entre si, posicionando-os em lugares fáceis e estáveis	✓	✓	-
	Oferecer lista de tópicos (links) em páginas longas, de maneira que o usuário possa ir diretamente o que interessa	✓	✓	-
	Permitir ao usuários saber onde ele está em relação ao mapa do site ( <i>feedback</i> )	Não	Não	-
	Posicionar o menu de navegação primária na coluna da esquerda (e menus secundários juntos em outras colunas)	✓	✓	A ordem de leitura ocidental (diagonal, da esquerda para a direita e de cima para baixo) observa primeiro as posições de topo e esquerda.
	Evitar o uso do <i>scroll</i> em páginas de navegação	Não	Não	-
	Evitar uso de <i>back</i> em páginas muito “profundas”, optando por menus seqüenciais	Não se aplica	Não se aplica	-
	Oferecer mapa quando site tiver muitas páginas	Não	Não	Os jornais têm muitas páginas, mas são “rasos”.
	Oferecer explicações em <i>gloss</i> para links que ofereçam dificuldade de compreensão	Não	Não	-
	Barras de rolagem	Evitar páginas em que seja necessário o uso do <i>scroll</i> horizontal	✓	✓

	Destacar tópicos (negrito, etc.)	✓	✓	-
	Utilizar páginas com <i>scroll</i> para textos que o leitor deverá ler com mais dedicação	✓	✓	Pesquisas apontam para melhor compreensão global do texto se ele for contínuo.
	Utilizar páginas com links se o leitor for navegar e ler com mais rapidez	✓	✓	As páginas iniciais são assim.
	Diagramar a informação em blocos para o leitor que deseja informações específicas (no máximo 4 toques na barra de rolagem)	Não	Não	-
<b>Cabeçalhos, títulos e tópicos</b>	Utilizar tópicos com nomes compreensíveis, objetivos e claros	✓	✓	Os títulos de notícias, em sua maioria, são planejados para “resumirem a idéia principal”.
	Nomear cada página do site com títulos descritivos, únicos e concisos	✓	✓	-
	Destacar itens que requerem atenção do usuário	✓	✓	-
	Oferecer opções (links) facilmente selecionáveis	✓	✓	-
<b>Links</b>	Utilizar links significativos e fáceis de entender	✓	✓	-
	Oferecer links que direcionem realmente às páginas relacionadas	✓	✓	-
	Nomear links e páginas internas consistentemente	Não	Não	Os jornais apresentam notícias (as mesmas) com títulos levemente diferenciados na página inicial e na página interna. Faz-se uma espécie de paráfrase do título da página inicial, às vezes com o intento de que, na capa, o enunciado chame mais a atenção do leitor, que precisa fazer conversões que demandam inferências de vários níveis.
	Evitar que haja textos marcados como se fossem links se não o forem	✓	✓	-
	Permitir que conteúdo importante seja acessado por mais de um link	✓	✓	No jornal, é o caso das editorias.
	Usar links-texto tanto quanto links-imagem.	✓	✓	-
	Utilizar cores diferentes para links já visitados	Não	Não	Os jornais não marcam as visitas aos links.
	Oferecer indicações claras de que um item seja clicável	✓	✓	Ambos os jornais mostram, além do cursor em forma de mãozinha (com dedo em riste), títulos e lides sublinhados no <i>mouseover</i> .
	Utilizar modo “apontar-e-clicar” em menus e evitar <i>mouseover</i>	✓	✓	-
	Utilizar links-texto de maneira a evitar quebra de linha	Não	Não	As quebras de linha em nomes de notícias ou lides são inevitáveis. Nem sempre é possível redigir textos de uma linha.

Apresentação do texto	Diferenciar links internos de links externos	✓	✓	-
	Oferecer links de glossário	Não	Não	-
	Utilizar contraste de cor entre texto e fundo (quando o texto demandar leitura dedicada)	✓	✓	Os jornais têm fundo claro e fonte escura.
	Utilizar caixa-baixa em textos mais longos em prosa.	✓	✓	Os textos são escritos em caixa-baixa com maiúsculas apenas em localizações-padrão.
	Apresentar consistência no leiaute das páginas do site	✓	✓	-
	Utilizar negrito apenas quando houver texto importante	✓	✓	-
	Utilizar atratores de atenção com cautela (movimento, imagem grandes, gráficos, etc.)	Não	Não	Ambos os jornais apresentam muitas fotos, propagandas e banners que imagens em movimento, o que distrai um tanto o usuário. Na diagramação do Estado de Minas, as fotos são delimitadas por fios ou tarjas que restringem a sua relação com determinado texto. No jornal O Tempo, essa relação texto-imagem nem sempre é clara, podendo o usuário clicar em fotos que são relativas a algum texto que não era de seu interesse.
	Utilizar fontes-padrão que facilitem a leitura	✓	✓	O Tempo utiliza fontes sem serifa para o corpo do texto e com serifa para títulos (tipo Arial e Times New Roman). O Estado de Minas utiliza fontes não-serifadas, com diferenciações de cor e tamanho.
	Utilizar, preferencialmente, fontes corpo 12, nunca menores do que corpo 9	✓	✓	Títulos são maiores do que 12 e textos de rodapé têm fontes muito pequenas. Isso é o esperado para essas funções. Palavras que chamam o leitor para dentro do jornal (Leia mais, etc.) são diferenciadas por cor ou pela fonte.
	Utilizar fonte diferente para enfatizar palavra ou frase	✓	✓	-
Padronizar e dar consistência a maneiras de destacar informação importante na página	✓	✓	-	

Análise de usabilidade das páginas inicial e internas do jornal Estado de Minas de acordo com parâmetros de Leavitt e Shneiderman (2006). Também disponível em [www.usability.gov](http://www.usability.gov).

Usabilidade dos jornais digitais – PÁGINA INTERNA				
Parâmetros		EM	O T	Comentários
Otimização da experiência do usuário	Não habilitar janelas <i>pop up</i>	✓	✓	-
	Oferecer boa orientação de navegação	✓	✓	-
	Permitir que o usuário execute as tarefas em seqüências estáveis de ação	✓	✓	-
	Minimizar tempo requerido para carregamento de página	✓	✓	-
	Diagramar a página de forma a permitir impressão (ou ler na tela)	✓	✓	Além de permitir impressão, os jornais dão opção de o usuário enviar a notícia por e-mail ou comentá-la. Também há links de notícias relacionadas à matéria, além de memória (outras notícias, de edições anteriores, sobre o mesmo assunto).
	Oferecer <i>feedback</i> a respeito de carregamento página e/ou arquivos	✓	✓	-
Oferecer assistência adicional ao usuário	Não	Não	-	
Leiaute de página	Evitar “poluição visual”	✓	✓	As páginas internas são quase exclusivamente o lugar das notícias apontadas pela página inicial.
	Posicionar itens clicáveis importantes nos mesmos lugares próximos ao topo, em páginas diferentes	✓	✓	-
	Posicionar a informação de acordo com níveis de importância (do maior para o menor) e aplicar às páginas do site	✓	✓	-
	Separar informação com tópicos ou <i>bullets</i>	✓	✓	-
	Alinhar os elementos da página vertical ou horizontalmente	✓	✓	O Tempo mantém 3 colunas, sendo a mais larga reservada à notícia. No Estado de Minas são 2 colunas.
	Planejar leiaute que possa ser automaticamente ajustado à resolução do monitor	✓	✓	-
	Evitar diagramação que dê a ilusão de se ter alcançado o final da página (quando ainda há página a ser visualizada)	✓	✓	-
	Diagramar páginas com quantidade apropriada de texto: <i>homepages</i> menores e páginas internas mais extensas, de forma que a <i>home</i> não precise de utilização da barra de rolagem.	Não	Não	4 e 2
	Delimitar áreas em branco	Não	✓	O Tempo utiliza fios.

	Utilizar comprimento de linhas de texto adequado, de acordo com a prioridade. Se for a leitura rápida, linhas maiores. Se for a seleção da informação, linhas menores.	✓	✓	Nas notícias, as linhas são maiores do que na página inicial.
	Utilizar <i>frames</i> quando parte da página precisa permanecer visível	✓	✓	-
Navegação	Não direcionar o usuário a páginas sem opções de navegação	✓	✓	-
	Diferenciar claramente os itens de navegação entre si, posicionando-os em lugares fáceis e estáveis	✓	✓	-
	Oferecer lista de tópicos (links) em páginas longas, de maneira que o usuário possa ir diretamente o que interessa	✓	✓	-
	Permitir ao usuários saber onde ele está em relação ao mapa do site ( <i>feedback</i> )	Não	Não	-
	Posicionar o menu de navegação primária na coluna da esquerda (e menus secundários juntos em outras colunas)	✓	✓	-
	Evitar o uso do <i>scroll</i> em páginas de navegação	Não se aplica	Não se aplica	-
	Evitar uso de <i>back</i> em páginas muito “profundas”, optando por menus seqüenciais	✓	✓	-
	Oferecer mapa quando site tiver muitas páginas	Não	Não	-
	Oferecer explicações em <i>gloss</i> para links que ofereçam dificuldade de compreensão	Não	Não	-
	Barra de rolagem e paginação	Evitar páginas em que seja necessário o uso do <i>scroll</i> horizontal	✓	✓
Destacar tópicos (negrito, etc.)		✓	✓	-
Utilizar páginas com <i>scroll</i> para textos que o leitor deverá ler com mais dedicação		✓	✓	Ambos os jornais fazem isso. No final do texto, há links para notícias complementares.
Utilizar páginas com links se o leitor for navegar e ler com mais rapidez		Não	Não	-

	Diagramar a informação em blocos para o leitor que deseja informações específicas (no máximo 4 toques na barra de rolagem)	Não	Não	-
<b>Cabeçalhos, títulos e tópicos</b>	Utilizar tópicos com nomes compreensíveis, objetivos e claros	✓	✓	As notícias têm nomes diferentes de suas chamadas de página inicial.
	Nomear cada página do site com títulos descritivos, únicos e concisos	✓	✓	-
	Destacar itens que requerem atenção do usuário	✓	✓	-
	Oferecer opções (links) facilmente selecionáveis	✓	✓	-
<b>Links</b>	Utilizar links significativos e fáceis de entender	✓	✓	-
	Oferecer links que direcionem realmente às páginas relacionadas	✓	✓	-
	Nomear links e páginas internas consistentemente	Não	Não	As notícias têm nomes diferentes de suas chamadas de página inicial.
	Evitar que haja textos marcados como se fossem links se não o forem	✓	✓	-
	Permitir que conteúdo importante seja acessado por mais de um link	✓	✓	-
	Usar links-texto tanto quanto links-imagem.	Não	Não	-
	Utilizar cores diferentes para links já visitados	Não	Não	-
	Oferecer indicações claras de que um item seja clicável	✓	✓	-
	Utilizar modo “apontar-e-clicar” em menus e evitar <i>mouseover</i>	✓	✓	-
	Utilizar links-texto de maneira a evitar quebra de linha	✓	✓	-
	Diferenciar links internos de links externos	✓	✓	-
	Oferecer links de glossário	Não	Não	-
	<b>Apresentação do texto</b>	Utilizar contraste de cor entre texto e fundo (quando o texto demandar leitura dedicada)	✓	✓
Utilizar caixa-baixa em textos mais longos em prosa.		✓	✓	-
Apresentar consistência no leiaute das páginas do site		✓	✓	-
Utilizar negrito apenas quando houver texto importante		✓	✓	-
Utilizar atratores de atenção com cautela (movimento, imagem grandes, gráficos, etc.)		✓	✓	Nas páginas internas há menos distratores.

Utilizar fontes-padrão que facilitem a leitura	✓	✓	-
Utilizar, preferencialmente, fontes corpo 12, nunca menores do que corpo 9	✓	✓	-
Utilizar fonte diferente para enfatizar palavra ou frase	✓	✓	-
Padronizar e dar consistência a maneiras de destacar informação importante na página	✓	✓	-

Análise de Usabilidade das páginas inicial e internas do jornal O Tempo de acordo com parâmetros de Leavitt e Shneiderman (2006). Também disponível em [www.usability.gov](http://www.usability.gov).

## APÊNDICE 5

Íntegra dos protocolos verbais de navegação em jornais impressos e digitais.

PROTOCOLOS VERBAIS E OBSERVAÇÃO DO VÍDEO		
Keila, 20		
Impresso	Digital	Análise
<p>Sobre inflação está em Economia, né, eu acho. (Folheia). Cadê a página? (Folheia). Tá em Economia. (Folheia). Prontinho. (Mostra).</p>	<p>(Procura uma editoria). Gerais, eu acho. (Escaneia). Estou procurando. Achei um link aqui ó, do lado, “Zoonoses”. Eu vou aqui em cima do nome que apareceu e vou... comê que chama isso? Não sei o nome disso não (aponta para o scroll do mouse). Vou arrastando aqui e vai dando para ler, uai.</p>	<p>Keila, 20, declarou que é leitora do jornal impresso Estado de Minas (“3 vezes por semana”), mas não lê jornais on-line Na Internet, lê e-mails. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador na escola do ensino médio. O tempo que gastou até encontrar a notícia é compatível com suas declarações. O protocolo verbal da informante demonstra que sua estratégia de navegação desconsidera a PP como sumário hipertextual para chegar à notícia solicitada, embora a procura pela editoria Economia demonstre algum domínio do protocolo de leitura do jornal.</p> <p>Ao executar a tarefa de procurar uma notícia do Estado de Minas impresso, Keila, gastou 1’17”. A estudante precisava procurar uma notícia sobre inflação em Belo Horizonte, que era manchete na PP do jornal, portanto, o título estava posicionado no topo da página, com letras muito grandes, negrito, com indicação de caderno e página interna.</p> <p>Note-se que a notícia estava nas páginas internas do primeiro caderno, o que levou a informante a encontrar rapidamente o que procurava. Provavelmente isso não ocorreria se ela tivesse utilizado a mesma estratégia com notícias em cadernos posteriores do jornal.</p> <p>No jornal digital, Keila faz o trajeto da página inicial até a notícia sobre o setor de zoonoses da Prefeitura Municipal em 22”. A informante também emprega a estratégia de ir diretamente à editoria Gerais, que costuma publicar assuntos sobre a cidade. O modo como agiu foi eficiente e rápido, mas ela não considerou a possibilidade de escanear a página inicial.</p>

<b>Eduardo, 25</b>		
<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>	<b>Análise</b>
<p>Inflação em BH. Bom, eu vou pegar o jornal, vou abrir. Na própria capa do jornal já vem falando que a inflação em BH é 10 vezes maior, né. (Procura). Ela está na capa do jornal. Não a reportagem, né. Agora eu abro o jornal e confiro a página em que ela se encontra aqui dentro. Aqui está falando que é a página 14. (Folheia). E a reportagem está aqui. (Mostra para nós).</p>	<p>Coisa de zoonoses? Estou abaixando a tela para ver, para ficar mais fácil a visualização da notícia. E já achei aqui. “Zoonoses em más condições”. Agora eu venho aqui (clica) eu clico em cima da matéria.</p>	<p>EAC, 25, declara ter o hábito de ler. No dia da pesquisa, declarou estar lendo <i>Tratado básico de magia</i> e, nos três meses anteriores à pesquisa, <i>Anjos e Demônios</i> e <i>O código da Vinci</i> (Dan Brown). Diz ser leitor dos jornais impressos <i>Folha de S.Paulo</i> e <i>Estado de Minas</i> (“todo final de semana”), mas não lê jornais digitais. Na Internet, faz pesquisas “ocultistas e científicas”. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador em casa.</p> <p>Ao tentar cumprir a tarefa de procurar notícia sobre inflação em BH, o informante gasta pouco tempo (não tivemos condições técnicas de medir) e demonstra domínio do protocolo. Ele escaneia a PP, encontra a chamada e vai até a notícia. Sabe que a chamada não é a notícia completa, mas apenas uma “isca” para que o leitor vá até o texto integral, onde saberá mais detalhes sobre os fatos.</p> <p>Eduardo foi incumbido de procurar também a notícia sobre a zoonoses. Empregou a estratégia de escanear a página inicial, encontrou a chamada com link e clicou para ter acesso ao texto integral. Dos declarados leitores de jornais impressos e não-leitores de jornais on-line, foi o único que optou pela estratégia em que o protocolo de leitura do suporte poderia ser considerado mais completo e menos passível de desvio.</p>

<b>Breno, 20</b>		
<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>	<b>Análise</b>
<p>(Escaneia a PP). Vou pegar o jornal e vou aqui no índice ver se tem alguma reportagem falando sobre zoonoses. (Lê). Achei. Agora eu olho o número da página... (Folheia e procura, demoradamente). Estou procurando a página. (Folheia). Acha.</p>	<p>Eu vou clicar aqui em Economia e procurar. Vou ler alguma reportagem interessante na primeira página. Vou procurar alguma coisa sobre inflação (Lê). Inflação, não, só Economia. (Lê). Não achei nada. Não achei. Inflação. (Pedimos que ele voltasse para a home). Home? (Lê). Tem uma reportagem sobre inflação em BH, que está 10 vezes maior. (Como ele ficou parado, perguntamos se aquilo era a notícia). Vou clicar nela. Entrou.</p>	<p>Breno, 20, declara não gostar de ler, mas ser leitor de jornais impressos (“às vezes o Super”) e não ler jornais on-line. Na Internet, utiliza o Orkut. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador em casa. Ao procurar pela notícia sobre zoonoses, faz o trajeto em 2’69”. Sua estratégia é escanear a PP, ir à editoria indicada e encontrar a matéria. A demora do informante se dá quando ele chega ao caderno e demora a encontrar a página do texto solicitado.</p> <p>Breno, com um tempo de 2’16”, vai direto às editorias (no menu em cima na página) para procurar a notícia sobre inflação. Não escaneia a página inicial e passa o cursor pelos links, que abrem menus. Ele clica em Economia e não encontra a matéria. Só mesmo depois do auxílio das pesquisadoras é que resolve ler a página inicial e verifica que se tratava da manchete da página inicial, no topo, em letras grandes.</p>

<b>Elizangela, 29</b>		
<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>	<b>Análise</b>
<p>(Escaneia a PP, folheia). Estou lendo os tópicos para eu estar lendo a respeito da reportagem. (Folheia e lê). A parte que fala sobre zoonoses, doenças, alergia, alguma coisa assim. (Lê). Sobre Leishmaniose, a parte de Zoonoses tem uma reportagem sobre “Saúde de agentes sob ameaça”... (Dizemos que é isso mesmo).</p>	<p>Eu vou pesquisar neste jornal que está aqui ou em qualquer lugar que eu quiser? (Dizemos que é no jornal que está aberto diante dela). Inflação em BH? Mas não é a notícia que está aqui na frente, não? (Ela encontra a chamada da notícia e fica quieta. Perguntamos se ela não vai procurar mais e ela diz:) Para mim, a notícia é esta. (Não clica).</p>	<p>Elizangela, 29, declara ter o hábito de ler “por gostar e por necessidade”. Não lia livros nem no dia da pesquisa e nem nos três meses anteriores, mas se dizia leitora de jornais impressos (O Globo, Estado de Minas, “aos fins de semana”) e não ser leitora de jornais digitais. Na Internet, faz pesquisas e manda mensagens. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador em casa e em curso livre. A tarefa de procurar pela notícia sobre um problema no setor de zoonoses da Prefeitura de Belo Horizonte foi cumprida em 2’51”.</p> <p>A demora da estudante deve-se a algumas razões: apesar de ela escanear a PP, mostrando conhecimento do protocolo de leitura do jornal, não observa que a chamada da notícia sobre zoonoses estava na “zona cega” (à direita, embaixo) da página e passa despercebida, iniciando, então, o manuseio das páginas tópico por tópico, até encontrar a notícia. EM consegue encontrar porque trata-se de um texto grande, com foto, localizado no caderno que está em suas mãos.</p> <p>Elizangela precisou de apenas 25” para sair da página inicial do jornal Estado de Minas e chegar à notícia sobre inflação em Belo Horizonte. Ela havia se declarado não-leitora de jornais digitais e, de fato, pelo protocolo verbal registrado em nosso teste de navegação, a estudante nem precisou escanear a home do jornal para perceber que a manchete sobre a economia belo-horizontina já estava ali, no topo da página. Não tomou qualquer decisão, nem mesmo a de mover a página para baixo a fim de ver outras notícias. Não clicou na chamada para ir até o texto integral e afirmou que, para ela, a notícia era o que se apresentava ali: a chamada. A informante também menciona a ida a um motor de busca antes mesmo de verificar que o jornal já estava aberto diante dela.</p>

Vinícius, 25		
Impresso	Digital	Análise
<p>Primeiramente eu vou abrir o jornal e procurar se tem algum assunto na página principal do jornal. Estou procurando aqui alguma coisa. (Escaneia e lê). Na página principal do jornal nós temos uma prévia da notícia “DRT encontra 24 homens em regime de escravidão”. Está na página B6. Vou estar procurando aqui. (Folheia) No caderno Cidades. (Mexe nos cadernos). Estou na página B6, como o jornal indicou na página principal. Achei.</p>	<p>Primeiramente vou procurar pelo mouse, vou deslizar na página principal. Vou deslizar com o botão de rolamento. Tem uma foto que fala, tem um link embaixo. Vou clicar com o lado direito do mouse em cima. Tá escrito “pedestre” (na foto), “Leia também”, um link, vou estar clicando com o lado direito do mouse uma vez. Aqui nós temos algumas informações, com a barra de rolamento eu vou deslizar pela página principal tentando encontrar algum assunto relacionado. (Lê). Não tem nada nesta página. Vou estar retornando no botão “voltar, lá em cima na margem superior esquerda... direita... Novamente estou na página principal, deslizando com o mouse, com o botão de rolamento, procurando alguma coisa. Aqui está constando a notícia, né, uma prévia da notícia, “Passagem reservada para pedestres na obra da Avenida Antônio Carlos é interrompida para a construção de uma tubulação”. “Pedestres se arriscam em obras da Antônio Carlos”. (Lê a chamada inteira). Vou estar clicando no link abaixo, com o lado direito do mouse. Aqui nós temos a íntegra da notícia completa na página principal. Achei.</p>	<p>Os leitores do jornal O Tempo impresso mostraram domínio do protocolo de leitura. VLAS, 25, declara “adorar” ler, que aprende muito com a leitura e conhece “vários assuntos”. Para ele, é possível “conhecer todos os cantos do mundo” e aumentar a capacidade de “argüição” pela prática da leitura. O estudante declarou que lia <i>Concerto para a alma</i>, de Rubem Alves, no dia da entrevista, e havia lido Chico Xavier, Rubem Alves e Paulo Coelho, nos três meses anteriores. Declara ser ler jornais impressos “4 ou 5 vezes por semana”, mas não lê jornais on-line (“prefiro a forma tradicional”). Na Internet, lê e-mails e procura informações sobre sua área de atuação. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador no trabalho e em casa.</p> <p>Ao executar a tarefa de procurar uma notícia sobre trabalho escravo em Minas Gerais, o estudante faz o percurso em 1’15”.</p> <p>No jornal O Tempo, Vinícius gastou 2’16” para fazer o percurso entre a página inicial do site e a notícia sobre uma obra na avenida Antônio Carlos. O que ele chama de “procurar pelo mouse” é justamente “rolar” a página fazendo o escaneamento das informações. Ele emprega essa estratégia e confere se a notícia encontrada é a solicitada pelas pesquisadoras. Fornece um protocolo verbal completo sobre o percurso, com indicações detalhadas.</p>

<b>Débora, 23</b>		
<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>	<b>Análise</b>
Vou pegar o jornal, vou abrir. (Folheia). Vou lendo os tópicos. (Lê). Abro ele. Vou lendo os tópicos maiores. (Lê). (Folheia). Achei. Trabalho escravo.	Obras na Antônio Carlos. Tô lendo os tópicos. (Lê). Achei, quer que eu fale o que é? Achei. Está aqui. (Ri). Achei.	<p>Débora declara ter o hábito de ler e que “sempre estou lendo um livro, nem que seja uma vez por ano”. No dia da pesquisa, lia <i>As mentiras que os homens contam</i> (Luís Fernando Veríssimo) e, nos três meses anteriores, havia lido <i>Eu vi o inferno</i>. Declara ler os jornais impressos <i>Folha Dirigida</i> e <i>Super</i> (respectivamente, às “quartas-feiras” e “de vez em quando”). Na Internet, faz pesquisas e utiliza messenger e e-mail. Lida com aparelho de telefone celular e aprendeu a usar computador em curso livre.</p> <p>A informante gastou “52 para encontrar a notícia sobre trabalho escravo. Embora não tivesse escaneado a PP, procurou a editoria correta.</p> <p>Débora também tem que pesquisar notícia sobre obra na Antônio Carlos no jornal digital. Leva 1’13” para escanear a página inicial, ver a chamada, clicar e encontrar a notícia.</p>

<b>Patrícia, 20</b>		
<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>	<b>Análise</b>
(Folheia). Matéria de capa, procurar a página. (Lê e folheia, procura a página). Aqui diz “Pedestre arrisca em obras na Antônio Carlos”. Página B5. (Folheia, procura página, insistia na página A5 porque não notara que cada caderno era indicado por uma letra. Acha). Está aqui.	Hum... Geral (Clica, lê e volta). Cidade (clica, lê e volta). Poderia estar no Cidades, mas não estou achando. (Lê). Você pediu... No Brasil? (Respondo que sim). Vou na Procura. (Ri). Achei. Geral.	<p>A informante gasta 1’25” para cumprir o protocolo de leitura e encontrar uma notícia sobre uma obra na avenida Presidente Antônio Carlos, em Belo Horizonte. Ela declara ter o hábito de ler revistas, jornais, livros para se informar. Lia <i>Jane Eyre</i>, de Charlotte Brant, no dia da pesquisa e havia lido Dan Brown (<i>Código da Vinci</i>) e <i>Histórias para aquecer os corações dos adolescentes</i>, nos três meses anteriores à entrevista. Declara ser leitora do jornal impresso Estado de Minas (“alguns dias da semana”), mas não ser leitora de jornais on-line. Na Internet, usa motores de busca que “não domina com facilidade”. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador na casa dos amigos e na faculdade (“por necessidades”).</p> <p>Durante do teste de navegação, mesmo não escaneando a PP e com a demora em encontrar a página B5, por não ter atentado para a marcação alfanumérica do jornal, Patrícia é eficaz em seu trajeto.</p> <p>Leva pouco mais de 2 minutos para encontrar a notícia sobre trabalho escravo no jornal digital O Tempo. A informante, que se declara leitora apenas de jornais impressos, faz um percurso eficiente na navegação em ambiente digital. No entanto, não utiliza a página inicial como hipertexto, não escaneia, e prefere procurar a clicar na editoria Geral. Em seguida, procura em Cidade. Volta na editoria Geral e encontra a notícia.</p>

**Fabrcio, 24**

<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>	<b>Análise</b>
<p>(Escaneia PP, títulos) Vou abrir o jornal (ri). Lendo os títulos aqui para ver se eu acho alguma coisa. Lendo ainda. (Lê PI e folheia). Vou procurar em outra página. (Lê). Também não. (Lê, subvocaliza). (Lê demoradamente). (Folheia). Aqui está falando de agricultura, mas não é ainda. (Folheia). Provavelmente neste não vai ser, é Magazine. (Repassa os cadernos e avalia se a notícia pode estar em algum deles). Isso aqui? Flagra de 24 homens em regime escravo? Só isso. Não tinha que folhear nada. O jornal está aqui. (Dizemos a ele que não tinha que folhear o jornal todo). Eu olhei pela sigla (DRT) direto, não entendi o que era a sigla e pulei. Olhei só o começo das frases. Não entendi o que era isso... (referindo-se à sigla DRT, Delegacia Regional do Trabalho). Mas alguma coisa me levava a crer que era a última página, não sei o quê. (Rimos).</p>	<p>(Escaneia a página inicial) Primeiro eu tô buscando para ver se eu consigo achar um tópico aqui que fala dessa notícia (escaneia). Cidades. (Clica). (Começa a ler notícias que não têm a ver). Não. (Outras notícias). Também não. (Mais notícias). (lê). Vou em obras (Digita na Busca). (Lê todo o menu). “Público volta a ter acesso a obras raras”. Não é. (Fica na dúvida). Eu estou vendo aqui, mas não parece ser não: “O acervo de livros raros da Biblioteca Pública Estadual...” (Lê mais e vai abaixando a voz, pedimos que ele volte à home). Home. (Lê). Estou olhando a home, mas parece que não tem. Se tem, pelo menos, não estou conseguindo achar. Brasil perdendo o jogo. (Aponta para a tela). (Digita “obras” na Busca). Humm. Na busca de novo eu coloquei “obras na Antônio Carlos”. Deixa eu olhar Cidades. (Escaneia). Também não. Deixa eu procurar aqui, Geral. Procurando no tópico e até agora nada. (Pedimos que ele volte à home). Hum. (Não acha). Estava de todo tamanho, né? “Pedestre se arrisca em obra na Antônio Carlos”. (Ele não clica, então perguntamos o que fará). Imprimir a notícia? (Ele clica e entra).</p>	<p>Fabrcio declara não ter o hábito de ler, mas é leitor de jornais impressos (Opinião, “jornal da minha cidade”, e jornais estaduais “semanalmente”). On-line, não lê jornais. Na Internet, faz pesquisas e utiliza Orkut e e-mail. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador em curso livre. O aluno devia procurar a notícia sobre trabalho escravo no O Tempo. Foram 5’29” para chegar ao texto solicitado.</p> <p>FVC mal olha para a PP, embora faça o gesto de escaneá-la. Passa a folhear o jornal como se procurasse as editorias, perde tempo com cadernos improváveis e depois assume que leu apenas as palavras iniciais dos títulos da PP. Como a notícia na chamada começava com a sigla DRT (Delegacia Regional do Trabalho), que ele não conhecia, o aluno saltou isso e foi adiante, perdendo-se no trajeto. Ele procurava a palavra “escravidão” ou algo tão direto quanto isso, como os leitores costumam fazer em motores de busca.</p> <p>Fabrcio faz o percurso em 6’08”, um dos maiores tempos. A tarefa era encontrar matéria sobre obra na Antônio Carlos no O Tempo on-line. Ele escaneia a página inicial, mas sem atenção. Perde muito tempo lendo notícias que não estão relacionadas à solicitada pelas pesquisadoras, parte para uso do motor de busca do jornal. A pesquisa por “obras” resulta em mais problemas. Só deixa a busca de lado quando pedimos que ele retorne à home. Lá, ele escaneia com atenção a página e percebe que a chamada para a notícia estava embaixo, dependendo de movimentar o scroll.</p>

Viviane, 25		
Impresso	Digital	Análise
<p>(Já chega no ambiente de pesquisa perguntando se pode sair da tela do O Tempo para procurar em sites de busca. Dizemos que não será necessário. Escaneia a PP). Vou abrir o jornal, vou ler, aí geralmente... a gente vai folheando, olho só o que me interessa... (Folheia). No caso, como é que é? (Repite o tema da notícia). (Folheia e lê. Demora mais de 1 min. E não acha).</p>	<p>(Subvocaliza). Vou clicar no Cidades. (Subvocaliza). Estou lendo só. Não está aqui. Vou voltar. (Clica na seta). (Lê e subvocaliza). Ah, tá, estou procurando na barra aqui. (Lê). (Subvocaliza). Cliquei em Cidades para ver se eu acho alguma coisa falando sobre as obras da Antônio Carlos, né? (Subvocaliza). Cliquei em Geral. (Lê). Não consigo ler e falar. Não achei. Geralmente eu olho em jornais de papel. Vamos supor: no Diário da Tarde você vai lá na parte policial, já vai na Cidade, e aqui não deu. Aqui eu não achei. (Peço que ela volte para a home). Onde? (Volto para ela). Obra na Antônio Carlos. (Subvocaliza). (Acha e fica surpresa). E é onde que eu moro! Eu moro perto. (Ri). Tá. Achei. (Pergunto: e agora?). E agora o quê? (Pergunto: vai ficar aí?). Não. (Como você vai ler a matéria?). Vou clicar em cima. Achei.</p>	<p>Viviane, 25, leva 2'95" para fazer o trajeto da PP até a notícia sobre trabalho escravo. Ela declara não gostar de ler apenas o necessário. Assume sentir falta de "ter o hábito de ler". Declara ser leitora do jornal impresso Estado de Minas ("todos os cadernos"), mas não ser leitora de jornais on-line. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador na escola e no trabalho.</p> <p>Viviane não encontra a notícia solicitada porque, embora escaneie a PP, não lê com atenção e não encontra a chamada. Passa muito tempo tentando ler os títulos dos cadernos e se perde na leitura.</p> <p>Leva 3'35" para chegar à notícia sobre as obras. Ela utiliza a estratégia de ir até a editoria Cidades e tenta encontrar o texto solicitado. Faz isso com bastante dificuldade, já que subvocaliza muito ao executar a tarefa e tece considerações sobre os jornais de papel enquanto navega no jornal on-line. Consideramos que percebe as semelhanças e tente fazer trajeto parecido com o que costuma fazer em papel. Viviane só encontra a notícia depois que indicamos a home como pista e ela consegue escaneá-la e ler a chamada. Mesmo assim, a estudante não clica, considerando que a notícia é apenas o lide.</p>

<b>Raiane, 19</b>		
<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>	<b>Análise</b>
<p>Primeiramente vou abrir o jornal (Ri). (Folheia). Primeiro vou ler todos os temas maiores aqui. (Lê). (Folheia). É isso aqui? “Pedestres...”. (Dizemos que sim e perguntamos o que ela faz com a primeira página do jornal, já que nem sequer a leu). Quase nunca olho, só se tiver alguma coisa assim, por exemplo, alguma coisa que passou no jornal, na televisão, aí eu olho. Se for estas coisas assim (referindo-se à notícia sobre a obra na Antônio Carlos), não.</p>	<p>Escravidão? Primeiro eu colocaria em Busca. (Digita). Estou digitando “escravidão” aqui em Busca. (Lê). Abriu uma página aqui, não tem nada a ver. (Lê). Vou voltar, vou clicar em Gerais. (Lê e subvocaliza). Em Gerais não tem nada então vou clicar em Cidades. Aí achei “Fazenda em Minas mantinha 24 no trabalho escravo”. Vou clicar aqui.</p>	<p>Raiane, 19, declara ter o hábito de ler e que “a todo instante, no trabalho, em casa e na escola, estou sujeita a ler”. Não lia livros nem no dia da pesquisa e nem nos três meses anteriores. Declara ser leitora dos jornais impressos Estado de Minas e Super. Não lê jornais online. Na Internet, faz pesquisas e utiliza chats, Orkut, e-mail e “sites legais”. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador em casa e no trabalho.</p> <p>No O Tempo impresso, ela procurava notícia sobre obra na Antônio Carlos (não tivemos condições técnicas de medir o tempo gasto). Ela chega rapidamente ao texto solicitado já que tem em mãos a editoria correta, entanto demonstra ignorar a utilidade da PP e fornece o argumento de que só lê primeiras páginas se a notícia que lá estiver for redundante com relação a outros meios de obter notícias: televisão, Internet. Esse depoimento diz muito sobre a concorrência entre os meios de comunicação em relação ao conteúdo noticiado e corrobora um comportamento do leitor de jornais impressos: o desejo de se aprofundar, não o de obter a notícia em primeira mão. Essa discussão vem sendo ampliada por pesquisadores que estudam as mudanças de função da imprensa, a depender dos meios em que as notícias se propaguem.</p> <p>A informante menciona os motores de busca como primeira solução para encontrar a notícia e faz uma tentativa ineficaz. Em seguida, procura duas editorias que poderiam estar relacionadas com o assunto escravidão, na última delas, encontra o texto integral solicitado.</p>

<b>Graziela, 20</b>		
<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>	<b>Análise</b>
<p>Estou lendo, né, professora. (Escaneia). Aqui já estou vendo uma obra na Antônio Carlos já. (Lê a chamada para nós). Mais? (Folheia). Primeiro eu vi lá, né, a foto. E vi a página. Agora eu tenho que achar. (Folheia). Tá na página 15, mas não tem nada aqui. (Folheia mais e avalia a página errada). Hã? (Folheia). Tô procurando B5 (mas estava no caderno A). (Perguntamos por que ela não encontrava e ela resume a notícia para nós). Eu estava procurando B5, eu li errado. Eu vi aqui a notícia ao lado. Fui direto na foto e vi do lado, mas era outra notícia.</p>	<p>Tá, eu vou no Google. Vou buscar no Google. (Dizemos a ela que o jornal está aberto). Ah, tá? Então vou em Busca, “escravidão”. (Começa a ler uns trechos de notícias). É, como é professora? Vivendo em regime de escravidão? Trabalhando em algum lugar assim? No caso aqui seria condenar... (Lê outra notícia). Quer que entra? Porque eu fui no Buscar para entrar lá no jornal. (Pedimos que ela volte à home). Home? Primeira página?. (Dizemos que sim). (Escaneia e lê). Na primeira página eu não estou achando. Eu acho que poderia ir na Busca e ia me dar a página. (Perguntamos por outra estratégia). Procurar Geral. (Lê). Acho melhor parar porque eu não achei não. Só fala de juiz, de outra coisa. (Avalia). Vou em Cidades. (Clica e lê). Também não. Nossa, está difícil procurar. Economia. (Lê notícias). Professora, não estou achando. (Pedimos que ela volte à home). Home? (Volta). Jornal. (Lê). Em Cidades não achei. (Mostramos a ela onde estava).</p>	<p>Graziela, 20, precisa encontrar a notícia sobre obras na Antônio Carlos e, para isso, gasta 2’38”. A informante declara ter o hábito de ler “mais ou menos”, e que “leio mais coisas que me interessam e quando tenho que ler mesmo”. Não lia livros nem no dia da pesquisa e, nos três meses anteriores, havia lido <i>Violetas na janela</i>. Declara ser leitora de jornais impressos (Estado de Minas e Pampulha) e não ler jornais on-line. Na Internet, utiliza e-mail. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador em casa.</p> <p>Também ela se confunde com a marcação alfanumérica do Tempo e perde tempo procurando no caderno errado. No entanto, escaneia a PP, vê logo a chamada (manchete) e manipula o jornal.</p> <p>Graziela leva 4’15” para chegar à notícia sobre trabalho escravo. Ela tem o impulso iniciar de fazer pesquisa no motor de busca mais conhecido atualmente. Não permitimos, mas ela faria uma pesquisa ineficiente, digitando a palavra “escravidão”, o que resultaria em mais problemas. Tem dúvidas quanto ao que seja <i>home</i>, não escaneia a página inicial, entra em uma editoria, em outra, em uma terceira, todas pertinentes, não encontra a notícia. Mostramos a ela onde estava a chamada e ela se surpreende.</p>

**Maurício, 18**

<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>	<b>Análise</b>
<p>Sobre inflação..? (folheia) estou procurando em Economia ou em Política, mas eu acho que está em Economia. Inflação, não é? Vou na página A12 A16 de Economia. (pega o jornal Estado de Minas). Ó! Pensei que era um só. (Folheia) Estou procurando o caderno de Economia, que eu acho que está aqui dentro. Vamos lá, a página A12. (Folheia). Vou na parte Geral para ver se está. (Folheia). Página 17, página A6. Trabalho escravo, trabalho escravo... (Folheia) Aqui não vai estar. Cidades, pode ser. 19. (Folheia e lê). Achei. O título é “Lista suja tem dois empregadores de Minas Gerais”, hum... Achei? “Fazendeiros...”</p>	<p>O Tempo... problemas de? Obras? Antônio Carlos. Passar pelo link. Não, não. (Lê a página inicial e subvocaliza). Estou procurando o título da matéria. Como que é? Mulheres? Problemas com pedestres na Antônio Carlos. Vou tentar aqui para ver se eu encontro. (Vai na Busca do jornal). Mais fácil. Vamos ver se ele vai me dar... (subvocaliza). Difícil, viu. Vou no link Cidades para ver se eu encontro. (Lê). Ainda não está. Estou procurando o link problemas com pedestres na Antônio Carlos. Já coloquei. Vou ver em Geral agora. Eu acho... (Espera e lê). Ainda não. (Lê). Ainda não. (Digita). Estou digitando agora Antônio Carlos para ver se ele me dá algum link. (Na Busca). Ainda nada, aqui. (Subvocaliza os títulos das notícias e eu peço para voltar para a home). (Dificuldades com o navegador). Vamos voltar. Pronto. Tem algum link digital? Achei agora uma matéria que está relacionada com o que você falou: “Pedestres se arriscamem obra na Antônio Carlos”. Achei.</p>	<p>Maurício, 18, declara não ser leitor de jornais impressos, mas ser usuário de chats e motores de busca, além de ler “as manchetes” dos jornais digitais todos os dias. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador em casa. Quando pedimos que ele encontrasse uma notícia sobre trabalho escravo, no jornal O Tempo digital, registramos que ele opta por procurar nas editorias, manipulando o jornal antes de escanear a primeira página. Com isso, demora mais de 4 minutos para encontrar o texto solicitado. Nesse percurso, troca os jornais e não encontra o texto correto.</p> <p>O informante, no Tempo on-line, procura matéria sobre obra na avenida Antônio Carlos. Gasta mais de 4 minutos para recorrer ao motor de busca do jornal e encontrar resultados que não respondem ao que ele precisa. Em seguida, quando consegue retornar à página inicial, passa a procurar nas editorias relacionadas ao tema. Depois de muitas idas e vindas, encontra.</p>

<b>Rafael, 22</b>		
<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>	
<p>Jornal. Vou olhar na página, na primeira página, manchete em destaque aqui. Obra na Antônio Carlos. Como título “Pedestres se arriscam em obra na Antônio Carlos”.</p> <p>(Folheia). Página 5. (Folheia). (Interfiro porque ele se desviou do tema e passou a procurar o tema da Antônio Carlos). Ah, é trabalho escravo. Estou procurando relacionado a obra... trabalho escravo. Encontrei na primeira página. (Folheia). Trabalho escravo. (Folheia). Professora, não estou encontrando. Não estou achando. (Peço para ele ter calma). Ah, tá, está aqui embaixo. “DRT encontra 24 homens em regime de escravidão”, página B6. (Folheia, desdobra). B6. Letra B maiúscula na capa do caderno. Encontrei. (Lê o título).</p>	<p>Obra na Antônio Carlos está relacionado com Cidade, cidade de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 3 de agosto de 2006, obra na Antônio Carlos (Lê a página). Trânsito. “BH...” (Lê títulos). Não acho. (Volta para a home). Não estou encontrando. “Passagem reservada...”, “Pedestres se arriscam em obra na Antônio Carlos”. Achei.</p>	<p>Rafael, 22, declara gostar de ler e procura se informar sobre os acontecimentos. Declara não ser leitor de jornais impressos, mas ser leitor dos jornais digitais Folha de S.Paulo e O Tempo, diariamente. Na Internet, “busca informações”. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador no trabalho, há 3 ou 4 anos. No jornal O Tempo, procura por uma notícia sobre trabalho escravo e gasta pouco mais de 2 minutos para cumprir a tarefa. No percurso, escaneia a primeira página, perde-se na procura porque confunde a primeira e a segunda tarefas, mas acha a notícia.</p> <p>Rafael procura notícia sobre obra na Antônio Carlos, no jornal O Tempo. Não tivemos condições de medir seu tempo, mas ele não demora a encontrar o que procura pelo trajeto das editorias, disponíveis no menu à esquerda da tela.</p>

<b>Romena, 21</b>		
<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>	
(Folheia). Estou procurando aqui na folha principal, se tem alguma coisa. “Zoonoses em más condições”. Página 23. Procurando a página. (Folheia). “Saúde sob ameaça”, zoonoses (aponta a foto).	Vou procurar, vou ver se a barra de rolagem aqui. Qual é a pergunta? (Respondo). Inflação em BH? Estou procurando. (Escaneia). Achei. “Inflação em BH é 10 vezes maior”.	<p>Romena, 21, declara que tem o hábito de ler “toda semana, pelo menos uma revista e estou sempre lendo um livro, assim, um após o outro”. Declara não ser leitora de jornais impressos, mas declara ler o site da prestadora (provedor de acesso) de que é assinante e as notícias que procura. Na Internet, faz pesquisas, utiliza a conta bancária e faz compras. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador em casa.</p> <p>Pedimos que a informante procurasse pela notícia do jornal Estado de Minas que tratava de problemas no setor de zoonoses da Prefeitura. O percurso dela demonstra conhecimento da função de sumário da primeira página, que ela escaneia até encontrar, rapidamente (57”) a notícia.</p> <p>Nos jornais digitais, de que se declararam leitores mais frequentes, os informantes mostraram domínio relativamente bom do protocolo de leitura.</p> <p>Romena foi investida da tarefa de procurar, no jornal Estado de Minas, uma notícia sobre inflação em BH. Para isso, gastou 37 segundos. Escaneia a página inicial e encontra o link para a notícia.</p>

<b>Daniele, 27</b>		
<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>	
Vou abrir a página principal aqui, vou dar uma olhada, normalmente aqui você tem um resumo de tudo que tem no jornal. É... (lê as chamadas em voz alta e começa a subvocalizar). Bom, trabalho escravo? (Subvocaliza). Isso aqui pra mim... tá. (Lê em voz alta várias chamadas que não estão relacionadas). Aqui também tem... (Lê chamadas e títulos em voz alta, resolve ler todos os títulos do jornal). Trabalho escravo? Bom, não sei se passou despercebido... Vou dar uma folheada aqui. (Lê mais títulos, folheia mais). Estou um pouco nervosa, não sei se passou, vou continuar procurando. Que	Vou procurar “obra” no Cadê. Éh... que é o site que eu acho melhor. Não... primeiro eu vou na Globo.com. (Interferência da aluna de Iniciação Científica, que pede que Danielle procure dentro do jornal, que já estava aberto na tela). Tá. É porque tudo eu tenho costume no Google, Cadê, Radics (?) (Ri). Eu estava procurando se por acaso estava em aberto aqui, alguma coisa falando da Antônio Carlos, e estou vendo “Pedestres se arriscam em obra na Antônio Carlos”. Achei aqui alguma coisa. (Lê a chamada inteira). Eu procurei assim ver a página inteira para ver se tinha alguma coisa	<p>Daniele, 27, declara não ser leitora de jornais impressos (lia “há muito tempo, o jornal O Hoje”), mas lê, uma vez por dia, o jornal O Globo on-line. Na Internet, faz pesquisas sobre trabalhos e música. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador em um curso livre. No Tempo impresso, lê sobre trabalho escravo.</p> <p>Embora a informante demonstre conhecer a função da primeira página do jornal, não tem atenção suficiente ao escaneá-la e passa a folhear, no que perde muito tempo lendo títulos e tecendo considerações sobre as notícias que lê. Com a falha no protocolo da PP, ela gasta pouco tempo (não tivemos condições de medir). Daí em diante, ela passa a procurar em todas as páginas do jornal o texto integral da notícia.</p> <p>Daniele procura sobre obra na Antônio Carlos em 2’18, ainda assim, manifesta vontade de ir direto a um motor de busca, antes mesmo de observar o site do jornal, aberto em sua frente. Quando escaneia a página inicial, percebe a chamada da matéria logo na entrada e clica, encontrando o texto solicitado.</p>

vergonha. (Lê mais títulos e folheia). Hum... (Lê mais títulos e começa a comentar as notícias. Demora vários minutos fazendo isso). Tem muita coisa interessante. (Continua lendo títulos). Esse “Minas tem plantação proibida” é uma forma de trabalho, mas... não é. (Lembramos a ela que se trata de uma notícia sobre trabalhadores em regime de escravidão). É... é um trabalho de plantio, mas do jeito que está... deve ter menores trabalhando aqui. Vou ter que ler a reportagem inteira. Mas você já adiantou aí, deve ser isso mesmo. (Interferimos para dizer que não era). (Subvocaliza). Ah, isto aqui é. (Lê alto mais uma chamada). Aí ó. (Lê mais e tenta relacionar as notícias que lê ao tema pedido, comenta as notícias, folheia, aprecia as notícias, ri, comenta que não gosta de notícias tristes, demora mais de 5 min. ) “DRT... mais de 24 homens em regime de trabalho escravo”, eba! “Vindos do Ceará, trabalhadores...”, logo na última página! (Todos rimos). Vocês me fizeram ler tudo! “Colher Café...”, aí, achei, vocês fizeram de propósito! (Interfiro para mostrar a ela onde estava a chamada de capa sobre a notícia). Aiiiiii! Hummmm, eu não vi! (Ri). Justo aqui.

falando da Antônio Carlos, né. Eu não tenho costume de acessar o jornal O Tempo, eu gosto mais do Globo.com, acho mais completo. Mas já que este aqui está aberto e você não deu outra opção, eu vou abrir aqui esta parte que fala de uma obra, vou dar uma lida. (Clica). Achei.

<b>Danília, 20</b>		
<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>	
<p>Inflação em Belo Horizonte? Nossa. Eu odeio esse negócio de inflação! Já pra começar. (Ri e escaneia). Tê lendo para ver se tem a ver com o assunto, mas parece que tem. É, tem. Página 14. Só ir lá, página 14. (Folheia). Tcharam! Achei. Já?</p>	<p>De quem? (Explicamos de novo que é zoonoses). Ah, tá! ãham, legal. (Escaneia). Primeiro vou buscar para depois começar a procurar uma coisa que eu não sei. (No menu de notícias). Uma notícia sobre zoonoses. Isso tem alguma coisa a ver com zoológico? Estou procurando por notícias. Ai, meu Deus (Ri e subvocaliza). Não estou achando. Não pode ser pelo Google ou pelo Cadê não? (Dizemos que o jornal está diante dela). (Escaneia e subvocaliza). Gastronomia. Não sei por onde procurar aqui. Como é que chama? (Zoonoses). Vou pesquisar pela palavra. (Busca). Tem algumas notícias. (Lê). Nossa, 2002! Coloquei “zoonó”. Aí agora vou procurar o resto. (Pedimos que ela volte para o jornal porque ela havia derivado). Hã. (Volta). O que você falou que era mesmo? Esqueci. (Explicamos novamente). Tá mais você me falou o que significa “zoonoses” e eu esqueci. (Não havíamos explicado o que era e então explicamos, “doenças relacionadas a animais”). Ahhhh! Sim. Hum Hum. (Lê novamente a tela). Não é isto não? Notícia sobre doença em laranjas? Não. (Mostra uma notícia e dizemos que não é). (Ela se mostra frustrada, não tem mais o que fazer, pedimos que ela retorne à home</p>	<p>Danília, 20, declara não ter o hábito de ler e que “antes de entrar na faculdade, não tinha esse hábito. Hoje, para entender melhor as matérias, é necessário”. Não lia livros nem no da pesquisa e nem nos três meses anteriores. Declara não ser leitora de jornais impressos, mas ler on-line “às vezes”, O Globo. Na Internet, utiliza e-mail, Orkut e messenger. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador em casa. Também no Estado de Minas, procura pela notícia sobre inflação em BH.</p> <p>A informante faz o percurso a partir da leitura da primeira página e encontra a notícia no EM com rapidez e eficiência (1’12”).</p> <p>Danília gasta 5’19” para fazer a procura da notícia sobre zoonoses no EM digital. O principal fator que causa embaraço para a informante é o fato de não saber o significado da palavra zoonoses e ter vergonha de perguntar às pesquisadoras. Ela manifesta vontade de pesquisar em motor de busca, como se eles oferecessem saída para o leitor que sequer sabe o que procura. Não cumpre a tarefa, mas se surpreende quando mostramos o mecanismo a ela a partir da home.</p>

	do jornal e ela não sabe o que é. Mostramos onde a notícia estava na página inicial e ela demora a encontrar). Ah, ué. Achei (ri muito)! Estava aqui o tempo todo! Pois é.	
--	--	--

### Cláudia, 21

Impresso	Digital	Comentários
Primeiro eu vou procurar uma página que tenha esse tipo de notícia, né. Vou excluir página de esporte, esse tipo de coisa. (Folheia). Vou procurar mais na parte de notícias gerais. (Folheia e lê por mais de 1min.). É trabalho escravo, né? (Folheia). Agora eu vou olhar pelos títulos porque eu não tenho muito hábito de ler jornal, então... (Folheia e lê título por título). Tenho a sensação de que passei pela notícia várias vezes porque está todo mundo olhando para mim, aí eu fico nervosa (referindo-se a mim, à orientanda de Iniciação Científica e ao cameraman). (risos). Mas é porque eu nunca leio jornal, então... (folheia, vai e volta nas páginas, ri). Procurei em todo o jornal, menos nas ... (Acha e ri)	Primeiro vou nas notícias Geral. (Clica e lê). Eu vou em busca aqui que é mais fácil. Vou em “obras”. Alguma notícia sobre as obras que estão tendo. (Digita na Busca do jornal). (Lê e demora). Estou procurando “obras públicas” ou “serviços públicos” porque digitei anteriormente “obras”, mas apareceu outro esquema que estão totalmente relacionados com o que a gente está procurando. (Lê). Apareceu várias obras e eu estou procurando a minha. Também não foi uma boa estratégia porque não apareceu só de BH, apareceu muito mais. (Como ela havia saído da página do jornal, pedi que ela retornasse à home do O Tempo). No jornal? (Volta e lê a home). (Interfiro para que ela volte ao jornal corretamente). Achei! (Ela lê a home pela primeira vez). Está bem na primeira página do jornal com uma foto. (Ri).	Cláudia, 21 anos, declara não ter hábito de ler “porque leio quando necessário e quando é um assunto de interesse próprio”. Não estava lendo no dia da pesquisa e nem nos três meses anteriores. Declara não ser leitora de jornais impressos e nem on-line. Na Internet, faz pesquisas. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador em casa. Trabalho escravo era o tema de sua pesquisa no jornal O Tempo. Ela optou por ir até a editoria mais pertinente, por exclusão. Leu todos os títulos de matérias internas, mostrou-se nervosa, folheou o jornal e encontrou o texto, tudo em pouco mais de 3 minutos.  Cláudia levou 3 minutos e meio no jornal O TEMPO procurando notícia sobre a avenida Antônio Carlos. Ela opta por procurar diretamente na editoria que julga relacionada ao assunto, vai até o motor de busca do jornal, só retorna ao jornal com a ajuda das pesquisadoras e encontra a matéria sob orientação nossa.

<b>Daiane, 20</b>		
<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>	
<p>Vou pegar na primeira página. (Lê e folheia). Humm. Procurando, procurando. Qual é o tema? (Inflação em BH). Outra página, estou procurando. (Folheia). Não achei. Aqui não tem nada. Vamos para outra. (Folheia e lê, começa a ler títulos, considera que encontrou a notícia e nós dizemos que não). Não? (Folheia mais). Aqui, aqui!</p>	<p>Olho aqui. Fui lá no caderno Política e estou procurando. Até agora, nada. Procurar... Nada, nada. No caderno, não. Nada. (Lê). Internacional. Vamos no Gerais. (Lê). Também não. Nacional. (Subvocaliza). De novo, parece que não. É o que mesmo? (Problema na Prefeitura no setor de Zoonoses). Ah, tá. (Lê mais). Estou lendo, procurando. (Demora alguns minutos). É isso aqui? Difícil, hein? Não está aqui não. (Pedimos que ela volte para a home). Vou olhar um a um aqui. Deve ser Política. (Lê). Nada. (Sai da home e pedimos que ela retorne). (Escaneia). O quê? (Lembramos do problema com o setor de Zoonoses). (Lê). (Mostramos a ela onde estava e ela, ainda assim, não enxerga). Ah, é! Nossa! Que triste! (Rimos)</p>	<p>Não-leitores de jornais, em ambientes de qualquer natureza, nos pareceram, desde o início, os informantes com chances de serem menos letrados e, portanto, mais propensos a encontrar obstáculos na leitura de jornais on-line e impressos. Daiane, 20 anos, é incoerente em suas declarações. Nas respostas ao questionário de perfil, diz que tem o hábito de ler e que é “muito tranqüila para ler qualquer tipo de texto”. Em seguida, vemos que não lia no dia da pesquisa e nem nos três meses anteriores, além de se afirmar não-leitora de jornais impressos ou digitais. Na Internet, faz pesquisas e utiliza messenger e Orkut. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador em casa e em um curso livre.</p> <p>Ao procurar notícia sobre inflação em BH, no Estado de Minas impresso, ela escaneia a primeira página, folheia o jornal e demora a encontrar a notícia. Cumpre sua tarefa em 4’21”, muito tempo em relação a outros leitores.</p> <p>Em ambientes digitais, os mesmos informantes tiveram comportamentos semelhantes ao que demonstraram nos jornais impressos. Daiane levou 7 minutos e meio para encontrar a notícia sobre o setor de zoonoses de BH no Estado de Minas. Ela faz a opção de ir até a editoria Geral e se perde em links que não a levarão ao texto solicitado. Mostra mais dificuldade em navegar neste ambiente do que no impresso. Não encontra a notícia sozinha, mesmo ao indicarmos a página inicial do site como sumário.</p>

<b>Jaqueline, 21</b>		
<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>	
<p>Na primeira página eu vou procurar mais ou menos onde que está falando alguma coisa nesse sentido. (Escaneia). (Lê e folheia). Caderno. Estou procurando neste caderno para ver se tem. (Primeiro caderno). Zoonoses, né? (Folheia). Estou no caderno de Política. (Ri). (Folheia e subvocaliza). Deve estar no Gerais. Classificados, não. Esportes também não. Tinha que estar aqui, ó (mostra o primeiro caderno). Achei, é este mesmo? Ué, foi o primeiro que eu achei. Eu li aqui sobre Leishmaniose, e é uma... (cara de óbvio).</p>	<p>Inflação em BH? Estou entrando no ícone de Economia (escaneia). Economia (subvocaliza). “Inflação...”. Aí você clica no mouse, aí você entra e aí está falando, você acha a matéria.</p>	<p>Jaqueline, 21 anos, declara não ter o hábito de ler “só leio porque são matérias relacionadas ao meu curso” e não lê jornais impressos nem digitais. Na Internet, faz pesquisas e utiliza e-mail. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador em casa. A procura pela notícia sobre o setor de zoonoses da Prefeitura de Belo Horizonte levou 2’23” e seguiu um trajeto pertinente: escaneou a primeira página, procurou na editoria relacionada e só não cumpriu a tarefa antes porque não foi atenta o suficiente para encontrar a chamada de capa.</p> <p>Jaqueline precisa encontrar, no Estado de Minas, um texto sobre inflação em BH. Faz isso em pouco mais de 1 minuto, mas opta por procurar nas editorias, sem escanear a página inicial do site.</p>

<b>Regina, 30</b>		
<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>	
<p>Inflação em Belo Horizonte? Deve ser na página de Economia, né? Então vou procurar as páginas de Economia. (Folheia). Realmente eu não tenho muita habilidade com jornal não, tá? Inflação em Belo Horizonte... eu sempre espalho as folhas todas, é uma loucura. Está aqui.</p>	<p>Uma notícia sobre um problema na Zoonoses. Tá. Vou procurar aqui para ver se eu encontro algum tema relacionado a saúde. (Escaneia e subvocaliza). Política. Não. (Subvocaliza). “Zoonoses em más condições”, está aqui. Eu só subi a tela, baixei a tela, né? Está aqui. “Zoonoses em más condições”, achei. “Agentes...” (Lê a chamada para nós, mas não pensa que deve clicar para encontrar a matéria. Depois disso, ela clica).</p>	<p>Regina, 30 anos, declara não ter o hábito de ler e não ser leitora de jornais impressos nem on-line. Não usa Internet (“Não gosto de Internet”). Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador em casa. Ao procurar notícia sobre inflação em Belo Horizonte no jornal Estado de Minas, ela leva apenas 48 segundos. Vai até a editoria pertinente sem percorrer a primeira página e depara com a matéria já no caderno 1.</p> <p>Em pouco mais de 1 minuto, Regina chega à notícia sobre zoonoses no EM. Ela escaneia a página inicial, encontra a chamada, mas toma a iniciativa de clicar no link apenas depois que solicitamos que ela encontre o texto integral.</p>

<b>Simone, 31</b>		
<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>	<b>Análise</b>
<p>Zoonoses? (Folheia). Vou olhar aqui o jornal todo. Zoonoses. Deixe-me ver, vou folheando ele aqui. (Folheia). Bom, segunda página, ainda não tem nada não. Vou procurar um título bem grande, deve ser alguma coisa assim. (Folheia). Não, não. (Folheia). Aqui a página da inflação. (Folheia e lê). Jornal fala muito de política, então deve ser uma coisinha bem pequenininha. (Subvocaliza). Você acredita que eu nunca parei para ler um jornal? Não sei nem procurar um jornal. (Folheia). Aqui não deve ser. (Folheia). Aqui não tem zoonoses não. Deve estar aqui. Vou ficar aqui o dia inteiro e não vou achar nada, viu? (Pedimos que ela retorne à primeira página). (Lê e subvocaliza). Ah, “Zoonoses em más condições” (Lê a chamada para nós). Então, aqui. Página 23, ah, isto aqui é só um resumo, né? Então eu vou na página 23, agora é achar. (Folheia). O caderno acaba na página 19. Vou procurar em outro. (Folheia). Vou ter que voltar lá para ver. Não olhei o número correto. É ele mesmo. Olhei. São vários jornais misturados? (Explicamos que é um jornal e vários cadernos). Ah, tá? Vou procurar o texto. (Folheia). 18... 19... também não. Página 23, achei. Está aqui. “Saúde de agentes sob ameaça”,</p>	<p>Inflação em Belo Horizonte? Bom, aqui já está numa matéria. Vou voltar. Aqui é a página principal. Vou ler, né? Onde tem em BH, vou clicar em Minas, deve ter alguma coisa. (Subvocaliza). Cai na mesma matéria de capa, vou voltar para ver. Talvez pode ser ela. (Subvocaliza). “Inflação de BH é 10 vezes maior”. Bom, será que tem alguma coisa mais dessa matéria? Inflação de BH. Mas aqui fala da inflação de Belo Horizonte, então pode ser ela mesmo? (Dizemos que sim e ela lê a matéria para nós).</p>	<p>Simone, 31 anos, demorou 8’20” para cumprir a tarefa de encontrar uma notícia sobre zoonoses no EM impresso. A informante havia se declarado pouco habituada a ler e disse que “justifico sempre a falta de tempo, mas é sempre uma desculpa”. Declarava-se não-leitora de jornais impressos ou on-line. Na Internet, sabia fazer pesquisas. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador no trabalho.</p> <p>A informante levanta hipóteses sobre a diagramação da notícia, hipóteses que poderiam estar corretas, não fosse o fato de que notícias sobre saúde não estariam entre as notícias de política. Quando ela escaneia a primeira página e encontra a chamada, demonstra estar satisfeita com o lide e só pensa em procurar o texto integral quando interferimos no processo. Além disso, ela mostra desconhecer a estrutura do jornal em cadernos.</p> <p>Simone gasta 3 minutos e meio para fazer o percurso da página inicial até a notícia integral. A dificuldade que demonstrara no jornal impresso parece minorada no site. Ela logo vê a manchete na página inicial e sabe que deve clicar para ter acesso ao texto.</p>

<p>quer que lê a matéria? (Dizemos que ainda não). Achei, página 23, Zoonoses. É complicado olhar jornal, né? Eu nunca tinha parado para pensar nisso. Eu também não sabia que tinha indicação de página não. Acabou?</p>		
---	--	--

<b>Maria, 22</b>		
<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>	
<p>Pode? (Escaneia). Aqui, “Inflação de BH é 10 vezes maior”. (Pedimos que ela encontre a notícia). Eu olhei a página e estava escrito que estava na página 14. (Folheia). Estou indo na página 14 do jornal, aí achei. “Inflação de Belo...”. Achei, no caderno de Economia.</p>	<p>Zoonoses? (Escaneia). Estou olhando aqui do ladinho, aqui no caderno, estou procurando a palavra “zoonoses”. Não achei. (Procura do menu à direita). Não achei. Vou aqui nas notícias, lá em cima, e vou procurar a palavra “saúde”, porque zoonoses tem a ver com a Saúde. (Digita). Não, saí totalmente do negócio. Voltei para o caderno, para o jornal Estado de Minas, estou olhando do lado, no jornal, estou procurando alguma palavra que está relacionada com zoonoses e não estou achando. Vou colocar Gerais para ver se eu acho alguma coisa. (Escaneia). Nada (Subvocaliza). “Agentes sob ameaça...”, “zoonoses”, achei.</p>	<p>Em 27 segundos Maria, 22 anos, chega ao texto solicitado sobre inflação em BH. Apesar de declarar não ser leitora de jornais impressos nem digitais, ela se julga leitora de outros objetos. Na Internet, faz pesquisas. Lida com vários sistemas digitais e aprendeu a usar computador em casa (“com meu namorado e meu cunhado”) e na faculdade (“com os amigos”). A informante escaneia a primeira página do Estado de Minas, encontra a manchete com facilidade, vai até a página interna indicada e encontra a notícia na íntegra.</p> <p>Maria gasta pouco mais de 2 minutos para chegar ao texto sobre zoonoses no jornal Estado de Minas. O percurso feito pela informante é escanear, procurar no menu à direita, até chegar à editoria correta. Mostra desatenção ao escanear a página inicial e é isso que a atrasa no cumprimento da tarefa.</p>

<b>Lúcia, 42</b>		
<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>	
<p>Então aqui na primeira página. Eu acho que vou encontrar essa notícia. Está na página 23. (Folheia). (Lê a página). Achei.</p>	<p>Inflação em Belo Horizonte. Olha tem uma coisa aqui que “Inflação em BH é 10 vezes maior”. Já até achei. (Não clica, fica lendo apenas o topo da página, parece não ter intimidade com o mouse). No início aqui tem uma reportagem que fala que a “Inflação em BH é 10 vezes maior”. Onde posso saber mais sobre isso aqui neste jornal? Economia, né? Na parte de Economia? (Lê o topo da notícia, mas não clica). Sinceramente, eu não sei onde procurar. Era aqui mesmo, será? Eu cliquei em Economia e aí apareceu a Inflação em BH é a maior de novo. E ele está falando sobre sacolão. (Perguntamos como ela faria para ler o resto da matéria). Pois é, como é que eu vou conseguir chegar, abrir essa matéria toda aqui? (Perguntamos como ela fez). Não sei ao certo, mas cliquei aqui e achei. (Dizemos que está certo e ela fica surpresa). Só isso? É mesmo?</p>	<p>Lúcia, 42 anos, declara não ter o hábito de ler e que “apenas um livro ao ano”. Não lia livros nem no dia da pesquisa e nem nos três meses anteriores. Declara não ser leitora de jornais impressos nem on-line. Na Internet, faz pesquisas. Lida com poucos sistemas digitais (aparelhos de som e caixas de banco) e aprendeu a usar computador na faculdade. A notícia sobre zoonoses foi buscada por meio de um protocolo bastante eficiente: escanear, ler, ir até a página interna indicada e encontrar a notícia.</p> <p>Lúcia navega no jornal Estado de Minas e procura notícia sobre inflação. Não tem intimidade com o computador e hesita em utilizar o mouse. Mesmo assim, ela intui os caminhos pelos quais deve passar para cumprir a tarefa solicitada pelas pesquisadoras. Ela observa a página inicial e encontra a chamada, lê, mas não tem idéia de como manipular a tela, como ter acesso ao resto do texto. Busca uma editoria, mas não tem segurança do que está fazendo. Fica surpresa ao encontrar o texto.</p>

**APÊNDICE 6**

Respostas ao teste de leitura baseado no Saeb.

Informante Resposta D1	Estado de Minas	
	Inflação em BH	Zoonoses em más condições
Breno	IPCS: Índice de preços ao consumidor semanal; IPCA: Índice de preços ao consumidor amplo	O mosquito transmissor da leishmaniose
Danília	Preços ao consumidor final (IPCS); Preços ao consumidor amplo (IPCA)	Não respondeu
Daiane	IPCS: Índice de preços ao consumidor semanal; IPCA:	Flebótomo segundo o texto significa Transmissor da doença
Eduardo	IPCS: Índice de preços ao consumidor semanal; IPCA: Índice de preços ao consumidor amplo	É um agente causador da doença
Elizângela	Não respondeu	Não respondeu
Jaqueline	IPCS: Índice de preços ao consumidor semanal; IPCA: Índice de preços ao consumidor amplo	É o transmissor da doença
Keila	IPCS: Índice de Preços ao Consumidor Semanal; IPCA: Índice de Preços ao Consumidor Amplo	Transmissor da doença - leishmaniose
Lúcia	IPCS: Índice de preços ao consumidor semanal; IPCA: Índice de preços ao consumidor amplo	Transmissor da doença
Maria	IPCS: Índice de preços ao consumidor semanal; IPCA: Índice de preços ao consumidor amplo	Inseto
Regina	IPCS: Índice de preços ao consumidor semanal; IPCA: Índice de preços ao consumidor amplo	Transmissor de doenças
Romena	IPCS: Índice de preços ao consumidor semanal; IPCA: Índice de preços ao consumidor amplo	Transmissor da doença
Simone	IPCS: Índice de preços ao consumidor semanal 1º; IPCA: Índice de preços ao consumidor amplo 2º	Inseto (nematóforo) que transmite a doença pela picada

Informante Resposta D1	O Tempo	
	Obra na Antônio Carlos	Trabalho escravo em Minas
<b>Cláudia</b>	Empresa de Transportes e Trânsito de Belo Horizonte	Delegacia Regional do Trabalho
<b>Daniele</b>	Empresa de Transportes e Trânsito de Belo Horizonte	Delegacia Regional do Trabalho
<b>Débora</b>	Empresa de Transportes e Trânsito de Belo Horizonte	Delegacia Regional do Trabalho
<b>Fabrcio</b>	Empresa de Transportes e Trânsito de Belo Horizonte	Delegacia Regional do Trabalho de Minas Gerais.
<b>Graziela</b>	Empresa de Transportes e Trânsito de Belo Horizonte	Delegacia Regional do Trabalho
<b>Maurício</b>	(BHTrans) → Empresa de Transporte e Trânsito de Belo Horizonte	Significado de DRT → Delegacia Regional do Trabalho
<b>Patrícia</b>	transportes e trânsito de Belo Horizonte (BHTRANS)	Delegacia Regional do Trabalho (DRT)
<b>Rafael</b>	Empresa de Transporte e Trânsito de Belo Horizonte	Delegacia Regional do Trabalho
<b>Vinícius</b>	Empresa de Transporte e Trânsito de Belo Horizonte	Delegacia Regional do Trabalho de Minas Gerais.
<b>Viviane</b>	Bhtrans - Empresa de Transporte e Trânsito de Belo Horizonte	Delegacia Regional do Trabalho de Minas Gerais.

Informante Resposta D2	Estado de Minas	
	Inflação em BH	Zoonoses em más condições
<b>Breno</b>	IPCS	Ele diz que desde outubro os agentes não são submetidos a avaliação médica, também sobre ameaça de demissão aceitam as más condições os exames de sangue também foram cortados.
<b>Danília</b>	O primeiro indicador é o IPCS	Não respondeu
<b>Daiane</b>	A pesquisadora	Descaso que lhe dizer caso ou algo mais.
<b>Eduardo</b>	IPCS	Descaso em relação a saúde do trabalhador em relação a Leishmaniose.
<b>Elizângela</b>	Não respondeu	Não respondeu
<b>Jaqueline</b>	O primeiro indicador é o IPCS	Falta os equipamentos e exames preventivos, necessários para trabalhar em segurança.
<b>Keila</b>	O IPCS	A falta de atenção aos equipamentos necessários para a execução do trabalho, e o bom estado desses equipamentos.
<b>Lúcia</b>	IPCS	Por falta de equipamento adequados e condições de trabalho, agentes de saúde está adoecendo (toxicidade do produto) e até mesmo chegando a óbito.
<b>Maria</b>	IPCS	Trabalhadores que trabalham sem proteção adequada.
<b>Regina</b>	O primeiro indicador foi o IPCS	O descaso não é fornecimento de equipamentos de segurança e a suspensão de exames periódicos.
<b>Romena</b>	IPCS	A falta de equipamentos para manusear inseticidas do combate ao mosquito transmissor da leishmaniose. Falta luvas máscaras, roupas adequadas, fazendo com que os agentes corram risco de adoecer devido as más condições de trabalho.
<b>Simone</b>	IPCS – Índice de preços ao consumidor semanal	As más condições e falta de equipamentos de segurança para os trabalhadores, não se importando com a saúde deles. Trabalham em função da prevenção de doenças sem recursos para sua própria saúde.

Informante Resposta D2	O Tempo	
	Obra na Antônio Carlos	Trabalho escravo em Minas
<b>Cláudia</b>	As péssimas condições em que a sinalização se encontra.	Se refere ao fato de que além de estarem sendo submetidos ao trabalho escravo também estavam irregulares com todas as outras leis trabalhistas.
<b>Daniele</b>	Situação dos moradores terem passagens melhores e para ver a melhoria das obras.	Que no parágrafo anterior, fala da grande judiação que fizeram com os homens: dormiam sob folhas de bananeiras, amontoados em um cômodo de 10m quadrados e sem instalações sanitárias. N/ recebiam água potável e eram obrigados a comprar alimento do proprietário.
<b>Débora</b>	A situação do pedestre.	Outras coisas que estão irregular.
<b>Fabício</b>	Que mesmo com a instalação de placas para os veículos os motoristas devem ficar atentos, mas os mais prejudicados são os pedestres.	Que além do trabalho escravo os funcionários da fazenda não possuíam nem mesmo condições de trabalho.
<b>Graziela</b>	Que mesmo com a sinalização, os motoristas devem ficar atentos e os pedestres ainda são os mais prejudicados.	Refere-se a falta de registro de trabalho e exames médicos para admissão.
<b>Maurício</b>	A situação é a ser avaliada é para o motorista prestar atenção nos desvios que mudam com frequência levando em conta a limitação do veículo e a segurança dos pedestres.	A expressão se refere a falta de procedimentos que um trabalhador precisa para um melhor desempenho no seu trabalho.
<b>Patrícia</b>	A que “situação”, é encontrado no 5º parágrafo, se refere a mal sinalização no decorrer das obras, colocando em risco a vida dos pedestres.	“Outras irregularidades”, além de escravizarem os trabalhadores, os proprietários se encontravam fugindo das leis trabalhistas dentre elas foram constatadas como: a falta de registros de trabalho, exame médico para admissão etc.
<b>Rafael</b>	O termo “situação”, refere-se à verificação da sinalização e preservação de área livre destinada aos pedestres, que segundo a reportagem são os mais prejudicados com a obra da Av. Antônio Carlos.	A expressão se refere a falta de procedimentos que um trabalhador precisa para no parágrafo 03, “outras irregularidade” refere-se à “falta de registro de trabalho e exames médicos para a admissão, dívidas dos catadores de café e falta de equipamentos de segurança”.
<b>Vinícius</b>	A BHTrans irá fazer uma vistoria no trecho de duplicação da AV. Antônio Carlos averiguando a questão da passagem dos pedestres.	Após analisar outras quatro fazendas notaram irregularidades como não depósito de FGTS, contribuição INSS e nenhum direito trabalhista.
<b>Viviane</b>	As placas anunciam “Obra na pista”. Mas as indicações aos motoristas e pedestres não estão sendo vistas devido as constantes mudanças.	Outras irregularidades que dizem que além dos trabalhadores está sendo mantidos com escravos avia outras coisas fora da Lei que caracteriza crime.

Informante Resposta D11	Estado de Minas	
	Inflação em BH	Zoonoses em más condições
<b>Breno</b>	Porque com o aumento da inflação subiu os preços das passagens de avião e de ônibus.	Devido as ameaças ficão com medo de perder o emprego por isso não querem ser identificados.
<b>Danília</b>	Porque com o aumento da inflação subiu os preços das passagens de avião e de ônibus.	Não respondeu
<b>Daiane</b>	Não respondeu.	Primeiro ele pode ser identificado, mas como a noticia esta sendo um caso grave, preferiu não se identificar, se não podia acontecer algo no seu serviço e ser demitido.
<b>Eduardo</b>	Maior inflação	Ele reclama por condições melhores, mas tem medo de sem mandado embora. (eu acho).
<b>Elizângela</b>	Não respondeu	Não respondeu
<b>Jaqueline</b>	Porque a alta no indicador de BH é resultado do que foi citado.	Porque ele é um funcionário que tem medo de ser demitido, pelas suas revelações.
<b>Keila</b>	Existe uma relação de maior demanda para a utilização de meios como aviões, ônibus intermunicipais.	Pois pode correr os risco de está perdendo o emprego, deve ser um funcionário contratado, não efetivo.
<b>Lúcia</b>	Com a chegada das férias tudo se tornou-se mas caro; Pois é o período em que as crianças estão de férias e necessitam lazer.	O agente denúncia as condições precárias de trabalho (na prefeitura e pede para não ser identificado, para não sofrer repressalha até mesmo ser demitido da empresa.
<b>Maria</b>	Na férias há gastos com passagem de avião, ônibus intermunicipais, oficinas mecânicas e autopeças.	Medo de perder o emprego.
<b>Regina</b>	A chegada das férias inflacionou as passagens de avião, ônibus intermunicipais, oficinas mecânicas e das autopeças, contribuindo assim com o aumento do custo de vida em BH.	O agente pede para não ser identificado por medo de perder o trabalho ao denunciar as péssimas condições de trabalho as quais eles tem que se sujeitar.
<b>Romena</b>	Com a chegada das férias os preços sobem fazendo com que o custo de vida se eleve. Exemplo disso são as passagens de avião, os ônibus intermunicipais, etc.	Ele pede para não ser identificado com medo de ameaças de ser <u>demitido</u> .
<b>Simone</b>	Nas férias o gasto é maior com viagens incluindo passagens de avião, ônibus intermunicipais e oficinas mecânicas.	Prefere trabalhar mesmo sem boas condições e não perder o emprego.

Informante Resposta D11	O Tempo	
	Obra na Antônio Carlos	Trabalho escravo em Minas
<b>Cláudia</b>	Todas aquelas que são feitas em vias de trafego intenso.	A lei Áurea foi estabelecida para que mais nenhum homem foi submetido a nenhum tipo de trabalho escravo.
<b>Daniele</b>	Das obras da Cristiano Machado.	Tudo. A escravidão as 2 coisas. A lei Áurea , ou seja, digo a escravidão, foi um dos mais tristes acontecimentos da nossa história com a assinatura da Lei Áurea os pobres coitados foram libertos.
<b>Débora</b>	Não entendeu a pergunta	Não entendeu a pergunta.
<b>Fabício</b>	Obras na avenida do Contorno e Cristiano Machado que estão dentro das obras da linha verde.	Que mesmo depois de cento e dezoito anos da abolição da escravatura e em pleno séc XXI, encontramos no interior do país ou nosso próprios estados e cidades, pessoas que são submetidos ao regime escravista.
<b>Graziela</b>	Não respondeu.	A relação que se tem é que a lei áurea aboliu a escravidão no Brasil a muito tempo e agora vem surgindo casos de trabalho escravo.
<b>Maurício</b>	Pode estar relacionada com as obras na AV. Cristiano Machado.	A relação entre ambos se trata do fato de que a Lei Áurea surgiu com o intuito de acabar com todo ou qualquer tipo de trabalho escravo, já no texto percebemos que essa lei não é cumprida.
<b>Patrícia</b>	Poderia se tratar de outras series de obra, ex: calçamento de ruas, demolições de prédios, alerta por risco de desmoronamento de muros dentre outros.	A Lei áurea se refere a abolição da escravatura, onde apartir daí e crime escravizar as pessoas, mas a realidade que se encontra no brasil são pessoas que até então são escravizadas.
<b>Rafael</b>	Outras obras que poderiam estar relacionadas: Obras da Linha Verde, ampliação da Av. Cristiano Machado e recapeamento do Anel Rodoviário.	O texto relata assunto que aborda a questão da escravidão na atualidade, e a Lei Áurea foi estabelecida com intuito do término da utilização da mão-de-obra escrava no Brasil.
<b>Vinícius</b>	Construção Bolevar Arrudas, linha verde.	A relação é que, mesmo após a assinatura da lei Áurea que deu fim ao período de escravidão no Brasil temos focos de exploração da mão de obra. Escravidão diferente do que enfrentaram os negros. O empregado fica preso ao seu patrão que não oferece seus direitos adquiridos pela constituição. Legalmente, juridicamente a escravidão não existe, mas na realidade em muitos “cantos” de nossa terra querida ela não chegou.
<b>Viviane</b>	Série sobre obras em corredores de trafego.	A lei Áurea acaba c/ a escravidão no Brasil, estituido que quem mantece um trabalhador em Regime de escravidão seria punido pela Justiça do trabalho.

Informante Resposta D17	Estado de Minas	
	Inflação em BH	Zoonoses em más condições
<b>Breno</b>	São informações, comentários retirados de jornais e revistas.	Ao uso de aspas pois a fala de alguém (algum depoimento).
<b>Danília</b>	3º - “Saiu na frente” → Teve um índice maior -“A partir de agora, os preços tendem a se acomodar em BH e iniciar trajetória ascendente nas outras cinco cidades”. A partir disto os preços não subiriam mais e ficariam compatíveis com as outras cidades. 4º O inverno	Não respondeu
<b>Daiane</b>	Significa que a supervisora França Maria diz.	A função e que é a fala da pessoa, por isso colocamos aspas, para o leitor não confundir com o texto.
<b>Eduardo</b>	Diferenciar ou facilitar mais a visualização, e para colocar as coisas em resalto.	Colocar alguma coisa em observação.
<b>Elizângela</b>	Não respondeu	Não respondeu
<b>Jaqueline</b>	Mostrar que aquilo foi dito ou escrito por outra pessoa, é uma citação direta.	Citação direta.
<b>Keila</b>	Uma forma de chamar a atenção, algumas vezes são citações diretas, e um modo de dizer que aquilo não deve ser levado ao pé da letra, ao extremo.	Uma citação direta, e textos importantes para chamar a atenção.
<b>Lúcia</b>	É uma fala que não é própria do jornalista e sim de outra pessoa.	Uma fala que não é própria do jornalista.
<b>Maria</b>	Representa fala de alguém.	Fala de alguém.
<b>Regina</b>	As aspas são usadas nestes parágrafos, para indicar as falas dos pesquisadores, França M de Araújo e Wanderley Ramalho.	As aspas foram usadas por se tratar de frases ditas pelos agentes de zoonoses.
<b>Romena</b>	Se refere as falas das pessoas entrevistadas.	Para identificar as falas dos entrevistados.
<b>Simone</b>	3º parágrafo = forma da colocação (inflação não anda) 4º parágrafo = (mamão não tem sentimentos) 6º parágrafo = (preços não são objetos que caem de algum lugar)	Citação textual.

Informante Resposta D17	O Tempo	
	Obra na Antônio Carlos	Trabalho escravo em Minas
<b>Cláudia</b>	Resume a ideia central da reportagem.	Porque cita algo que o coordenador da operação Carlos Paixão disse.
<b>Daniele</b>	Quer dizer: a primeira: que a D. Conceição está falando. O segundo: o Felipe também está dando seu depoimento. Ou seja, alguém está falando o que acha.	É o depoimento do fiscal do trabalho Sr. Carlos Paixão, falando da grande revolta que todos nós seres humanos temos da covardia do regime escravo.
<b>Débora</b>	Porque é uma paráfrase.	Porque é uma citação direta.
<b>Fabício</b>	Não há aspas no parágrafo 2.	Para destacar que foi usada a fala de outra pessoa, no caso o fiscal da DRT.
<b>Graziela</b>	O parágrafo 2 não contém aspas.	Para identificar as falas dos entrevistados.
<b>Maurício</b>	Serve para enfatizar, como se estivesse falando que realmente têm “obras na pista”.	As aspas servem para enfatizar que é o autor que está falando.
<b>Patrícia</b>	As aspas são encontradas no terceiro parágrafo vem a destacar e chamar a atenção do leitor por se tratar de uma frase que resume o artigo.	É usado aspas para abrir uma conexão entre a fala, do coordenador da operação Carlos Paixão, do texto. Dando assim, complementação dos fatos ocorridos.
<b>Rafael</b>	As aspas tem a função de demarcar a fala da moradora e usuária, Conceição Aparecida da Silva, 62, dona de casa.	Nos parágrafos 3 e 5, as aspas são utilizadas para marcar a fala de outra pessoa.
<b>Vinícius</b>	As aspas no texto reproduzem fielmente o depoimento dos moradores entrevistados na integra seus pontos de vistas. Seria o que o autor falou no caso o morador.	É a fala do fiscal do trabalho Carlos Paixão.
<b>Viviane</b>	Chamar atenção p/ “Obra na Pista”.	Chamar a atenção para os crimes e irregularidades que estavam acontecendo naqueles lugares.

Informante Resposta Resumo	Estado de Minas	
	Inflação em BH	Zoonoses em más condições
<b>Breno</b>	<p>A inflação em BH é a mais alta assim o custo de vida e o mais alto, a média nacional está 10 vezes abaixo.</p> <p>A pesquisa foi feita por (FGV), o que mais subiu foi o mamão papaia. Especialistas dizem que a elevação da inflação não chega a assustar, dizem também que os preços não sobem só não diminuem.</p>	<p>A reportagem sobre zoonoses mostra o descaso da prefeitura com os agentes de zoonoses. Disaparelhados sem proteção manuseiões inseticidas, não fazem mais os exames que devem ser feitos a cada três meses, em fim colocam sua vida em risco. A maioria destes agentes são contratados facilitando assim a sua contratação e a sua dispensa. A prefeitura já está fazendo licitações para melhorar as condições de trabalho.</p>
<b>Danília</b>	<b>Não respondeu.</b>	<b>Não respondeu.</b>
<b>Daiane</b>	<p>O custo de vida em BH é o mais alto do país, atingindo 0,60% em Julho, 10 vezes acima da média nacional e calculada em 0,06% pelo índice de preços ao consumidor semanal da fundação Getulio Vargas que mede a variação semanal dos preços. A pesquisa da Fundação Getulio Vargas mostra que a inflação em BH ficou 0,16 ponto percentual acima de Brasília, segunda colocada no ranking com 0,44%.</p> <p>Wanderley Ramalho direto da fundação IPEAD considera que a elevação da inflação em BH não chega a preocupar, que o índice apresentou queda de 0,36% em Junho e 0,18% mais com isso no ano passado a previsão é de que a inflação em BH atinja 4,27% em 2006 ficando abaixo da média que é 4,5% estabelecida pelo Banco Central.</p>	<p>Zoonoses em más condições</p> <p>Os agentes de controle de zoonoses que exercem ações fundamentais para reservar a saúde da população de BH os funcionários da prefeitura, não tem equipamento próprios para a proteção de trabalhar com a burrificação contra o mosquito transmissor da Leishmaniose. Com isso é arriscado o Trabalhador dedetizar as casas dos moradores com o Veneno.</p>
<b>Eduardo</b>	Inflação em Belo Horizonte está maior de novo	Saúde dos agentes em ameaça por más condições de trabalho.
<b>Elizângela</b>	Não respondeu.	Não respondeu.

<b>Jaqueline</b>	<p>Inflação é BH a maior de novo Belo Horizonte é a capital brasileira que foi considerada, pela sexta semana consecutiva a que tem o custo de vida mais alto do país, como consequência da inflação, visível principalmente em produtos in natura, por exemplo, o mamão papaia que está em escassez em qualidade e quantidade.</p> <p>Segunda a pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas a cidade mineira anda em contramão, comparada a cidades cuja inflação está negativa, mas enfatiza que isso ocorre porque em BH foi o local que os preços começaram a subir na frente.</p> <p>Contudo, o Ipead afirma que mesmo com esse índice, Belo Horizonte vai fechar o ano de 2006 abaixo da meta de 4,5% de inflação, estabelecida pelo Banco Central.</p>	<p>Os agentes que controlam as zoonoses não têm boas condições de segurança do trabalho por não terem equipamentos de proteção e nem exames preventivos para constatar o contágio de doença.</p> <p>Esse quadro tem contribuído para o aumento do risco da população em contrair leishmaniose.</p> <p>O número de funcionários efetivos da prefeitura para trabalhar nesse controle é deficiente, mas a Secretaria Municipal de Saúde informou ter solicitado a 7 meses uma licitação para receber agora os equipamentos de proteção necessários e que vai iniciar o processo de licitação para conseguir, não se sabe quando, os equipamentos para exames.</p> <p>As mudanças precisam ocorrer rapidamente para evitar surtos de doenças.</p>
<b>Keila</b>	<p>O custo de vida em BH é o mais alto em todo o país, uma diferença significativamente maior na comparação com São Paulo e Porto Alegre, resultado de muita pesquisa. Se continuar assim com esse indicador a inflação em BH, ficará superior ao estipulado pelo Banco Central.</p>	<p>Os agentes de saúde de BH estão correndo um grande risco de contrair doenças devido as péssimas condições de trabalho, sem disponibilidade de materiais para maior segurança, com essas condições aumentar o risco de está contraindo uma leishmaniose..., mas a secretaria de saúde disse já está tomando as medidas cabíveis para resolver o problema.</p>
<b>Lúcia</b>	<p>Inflação em BH é maior de novo. Como a chegada das férias e o inverno a inflação aumenta abusivamente, alimentação, transporte terrestre e aerio, manutenção dos veículos (oficina mecânica) e outros.</p>	<p>Saúde de agentes sob ameaça.</p> <p>Agentes de saúde denunciam as condições precárias de trabalho, principalmente a falta de equipamentos de segurança individual a falta de exames periódico para verificar se sofreram alguma contaminação.</p>
<b>Maria</b>	<p>Inflação de BH é 10 vezes maior.</p> <p>O custo de vida dos moradores da cidade de Belo Horizonte está entre os maiores no Brasil devido ao alto valor econômico dos alimentos in natura e da chegada das férias.</p> <p>O preço do mamão papaia, por exemplo, subiu no mês de julho (comparando ao mês anterior) devido ao clima no período do ano. Porém não se pode dizer que a inflação na cidade subiu e sim que os custos não decaíram.</p>	<p>Zoonoses em más condições.</p> <p>Os agentes de saúde e controle de zoonoses trabalham c/ más condições de trabalho o que favorece acontecimentos na saúde dos mesmos. Estão em contato direto c/ inseticidas por não receberem equipamentos de proteção individual adequados, além de não possuírem um acompanhamento médico. Isso favorece na diminuição do trabalho dos agentes, aumentando os riscos de epidemias nas cidades, como BH. Os funcionários aceitam trabalhar nestas condições pois não sendo funcionários públicos e sim contratados não possuem estabilidade no emprego.</p> <p>A Secretaria Municipal de Saúde estuda melhoria nas condições de trabalho dos agentes.</p>

<b>Regina</b>	<p>Inflação de BH é a maior de novo. Pesquisa realizada pela FGV, mostra que a inflação em BH é uma das mais altas do país. Ficando acima de São Paulo e Porto Alegre.</p> <p>A Pesquisadora França M<sup>a</sup> de Araújo, supervisora da FGV em Minas, atribui a alta dos preços na capital aos alimentos in natura. “A partir de agora os preços tendem a acalmar em BH...”. Wanderley ramalho diretor da Fundação Ipead, considera que a inflação em BH não chega a preocupar, segundo estudos feito pela fundação, a previsão é que a inflação atinja a media estabilidade pelo BC.</p>	<p>Saúde de agentes sob ameaça. Agentes de controle de zoonoses de BH correm risco de vida. Eles estão manuseando produtos tóxicos sem equipamentos de segurança.</p> <p>Por medo de demissão agentes de saúde se submetem aos riscos no trabalho. A PBH insiste em manter esses trabalhadores, que prestão um serviço fundamental para a população, trabalhando como contratados temporários. Em casos de eventuais problemas de saúde, eles serem peças de fácil reposição.</p>
<b>Romena</b>	<p>Através de pesquisas realizadas pela IPC-S e pela IPCA chegou-se a conclusão que Belo Horizonte se tem o custo de vida mais alto do país. E isso se deve principalmente aos alimentos in natura como mamão, por exemplo. É feito várias observações por parte da direção e supervisão das fundações.</p>	<p>É feita uma denúncia contra a Prefeitura de Belo Horizonte, pela más condições de trabalho dos Agentes de zoonoses da cidade. Sem nenhum equipamento de proteção individual (máscaras, luvas, etc) os operadores do serviço se submetem aos produtos tóxicos , químicos e nocivos à saúde.</p> <p>Os agentes aceitam dar a entrevista mas pedem para não serem identificados com medo de serem demitidos. Foi repassado o problema para a secretaria Municipal onde o mesmo ficou de solucionar o problema.</p>
<b>Simone</b>	<p>“Custo de vida em Belo Horizonte é o mais alto do país, atingindo 0,60% em Julho”. A chegada das férias contribui para esse aumento, em comparação com outros estados observou “que a inflação da capital mineira “saiu na frente”.</p> <p>A pesquisadora França Maria de Araújo supervisora da FGV em Minas atribuiu a alta na capital mineira aos alimentos em natura com destaque em alguns alimentos (mamão papaia) devido a problemas com a seca no sul, regiões que abastecem os sacolões e supermercados em BH e outros alimentos industrializados.</p>	<p>Zoonoses em más condições. Agentes do controle de zoonoses correm risco de doenças devido as más condições de trabalho. Faltam equipamentos de proteção como: luvas, máscaras e macacões adequados pois os que usam estão rasgados.</p> <p>São funcionários terceirizados que trabalham nestas condições para não enfrentarem o desemprego. Um funcionário do centro de saúde do Jardim Leblon relata o sofrimento causado pela falta de equipamentos (rosto queimado pela inseticida). Em um outro centro de saúde – Regina – Barreiro conquistaram o espaço para se alimentaram não se alimentam mais onde guarda as inseticidas. A secretária informa que já foi solicitada a renovação dos equipamentos a promessa é entregar o mais rápido possível e irá iniciar processo de licitação para escolha de uma empresa que será responsável por acompanhar a saúde dos funcionários.</p>

Informante Resposta Resumo	O Tempo	
	Obra na Antônio Carlos	Trabalho escravo em Minas
<b>Cláudia</b>	As obras na avenida Antônio Carlos tem sendo um transtorno na vida dos pedestres que transitam nessa região por que o fluxo de carros esta bem proximo dos pedestres e isso causa risco de atropelamentos.	Vinte e quatro homens forma resgatados de uma fazendas onde eram submetidos ao trabalho escravo e os empregados foram obrigados a pagar todos os beneficios de direito. Dentre esses fazendeiros estava Joaquim Cândido Alves que foi preso e teve seu pedido de habeas-corpus negado, ele é um homem conhecido e ocupava o gargo de chefe de gabinete da prefeitura. Com tantos casos de trabalho escravo o ministerio do trabalho fez uma lista com cerca de 178 empregadores e entre eles estão dois mineiros.
<b>Daniele</b>	<p><u>“Pedestre sofre com obra na Antônio Carlos”</u>            Término das obras prevista para final de 2006.            Placas na avenida anunciam “obras na pista”, mas apesar da atenção redobrada do motorista, o pedestre que é o maior prejudicado.            Dois moradores da região, reclamam que é preciso melhorar a travessia, o risco de atropelamento é grande.            O gerente de ação da Empresa de Transporte, Wesley Rodrigues, diz que será realizada uma vistoria e o Engenheiro Civil, Silvestre Andrade, diz que está sendo construída uma trincheira e os desvios criados são bons. Fala também que no local há uma placa indicativa de passagem de pessoas.</p>	<p>DRT encontra 24 homens em regime de escravidão.            Flagrante: 03/08/06            Ontem, 24 trabalhadores foram encontrados em uma fazenda em Campos Altos, no Alto Paranaíba, vivendo em regime de escravidão.            Eles estariam no local desde o início de maio/06.            Dormiam sob folhas de bananeira, amontoados em um cômodo de 10m quadrado e sem instalações sanitárias e várias outras irregularidades.            Conforme fiscal, os trabalhadores seriam retirados ainda ontem da fazenda. Hoje pela manhã a DRT teria uma audiência no fórum para exigir FGTS e INSS.</p>
<b>Débora</b>	A obra que esta sendo feita na Antônio Carlos vem trazendo alguns transtornos para os pedestres, principalmente para os que moram bem próximo à avenida. Mas de qualquer forma a obra esta bem adiantada, ou seja até o final de 2006 eles pretendem estar com tudo pronto.	Embora não pareça mas ainda tem muito trabalho escravo, principalmente nessas fazenda, onde o povo do anterior vêm em busca do trabalho e acaba aceitando (ou até mesmo na inosencia) esse tipo de trabalho escravo.
<b>Fabrcício</b>	Estão sendo realizadas obras para reestruturação da Avenida Antonio Carlos, que com o passar dos anos e constante aumento do fluxo de veículos, não suportava mais esse aumento. As obras prejudicam veículos e pedestres, mas para os veículos foram feitos vários veículos, agora os pedestres tem que se arriscarem em meio a automóveis e máquinas.	Vinte e quatro trabalhadores rurais vindos do Ceará, trabalhavam em regime de escravidão em uma fazenda no Alto Paranaíba. A DRT (MG) divulgou a noticia após um dia de operações no município. Entre as varias irregularidade encontradas, os trabalhadores eram obrigados a dormir em folhas de bananeiras, sem água potável e deviam comprar alimentos do proprietário da fazenda. Outras fazendas na região também estão sendo investigadas.

<b>Graziela</b>	Moradores que habitam próximo á avenida Antônio Carlos, sofrem com as obras, pois eles estão tendo que atravessar perto das máquinas, colocando em risco suas vidas.	Esta reportagem conta a história de um grupo de trabalhadores que estavam sendo mantidos como escravos por fazendeiro.
<b>Maurício</b>	<p>A previsão para que a primeira etapa das obras de duplicação da AV. Antônio Carlos é que seja concluída até o final de 2006.</p> <p>O valor total da obra está orçado em R\$120 milhões de reais.</p> <p>Essa reconstrução e ampliação ocorreu em decorrência do crescimento populacional, que não suportava o fluxo de veículos diários na avenida.</p> <p>Para os veículos, foram criados desvios no próprio trecho, mas quem está a pé tem de se arriscar entre tratores e automóveis.</p> <p>De acordo com Wesley Rodrigues, gerente de ação da Empresa de Transportes e Trânsito de BH (BHTrans), uma vistoria será realizada hoje para que a situação seja avaliada e as mudanças implantadas nos pontos necessários.</p>	<p>É preso na cidade de Santa Fé, um fazendeiro que mantinha 24 homens em regime de escravidão. Joaquim Gameleira, como é conhecido entrou com pedido de habeas-corpus, mas a liminar foi negada.</p> <p>Joaquim Cândido Alves Moreira, é filho do atual prefeito de Buritizeiro, ao ser preso ocupava o cargo de chefe de gabinete da prefeitura.</p>
<b>Patrícia</b>	<p>A avenida Antônio Carlos encontra-se em obras onde encontra com obras e do viaduto São Francisco à rua Aporé, para que acontece a duplicação dessa avenida está sendo necessário as desapropriações e remoções.</p> <p>Este projeto de duplicação teve de início em 2002, e o valor total é de R\$ 120 milhões garantidos pelos governos federais, municipal e estadual.</p> <p>A via já não suportava mais o aumento do tráfego que ocorreu em decorrência do crescimento populacional.</p> <p>No decorrer da obra encontra-se placas sinalizando, para os desvios necessários, os motoristas e pedestres devem ficar atentos. Mesmo com as sinalizações, encontra-se perdidos em meios as obras pedestres que reclamam da falta de sinalização, ou sinalizações mal colocada no decorrer dessa obra.</p> <p>A BH Trans informou que realizará vistoria nos locais, e irá avaliá a gravidade da situação e fará mudanças necessárias: Em sua avaliação os desvios são bons para os motoristas, mas ressaltou as dificuldades para a travessia de pedestres.</p>	<p>Após anos da abolição da escravatura no Brasil, ainda são encontrados sob esse regime brasileiros, aliciados por um encarregado, das fazendas para fazerem a colheita do café. Vivendo de condições subhumanas, esses trabalhadores, não recebiam alimentos e nem água potável de seus proprietários.</p> <p>Segundo os fiscais da delegacia Regional do Trabalho de Minas Gerais (DRT/MG), nenhum dos responsáveis foram apreendidos.</p> <p>A suspeita era que outras fazendas da região mantinham trabalhadores na mesma situação. Conforme os fiscais, os trabalhadores seriam retirados das fazendas e instalados no hotel, onde aguarda uma audiência para exigir seus direitos, em seguida retornaram para casa.</p> <p>No entanto, foi a chacina de Unai a tragédia que mais marcou as operações realizadas pela (DRT), onde quatro auditores foram assassinados.</p> <p>De acordo com a comissão Pastoral da Terra (CPT) existem hoje no Brasil 25 mil pessoas submetidas às condições análogas ao trabalho escravo.</p>

<b>Rafael</b>	Devido a alteração na Av. Antônio Carlos, para a realização da obra de duplicação, foi priorizado o fluxo de veículos no local, com desvios específicos. Porém, os usuários pedestres ficaram prejudicados e expostos à risco de acidentes no local, uma vez que as passagens para pedestres são poucas e mal sinalizadas.	A notícia refere-se à trabalhadores que eram submetidos ao trabalho escravo em uma fazenda no município de Campos Altos em Minas Gerais.
<b>Vinicius</b>	A notícia cita as obras de duplicação da AV. Presidente Antônio Carlos trecho compreendido entre viaduto São Francisco até à rua Aporé. Cita: os desvios, o fluxo de trânsito no local a cada dia, demonstra todo o projeto estrutural, relata os impactos causados na vida dos moradores das áreas desapropriadas, os perigos enfrentados pelos pedestres que transitam no local.	A delegacia Regional do Trabalho de Minas Gerais (DRT/MG), em dois de agosto de 2006 encontrou 24 trabalhadores nordestinos em condições de trabalho escravo em uma fazenda localizada em Campos Altos, no Alto Paranaíba, vivendo em condições subhumanas, sem carteira assinada. Mesmo com a assinatura da Lei Áurea muitas fazendas conservam o antigo regime de exploração da mão de obra, principalmente os povos menos esclarecidos das regiões pobres do nosso país.
<b>Viviane</b>	A 1ª etapa da obra será concluída até o final de 2006. Foram feitas várias remoções e desapropriações. Os estudos da obra começaram nos anos 80, mas só em 2002 o projeto foi executado. Com o término da obra espera-se uma melhora no fluxo de automóveis e coletivos, melhorando os acessos aos bairros.	Depois da assinatura da lei Áurea, ainda temos casos de escravidão no Brasil. Mesmo sendo considerado crime, muitos fazendeiros optam por tentar burlar a fiscalização e continuam tratando empregados como escravos. Os fiscais do DRT fizeram uma fiscalização nas fazendas do Alto Paranaíba e Campos Altos, onde encontraram muitos trabalhadores ilegais. Os fazendeiros foram apanhados em flagrante, por não estar obedecendo as leis trabalhistas.

## ANEXO 1

Notícias utilizadas nos testes de leitura com o Estado de Minas.

Índice atinge 0,6% em julho na capital, 10 vezes acima da média nacional de 0,06%, puxado pelos alimentos in natura

# BH tem a inflação mais alta de novo



Banca do Mercado Central: mamão papaia liderou os aumentos de preços, ao disparar 125,56% no mês passado, em relação a junho

SANDRA KIEFER

O custo de vida em Belo Horizonte é o mais alto do país, atingindo 0,60% em julho, 10 vezes acima da média nacional, calculada em 0,06% pelo Índice de Preços ao Consumidor Sernanal (IPC-S) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que mede a variação semanal dos preços. É a sexta semana seguida de alta do indicador na capital mineira, fruto da subida de preços dos alimentos in natura e da chegada das férias, que inflacionou as passagens de avião dos ônibus intermunicipais, das oficinas mecânicas e das autopeças.

A pesquisa da FGV mostra ainda que a inflação em BH ficou 0,16 ponto percentual acima da de Brasília, segunda colocada no ranking, com 0,44%. A diferença foi significativamente maior na comparação com São Paulo e Porto Alegre, que ocupam a terceira e a quarta posição, com 0,07 e 0,06, respectivamente. A capital mineira apareceu também na contramão de outras três cidades, que registraram variação negativa, a saber Rio de Janeiro (0,02), Recife (0,14) e Salvador (0,18).

França Maria de Araújo, supervisora da FGV em Minas, observa que a inflação da capital mineira "saiu na frente" em relação às outras capitais, que só começaram a sentir os aumentos de preços no final do mês passado. "A partir de agora, os preços tendem a se acomodar em BH e a iniciar trajetória ascendente nas outras cinco cidades", compara a pesquisadora. Ela atribui a alta na capital mineira aos alimentos in natura, com destaque para o preço do mamão papaia, que saltou 125,59% em julho, na comparação com o mês anterior.

O mamão segundo as Centrais de Abastecimento de Minas Gerais (Ceasa Minas), além de estar no período da entressafra, enfrentou problemas com a seca no Sul da Bahia e no Norte do Espírito Santo, regiões que abastecem os sacolões e supermercados de BH. "O inverno seco afetou a produção do mamão, que já sente muito com o frio. O produto, além de ter caído a oferta, caiu também na qualidade", afirma França.

**REFORÇO** A inflação também subiu em Belo Horizonte em julho, conforme a medição de outro in-

dicador, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). O índice, que se situa historicamente em patamar mais baixo em relação ao IPC-S, fechou o mês em 0,30%, segundo divulgado ontem pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais (Fundação Ipead) da UFMG. Notavelmente, os alimentos não industrializados foram os principais responsáveis pela alta, com destaque para a cenoura (26,40%) e o arroz (3,64%), além do mesmo mamão papaia (85,54%).

Wanderley Ramalho, diretor da Fundação Ipead, considera que a elevação da inflação em BH não chega a preocupar, já que o índice apresentou queda de 0,36% em junho e de 0,18% em maio. "Não se pode dizer que os preços estão em alta, mas sim que pararam de cair", afirma. Segundo a projeção da Fundação Ipead, feita com base no acumulado até agora (2,35%) e no comportamento do indicador no ano passado, a previsão é de que a inflação em BH atinja 4,27% em 2006, ficando abaixo da meta de 4,5% estabelecida pelo Banco Central.

## EFEITO SACOLÃO

### INFLAÇÃO MEDIDA PELO IPC-S (EM %)

Belo Horizonte	0,6
Brasília	0,44
São Paulo	0,07
Brasil	0,06
Porto Alegre	0,05
Rio de Janeiro	-0,02
Recife	-0,14
Salvador	-0,18

Fonte: Fundação Getúlio Vargas

### VARIAÇÃO EM BH PELO IPCA (EM %)

IPCA BH	0,3
<b>Maiores altas</b>	
Mamão	85,54
Cenoura	26,4
Plano de saúde	3,67
Arroz	3,64
Lanche	3,17

<b>Maiores baixas</b>	
Tornate	11,34
Batata inglesa	8,41
Frango	6,41
Feijão carioca	4,68
Automóvel novo	0,63

Fonte: Fundação Ipead/UFMG

Ações como o combate à leishmaniose em Belo Horizonte são feitas por funcionários da prefeitura, que não têm equipamentos de proteção individual para aplicar inseticidas

# Saúde de agentes sob ameaça

LUCIANA MELO

Agentes do controle de zoonoses, que exercem ações fundamentais para preservar a saúde da população de Belo Horizonte, correm risco de adoecer devido às más condições de trabalho. Desaparelhados, manuseiam inseticidas para borrifação contra o mosquito transmissor da leishmaniose sem luvas, os macacões estão rasgados e faltam filtros novos para as máscaras. Outro problema é a suspensão de exames periódicos, desde outubro para avaliação da saúde dos servidores que estão em contato permanente com produtos nocivos. A situação foi constatada no Centro de Saúde Jardim Leblon, no Bairro Leblon, em Venda Nova, e não é diferente em outras regionais, como no Barreiro.

Esse descaso com a saúde do trabalhador é um complicador para a efetividade das ações de controle da leishmaniose, que este ano já atingiu, na capital, 35 pessoas, com um óbito. No ano passado, 111 pessoas contraíram a doença e dez morreram. Logo que os agentes de zoonose identificam um cão com a doença, nos exames periódicos, o animal é sacrificado e as casas vizinhas são borrifadas com o inseticida alfacipermitrina. Por causa da toxicidade do produto é preciso que os profissionais usem material de proteção individual. No entanto, na prática, os profissionais trabalham de maneira precária, com equipamentos improvisados.

Desde outubro, os agentes não são submetidos a avaliação médica, que deve ser feita a cada três meses. Os operadores de



Servidores da PBH denunciam que fazem o controle de zoonoses sem equipamento adequado e sem acompanhamento médico periódico

controle de vetores, responsáveis pela borrifação do inseticida, eram terceirizados. Atualmente, eles têm contrato temporário com a Prefeitura de Belo Horizonte, mas a situação piorou. Sob ameaça de demissão aceitam as más condições de trabalho e muitos preferem não identificar com medo de perderem o emprego. "Usamos o macacão que as empresas forneciam,

pois desde que passamos a ser contratados pela prefeitura não recebemos o equipamento de proteção individual. Eles mandaram uma capa de chuva, que não evita o contato com o veneno. Os exames de sangue, periódicos, para verificar se sofremos alguma contaminação, também foram suspensos. Meu rosto está todo queimado pelo inseticida, pois a má-

scara está com filtro vencido há muito tempo", relata um operador de controle de vetores do Centro de Saúde do Jardim Leblon.

**RISCOS** No Centro de Saúde Regina, no Barreiro, depois de muitas queixas, os agentes conseguiram solucionar um problema: não precisam mais se alimentar no mesmo cômodo em que

guardam os inseticidas que combatem o flebótomo transmissor da doença. "Pelo menos a nossa sede melhorou, mas o uniforme precisa ser trocado com urgência. Não temos luva e o macacão é o mesmo desde o ano passado", conta um agente de zoonose que pede para não ser identificado.

De acordo com o agente sanitário da Secretaria Municipal de

Saúde Delanes França trabalham no serviço de zoonose 1,2 mil profissionais, dos quais 500 são eletivos. Do total de concursados, apenas 100 fazem o trabalho de campo de zoonose. "Muitos foram transferidos para outros setores, como as farmácias dos centros de saúde, ou estão de licença, porque adoeceram. Os agentes com contratos temporários precisam arcar com esse tipo de serviço e ficam mais expostos aos riscos", conta Delanes.

A Secretaria Municipal de Saúde informou que abriu licitação pública, em fevereiro, para a renovação dos equipamentos de proteção individual e uniformes. A promessa é que os cartuchos de filtros para máscaras faciais e luvas de látex serão entregues aos trabalhadores esta semana, já que o material foi passado para o Setor de Zoonoses na última segunda-feira. Para a realização dos exames médicos periódicos, a prefeitura vai iniciar processo de licitação para escolha de uma empresa que será responsável por acompanhar a saúde dos funcionários.

O presidente do Conselho Municipal de Saúde, Robson Itamar, afirmou que o assunto será discutido em reunião da Câmara Técnica de Gestão e Trabalho do conselho. Apesar de muitas reclamações terem sido encaminhadas à Secretaria, pouco foi feito. "Há problemas também quanto ao aspecto trabalhista. A prefeitura insiste em manter contratos temporários, pois sabe que se eles adoecerem serão uma peça de fácil reposição. É preciso uma mudança de postura, pois é um serviço fundamental para toda a população", alega.

## ANEXO 2

Notícias utilizadas nos testes de leitura com O Tempo.

# Pedestre sofre com obra na Antônio Carlos

Para veículos, foram criados desvios no próprio trecho, mas quem está a pé tem de se arriscar entre tratores e automóveis

## Primeira etapa deve ser concluída em dezembro

A previsão para que a primeira etapa das obras de duplicação da avenida Antônio Carlos – que vai do viaduto São Francisco à rua Aporé – seja concluída é o final de 2006. Para a intervenção, estão sendo realizadas desapropriações e remoções – cerca de 800 estão previstas e 550 já aconteceram. Os primeiros estudos técnicos para as obras na Antônio Carlos começaram a ser elaborados no início dos anos 80, mas o projeto que está sendo utilizado foi executado em 2002. O valor total da obra está orçado em R\$ 120 milhões, recursos garantidos pelos governos federal, municipal e estadual.

Implantada no começo dos anos 40, como importante ligação entre a região central e as regiões Norte e da Pampulha, a via já não suportava mais o aumento do tráfego que ocorreu em decorrência do crescimento populacional. Dados da Secretaria Municipal de Políticas Urbanas da Prefeitura de Belo Horizonte (Ismurbe) apontam que o fluxo de veículos diário na avenida, no sentido centro/bairro, é de 40 mil veículos e que, no sentido bairro/centro, é de 43 mil. Os ônibus respondem por 35% do volume total do tráfego. (VL)

## FIQUE ATENTO

Pontos onde o motorista deve ficar mais atento na avenida Antônio Carlos\*



Quem está na Pampulha e segue no sentido centro precisa pegar o desvio que foi construído e também dá acesso ao bairro Aparecida

Quem está na avenida no sentido centro/Pampulha deve ficar atento para a bifurcação, a pista direita dá acesso à avenida Bernardo Vasconcelos e a pista à esquerda é continuação da Antônio Carlos



A obra demanda desvios e fechamentos de pista constantes. Na manhã de ontem foi alterado o acesso da avenida Bernardo Vasconcelos para a avenida Antônio Carlos, no sentido bairro/centro

\* Estas intervenções fazem parte do primeiro momento das obras que vão do viaduto São Francisco até a rua Aporé, na entrada do bairro Aparecida

VALQUERIA LOPES

Placas na avenida Antônio Carlos, em Belo Horizonte, anunciam: "obras na pista". Mas mesmo com as indicações, o motorista precisa estar atento para não errar os desvios que mudam com frequência. Nessa via, no entanto, o que a reportagem viu ontem – no segundo dia da série sobre obras em corredores de tráfego – é que o pedestre é o maior prejudicado.

Conceição Aparecida da Silva, 62, dona de casa, mora no bairro Nova Cachoeirinha e precisa passar pelo local pelo menos duas vezes por dia. "Corremos o risco de ser atropelados porque carros podem se desgovernar e atingir quem passa por aqui", disse. Alguns cones em poucos trechos limitam a passagem dos veículos, mas não há cercas de proteção que separem o pedestre dos carros. Felipe Avelar, 16, estudante, atravessa esse trecho todos os dias. "Está muito difícil passar por aqui. É preciso melhorar a travessia."

De acordo com Wesley Rodrigues, gerente de ação da Empresa de Transportes e Trânsito de Belo Horizonte (BHTrans) da Regional Noroeste/Pampulha, uma vitória será realizada hoje para que a situação seja avaliada e as mudanças implantadas nos pontos necessários. O engenheiro civil e mestre na área de transporte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Silvestre Andrade, nos acompanhou novamente ontem até a avenida, no trecho onde está sendo construída uma trincheira de 150 m de extensão e 34 m de largura, na interseção com as avenidas Bernardo Vasconcelos e Américo Vespúcio. Em sua avaliação, os desvios criados para atender ao fluxo da avenida são bons, já que o motorista não precisa sair da via e entrar em outros pontos do bairro. Além disso, o projeto ainda manteve as três faixas de rolamento.

Mas ele ressaltou as dificuldades para a travessia de pedestres e exemplificou com o acesso à rua Aporé, no sentido centro/bairro. No local, há uma placa indicativa para passagem de pessoas, mas, poucos metros depois, a via é tomada por máquinas que realizam uma obra de interligação da rede de esgoto.



# DRT flagra 24 homens em regime escravo

Vindos do Ceará, trabalhadores colhiam café em fazenda no município de Campos Altos, em Minas

LIVIO BARBOSA

Cento e dezoito anos após a assinatura da Lei Áurea, o Brasil ainda convive com situações similares à exploração de mão-de-obra escrava. Ontem 24 trabalhadores foram encontrados em uma fazenda em Campos Altos, no Alto Paranaíba, vivendo em regime de escravidão. A informação foi divulgada pela Delegacia Regional do Trabalho de Minas Gerais (DRT/MG), após um dia de operações no município. Até a noite, ninguém havia sido preso. Outras quatro fazendas da região estão sob investigação da DRT/MG.

Segundo o coordenador da operação, o fiscal do trabalho Carlos Paixão, todos os

funcionários encontrados são do Ceará. Eles estariam no local desde o início de maio e teriam sido aliciados por um encarregado da fazenda para fazer a colheita do café. De acordo com a DRT, dormiam sob folhas de bananeira, amontoados em um cômodo de 10 metros quadrados e sem instalações sanitárias. Não recebiam água potável e eram obrigados a comprar alimento do proprietário.

"Outras irregularidades, como a falta de registro de trabalho e exames médicos para admissão, dívidas dos catadores de café e falta de equipamentos de segurança, também foram constatadas", disse Paixão. Segundo o fiscal, apenas os funcionários fixos tinham sido registrados por uma questão de estratégia.

Doze auditores fiscais, três motoristas, três agentes da Polícia Federal, três agentes da Polícia do Meio Ambiente e dois da Polícia Militar foram mobilizados para a operação. No entanto, a equipe teve que ser subdividida na tarde de ontem. A suspeita era que outras fazendas da região mantinham trabalhadores na mesma situação.

## Outras irregularidades

Segundo Paixão, nas outras quatro fazendas, foram vistas dezenas de irregularidades. "Tudo isso já caracteriza crime. Nosso trabalho é averiguar e retirar os trabalhadores. Estamos aguardando a presença do Ministério Público (MP), que tomará as providências civis e criminais", explicou.

Conforme o fiscal, os trabalhadores seriam retirados ainda ontem da fazenda e hospedados em um hotel. Hoje pela manhã, a DRT teria uma audiência no fórum de Luz para exigir do proprietário os direitos dos trabalhadores como o seguro-desemprego, Fundo de Garantia por Tempo de Trabalho (FGTS) e o repasse do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). O pagamento deverá ser feito na frente dos auditores. Caso não seja feito, o MP deverá solicitar a prisão ou o indiciamento dos responsáveis até que eles levantem os recursos para quitar as dívidas com os catadores de café. Aos 24 trabalhadores também será assegurada a passagem de retorno para as suas cidades de origem.

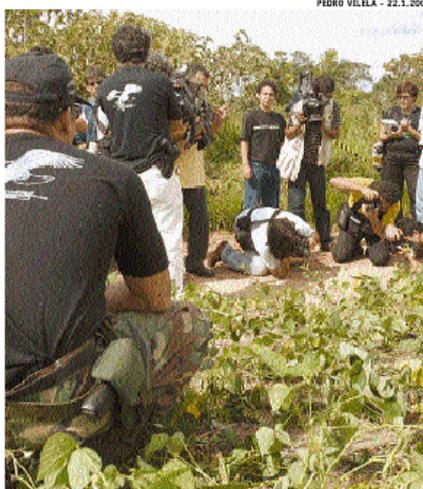
## Fazendeiro de Santa Fé de Minas está preso desde maio

O fazendeiro mineiro Joaquim Cândido Alves Moreira, acusado de manter trabalhadores rurais como escravos nas fazendas Riacho do Fogo e Três Riachos, na zona rural de Santa Fé de Minas, no Norte de Minas, foi preso em maio deste ano.

Após a prisão, o fazendeiro entrou com pedido de habeas-corpus no Superior Tribunal de Justiça (STJ), mas a liminar foi negada pelo ministro Barros Monteiro, Joaquim Gameleira, como é conhecido, é filho do atual prefeito de Buritizeiro. Ao ser preso, ocupava o cargo de chefe de gabinete da prefeitura.

No entanto, foi a chacina de Unai a tragédia que mais marcou as operações realizadas pela Delegacia Regional do Trabalho (DRT) no Estado. Em janeiro de 2004, quatro auditores fiscais da DRT foram assassinados quando fiscalizavam denúncias de trabalho degradante em fazendas de plantação de feijão da região.

Dos 11 envolvidos no crime, apenas nove estão presos. Entre eles, está o fazendeiro Norberto Mânica, proprietário da fazenda, acusado de ser um dos mandantes da chacina. (LB)



Investigação de crime em Unai, onde havia denúncia de trabalho escravo

PEDRO VILELA - 22.1.2004

## Lista suja tem 2 empregadores de MG

O Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) atualizou ontem a "lista suja", onde apresenta os nomes de empregadores flagrados explorando mão-de-obra escrava em propriedades rurais do país. Dos 178 infratores que compõem o documento, dois são de Minas: Reginaldo Freire Leite, da fazenda Boa Vista, em Claveral, e Joaquim Cândido Alves Moreira, da fazenda Riacho do Fogo e Três Riachos, de Santa Fé de Minas. Outros 26 novos nomes foram incluídos e, por decisão judicial, 30 empregadores foram retirados provisoriamente da relação.

De acordo com a Comissão Pastoral da Terra (CPT), existem hoje no Brasil 25 mil pessoas submetidas às condições análogas ao trabalho escravo. Para tentar reverter a situação, foi criado em 2002, com o

apoio do Ministério do Trabalho, o Plano Nacional para Erradicação do Trabalho Escravo. O documento foi elaborado pela Comissão Especial do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CDDPH), e apresenta várias medidas a serem cumpridas pelos diversos órgãos do Executivo, Legislativo, Judiciário e entidades da sociedade civil na tentativa de reprimir o trabalho escravo.

De acordo com o MTE, entre as ações do plano estão as melhorias na estrutura administrativa do grupo de fiscalização móvel, da ação policial, do Ministério Público Federal e do Ministério Público do Trabalho, a promoção da cidadania, o combate à impunidade, conscientização, capacitação e sensibilização e alterações legislativas. (LB)